

**UNIVERSIDADE DE CAXIAS DO SUL  
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS, CULTURA E  
REGIONALIDADE**

CAROLINE DE MORAIS

**INTEGRAÇÃO LINGUÍSTICA E SOCIAL DE MIGRANTES DE  
DIFERENTES REGIÕES EM UMA NOVA REGIÃO**

CAXIAS DO SUL – RS

2009

CAROLINE DE MORAIS

**INTEGRAÇÃO LINGUÍSTICA E SOCIAL DE MIGRANTES DE  
DIFERENTES REGIÕES EM UMA NOVA REGIÃO**

Dissertação apresentada à Universidade de Caxias do Sul como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Letras, Cultura e Regionalidade.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Neires Maria Soldatelli Paviani

CAXIAS DO SUL – RS

2009



Para  
Ermelinda, Nelly, Daniel,  
Víctor, Sallate, Régis e Juliana  
pelo incentivo e compreensão da minha ausência.  
Leonardo Denardi pelo apoio e por compartilhar dessa migração.

## AGRADECIMENTOS

À minha família, por acreditar e apoiar os meus ideais, incluindo minha migração para vida. Ao Leonardo pela confiança e carinho depositados nesse período.

À minha orientadora Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Neires Maria Soldatelli Paviani, por me guiar nas leituras e apostar no meu estudo.

Aos entrevistados na pesquisa, sem eles e suas declarações esse estudo não teria sido realizado.

Aos professores do Programa pelos ensinamentos, sendo estes dentro ou fora da sala de aula. Em especial ao Prof. Dr. Flávio Loureiro Chaves, pela atenção e disponibilidade.

Aos colegas do programa pelas discussões, com carinho para a colega Luciana que sempre esteve presente na troca de ideias e conhecimentos, enriquecendo meus estudos.

À Ariela pela paciência e disposição em qualquer momento.

À Capes pelo auxílio concedido.

**Ismália**

(Alphonsus de Guimarães)

Quando Ismália enlouqueceu,  
Pôs-se na torre a sonhar...  
Viu uma lua no céu,  
Viu outra lua no mar.

No sonho em que se perdeu,  
Baniu-se toda em luar...  
Queria subir ao céu,  
Queria descer ao mar...

E, no desvario seu,  
Na torre pôs-se a cantar...  
Estava perto do céu,  
Estava longe do mar...

E como um anjo pendeu  
As asas para voar...  
Queria a lua do céu,  
Queria a lua do mar...

As asas que Deus lhe deu  
Ruflaram de par em par...  
Sua alma subiu ao céu,  
Seu corpo desceu ao mar...

## SUMÁRIO

<b>RESUMO</b> .....	10
<b>ABSTRACT</b> .....	11
<b>INTRODUÇÃO</b> .....	12
<b>1. DADOS DA PESQUISA</b> .....	17
1.1 Aspectos metodológicos.....	17
1.2 Como se estabeleceu a pesquisa.....	18
1.3 Características do sujeito da pesquisa.....	21
1.3.1 Grupo total de sujeitos.....	24
<b>2. OS CONCEITOS QUE NORTEARAM A PESQUISA</b> .....	27
2.1 A língua sob alguns ângulos.....	27
2.1.1 Estudo da sociolinguística.....	27
2.1.2 As diferentes formas de uso da língua.....	29
2.1.3 A existência do preconceito.....	32
2.1.4 Noções de preconceito linguístico.....	33
2.1.5 Estigma por Goffman.....	36
2.1.6 Língua observada pelo prestígio.....	39
2.1.7 Diante do preconceito ou do estigma?.....	42
2.2 Aspectos que contribuem para o desenvolvimento da pesquisa.....	44
2.2.1 Algumas observações sobre cultura.....	45
2.2.2 A identidade relacionada ao migrante.....	49
2.2.3 Conceitos utilizados sobre região.....	52
2.2.4 Outras dimensões observadas sobre cultura e região.....	54
2.3 Relações entre língua, migração e migrante.....	56
2.3.1 A fala em vista da comunidade social .....	57
2.3.2 A compreensão social pela língua .....	60
2.3.3 A migração e os migrantes.....	62
<b>3. DISCUSSÃO DOS RESULTADOS</b> .....	74
3.1 Pensando no processo migratório.....	74
3.1.1 Mudança de região.....	74
3.1.2 Diferencial encontrado nas entrevistas narrativas.....	79

3.1.3 Formação profissional e meio.....	83
3.2 Relacionamento social.....	87
3.3 Percepções de variedades linguísticas.....	91
3.4 Percepções de variedades linguísticas da terra de origem.....	94
3.5 Percepção de língua do outro.....	96
3.5.1 Palavras e expressões “diferentes”.....	101
3.6 Atitudes preconceituosas.....	107
3.7 Processo de mudança linguística.....	120
3.8 Processo de integração.....	127
3.9 Observações livres feitas pelo migrante após a entrevista.....	138
3.10 Observações sobre as entrevistas.....	141
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	143
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	149
<b>ANEXOS</b> .....	156

## LISTA DE TABELAS E GRÁFICOS

### TABELAS

Tabela – Sujeitos entrevistados.....	22
Tabela – Uso de algumas expressões da cultura gaúcha.....	102

### GRÁFICOS

Gráfico – Faixa etária .....	25
Gráfico – Escolaridade .....	25
Gráfico – Vínculo empregatício .....	26
Gráfico – Estado de origem .....	26
Gráfico – Tem vontade de voltar a morar na terra de origem .....	75
Gráfico – Quanto tempo mora na nova região .....	76
Gráfico – Gosta de morar na MVCS .....	77
Gráfico – Comentários sobre o jeito de falar .....	110
Gráfico – Diferenças no tratamento por nomear de formas diferentes .....	113
Gráfico – As pessoas da MVCS são abertas, receptivas ou fechadas, desconfiadas? ..	133

## RESUMO

Este estudo procura saber se as formas de integração e de socialização dos migrantes dependem ou não da linguagem no uso de variantes linguísticas e de aspectos socioculturais, remetendo à contribuição sociolinguística para analisar como essa integração se faz, observando as noções de obstáculos e de preconceitos. O objetivo geral consiste em analisar os processos de integração social e linguística, baseados nos usos linguísticos e nos processos de interação social, dos migrantes. O *corpus* é constituído por entrevistas narrativas, as quais proporcionam a discussão através dos dados obtidos. Assim, emergem as diferenças e as assimilações de linguagem entre os migrados e a população local. A pesquisa utiliza o método analítico, isto é, analisa conceitos gerais e informações alcançadas com as entrevistas. Os dados mostram que as dificuldades de integração ocorrem tanto por problemas de linguagem quanto por problemas de ordem cultural e social. Este estudo revela que a interação social deveria se efetiva mediante sensibilidade sociolinguística entre migrados e habitantes locais.

**Palavras-chave:** Migração; interação social; integração; sociolinguística.

## ABSTRACT

This study is researching whether the forms of integration and socialization of migrants depend or not on the language in the use of linguistic variations and socio cultural aspects, referring to the sociolinguistic contribution to analyze how this integration takes place, observing the obstacle and prejudice notions. The general objective consists of analyzing the processes of social and linguistic integration based on the linguistic use and social interaction processes of the migrants. The corpus consists of narrative interviews, which proportion the argument through the data obtained. This way, emerge the differences and the assimilation of the language between the migrants and the local population. The research uses the analytical method which is analysis of the general concepts and information obtained from the interviews. The data shows that the integration difficulties occur not only because of language problems but also due to cultural and social problems. This study reveals that social interaction is realized through sociolinguistic sensibility among migrants and local inhabitants.

**Key-words:** Migration; social interaction; integration; sociolinguistics.

## INTRODUÇÃO

Diante das mudanças na linguagem, as pessoas que precisam mudar de cidade ou de região se deparam com formas de falar e de se comunicar diferentes das de sua região, percebem que cada lugar possui costumes que caracterizam os usos da língua e os modos de falar dos seus habitantes. A presente pesquisa tem como ponto de partida essa questão da linguagem, como obstáculo para a integração de migrantes, uma vez que a linguagem é vista como cartão postal, identificando de que região a pessoa migrou. Com relação à transição e mudança será verificado se há preconceito, e se esse só é linguístico ou se é, também, social, frente ao novo morador da região, no caso, uma região do Nordeste do Rio Grande do Sul.

Esse problema parece ser uma tendência comum em muitas regiões e acontece com várias pessoas, podendo, por vezes, aparecer o preconceito, isso também acontece com pessoas da mesma região que usam variedades de uso da língua. Diversas pessoas já passaram por situações em que a sua maneira de falar foi causa de estranhamento e muitas vezes de risos. Há estudos e pesquisas, Frosi (1998), Penna (1998), Bisinoto (2007), Albuquerque Júnior (2007), entre outros, que retratam temas como o estigma, o sotaque, o comportamento linguístico na comunidade bilíngue, o preconceito, as atitudes linguísticas, entre outros. Dessa forma, com este estudo, quer-se, somando-se aos demais nessa área, analisar como se dá a adaptação do migrante, interpretando e compreendendo o que acontece e quais as dificuldades, tanto linguísticas quanto sociais vividas ao conhecer uma nova região, assim como, um novo contexto cultural. Esse aspecto é possível atender através das entrevistas narrativas, em que os migrantes expõem sua experiência de integração na Microrregião Vinicultora de Caxias do Sul.<sup>1</sup>

Uma vez residindo em um novo lugar, o migrante se depara com muitos obstáculos e dificuldades de interação, emergem-se como exemplos de dificuldades: a) nos aspectos socioculturais: culinária, contato com pessoas, formas de relacionamentos, hábitos, falares locais, gírias, sistema de trânsito, modas, formas diferentes de nomear objetos, arquiteturas, religiões, crenças, etc, e b) nos aspectos psicológicos: preconceitos, medos, ansiedades, exclusão, dificuldades de relacionamento e de comunicação, inibição, enfim, uma série de particularidades que fazem as regiões únicas, peculiares. Essas diferenças e dificuldades fazem com que os migrantes no início pensem mais na vida da sua região de origem e só depois, com o tempo, tentem substituir ou adaptar os costumes de sua antiga região para a

---

<sup>1</sup> Essa definição é dada por VIEIRA, Eurípedes Falcão. (1984).

nova. Sobre essa questão Penna (1998, p. 98) considera que “[...] mesmo que possa reencontrar o modo de vida e as práticas culturais anteriores, estes não são mais os mesmos, ganhando nova significação na medida em que se confrontam com as novas experiências.”.

Esta pesquisa tem o propósito de estudar as diferentes manifestações de preconceitos linguísticos que os novos moradores vindos de diferentes regiões sofrem na Microrregião Vinicultora de Caxias do Sul. De um modo geral, uma mudança de região traz muitas modificações na vida de migrantes. Bortoni (1989, p. 167) retrata essa mobilidade no século XX, salientando que “a vida e a cultura neste país foram profundamente alteradas neste século por esse fenômeno de mobilidade geográfica, que se tornou, por isso mesmo, objeto de especial interesse nas ciências humanas em geral [...]”.

O embasamento teórico desta pesquisa constitui-se das ideias de autores de diferentes áreas. Com a contribuição dos estudos de Coseriu (1992), observam-se três planos do nível cultural do falar: (a) o falar que apresenta aspectos universais, comuns a todos; (b) o falar como uma língua determinada; (c) e o falar individual submetido a aspectos. Segundo o autor, por meio desses níveis, os falantes percebem se alguém fala claro ou não, se usa uma variedade ou não. Esses aspectos do falar demonstram que qualquer língua pode ser falada de diferentes maneiras e que nenhuma língua é clara como tal. Muitas vezes, essas diferenças de uso podem ser as causas dos julgamentos para o preconceito linguístico. Porém, para o autor, a condição que determina o falar na competência linguística geral é a coerência com certos princípios do pensamento e a coerência com o conhecimento geral das coisas.

As observações quanto às diferenças de uso da língua são essenciais para distinguir quais são apresentadas como prestigiadas e como des prestigiadas, sendo que a sociedade é quem atribui esses valores às diferentes maneiras de falar. Assim, observam-se os equívocos de algumas pessoas, as quais julgam erroneamente as pessoas e os grupos sociais pela maneira como usam a sua língua. Conscientemente e inconscientemente esse preconceito é passado de geração para geração, pois as crianças aprendem vendo seus pais julgarem os outros. Nesse ponto, Robinson (1977) salienta as características que envolvem a sociedade, no sentido como ela se comporta, e ao uso da linguagem atribuído aos diferentes momentos de comunicação.

Uma variedade linguística pode tanto estar para um indivíduo, que tem uma gramática própria, como para grupos sociais com traços próprios. Conforme Bagno (2003, p. 52), “em toda língua do mundo existe um fenômeno chamado *variação*, isto é, nenhuma língua é falada do mesmo jeito em todos os lugares, assim como nem todas as pessoas falam a própria língua de modo idêntico”. (grifo do autor). Assim, as atitudes linguísticas são vistas como respostas

de um a outro indivíduo, ou seja, há uma reação que pode ser favorável ou desfavorável quanto à forma de falar. O comportamento, então, é visto como positivo ou negativo.

Ao apresentar-se uma pesquisa experimental com o propósito de interpretar as dificuldades é possível que as pessoas discriminadas possam, de fato, ser integradas ao meio em que vivem. É provável que se encontrem diversas maneiras para compreender esse fenômeno que se insere no cotidiano da comunidade em questão, visto que:

[...] os preconceitos [...] impregnam-se de tal maneira na mentalidade das pessoas que as atitudes preconceituosas se tornam parte integrante do nosso próprio modo de ser e de estar no mundo. É necessário um trabalho lento, contínuo e profundo de conscientização para que se comece a desmascarar os mecanismos perversos que compõem a mitologia do preconceito. (BAGNO, 2003, p. 75).

Estudos resultantes de pesquisas tornam possível analisar a reação e o sentimento do falante ao vivenciar uma ocorrência de preconceito linguístico e social. Isso é possível graças à sensibilidade, às diferenças de variedade, às diferenças de registro e à naturalidade de interpretar referências culturais. Assim, ao pensar nas possíveis delimitações culturais, ocorre uma associação ao sistema de sociedade, uma vez que a cultura é um fenômeno social. Dessa forma, Geertz (1989) observa que a cultura é pública porque o seu significado e a sua ação atribuem esse sentido. Diante disso, a cultura varia de acordo com diversos fatores que estão concebidos pelo sistema social, apresentando-se com os diferenciais que são identificados por cada forma de explorar essas variedades.

Segundo Hall (2005), a migração acaba caracterizando quem é que faz as coisas no novo lugar em que se está ingressando. O migrante atribui tarefas que julga serem realizadas por determinadas pessoas, sendo essa uma forma de ir compreendendo o novo sistema de sociedade do local que se está conhecendo. Ao transitar de uma cultura para outra, o migrante comporta um pouco de cada uma no seu cotidiano, dessa maneira ele passa a ser considerado um ser híbrido, que tem características pertencentes às duas culturas.

Diante desses aspectos, o problema exposto questiona se as formas de integração e de socialização dependem ou não das formas linguísticas? Então, procura-se saber qual a contribuição sociolinguística para examinar como a integração linguística se faz, se: com obstáculos, sem obstáculos, com preconceitos ou sem preconceitos?

Essas perguntas são analisadas através de entrevistas narrativas realizadas com doze (12) migrantes instalados na Microrregião Vinicultora de Caxias do Sul, com idades entre 17 e 30 anos, encontradas na área comercial e no meio acadêmico da região. O instrumento da pesquisa é baseado em Jovchelovitch e Bauer (2002) que definem o processo da entrevista

narrativa como uma forma de estimulação ao entrevistado, porque ele retrata situações de sua vida, experiências relacionadas aos temas propostos. Dessa forma, entende-se que a “entrevista narrativa [...] tem em vista uma situação que encoraje e estimule um entrevistado [...] a contar a história sobre algum acontecimento importante de sua vida e do contexto social [...]”. (JOVCHELOVITCH; BAUER, 2002, p. 93). Essas entrevistas constituem o *corpus* da pesquisa, de forma que as ideias gerais são agrupadas de acordo com os critérios relevantes para a discussão dos dados, procurando identificar quais variedades linguísticas são encontradas na região em relação à variedade trazida pelo migrante, apontando as diferenças e a assimilação da linguagem deste no local.

Os entrevistados ocupam o tempo necessário para responder às perguntas abertas, feitas pelo entrevistador, assim como já sabiam do que tratava a entrevista, a qual foi solicitada por telefone anteriormente ao encontro. Todas as entrevistas foram gravadas e transcritas, a identidade de cada sujeito será ocultada para que se mantenha a sua privacidade.

Os migrantes geralmente trocam de cidade por várias razões, visando encontrar uma oportunidade de emprego em uma cidade mais desenvolvida, com mais chances de realização profissional. Também, podem migrar por transferência exigida pelo emprego, trocar de cidade com a finalidade de estudar, morar em outro lugar para estar junto a família, casamento, etc. Entrevistou-se o migrante que busco encontrar o seu espaço, observando que ele tem vontade de crescer e se estruturar no novo local. Os entrevistados da pesquisa são nascidos em diferentes estados do Brasil e alguns pertencem ao estado do Rio Grande do Sul, com essas dimensões podem-se observar diversos pontos que são peculiares de cada região.

Na realização do estudo procurou-se observar se as formas de socialização e de integração dos que migram dependem basicamente dos processos de interação social e linguística na nova região. Além de notar que a integração e a socialização são vistas como fenômenos naturais, que acontecem sempre em situações de deslocamento, como algo que faz parte do processo migratório.

Esta pesquisa vincula-se à linha de pesquisa de Linguística, Cultura e Regionalidade, do Mestrado em Letras, Cultura e Regionalidade, da Universidade de Caxias do Sul (RS). O que se procura como uma das contribuições deste estudo, é, na medida do possível, chamar a atenção para o problema do preconceito linguístico e social e torná-lo consciente, uma vez que são envolvidas pessoas dos processos de integração social, os migrantes. Outra contribuição possível é levar a compreender a ideia de uma sensibilidade sociolinguística (BACHMAN, 2003) tanto de quem chega ao novo local quanto de quem é natural da região.

Cientificamente este estudo pode ser relevante na medida em que contribui para os estudos linguísticos e sociais com análise qualitativa e quantitativa das variedades do português faladas nas diferentes regiões. Na proposta interdisciplinar este trabalho abrange a área da linguística e também as áreas afins, para demonstrar como a sociedade, com a sua cultura já estabelecida, está posta diante de seus novos habitantes migrados. Diante desse aspecto, a pesquisa considera também o comportamento dos falantes, podendo haver pontos negativos e positivos em relação aos comportamentos resgatados.

Esta pesquisa colabora com as outras que têm o foco na área da sociolinguística. Ela subsidia-se de diferentes estudos de pesquisadores sobre o preconceito e busca descrever a situação em que se forma essa barreira enfrentada pelo migrante que, às vezes, é visto como um intruso na região. Há uma discussão acerca da integração dos migrantes, cujos elementos são obtidos através de relatos pelas entrevistas, com o propósito de assinalar algumas alternativas de adaptação aos novos integrantes. A pesquisa também pode tornar o assunto do preconceito linguístico e social mais presente como debate na sociedade acadêmica, explorando as ocorrências que estão no cotidiano dos que estudam e vivem o assunto.

O presente trabalho está dividido em três partes. O capítulo 1 apresenta como aconteceu a pesquisa e quais foram seus critérios, seus procedimentos, reconhecimento dos migrantes. Na sequência, o capítulo 2 expressa as noções de linguagem e preconceitos, abordando questões que perpassam os temas de variação linguística, preconceitos, estigma, língua prestigiada, além de tratar de algumas noções de cultura, identidade, região. Há também o processo de migração, observando a posição do migrante e da sociedade, as questões de raízes com a terra de origem e a perda dessa ligação. São mencionados alguns pontos de integração e adaptação, bem como as dificuldades encontradas.

Já no capítulo 3 são apresentados os resultados, onde são exploradas as entrevistas, ocorrendo uma discussão entre a posição de um sujeito e outro. Diante disso, a pesquisa procurou dar voz aos seus entrevistados, de uma forma que eles pudessem ser ouvidos, também foi utilizada a ideia de montar uma discussão entre as respostas, pois as opiniões muitas vezes se complementam assim como se distanciam. Observa-se como interessante esse jogo de palavras produzido pelos migrantes entrevistados, enriquecendo o estudo.

Por último, encontram-se as considerações finais à luz do quadro teórico, teorias e conceitos estudados, equiparados com algumas posições defendidas nas entrevistas. Em seguida, apresentam-se as referências e anexos, necessários para melhor compreensão do estudo.

## 1. DADOS DA PESQUISA

Estes dados não são padronizáveis como os dados quantitativos, obrigando o pesquisador a ter flexibilidade e criatividade no momento de coletá-lo e analisá-los. Não existindo regras precisas e passos a serem seguidos, o bom resultado da pesquisa depende da sensibilidade, intuição e experiência do pesquisador. (GOLDENBERG, 1999, p. 53).

### 1.1 Aspectos metodológicos

O método utilizado na pesquisa é o analítico. Esse método consistiu em dois momentos: no primeiro momento, analisaram-se conceitos, como aspectos de fala, preconceitos, cultura, região, migração, que serviram de suporte para a análise dos dados obtidos através das entrevistas. No segundo, examinaram-se esses dados e informações obtidas pelas entrevistas realizadas, cujos indivíduos selecionados são novos na Microrregião Vinicultora de Caxias do Sul<sup>2</sup>. Desse material avaliaram-se as falas, as quais apontam indícios de preconceitos sofridos pela diferença de linguagem, ou seja, de usos lexicais, ao referirem-se a objetos e coisas em geral. Além da exposição de opiniões sobre o funcionamento dessa região, seja na área financeira, cultural, educacional, econômica, entre outras observações que foram resultado das entrevistas.

Uma pesquisadora que utiliza o *corpus* formado por entrevistas, argumenta que “nada melhor do que ouvir as pessoas, escutar suas lembranças, comparar suas falas, percebendo diferenças e semelhanças entre elas [...]”. (ALMEIDA, 2001, p. 147). Além de expor que na sua pesquisa o trabalho adquiriu novos significados à medida que as entrevistas iam sendo realizadas. Na presente pesquisa, foram entrevistados doze migrantes, a fim de apreender uma parte da realidade das pessoas migradas na MVCS, sendo, portanto, esta uma amostra representativa de uma parte da população.

Goldenberg (1999) esclarece que o pesquisador não necessita descrever e descobrir a relevância teórica de tudo, todavia ele precisa se concentrar em alguns problemas que julga de maior importância. Esse entendimento é mostrado por Mollica e Roncarati (1991, p. 525), quando dizem que a língua possui muitas peculiaridades, de forma que é impossível compreender todos os pontos, elas comentam que “[...] qualquer amostra fotografa ‘ângulos’ da língua, pois o espectro de possibilidades comunicacionais do falante é muito amplo [...]”. (grifo das autoras).

---

<sup>2</sup> Microrregião Vinicultora de Caxias do Sul daqui para frente MVCS.

Então, entende-se a relevância em se utilizar a pesquisa quantitativa junto com a qualitativa, uma vez que uma complementa a outra. Assim, “a integração da pesquisa quantitativa e qualitativa permite que o pesquisador faça um *cruzamento* de suas conclusões de modo a ter maior confiança que seus dados não são produto de um procedimento específico ou de alguma situação particular [...]”. (GOLDENBERG, 1999, p. 62 – grifo da autora). Ao considerar a mesma ligação entre as diferentes pesquisas, Nawa (1989, p. 204) ressalta que:

[...] a análise quantitativa, por exemplo, depende de descrições qualitativas para categorizar os dados ou interpretar as relações causais das tendências processadas estatisticamente. Por outro lado, uma abordagem qualitativa traz implícita a noção de que “mais é melhor”, isto é, torna-se necessário a identificação de muitas ocorrências do mesmo fenômeno, a fim de conferir maior confiabilidade à análise. (grifo da autora).

Nessa mesma linha, Pereira (2004) tem uma opinião semelhante ao referir que o pesquisador concebe variáveis diferentes, visto que as quantitativas são mais precisas e mais versáteis para as transformações, já as qualitativas são o oposto, isto é, menos precisas e menos propícias a transformações. Logo, compreende-se a noção de usar as duas modalidades de análise na presente pesquisa.

## **1.2 Como se estabeleceu a pesquisa**

O instrumento de pesquisa foi a entrevista narrativa, na qual podem-se observar os níveis socioeconômico-culturais e o desempenho linguístico dos falantes. Dessa forma, foi possível montar um perfil de cada entrevistado e do grupo todo. As entrevistas foram realizadas com sujeitos que corresponderam aos seguintes critérios; os migrantes estavam estabelecidos na nova região por razões concretas: como transferência de emprego; juntar-se à família ou para efetuar estudos. Dessa maneira, as situações relatadas pelos sujeitos mostraram que em alguns momentos eles tiveram dificuldade de enfrentar ou ainda estão enfrentando por estarem se adaptando ao novo local.

A entrevista narrativa é definida por Jovchelovitch e Bauer (2002) como sendo uma entrevista com perguntas abertas e como uma forma de encorajar os entrevistados, fazendo parte de uma pesquisa qualitativa. Caracteriza-se pela forma de estimular o entrevistado a contar alguma situação importante tanto na sua vida pessoal, quanto na sua vida social:

[...] as entrevistas narrativas são infinitas em sua variedade, e nós as encontramos em todo lugar. Parece existir em todas as formas de vida humana uma necessidade de contar; contar histórias é uma forma elementar de comunicação humana e, independentemente do desempenho da linguagem estratificada, é uma capacidade universal. [...]. (JOVCHELOVITCH; BAUER, 2002, p. 91).

As entrevistas foram realizadas com base nas orientações das autoras, constando um esquema da narração, ou seja, o entrevistado conta a história sobre algum acontecimento importante de sua vida e do contexto social, substituindo o esquema de perguntas e respostas fechadas (Anexo A). Ao contar suas histórias, suas experiências, o migrante se sente mais à vontade, todavia essa é uma forma comum de comunicação humana. Para a apresentação dos dados optou-se também pela pesquisa quantitativa que, consoante Pereira (2004, p. 99), “a análise de dados qualitativos, como de resto de dados de qualquer natureza, é sempre uma busca de síntese das várias informações recolhidas pelo pesquisador [...]”.

Goffman (2004, p. 23), quando apresenta seu estudo metaforizando a vida teatral, explica que é importante essa interação face a face, para a reciprocidade, nesse caso, nas entrevistas, mostrando que “[...] a interação (isto é, interação face a face) pode ser definida, em linhas gerais, como a influência recíproca dos indivíduos sobre as ações uns dos outros, quando em presença física imediata [...]”. (grifo do autor). A pesquisa de Bisinoto (2007) ajudou como referência para o desenvolvimento desse gênero de entrevistas desta pesquisa, ficando muito clara a importância dada pela parte dos entrevistados ao trabalho desenvolvido, muitas vezes indo além do solicitado:

[...] muitos dos informantes mostravam-se motivados a expandir o assunto em questão, indo além do que era perguntado, o que, de início, pode incomodar o pesquisador, até que ele perceba que nesses discursos superpostos encontram-se valiosos elementos de análise [...]. (BISINOTO, 2007, p. 37).

Dessa maneira, alguns sujeitos desta pesquisa deixaram transparecer episódios em que se encontraram ao efetuar a mudança, descrevendo diferentes maneiras de percepção das situações vividas no novo local, as quais contribuíram no desenvolvimento do estudo. Nessa perspectiva, nota-se que a linguagem é vista como a melhor maneira para transmitir as situações vividas pelo sujeito, corroborando com a afirmação de Penna (1998, p. 90) de que “[...] a linguagem não apenas *expressa* a experiência, mas antes a *constitui*, pois é através dela que o migrante constrói uma representação da própria vida, dando-lhe significado [...]”. (grifos da autora). Ao utilizar o método da entrevista colheram-se dos migrados várias ocorrências de diversos aspectos, pois as perguntas permitiam uma reflexão sobre como

percebiam o andamento da cidade, alguns apontaram aspectos que são peculiares ou aos italianos, ou aos gaúchos.

Para que a pesquisa pudesse ser realizada com sucesso, foram produzidas entrevistas narrativas piloto. A entrevista foi esclarecida ao sujeito no primeiro contato, bem como o porquê da realização da pesquisa, também foi solicitada a permissão para a realização da gravação e garantida a privacidade do entrevistado, com a sua identidade ocultada. Aos sujeitos foi solicitada sua colaboração à entrevista, ao que prontamente atenderam e foram agradecidos, pois eles dedicaram um tempo de sua rotina, muitas vezes corrida, para ajudar na pesquisa. As aplicações das entrevistas foram realizadas apenas pela pesquisadora deste estudo, a fim de manter um padrão tanto nas perguntas quanto na interação comunicativa, além de manifestar o mínimo de influência possível nas respostas. Conforme Jovchelovitch e Bauer (2002), o entrevistador não deve impor formas de linguagem não empregadas pelo migrado durante a entrevista, mantendo a interação, como igual, conseqüentemente, aproximando-se do migrante, exigindo muitas vezes que o entrevistador se mostre como um ignorante para obter maiores exemplos.

O sujeito dispôs do tempo necessário para responder as perguntas, sem sofrer a interrupção do entrevistador, o qual o deixou livre para expor sua história, ou o que julgasse necessário. Almeida (2001, p. 147), em sua pesquisa, também percebe a importância de dar o tempo necessário, de forma que “[...] é preciso oferecer o tempo para que o entrevistado consiga reelaborar e transmitir em palavras aquilo que viveu [...]”. No decorrer das entrevistas, o entrevistador pôde fazer outras perguntas, com o intuito de aprofundar mais a investigação, deixando o sujeito livre para opinar e ser sincero. Orlandi (1987, p. 103) mostra que é importante “[...] além de se compreender um enunciado da mesma maneira, para que haja comunicação efetiva é preciso que os interlocutores partilhem as *convicções* relativas a ele”. (grifo da autora). Então, ao final de todas as entrevistas, procurou-se perguntar se havia ainda alguma coisa que o entrevistado julgasse importante para a pesquisa e que ainda não fora citado durante a mesma.

Nas entrevistas os migrantes expõem a sua posição quanto aos aspectos perguntados, mas por fim aparece também sua situação social que pode ser favorecida ou não. Goffman (2002, p. 16-17) considera que essa situação mostra a realidade particular de cada entrevistado, em cada migrante se apresenta diferente, assim:

[...] A situação social de alguém não é algo distante e negligenciável como um primo do interior. Pode-se defender a idéia de que as situações sociais [...] constituem uma realidade particular, singular e, portanto, precisam e justificam uma

análise para si próprias, à semelhança daquela dedicada a outras formas básicas de organização social [...].

Algumas informações foram conseguidas ao final das entrevistas com o gravador desligado e, em seguida, foram transcritas num diário de campo. Todavia, o gravador intimidou alguns dos entrevistados, ao menos no início da entrevista, porém, no decorrer dela com a conversa que acontecia, os migrantes esqueceram do aparelho que estava gravando. Após as gravações, todas as entrevistas foram transcritas com observações de entonação e de aspectos pessoais percebidos. Paiva (2004) considera importante para a transcrição transpor o discurso falado de uma forma fiel, para que isso seja registrado permanentemente. Assim, a autora mostra que “a fidelidade aos dados orais deve ser o objetivo de toda transcrição. Queremos registrar o que foi dito por um falante da forma como foi dito. Uma transcrição não é e não pode ser uma edição de fala do entrevistado [...]”. (PAIVA, 2004, p. 136). Ainda Paiva (2004) mostra que há um porém, isto é, todas as transcrições pressupõem um conjunto de decisões que são norteadas pelos objetivos do pesquisador, além de salientar que não existe transcrição de dados linguísticos perfeita e incontestável, pois há um componente subjetivo envolvido nessa prática. Para as transcrições foram utilizadas algumas normas do Projeto Nurc, seguindo Hilgert (1997) para que houvesse uma normatização (Anexo B).

### **1.3 Características do sujeito da pesquisa**

Os sujeitos da pesquisa pertencem a duas categorias, sendo uma do meio acadêmico e outra da área comercial, encontrados respectivamente, na Universidade de Caxias do Sul e nas lojas do comércio da cidade. Os sujeitos são classificados em 3 do gênero masculino e 3 do gênero feminino do meio acadêmico, e 3 do gênero masculino e 3 do gênero feminino da área comercial, tendo idades entre 17 e 30 anos. Essa extensão de idades permite conseguir boas informações dos sujeitos do meio acadêmico, os quais estão iniciando as suas vidas no novo local e igualmente os sujeitos, profissionais, que já estejam integrados na sociedade pela área comercial. Estes já podem ter passado pela fase de integração, o grau de escolaridade destes poderá, dessa forma, variar de segundo grau incompleto ao terceiro grau completo.

Assim, observam-se os sujeitos entrevistados:

	Meio Acadêmico	Meio Comercial
FEMININO	3	3
MASCULINO	3	3
Total	6	6

Fonte: dados desta pesquisa

Ao total foram realizadas 12 entrevistas narrativas, com a aplicação marcada com antecedência, combinada com o sujeito com o objetivo que ele também estivesse preparado no momento. As entrevistas aconteceram nas ocasiões em que os entrevistados dispunham de um longo tempo, para que pudesse haver concentração e dedicação ao momento de narrar sua experiência. Foi exigido um tempo mínimo de residência na nova cidade de seis meses, visto que é necessário um conhecimento do local, para perceber, então, uma diferenciação das culturas e manter uma relação entre a antiga e a nova região. Quanto aos nomes reais das pessoas entrevistadas, todos foram ocultados, ainda que a grande maioria não se opusesse à divulgação, mas em respeito a eles suprimiram-se os nomes, assim, utilizou-se a palavra *sujeito* seguida de um número, indo do 1 ao 12, para a identificação de cada um. Assim, são referidos pela inicial S, da palavra *sujeito*, e seu número na pesquisa, por exemplo: S1, S2, S3 e assim conseqüentemente.

Os sujeitos, segundo os critérios, necessitavam estar residindo na MVCS (VIEIRA, 1984) localizada dentro da Região Serrana. Então, na pesquisa estão compreendidos os municípios de Antônio Prado, Bento Gonçalves, Carlos Barbosa, Caxias do Sul, Farroupilha, Flores da Cunha, Garibaldi e São Marcos.

As cidades estudadas nesta dissertação compreendem uma região de descendência de italianos, que se destaca pelo seu trabalho. Savoldi (2003, p. 52), em sua pesquisa, percebe que esse povo é bem visto pela força de trabalho, ao dizer que “[...] os descendentes de imigrantes se autorepresentam como bons trabalhadores. O depoimento revela que os descendentes são vistos como a população que apresentaria os atributos ideais para desenvolver o trabalho nos mesmos moldes do ‘povo europeu’”. (grifo do autor). Para esta pesquisa foram encontrados sujeitos que moram nas cidades de Caxias do Sul, Garibaldi e Antônio Prado. Dessa forma, observam-se alguns dados sobre cada uma das três cidades, a fim de conhecer seu desenvolvimento e suas peculiaridades.

A cidade de *Caxias do Sul* tem a população de 405.858 habitantes, dado do IBGE em 2008; com uma área territorial de 1.644 km<sup>2</sup>. A cidade é vista como referência na região. É o

ponto central de migrações. A cidade resultou da união de imigrantes vindos da Itália, chegando em setembro de 1875 ao Campo dos Bugres, atual Caxias do Sul, o grupo dos primeiros colonizadores era variado, pois havia tirolezes, vênnetos, lombardos e trentinos, vindos das cidades italianas de Cremona, Beluno e Milão. Atualmente, Caxias do Sul agrega seis distritos, que são: Criúva, Vila Seca, Santa Lúcia do Piaí, Vila Oliva, Fazenda Souza e Vila Cristina. (Fonte: IBGE PREFEITURA MUNICIPAL DE CAXIAS DO SUL - <http://www.ibge.gov.br/home/> Acesso em 25/01/09).

*Garibaldi* possui uma população de 22.175 habitantes, com uma área territorial de 168 km<sup>2</sup>, seus conterrâneos são conhecidos como *garibaldenses*. A cidade foi povoada por imigrantes. Em 1870 o Presidente da Província do Rio Grande, Dr. João Sertório criou as colônias de Conde d'Eu e Dona Isabel, com a intenção de povoar a região, mais tarde passaram a ser os municípios de Garibaldi e Bento Gonçalves. Por volta de 1875 muitas famílias suíço-francesas vieram para a cidade, sendo que em 1876 se deu a chegada de aproximadamente 700 imigrantes italianos, oriundos do Tirol austríaco, no mesmo ano chegaram algumas famílias polonesas. A cidade foi emancipada em 1900, recebendo o nome de Garibaldi em atributo ao caudilho que foi herói na unificação italiana e um grande paladino da Revolução Farroupilha. (Fontes: IBGE PREFEITURA MUNICIPAL DE GARIBALDI-RS <http://www.ibge.gov.br/home/> Acesso em 25/01/09 e <http://pt.wikipedia.org/wiki/Garibaldi> Acesso em 01/05/09).

Um dos migrantes entrevistados pertence à cidade de *Antônio Prado*, a qual tem população de 13.591 habitantes, com área territorial de 348 km<sup>2</sup>. Em 1885, o Governo Imperial de D. Pedro II determinou que durante o período de 1886/1887 haveria a criação de um núcleo de colonização na margem direita do Rio das Antas, separando ao nordeste do Rio das Antas as chamadas "Terras Particulares". Então, como sugestão para nomear o novo local o Bacharel Manoel Barata Góis solicitou que fosse dado à nova colônia o nome de Antônio Prado, homenageando Antônio da Silva Prado, que foi um fazendeiro paulista, Ministro da Agricultura da época que promoveu a vinda dos imigrantes italianos ao Brasil e instalou núcleos coloniais no Rio Grande do Sul. Diante disso, surgiu uma nova colônia italiana, atualmente Antônio Prado. (Fonte: IBGE - <http://www.ibge.gov.br/home/> Acesso em 25/01/09).

Em uma pesquisa realizada na cidade de Antônio Prado, Battisti, Dornelles Filho, Lucas e Bovo (2007) apresentaram que o município está em transição entre o tradicional e o moderno ou contemporâneo. Nesse estudo é mostrado o isolamento que havia na cidade, pois a população que se localizou na região permaneceu ali, pela precariedade das vias de

comunicação isolada do restante do estado, contribuindo para um localismo no município. O difícil acesso acabou freando o desenvolvimento, de forma que a cidade, apesar de suas potencialidades, estava à quase total estagnação econômica ao longo do século XX. Então, o desenvolvimento só aconteceu com a melhoria das vias de acesso, e, com o tombamento histórico de prédios antigos, fazendo do turismo um tipo de negócio que hoje o município procura explorar, posto que este constitui um fator de modernização, de rompimento com o padrão tradicional de isolacionismo.

### 1.3.1 Grupo total de sujeitos

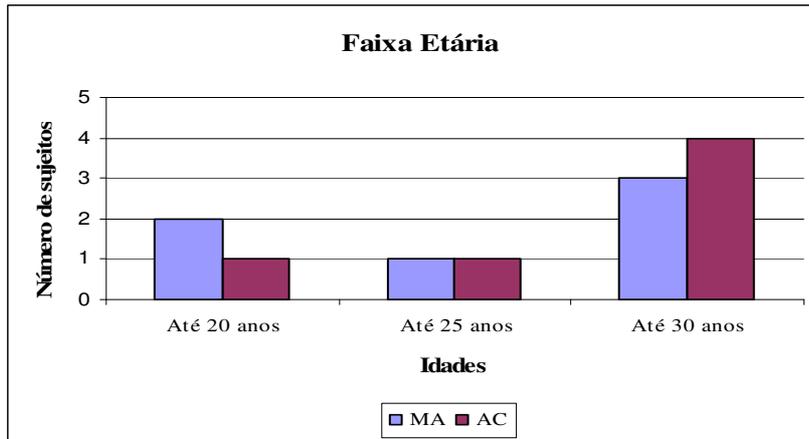
Nesta pesquisa foram analisados doze sujeitos migrantes. As entrevistas foram realizadas de 06 de dezembro de 2007 até 24 de agosto de 2008, com duração total de 7h 10min, variando em torno de 35 e 50 minutos. Os sujeitos foram numerados para ocultar suas identidades, dessa forma, os sujeitos que compreendem do número 1 ao 6 pertencem à categoria do Meio Acadêmico (MA) e os sujeitos do número 7 ao 12 pertencem à categoria da Área Comercial (AC).

Cuche (2002) aborda a transição dos migrantes que podem servir para os entrevistados desta pesquisa, como se verá no decorrer desta apresentação. Segundo esse autor, a vida dos migrantes é observada:

[...] A partir do momento em que eles se fixam com suas famílias no país que os recebe, impõe-se que se considerem todas as dimensões de sua existência. E como em suas práticas cotidianas (da vida familiar, do consumo, do lazer, das práticas religiosas), as populações imigrantes manifestam certas particularidades, os poderes públicos, preocupados com a inserção destas populações na vida local e nacional, vão ser levados a se interessar por estas particularidades [...]. (CUCHE, 2002, p. 225-226 – grifo do autor).

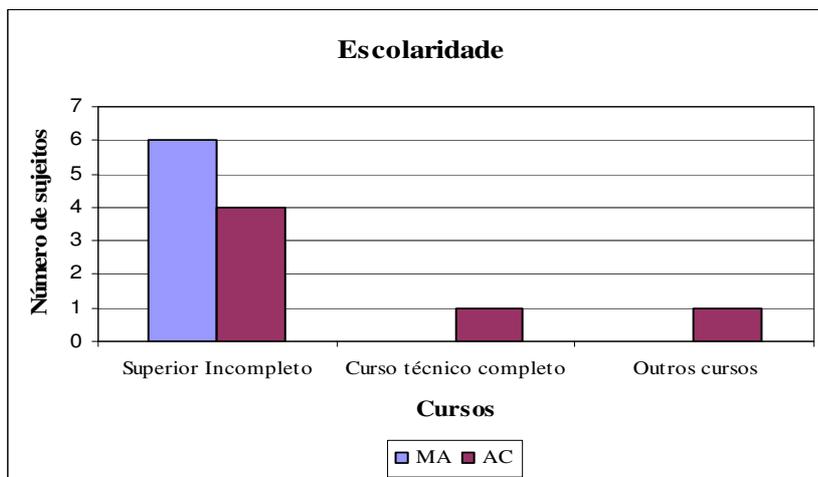
Então, pode-se dizer que o perfil dos sujeitos pesquisados está próximo de:

- Quanto ao gênero: a pesquisa apresenta os sujeitos divididos de forma equivalente, onde há metade do gênero masculino e outra metade do gênero feminino.
- Quanto à faixa etária: os sujeitos entrevistados predominam na faixa de até 30 anos, tanto os sujeitos pertencentes ao MA, como os da AC, porém há uma parcela considerável na faixa de até 20 anos no MA, considerando que nesta fase alguns estão nos primeiros semestres da faculdade. Conforme se observa no gráfico abaixo:



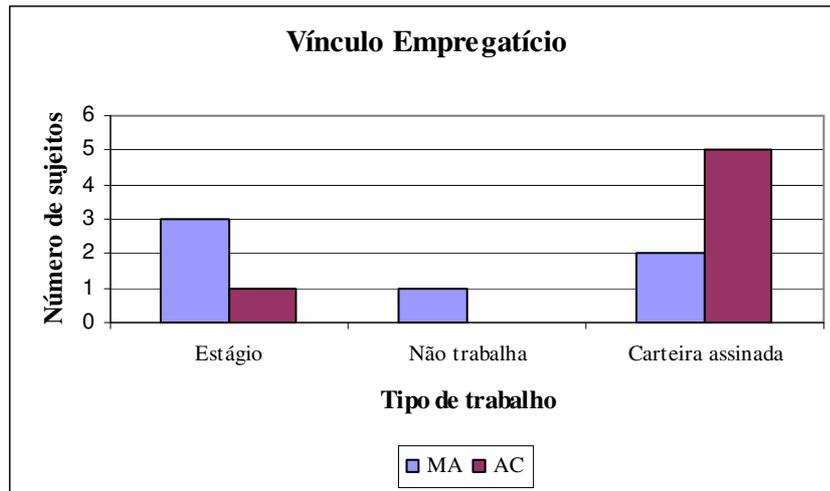
Fonte: dados desta pesquisa

- Quanto à escolaridade: como se esperava, os sujeitos do MA são todos com o curso superior incompleto. Já os sujeitos pertencentes ao nível comercial estão divididos entre cursos diferenciados. Como é apresentado no gráfico abaixo:



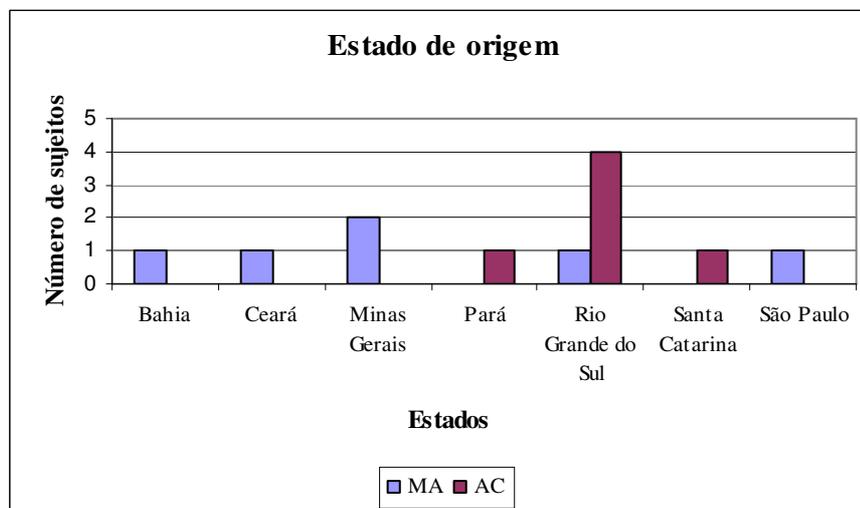
Fonte: dados desta pesquisa

- Quanto ao vínculo empregatício: os sujeitos correspondentes ao nível comercial estão em sua maioria com empregos certos, como era aguardado, já que foram selecionados por pertencerem a um meio que se considera mais seguro. O que surpreende neste gráfico é o MA que em sua maioria possui uma função profissional, de maneira que além de estudar, muitos migrados ainda trabalham. Observa-se gráfico:



Fonte: dados desta pesquisa

• Quanto ao estado de origem: neste aspecto surgiram diferentes estados. O que predominou na pesquisa foi o Rio Grande do Sul, isto é, pessoas que mudaram de outra região gaúcha para a MVCS. Porém, o que surpreende é a grande procura do MA pela região, com pessoas vindas de diferentes estados brasileiros. Conforme o gráfico:



Fonte: dados desta pesquisa

Muitos dos sujeitos moraram em outras cidades antes de vir para a MVCS, alguns passaram por capitais como Belo Horizonte (MG), São Paulo (SP), Porto Alegre (RS), Vitória (ES), Rio de Janeiro (RJ), Florianópolis (SC), Brasília (DF). Enquanto outros passaram por cidades do interior dos estados, como: Juiz de Fora (MG), Bauru (SP), Cacequi, Passo Fundo e Vacaria (RS). Porém, o estudo se deterá apenas nas cidades em que os migrantes nasceram e viveram os seus primeiros anos, ou seja, sua terra natal.

## 2. OS CONCEITOS QUE NORTEARAM A PESQUISA

### 2.1 A língua sob alguns ângulos

Podem ser chamados de sociolinguístas todos aqueles que entendem por língua um veículo de comunicação, de informação e de expressão entre indivíduos da espécie humana. (TARALLO, 1997, p. 7).

#### 2.1.1 Estudo da sociolinguística

O estudo da sociolinguística está diretamente ligado ao meio social e ao funcionamento da língua, descrevendo diferentes culturas e formas de expressão. É seguindo essa linha que Coseriu (1992) analisa a existência de normas gerais aos discursos, os quais, o falante no ato da fala precisa adequá-los à situação comunicativa, isto é, ao interlocutor, aos propósitos. Pode-se observar uma estreita relação entre a fala e a sociedade, a qual estabelece padrões de usos linguísticos e de níveis de conhecimentos cada vez mais complexos.

As autoras Paiva e Scherre (1999, p. 202) entendem por sociolinguística a “[...] necessidade de compreender a realidade lingüística de um país em que diferentes dimensões sociais se conjugam para a configuração de um quadro sociolingüístico complexo [...]”. A pesquisa da sociolinguística prima pela possibilidade de sistematizar a heterogeneidade encontrada nos diferentes ambientes em que a linguagem é observada. Em se tratando do sistema sociolingüístico Yacovenco (2002, p. 152) menciona a sua importância aos fatores lingüístico e social: “[...] a sociolingüística enfatiza a importância da atuação de fatores sociais sobre fenômenos lingüísticos, entendendo que a língua reflete os processos sociais vivenciados por uma determinada comunidade lingüística”.

Um dos campos da sociolinguística é o estudo da variação lingüística, através desse estudo são explicados os movimentos de mudanças lingüísticas, em que geralmente há grande participação da sociedade. Com isso, as pessoas são os melhores meios para que esse fenômeno ocorra. Mollica (2004, p. 9-10) trata da ligação desses estudos:

[...] A Sociolingüística considera em especial como objeto de estudo exatamente a variação, entendendo-a como um princípio geral e universal, passível de ser descrita e analisada cientificamente. Ela parte do pressuposto de que as alternâncias de uso são influenciadas por fatores estruturais e sociais [...].

A linguagem é a expressão das necessidades humanas, faz-se necessária aos indivíduos de qualquer lugar do mundo, independente do meio sociocultural em que estejam convivendo. De acordo com Mey (1998), a língua e a sociedade se inter-relacionam, uma vez que os homens se comunicam e agregam-se socialmente, para construir e desenvolver o mundo. A linguagem é a maneira que a sociedade usa para expor seus pensamentos, como se cada cidadão utilizasse a sua fala em favor da sociedade. Ainda em seus estudos, Mey (1998, p. 81) percebe a língua inteiramente ligada às situações de comunicação do meio social, quando valoriza a língua dos falantes que fazem jus ao contexto de uso, adequando-o aos propósitos comunicativos, ao público alvo, considerando que:

[...] língua é o que nós, os usuários, fazemos no contexto das nossas possibilidades sociais [...] essa visão estabelece que não há línguas em si, somente *falantes* das línguas: e que as línguas são suficientemente “boas” se servem aos propósitos comunicativos dos seus usuários [...]. (grifos do autor).

Tarallo (1997), na *Pesquisa sociolinguística*, faz menção à realidade do que é a língua e à sua importância no cotidiano das pessoas que vivem a partir dela, pois é com a língua que qualquer ser humano se expressa, independentemente da ocasião em que esteja, uma vez que, no dizer de Tarallo (1997, p. 19):

[...] a língua falada [...] é o veículo lingüístico de comunicação usado em situações naturais de interação social, do tipo comunicação face a face. É a língua que usamos em nossos lares ao interagir com os demais membros de nossas famílias. É a língua usada nos botequins, clubes, parques, rodas de amigos; nos corredores e pátios das escolas, longe da tutela dos professores. É a língua falada entre amigos, inimigos, amantes e apaixonados.

Com relação à linguagem oral, por exemplo, Frosi (1998) afirma, em seu estudo sobre o dialeto italiano, que é a linguagem do povo que identifica social e culturalmente um grupo humano. Dado que a linguagem faz parte da história de vida tanto do indivíduo quanto da comunidade em que ele está inserido, revestindo-se de maior valor quando é a única forma de transmitir a cultura de seu grupo.

Segundo Bachman (2003), a competência sociolinguística do falante apresenta-se por meio das sensibilidades deste em relação às diferenças dialetais e das variedades de uma determinada língua, às diferenças de registro e à naturalidade e, ainda, à habilidade de interpretar referências culturais e figuras de linguagem. A sensibilidade do falante em relação às diferenças de dialeto ou variedades regionais e/ou sociais é importante porque essas variedades podem ser caracterizadas por diferentes convenções, e a sua adequação de uso poderá variar conforme a situação. Diante disso, todo indivíduo que mudar de sua região

poderá sofrer uma mudança ao tentar se adequar ao novo meio social em que está se inserindo, porém em algumas situações ele poderá recorrer aos usos linguísticos da variedade falada em sua terra natal, conservando um pouco da sua cultura.

### 2.1.2 As diferentes formas de uso da língua

A língua não é homogênea para as pessoas de todos os grupos, culturas, etnias e regiões. Cada grupo social e cultural possui uma maneira, ou ainda, um jeito típico de se expressar. Como afirma Pilla (2002), a língua é vista como um fato social que varia de acordo com as diferenças de uma comunidade, dado que é a sociedade que cria condições para a língua se desenvolver. Assim, as variações da língua são reflexos das variações da sociedade, uma interage com a outra, se pressupõem. Portanto, as línguas não podem evoluir sem a sociedade e a sociedade só existe porque há pessoas que vivem nela.

Em todas as línguas do mundo, há o fenômeno de variação linguística. Todas elas vão evoluindo e modificando-se conforme suas necessidades. De acordo com Bagno (2003), fica claro que a *variação* explica o fato de a língua poder admitir diversas formas. Essa variação define grupos culturais e os torna fáceis de identificar. Apesar disso, nem todas as pessoas falam a sua língua materna de modo idêntico, isto é, a mesma língua, Scherre (1996, p. 39) salienta que “[...] a variação não existe só na comunidade mas inclusive na fala de uma mesma pessoa [...]”. Assim, em uma mesma região a língua pode variar, também, de pessoa para pessoa. Tarallo (1997, p. 6) explica que “[...] a cada situação de fala em que nos inserimos e da qual participamos, notamos que a língua falada é, a um só tempo, heterogênea e diversificada [...]”.

As variantes linguísticas são uma forma de dizer a mesma coisa em uma mesma situação e com o mesmo valor. Ambas podem ser aceitas, dependendo do contexto inserido e das pessoas que estão participando da conversa. Nessa situação encontra-se o migrante pesquisado, pois ele deve reconhecer muitas formas de dizer a mesma coisa, ou seja, ele está em fase de transição e adaptação ao novo local de residência. Quanto ao vocabulário diversificado, Burke (2003, p. 65) diz:

Outra razão para se manter um rico vocabulário [...] é que a variedade de situações, contextos e locais nos quais ocorrem encontros culturais torna necessário um vocabulário apropriado para sua análise, distinguindo entre encontros de iguais e de desiguais [...].

Há uma diversidade de enfoques na questão da variação linguística, uma vez que envolve o falante e traz características de seu grupo social, de acordo com o contexto inserido. Assim, o modo de falar diz muito sobre a pessoa que fala, como também representa o modo de fala de sua comunidade. De acordo com o estudo de Bisinoto (2007, p. 24), a variação é vista de diferentes ângulos, dependendo do objetivo do estudo: “a avaliação e o comportamento dos informantes são explorados de diferentes modos [...] cada viés ou interesse científico acaba por conferir às atitudes uma significação específica [...]”.

Por outro lado, essas mudanças e situações vividas pelos falantes, esse falares diferenciados acabam afetando os comportamentos e as relações do migrante, podendo interferir de modo negativo e/ou positivo a vida social e a disposição linguística do novo membro da sociedade. No modo positivo, as atitudes linguísticas e sociais complementam-se, nas ações e reações dos indivíduos. Seguindo a argumentação, emerge o estudo realizado por Labov (1977 apud BISINOTO, 2007, p. 24) que “[...] trata das atitudes dos falantes sob vários prismas, conferindo-lhes sempre um papel determinante na diferenciação social da linguagem e no curso das mudanças lingüísticas [...]” onde correlaciona linguagem e sociedade, em pesquisa realizada na Ilha de Martha’s Vineyard.

Ainda seguindo os estudos de Labov sobre variação linguística, Monteiro (2000) apresenta diferentes formas de compreender como se deu esse processo de pesquisa. Então, é pelo estudo de Monteiro (2000, p. 55) que se aprofunda no conceito de variação linguística:

Para compreender Labov temos que dedicar uma atenção maior ao conceito de variação e percebê-la como requisito ou condição do próprio sistema lingüístico. Os modelos teóricos que fazem abstração da variação entendem que ela é apenas um acidente e não uma característica essencial das línguas. [...].

A variável linguística é diferenciada da variante lingüística. Monteiro (2000) aponta que os sociolinguístas estabelecem o conceito de variável linguística quando as variantes têm o mesmo significado referencial ou denotativo. Isto é, “duas ou mais formas distintas de se transmitir um conteúdo informativo constituem, pois, uma *variável lingüística*. As formas alternantes, que expressam a mesma coisa num mesmo contexto, são denominadas de *variantes lingüísticas* [...]”. (MONTEIRO, 2000, p. 57 – grifos do autor). Tarallo (1997, p. 8) faz uma observação semelhante: “[...] ‘variantes lingüísticas’ são, portanto, diversas maneiras de se dizer a mesma coisa em um mesmo contexto, e com o mesmo valor de verdade. A um conjunto de variantes dá-se o nome de ‘variável lingüística’”. (grifos do autor). A variante

observada nesta pesquisa é o léxico da língua, de modo que cada pessoa é identificada com uma variedade ou variante, uma vez que a última revela alguns aspectos do contexto social.

As variações linguísticas têm o mesmo grau de importância, não fazendo diferença o falante, a região ou a língua, todas as variações são variações e nenhum outro fator pode prestigiar mais um modo do que o outro, porém, há muitos lugares e pessoas que não seguem esse levantamento, sendo um instrumento de diferenciação social, um recurso de poder. De acordo com Bagno (2003), uma variante é tão importante quanto a outra porque ambas atendem às necessidades da comunidade em que são utilizadas, e, caso ela deixe de atender às necessidades, ela será modificada para sanar as novas necessidades da comunidade falante.

No Brasil, ocorre um grande deslocamento da população, a migração é constante, posto que pessoas vão e vêm para diversos lugares em busca de uma boa posição na vida. Esse deslocamento proporciona um ambiente em que as variações linguísticas serão notadas e absorvidas, Lucchesi (2001, p. 105) assevera que o “[...] massivo deslocamento de populações pode explicar em boa medida a homogeneidade diatópica das variedades populares do português do Brasil”. Esse movimento aproxima os diferentes falares, apresentando as diversas peculiaridades da fala dos brasileiros. Essa progressão da língua é percebida e renovada a cada geração. Naro (2004, p. 43) explica esse processo:

[...] Em qualquer estado real da língua, costumam coexistir formas de diversos estágios de evolução, apesar do fato de que a longo prazo – normalmente no espaço de várias gerações – a mudança quase sempre acaba afetando todos os itens lexicais e todas as estruturas de um determinado tipo [...].

A variação linguística sempre existiu, ela não possui uma época determinada para acontecer, essas mudanças são corriqueiras no cotidiano e a cada momento a forma nova já se modificou. Bourdieu (1996, p. 45) mostra que não há como programar o surgimento ou a variação de alguma palavra: “a língua legítima não tem o poder de garantir sua própria perpetuação no tempo nem o de definir sua extensão no espaço [...]”. A sociolinguística estuda os movimentos de variação, demarcando como esses acontecem, com isso, fica claro que:

[...] A sociolinguística não se restringe, portanto, ao plano da mera actuação: ao provar que a variação (considerada irregular e externa ao sistema e, por isso, relegada para a “estrutura da superfície”) não só era sistemática, como era imanente a todas as línguas, a sociolinguística vem contribuir decisivamente para a clarificação do funcionamento destas [...]. (SANTOS, 1997, p. 34 – grifos da autora).

### 2.1.3 A existência do preconceito

O preconceito pode se dar em diversos fatores e em várias ocasiões, visto que é dado ao homem o poder de relacionar e definir o que é visto com prestígio ou com desprestígio. Dessa forma, as pessoas dão abertura ao preconceito, esquecendo que os mesmos podem vir a ser vítima pelos motivos que julgam. Ao perceber que as camadas sociais diferem e que a cada diferença surge um novo preconceito, Lopes (2003) apresenta a visão de que as camadas que são excluídas têm acesso apenas às identidades locais, ou seja, próximas de sua realidade; porém, quem faz parte da elite da sociedade tem conhecimento de identidades transglobais, isso esclarece, de acordo com Lopes (2003), a visão ampla da elite e os vários preconceitos, já que estes têm acesso a diferentes e variados ambientes.

A discriminação e o preconceito são fatores que se complementam. Conforme Johnson (1997), o preconceito é baseado em desigualdades, geralmente, racial, já a discriminação é a forma de praticar esse preconceito. Dessa maneira, o preconceito é visto como uma atitude cultural que pode ser tanto positiva quanto negativa, uma vez que as pessoas podem aceitar ou não as desigualdades. Então, para Johnson (1997, p. 180) o preconceito fundamenta a discriminação: “o preconceito é sociologicamente importante porque fundamenta a discriminação, o tratamento desigual de indivíduos que pertencem a um grupo ou categoria particular. [...] Porém, nem toda discriminação baseia-se no preconceito [...]”.

Nos estudos de Bourdieu (1996) se observa que o preconceito pode surgir desde a infância e à medida que a pessoa vai ocupando posições mais elevadas ele pode ir crescendo, ou seja, se tornando ainda mais seletivo. Diante dessa posição, nota-se que o meio e a posição exigem essas distinções, assim um ponto estabelece o outro:

[...] o domínio prático dos instrumentos de eufemização objetivamente exigidos nos mercados mais tensos, como os mercados escolar ou mundano, tende a se ampliar à medida que se alcançam as posições mais elevadas na estrutura social, ou seja, à medida que se amplia a frequência das ocasiões sociais em que se é submetido (desde a infância) a tais exigências e, portanto, quando se está em condições de adquirir praticamente os meios de satisfazê-las [...]. (BOURDIEU, 1996, p. 73 – grifo do autor).

Toda língua tem variantes mais prestigiadas do que outras, segundo Mollica (2004) são os estudos da sociolinguística que abordam o tema de forma valiosa no intuito de destruir os preconceitos linguísticos existentes e também contribuem para relativizar a noção de erro. Essas formas de expor as variantes consideradas mais prestigiadas deixam o pressuposto de que existem algumas formas não prestigiadas. Diante dessa abordagem, Appel e Muysken

(1996, p. 26) observam que “[...] a importância da língua se amplia pelo fato de ser empregada para sustentar outras experiências étnicas [...]”<sup>3</sup>, com isso emergem-se explicações para as variedades utilizadas.

As atitudes preconceituosas se tornam parte integrante do modo de ser do indivíduo que convive com esse impasse, pois ficam na mentalidade. Consoante Bagno (2003), é necessário um trabalho de conscientização do problema para desmascarar esses mecanismos que compõem o mito do preconceito. Sabe-se que essa tarefa não é fácil, mas deve ser contínua. Bagno (2003) ressalta que o pior dos preconceitos é aquele que se exerce contra si mesmo, e não o que é direcionado a uma outra pessoa. Dentro desse pensamento, pode-se, então, ver o preconceito como um fator duplo, que se encontra tanto em quem é preconceituoso, quanto na pessoa que sofre o preconceito, como é observado no estudo de Frosi, Faggion e Dal Corno (2007, p. 6):

[...] o preconceito é uma atitude negativa, por parte de um indivíduo, para com outro indivíduo ou grupo. Embora, possa soar redundante, pode-se afirmar que o preconceito reside na pessoa preconceituosa e, eventualmente, na vítima desse preconceito [...].

A linguagem também sofre com o preconceito, e isso se dá tanto na linguagem considerada padrão quanto na considerada popular, sendo que ambas estabelecem características aos seus usuários que muitas vezes podem não condizer com a realidade do falante. Diante desses preconceitos, Rajagopalan (2000) mostra que a luta contra tais preconceitos não pode se restringir a uma reforma linguística, mas deve se incorporar no cotidiano das pessoas, na sociedade, na comunidade linguística, observando que a visão do preconceito é absurda, e a linguagem, ao estar no dia a dia como algo comum das pessoas, automaticamente deixará de ser vista como preconceito, diminuindo seu valor negativo.

### **2.1.4 Noções de preconceito linguístico**

O preconceito linguístico geralmente é notado quando as pessoas pronunciam palavras e expressões de várias maneiras, sabe-se que cada região traz uma peculiaridade fonética na sua linguagem. Como Mey (1998) observa em seu estudo, no qual apresenta o sotaque estrangeiro sendo notado de forma negativa, isto é, usado contra o falante, esse fato parece se

---

<sup>3</sup> Na versão em espanhol: “[...] la importancia de la lengua se ve amplificada por el hecho de que se emplea para sostener otras experiencias étnicas [...]”.

tornar comum em locais menores, com pessoas não tão distantes uma das outras. Os membros individuais de uma sociedade percebem e sofrem um choque cultural, envolvendo diferenças de uso da língua. Fato que se justifica por considerar a sua língua como uma propriedade, neste caso, descontextualizada, e não podendo ser adequada aos seus novos interlocutores, surgindo, quase sempre o preconceito.

Por conta do preconceito, o falante vê uma construção de imagem negativa de si mesmo, e em consequência projeta a ideia de que o indivíduo preconceituoso cria uma figura negativa do migrante. Conforme Bagno (2003), é por existir esse preconceito acerca da fala que muitos deixam de utilizar seus direitos enquanto cidadãos. Eles não compreendem o que realmente é de direito deles e o que podem exigir. Essa dificuldade é acrescida pela complicada e específica linguagem usada em órgãos públicos, os quais não usam um vocabulário adequado ao se dirigir ao indivíduo que procura auxílio e, além disso, não esclarecem os direitos de que eles podem usufruir. Portanto, algumas questões linguísticas são problemas maiores ainda pela influência da sociedade e da política da região, que discriminam o falante desde sua situação de origem até o seu modo de expressão. Como é abordado em Bagno (2003, p. 42), ao dizer que esse fenômeno trata-se de:

[...] uma questão que não é lingüística, mas social e política – as pessoas que dizem *Cráudia*, *praca*, *pranta* pertencem a uma classe social desprestigiada, marginalizada, que não tem acesso à educação formal e aos bens culturais da elite, e por isso a língua que elas falam sofre o mesmo preconceito que pesa sobre elas mesmas, ou seja, sua língua é considerada “feia”, “pobre”, “carente”, quando na verdade é apenas *diferente* da língua ensinada na escola. (grifos do autor).

A sociedade vem a ser o elemento julgador, predizendo qual é o padrão de vida (*status*) do cidadão, e, conseqüentemente, o uso do prestígio da língua pelo falante, desde que o mesmo esteja enquadrado no perfil *dessa* sociedade. Por conseguinte, o preconceito linguístico é um preconceito que se origina de um preconceito social, ou seja, o preconceito está na pessoa e não no que ela diz, ou na forma como diz. No entanto, o preconceito existe tanto da fala quanto em determinadas classes sociais e, ainda assim, há preconceitos em algumas características de fala que acabam marcando as diferentes regiões, características essas que dizem sobre a comunidade de origem e a carga histórico-cultural do indivíduo.

Diante dessa visão, é percebido que o fenômeno linguístico existe por consequência da sociedade. É esta que dá espaço para que se realizem as observações do fator linguístico. Os fatores econômicos, sociais e culturais transparecem o conhecimento do falante e quem ele é, e a forma como ele se comunica traduz todo o seu aprendizado sobre o seu povo, a sua região.

Segundo Frosi (1998), em seu estudo sobre a linguagem oral da Região de Colonização Italiana<sup>4</sup> no sul do Brasil, mais precisamente na região Nordeste do Rio Grande do Sul, comenta o desprestígio que o dialeto italiano sofreu nessa região com a influência da própria sociedade que criou um desprestígio internalizado no indivíduo, afirmado pela citação: “concomitantemente ao desprestígio social da fala em dialeto italiano, causado por elementos extralingüísticos externos à RCI, há também o desprestígio enraizado no interior do próprio grupo étnico italiano regional [...]”. (FROSI, 1998, p. 162). Com isso, percebe-se que há uma prática linguística diferenciada na RCI, apontando uma superposição de regionalidades, nas quais o migrante se insere.

Já nos estudos de Bisinoto (2007) sobre as atitudes sociolingüísticas, em seus efeitos no processo migratório, realizada na região de Cáceres, no Mato Grosso, foi verificado que “[...] as formas lingüísticas estereotipadas indicam o enfraquecimento e prenunciam um possível desaparecimento do falar nativo [...]” (BISINOTO, 2007, p. 71). Com isso, esses sujeitos acabam se calando e não são mais o que eram, pois deixam de lado os costumes de seu povo, da sua origem, da sua cultura. Isso geralmente acontece com pessoas que são vítimas do preconceito e mudam seus hábitos pelo fato de serem *diferentes* dos demais.

Devido a tantas variedades de uso de uma determinada língua, há sempre uma variante vista como *correta* e, por conseguinte, outra como *incorreta*. Nesse sentido, Tarallo (1997, p. 12) observa que:

[...] Em geral, a variante considerada padrão é, ao mesmo tempo, conservadora e aquela que goza do prestígio sociolingüístico na comunidade. As variantes inovadoras, por outro lado, são quase sempre não-padrão e estigmatizadas pelos membros da comunidade [...].

As pessoas em geral têm domínio de mais de uma variedade linguística, assim o preconceito lingüístico pode ser contornado em algumas situações. É importante adequar à forma esperada para cada situação, encontro, ambiente, correspondendo ao patamar dos interlocutores. Segundo Lyons (1987, p. 205), é essencial possuir esse repertório linguístico e a noção de onde e quando usar: “[...] mais importante é o fato de que [...] uma pessoa pode ter diversas variantes dialetais em seu repertório e mudar de uma para outra de acordo com a situação em que se encontra [...]”.

---

<sup>4</sup> Região de Colonização Italiana = RCI

### 2.1.5 Estigma por Goffman<sup>5</sup>

Algumas características pessoais, como defeitos, fraquezas, desvantagens são vistas como estigmas, sendo que o indivíduo que possui esses atributos é percebido como “[...] uma pessoa estragada e diminuída [...]” (GOFFMAN, 1988, p. 12). Quando o indivíduo possui uma discrepância entre sua identidade social virtual e sua identidade social real, ele é deixado de ser considerado uma criatura comum. Mas, Goffman (1988, p. 13) diz que “[...] um atributo que estigmatiza alguém pode confirmar a normalidade de outrem, portanto ele não é, em si mesmo, nem honroso nem desonroso [...]”.

Então, os estigmas, consoante Goffman (1988), são abordados em três tipos: o primeiro pela abominação do corpo ou deformidades físicas; o segundo em virtude das culpas de caráter individual, crenças falsas e desonestidade; e por último, pelo estigma tribal de raça, nação e religião.

O estigmatizado pode usar de seu estigma para resolver problemas como romper com a realidade, e empregar interpretações não convencionais de seu caráter para a sua identidade social. Também se pode usar o estigma para *ganhos secundários*<sup>6</sup>, servindo de desculpa por algum fracasso chegado por outras razões. Há ainda a possibilidade de o estigmatizado observar as privações sofridas como uma bênção. Contudo, é abordado que a pessoa que procura se autoisolar, geralmente, tende a ser desconfiada, deprimida e hostil.

Os contatos com as outras pessoas, ou seja, os momentos em que os estigmatizados e os *normais*<sup>7</sup> estão na mesma situação social, são conhecidos como *contatos mistos*. Esses momentos são os que ambos os lados enfrentam as causas e efeitos do estigma, uma vez que pode ocorrer a incerteza do estigmatizado em saber se os demais identificarão as suas privações. Diante dessa situação, Goffman (1988, p. 23) aborda que “[...] surge no estigmatizado a sensação de não saber aquilo que os outros estão ‘realmente’ pensando dele”. (grifo do autor). Portanto, o estigmatizado pode imaginar o que enfrentará ao entrar em uma situação social mista, e, dessa forma, criar uma proteção antecipada para se defender, podendo vacilar muitas vezes entre o retraimento e a agressividade, mudando de uma para a outra. Sobre essa dificuldade tanto do estigmatizado quanto dos normais, Goffman (1988, p. 28) expõe que:

---

<sup>5</sup> GOFFMAN, Ervin. (1988).

<sup>6</sup> Termo utilizado por GOFFMAN (1988).

<sup>7</sup> Termo utilizado por GOFFMAN (1988) para diferenciar os indivíduos abordados no estudo.

É provável que, em situações sociais onde há um indivíduo cujo estigma conhecemos ou percebemos, empreguemos categorizações inadequadas e que tanto nós como ele nos sintamos pouco à vontade. Há, é claro, freqüentemente, mudanças significativas a partir dessa situação inicial. E, como a pessoa estigmatizada tem mais probabilidades do que nós de se defrontar com tais situações é provável que ela tenha mais habilidades para lidar com elas.

Goffman (1988) apresenta o fato de que quando uma pessoa com um estigma atinge uma alta posição social, financeira, política ou ocupacional pode vir a representar a sua categoria de estigmatizados. Com isso, o estigma passa a ser uma profissão, rompendo com o círculo fechado de seus iguais. Então, há dois grupos dos quais o estigmatizado pode esperar apoio, sendo o grupo daqueles que compartilham o seu estigma, isto é, os iguais; e o segundo é o grupo dos informados, isto é, aqueles que são normais, mas tem uma intimidade e simpatizam com a situação. As pessoas informadas podem obter essa característica por motivo de seu trabalho, em cuidar de pessoas com necessidades ou por ser um indivíduo que se relaciona com uma pessoa estigmatizada através da sociedade.

A socialização da vida do estigmatizado é percebida por fases. Uma delas é quando ele aprende e incorpora o ponto de vista dos *normais*, tendo uma noção do que é ter um estigma pela visão da sociedade. Outra fase é quando ele aprende que possui um estigma particular. Já uma terceira fase é quando ele se tornar estigmatizado numa fase avançada da vida, esse último geralmente “[...] o mais comum é o de desvantagens físicas que ‘surgem inesperadamente’ quando se é mais velho”. (GOFFMAN, 1988, p. 44 – grifo do autor). Uma quarta fase, e pode-se considerar a mais relevante para a pesquisa desta dissertação, é:

ilustrado por aqueles que, inicialmente, são socializados numa comunidade diferente, dentro ou fora das fronteiras geográficas da sociedade normal, e que devem, portanto, aprender uma segunda maneira de ser, ou melhor, aquela que as pessoas à sua volta consideram real e válida. (GOFFMAN, 1988, p. 44-45).

Existem símbolos que podem confirmar aquilo que outros signos dizem sobre a pessoa estigmatizada. Esses símbolos podem ser de *prestígio*, neste caso geralmente indica posição social (médicos, advogados, engenheiros, etc.) ou podem ser de *estigma*, indicando uma deficiência que desperta a atenção sobre uma discrepância da identidade. Já os símbolos *desidentificadores* são os que lançam dúvidas quanto à identidade. Para uma diferenciação pode-se observar que “[...] os signos não permanentes, usados apenas para transmitir informação social, podem ou não ser empregados contra vontade do informante; quando o são, tendem a ser símbolos de estigma [...]”. (GOFFMAN, 1988, p. 56).

Sobre a visibilidade, Goffman (1988) observa como um fator crucial. À medida que o estigmatizado entra em contato com outros levará ao fato de seu estigma ser conhecido, isto é,

se ele for muito visível. E, quando um estigma é pouco perceptível, precisa-se observar até onde ele interfere na interação. Pode-se citar, como exemplo, o fato de uma pessoa usar uma cadeira de rodas em uma reunião em que todos estejam sentados, isso será despercebido, porém uma pessoa com dificuldades para falar, na mesma situação, se discursar logo será detectado o seu defeito.

A identidade pessoal oferece uma ideia de unicidade, diferenciando um indivíduo de todos os outros na essência de seu ser, mesmo que muitos possam ser parecidos, cada um possui uma característica que o diferencia. Em suma, Goffman (1988, p. 67) refere-se que:

[...] A identidade pessoal, então, está relacionada com a pressuposição de que ele pode ser diferenciado de todos os outros e que, em torno desses meios de diferenciação, podem-se apegar e entrelaçar, como açúcar cristalizado, criando uma história contínua e única de fatos sociais que se torna, então, a substância pegajosa à qual vêm-se agregar outros fatos biográficos. O que é difícil de perceber é que a identidade pessoal pode desempenhar, e desempenha, um papel estruturado, rotineiro e padronizado na organização social justamente devido à sua unicidade.

Alguns estigmas são importantes, como o das prostitutas, dos homossexuais, dos mendigos e dos viciados em drogas, pois exigem cuidado reservado do indivíduo. Porém, esse encobrimento, nem que seja secreto pode ser conhecido por algumas pessoas, assim, lançando dúvidas sobre esse indivíduo. Diante dessa abordagem de encobrimento, os sujeitos pesquisados nesta dissertação demonstram uma identidade pessoal análoga exposta por Goffman (1988, p. 89), de forma que:

Quando um indivíduo deixa uma comunidade após haver residido nela por alguns anos, ele deixa atrás de si uma identificação pessoal, não raro presa a uma biografia bem circunstanciada que inclui suposições sobre como ele provavelmente “acabará”. Em sua comunidade atual, o indivíduo dará margem, também, a que outros componham uma biografia sua, um retrato completo que inclui uma versão do tipo de pessoa que ele era e do meio ambiente do qual ele saiu. Evidentemente podem surgir discrepâncias entre esses dois conjuntos de conhecimentos sobre ele; pode-se desenvolver algo semelhante a uma dupla biografia, à medida que aqueles que o conheceram e os que o conhecem agora pensam conhecer o homem em sua totalidade. (grifo do autor).

Esse fenômeno de encobrimento faz com que a pessoa se sinta dividida entre duas lealdades. “Ela sentir-se-á um pouco alienada de seu novo ‘grupo’ porque provavelmente não se identificará de maneira completa com a sua atitude em relação aos membros da categoria a que pertencia [...]”. (GOFFMAN, 1988, p. 98-99 – grifo do autor). A pessoa que se encobre, geralmente, deverá estar atenta aos aspectos das situações sociais a que outras pessoas conhecem como inesperados.

O indivíduo cria a identidade do *eu* a partir do que as outras pessoas já construíram da sua identidade pessoal e social. Ao considerar a estigmatização, a identidade pessoal permite considerar o papel de controle da informação no efeito de manipulação do estigma. E os conselhos dados ao estigmatizado tendem a se referir à parte de sua vida que lhe traz vergonha, a qual considera mais privada, onde ficam escondidas as suas feridas, ficando dessa forma, reavivadas, expostas.

Para os *normais* Goffman (1988, p. 127) oferece uma sugestão para lidar com os estigmatizados, que consiste numa visão de que:

Os normais não têm, na realidade, nenhuma intenção maldosa; quando o fazem é porque não conhecem bem a situação. Deveriam, portanto, ser ajudados, com tato, a agir delicadamente. Observações indelicadas de menosprezo e de desdém não devem ser respondidas na mesma moeda. O indivíduo estigmatizado deve não prestar atenção a elas ou, então, fazer um esforço no sentido de uma reeducação complacente do normal, mostrando-lhe, ponto por ponto, suavemente, com delicadeza, que, a despeito das aparências, é, no fundo, um ser humano completo.

Na identidade do estigmatizado, a sociedade atribui que ele é um membro de um grupo humano normal, mas também que ele é de certa forma *diferente*, sendo absurdo não observar essa diferença. Assim, as normas de identidade abarcam tanto desvios quanto conformidades. As soluções apresentadas por Goffman (1998) são categorias de pessoas da sociedade que sustentam as normas, e uma outra solução se refere ao indivíduo que não pode manter uma norma de identidade, a fim de separar-se da comunidade que sustenta essa norma. Não é uma solução fácil, tanto para a sociedade quanto para o indivíduo estigmatizado, mas não se mostra impossível.

### **2.1.6 Língua observada pelo prestígio**

O valor da língua prestigiada está correlacionado ao valor da língua padrão, mas esses valores são vistos de acordo com a sociedade e a situação socioeconômico-cultural em que estão os falantes. Logo, se há uma língua prestigiada é porque há uma língua desprestigiada. Segundo Mey (1998), a língua padrão tem um valor que depende da sua descontextualização, o que é explicado por representar o valor absoluto, tendo ao mesmo tempo, na realidade, nenhum valor concreto, visto que na fala a língua padrão geralmente é esquecida, dando espaço para as particularidades de fala de cada região.

O prestígio encontrado na língua tem uma grande ligação com as *normas*, porquanto a norma é a realização da língua em um grupo social, no qual todos estão submetidos e

obedecem aos critérios sem sentir essa posição. Leite (1999, p. 181) assevera que “a *norma* é resultado do *uso lingüístico* de um dado segmento social e esse *uso*, por tradicional, é preservado e varia de acordo com as possibilidades de realização que o usuário faz da língua [...]”. (grifos da autora).

Então, discute-se a ideia de *norma culta*, a qual é requisitada pelo caráter de formalidade da comunicação mais do que pela fala ou escrita. Consoante Antunes (2007) o conceito de *norma culta* tem ligação aos usos adequados da língua conforme seus contextos de uso, seja oral, seja escrito, podendo ocorrer variações. Assim, Antunes (2007, p. 87) mostra o que é a *norma culta*:

*A norma culta*, na compreensão tradicionalmente veiculada pela escola, corresponde àquele falar tido como “modelar”, como “correto”, segundo as regras estipuladas nas gramáticas normativas. Constitui, portanto, a representação do que seria o falar exemplar – aquele “sem erros” – por isso mesmo, o mais prestigiado socialmente. (grifos da autora).

Com essa ideia observa-se que a literatura é um referencial para a *norma culta*, apesar disso outras atividades que trabalham com a linguagem também podem ser consideradas referenciais, como a administração pública, os trabalhos científicos, a imprensa em geral, entre outros que utilizam essa forma constantemente. Diante dessa explanação emerge a noção de *norma ideal*, por Antunes (2007) ela corresponde ao formato de norma pensada, prevista e proposta, isto é, uma norma representativa dos usos da língua em que se pondera a forma culta, não passando de uma idealização. O que realmente acontece com o uso da língua está na noção de *norma culta real*:

*A norma culta real*, no entanto, corresponde àqueles usos que são *fato, ocorrência*; isto é, aqueles que podem ser atestados como concretamente realizados, em diferentes suportes em que se expressam cientistas, escritores, repórteres, cronistas, editorialistas, comentaristas, articulistas, legistas e outros “istas” da comunidade encarregada da informação pública e formal [...]. (ANTUNES, 2007, p. 93 – grifos da autora).

Essas noções de uso correto da língua, geralmente, são espelhadas em pessoas que ocupam posições elevadas, uma vez que são exigências para obter tais posições na sociedade. Paiva e Scherre (1999, p. 219) abordam esse ponto, mostrando que “[...] as variantes lingüísticas prestigiadas predominam entre falantes mais bem cotados no mercado ocupacional, mais expostos à mídia e mais atentos às diferenças de linguagem”.

A sociedade, a comunidade, enfim, o grupo de habitantes são os espaços onde as línguas são vistas como prestigiadas ou desprestigiadas, como é observado na pesquisa de

Frosi, Faggion e Dal Corno (2007). Essa pesquisa mostra que a língua de prestígio é vista como mais bonita, mais expressiva, mais lógica, enquanto a língua desprestigiada, considerada minoritária, tende a ser empobrecida, rude, vulgar, e com isso sendo motivo de ataque. Dessa maneira, os falantes de uma variedade linguística não percebida como *correta* sofrem os mesmos preconceitos que são atribuídos à língua desprestigiada que falam.

Se a sociedade dita o que é regra na fala, os contextos de uso também fazem parte dessa visão. Segundo Lopes (2003), o discurso tem a ver com os lugares e as pessoas, pois todo discurso provém de alguém que tem suas marcas, suas raízes, que o especificam e o localizam na vida social, e é pelo discurso que se obtém características e peculiaridades das falas regionais. Logo, o indivíduo acaba tendo consciência de sua língua ser ou não prestigiada, sobre esse aspecto Appel e Muysken (1996, p. 35) expõem que “os membros dos grupos sem prestígio social ou de minorias lingüísticas parecem ser perfeitamente conscientes do fato de que certas línguas, as sem prestígio ou línguas minoritárias, não são úteis para conseguir mobilidade social ascendente [...]”<sup>8</sup>.

Ao perceber que cada migrante traz um pouco de sua origem na fala, emerge, então, que a língua prestigiada é aquela que segue as regras de onde o falante se encontrava, mas, se ele não estiver junto ao seu grupo social, acabará sofrendo dificuldades com o novo grupo, embora em cada grupo social há uma forma vista como padrão. Coseriu (1992) aborda que tanto as regras de correção como as normas de aceitabilidade são apenas partes para o falar. Assim, é o falar que indica o que é correto ou aceitável ou ambos, ou seja, as regras e as normas são integrantes da competência comunicativa. Dessa forma, o falante sabe distinguir que tal ou qual coisa é possível e quando não é aceitável ou quando não é usual.

O falante precisa saber mediar os seus hábitos, adequar seus usos linguísticos tendo presente os propósitos das situações comunicativas, reconhecendo as diferenças que ocorrem de uma região para outra. Com frequência a língua padrão é considerada a língua falada por uma elite social, econômica e intelectual e que acompanha a língua escrita (PILLA, 2002), porém essa língua prestigiada também sofre preconceitos e tabus. Ainda que essa seja vista com maior prestígio, não deixa de ter um lado que não é aceito por *alguns*. Assim, a língua prestigiada visiona a língua escrita, mas a língua escrita não representa a língua em seu estágio mais recente, uma vez que as modificações vão acontecendo nas necessidades de fala. Embora, a língua padrão seja elaborada como o registro escrito, e o que se toma como

---

<sup>8</sup> Na versão em espanhol: Los miembros de los grupos sin prestigio social o de minorías lingüísticas parecen ser perfectamente conscientes del hecho de que ciertas lenguas, las lenguas sin prestigio o lenguas minoritarias, no resultan útiles para conseguir movilidad social ascendente [...].

prestígio é a norma culta, a língua na realidade é feita de muitas diferenças, pelas diversidades de povos e de culturas que convivem incessantemente no território brasileiro.

Ao ter em mente essa concepção de que a língua tem variantes consideradas com prestígio, e, conseqüentemente, variantes vistas como desprestigiadas é o estudo da sociolinguística que vai contribuir na relativização de erro e de preconceito acerca dos usos da língua. Mollica (2004, p. 13) faz uma observação importante:

Toda língua portanto apresenta variantes mais prestigiadas do que outras. Os estudos sociolinguísticos oferecem valiosa contribuição no sentido de destruir preconceitos linguísticos e de relativizar a noção de erro, ao buscar descrever o padrão real que a escola, por exemplo, procura desqualificar e banir como expressão linguística natural e legítima.

A variante prestigiada está associada a grupos sociais bem vistos, que possuem posições invejadas. Monteiro (2000, p. 62) menciona essa ligação de prestígio e posição social, mostrando que “uma variante em geral adquire prestígio, se for associada a um falante ou grupo social de *status* considerado superior. E, com isso, tal como se verifica na moda, pode passar a ser imitada por outras pessoas de classe inferior”. (grifo do autor).

Bourdieu (1996) considera que as pessoas que possuem posições elevadas precisam ter uma capacidade de produzir e apropriar seu discurso conforme o público. Dessa forma, haverá uma maior valorização de seu produto, por exemplo, pensando no mercado de capitais simbólicos, de forma que o alvo será atingido, mas isso só acontece se ocorrer uma noção de interação.

### **2.1.7 Diante do preconceito ou do estigma?**

As ideias de preconceito e estigma sempre andam juntas, posto que não há como utilizar uma sem reportar a outra. Além disso, muitos migrantes não reconhecem onde começa um e termina o outro. Primeiramente se observa que o estigma fica marcado na pessoa, como uma cicatriz, uma tatuagem, o uso de cadeira de rodas, aparelhos de audição, etc. O estigma é mais visível, ele está presente como uma característica da pessoa. A origem do termo *estigma* vem dos gregos, mostrando que eram as marcas feitas nos escravos com ferro em brasa, para que isso permanecesse vivo na memória.

Essas posições e lembranças fazem com que se crie um padrão do que se diz *normal*, dessa forma, algumas pessoas podem ficar de fora desse círculo e, assim, são vistas como

diferenciadas. Antunes (2007, p. 94) trata sobre essas pessoas, as quais não estão de acordo com o que é pré-determinado, mostrando que “[...] todos aqueles velhos pecados voltam a ser cometidos: os que ficam fora do padrão não são apenas *diferenciados*; são também *inferiorizados, desprestigiados* [...]”. (grifos da autora). A análise da posição de inferioridade é corroborada por Bourdieu (1996, p. 102):

[...] Todos os destinos sociais, positivos ou negativos, consagração ou estigma, são igualmente *fatais* – quero dizer mortais – porque encerram aqueles assim distinguidos nos limites que lhe são atribuídos, impondo-lhes o reconhecimento de tais limites [...]. (grifo do autor).

O estigma é mais marcante que o preconceito. As peculiaridades que são carregadas pelos migrantes os fazem *diferentes*, mas não estigmatizados, muitas vezes os diferenciais só aparecem quando o migrante aborda os mesmos. Assim, o que pode ser notado em algumas entrevistas são somente aspectos preconceituosos, vindos de má informação, mas que pouco afetam o migrado, o qual não carrega essas diversidades como problema. Goffman (2004, p. 21) apresenta uma ideia mais ampla acerca dessa questão, salientando que “[...] a sociedade está organizada tendo por base o princípio de que qualquer indivíduo que possua certas características sociais tem o direito moral de esperar que os outros o valorizem e o tratem de maneira adequada [...]”.

A comunicação na vida das pessoas é fator essencial, isto é, pelo uso da língua que se obtêm as necessidades, e também é por ela que se conquistam os espaços desejados. Essa noção é apresentada por Vogt (1989, p. 81) onde “as diferenças sociais resolvem-se na língua por uma necessidade comum a todos os homens, a necessidade de comunicar [...]”. Diante dessa exposição, não será o preconceito ou o medo do preconceito um problema para a comunicação. Segundo Monteiro (2000) as atitudes ou crenças frente aos fenômenos linguísticos dependem do grupo social, pois uma variante pode sofrer estigmas da classe dominante, porém se for um símbolo de identificação do grupo, poderá adquirir prestígio, de maneira que no futuro seja imitado.

As diferentes formas de utilizar a língua podem ser alvo de falatórios ou de atribuições erradas de valores. Mesmo o sotaque ou som, são alvos de percepções diferenciadas das pessoas que não estão acostumadas com as diferentes formas. Conforme Lyons (1987, p. 203) esses detalhes da fala são notados, pois “[...] certas diferenças fonéticas entre sotaques podem ser estigmatizadas pela sociedade, da mesma forma como certas diferenças lexicais e gramaticais entre dialetos o são [...]”. Monteiro (2000, p. 63) faz uma observação semelhante

a anterior, mostrando que “um dos preconceitos mais fortes numa sociedade de classes é o que se instaura nos usos da linguagem [...]”, a noção de usos da linguagem pode ser identificada em todos os níveis linguísticos, ou seja, fonológico, lexical, sintático, apontando que há distância entre as classes.

Diante dessa exposição, consoante Monteiro (2000) emerge a noção que a variação linguística pressupõe valoração social, assim, as variantes empregadas por falantes de estratos mais baixos geralmente sofrem algum tipo de preconceito. Assim, o preconceito é tanto mais forte quanto maior for a identificação com a classe discriminada. No entanto, na proporção em que a variação for sendo usada por outros grupos, o preconceito pode diminuir até acaba completamente, isso se a variante for aceita pela classe dominante. Bisinoto (2007, p. 69-70) mostra as lições da escola, porquanto que “outro fator que parece determinante do estigma é a noção de correção lingüística disseminada principalmente pela escola [...] a escola, [...] sentença o que é certo ou errado na língua, o que pode e o que não pode ser dito e como se deve falar ou escrever [...]”.

A prática linguística geralmente vem associada com algum valor social, Bourdieu (1996, p. 54) argumenta sobre esse ponto, afirmando que “[...] a prática lingüística comunica inevitavelmente, além da informação declarada, uma informação sobre a maneira (diferencial) de comunicar, isto é, sobre o *estilo expressivo* [...] a que se concede um valor social e uma eficácia simbólica”. (grifo do autor). O uso da língua tem grande base na valoração social atribuída, com isso, os discursos são preocupados em dizer bem, falar corretamente, corresponder aos ideais de seu interlocutor, essas precauções são exigidas por um mercado, como menciona Bourdieu (1996). Assim, ocorre de um lado o que deve ser dito e de outro pode aparecer a censura ao que foi dito, então, conforme as posições vão se elevando, também cresce o grau de censura.

## **2.2 Aspectos que contribuem para o desenvolvimento da pesquisa**

Entre as censuras mais eficazes e mais bem-dissimuladas situam-se aquelas que consistem em excluir certos agentes da comunicação, excluindo-os dos grupos que falam ou das posições de onde se fala com autoridade. Para dar conta do que se pode ou não dizer em um grupo, é preciso levar em consideração tanto as relações de força simbólica que se estabelecem em seu interior, deixando alguns indivíduos sem condições de falar [...] ou obrigando-os a conquistar à força seu direito à palavra, como as próprias leis de formação do grupo [...] que funcionam como uma censura prévia. (BOUDIEU, 1996, p. 133).

### 2.2.1 Algumas observações sobre cultura

O conceito de cultura é visto como um termo muito complexo. Geralmente a cultura se desenvolve através da região, e ambas podem sofrer diferenças pelas condições em que se encontram. Burke (2003) aponta para a visão de que as culturas de hoje são heterogêneas e híbridas, sendo que há algumas misturas, seja pela constante migração de pessoas, seja pela mudança das gerações, as quais vão mudando os costumes e deixando outros de lado.

Cultura é percebida como uma das palavras mais complexas da língua, na visão de Eagleton (2005). Para esse termo há muitas explicações, dessa forma, cultura pode estar associada tanto ao determinismo orgânico quanto à autonomia de espírito. Assim, Eagleton (2005), que analisa uma determinada visão de cultura, aborda vários fatores, podendo a cultura ser ligada ao social ou ao pessoal, uma vez que é notada pelo desenvolvimento total e harmonioso da personalidade, logo, as pessoas precisavam viver numa sociedade para presenciar isso. Portanto, há para Eagleton (2005, p. 15), direções opostas:

[...] a palavra “cultura” está voltada para duas direções opostas, pois ela pode também, sugerir uma divisão dentro de nós mesmos, entre aquela parte de nós que se cultiva e refina, e aquilo dentro de nós, seja lá o que for, que constitui a matéria-prima para esse refinamento [...]. (grifo do autor).

Com os estudos de Eagleton (2005), vê-se que a cultura pode ser mostrada como um conjunto de costumes produzidas pela história, e dentro dessa é que ela age. Então, a cultura também é a vida civilizada, as crenças e as predileções realçadas como certas, as quais precisam estar presentes para que as pessoas sejam capazes de agir. O autor com base no estudo de T.S. Eliot aponta que a cultura não é apenas um modo de vida, porém o modo inteiro de vida de um determinado povo, partindo do nascimento e acompanhando até a morte, vivendo todos os momentos dos indivíduos, compreendendo da manhã até a noite, e também durante o sono.

No mesmo estudo aparecem dois significados de cultura observados por T.S. Eliot “[...] socialmente distribuídos: a cultura como um corpo de obras artísticas e intelectuais é o domínio da elite, ao passo que a cultura no seu sentido antropológico pertence às pessoas comuns [...]”. (EAGLETON, 2005, p. 167). Dessa mesma forma, Eagleton (2005, p. 184) expõe como a cultura está próxima das pessoas:

A cultura não é unicamente aquilo de que vivemos. Ela também é, em grande medida, aquilo para o que vivemos. Afeto, relacionamento, memória, parentesco, lugar, comunidade, satisfação emocional, prazer intelectual, um sentido de

significado último: tudo isso está mais próximo, para a maioria de nós, do que cartas de direitos humanos ou tratados de comércio [...].

Segundo Eagleton (2005, p. 10) o conceito de cultura adquiriu diferentes vertentes, visto que “‘cultura’ denotava de início um processo completamente material, que foi depois metaforicamente transferido para questões de espírito”. (grifo do autor). Essas novas menções para cultura são tratadas por García Canclini (2003a, p. 56-57), apontando que em diferentes épocas, a cultura assumia diferentes posições:

[...] Entre os anos de 60 e 80 do século XX, os estudos sócio-semióticos, e com eles a antropologia, a sociologia e outras disciplinas, foram estabelecendo que a cultura designava os processos de produção, circulação e consumo da significação na vida social. [...] Também tem a virtude de mostrar a cultura como um processo no qual os significados podem variar.

Ao compreender a cultura de um povo, se pode notar a sua particularidade, havendo uma série de características para a interpretação cultural. Contudo, na abordagem de Geertz (1989), a cultura não é um poder, ou algo que possa ser atribuído de forma casual aos acontecimentos sociais, aos comportamentos, às instituições ou aos processos; ela está no *contexto* disso, sendo descritos com densidade. Diante dessa perspectiva, pode-se estabelecer como um acontecimento social o uso da fala de uma comunidade, ou seja, a fala, nesse caso, é um fator que determina a sociedade em que está se realizando uma pesquisa.

A cultura é uma atribuição de significados, de forma que ela só existe quando tem um determinado sentido, uma vez que sem significação não existiria cultura. Para essa necessidade Geertz (1989, p. 24) afirma que a cultura não se dá ao acaso, ela é estruturada em contextos:

[...] a cultura não é um poder, algo ao qual podem ser atribuídos casualmente os acontecimentos sociais, os comportamentos, as instituições ou os processos; ela é um contexto, algo dentro do qual eles podem ser descritos de forma inteligível – isto é, descritos com densidade.

Para que a cultura tenha uma estrutura é preciso que as pessoas, a sociedade e o meio deem uma noção de significação para a mesma. Nos estudos de Geertz (1989) o conceito de cultura pode ser apresentado pela interpretação que as pessoas dão a determinados gestos que podem ser identificados com certas culturas. O conceito de cultura pode possuir vários enfoques, tanto que cada pessoa pode interpretar um determinado gesto de uma forma, ou seja, de acordo com a cultura que está habituada. Diante disso, são lançadas várias hipóteses que podem interpretar um mesmo fato, uma mesma situação, o que vai mudar são os

conhecimentos de cada pessoa em relação à sociedade em que essa situação está sendo realizada.

Há uma busca por uma interpretação e os sentidos de *cultura*, seguindo essa linha, Geertz (1989) aborda que o conceito de cultura pode ser uma interpretação do que se dá a respeito de alguma coisa. Logo, a cultura são os significados tecidos pelo homem, ou seja, as interpretações que ela oferece para as coisas. Para cada pessoa, partindo de sua interpretação, o significado de cultura está inteiramente ligado com a sua vida. O autor quando se refere às teias de significados de Max Weber conclui que o homem está amarrado a uma teia de significados que foi construída pelos seus conhecimentos, isto é, suas interpretações. Então, cultura, para Geertz (1989), é essa teia feita pelo homem com suas análises, posto que as relações realizadas dão sentido ao resultado encontrado.

Em torno do conceito de *habitus* trabalhado por Bourdieu, Cuche (2002) faz algumas referências, apresentando o trabalho de Bourdieu acerca da cultura como um sentido restrito e clássico, ou seja, aos produtos simbólicos mais valorizados socialmente, geralmente com uma forte ligação à área das letras e das artes. Cuche (2002, p. 171-172) lembra que “[...] o *habitus* é o que caracteriza uma classe ou um grupo social em relação aos outros que não partilham das mesmas condições sociais [...]”. Diante disso, mostra que o *habitus* é o que permite aos indivíduos se orientarem no espaço social em que se encontram e assim, muitas vezes, adotando práticas de acordo com os vínculos sociais.

Há, entretanto, uma diferenciação entre a cultura objetiva e a cultura subjetiva percebida por Santos (2005, p. 162), sendo cada uma delas observada de um modo diferente:

[...] conflito entre o trabalho particular e local, e entre o trabalho geral e global, é a base de um *choque* entre a cultura objetiva, imposta de fora e obediente aos constrangimentos da produção direta, suas técnicas e normas, e a cultura subjetiva, inspirada de dentro de cada um por considerações mais amplas, cultura que é tanto maior e mais intensa quanto maiores sejam as possibilidades de ação comunicativa [...]. (grifo meu).

Por essa distinção entre cultura objetiva e subjetiva pode-se remeter a definição de cultura objetiva ao povo que tem uma cultura precária, isto é, condições de vida dificultadas, pessoas com pouco conhecimento, que recebem pouca informação. Já a cultura subjetiva acaba sendo a cultura de pessoa com poderes aquisitivos, com possibilidades de viver sem dificuldades sociais, que tem uma visão do *global*<sup>9</sup> e pode fazer e realizar os seus desejos pessoais, sem a interferência de problemas. Diante dessa diferença, pode-se pensar na

---

<sup>9</sup> Palavra utilizada na citação de Santos (2005), com o mesmo teor de significação.

adaptação de um migrante em uma nova região, pelos dois lados, quer da cultura objetiva, quer da cultura subjetiva.

Hall (2005) aponta o fato de que a identidade cultural só se põe em questão quando se encontra em crise. O autor observa que a identidade cultural não é unificada, completa ou segura, valendo-se de que as sociedades modernas são mudadas de forma constante e rápida. E, para a cultura nacional, Hall (2005) expõe que por mais diferentes que sejam os membros, a cultura no âmbito nacional tenta unir todos em um mesmo plano de identidade cultural, a fim de representar uma grande cultura nacional, assim, nota-se como as identidades nacionais contribuem para tecer as diferenças que compõem uma identidade.

Para basear o estudo desta dissertação, surge a visão que Hall (2005) aborda da questão de pessoas que saíram de sua região e já fazem parte de outra, referindo-se à mudança e transição de identidade que se estabelece nesse percurso. Segundo Hall (2005, p. 88-89), essa pessoa terá várias identificações com as suas origens e a sua antiga cultura:

[...] formação de identidade que atravessam e intersectam as fronteiras naturais, compostas por pessoas que foram *dispersadas* para sempre de sua terra natal. Essas pessoas retêm fortes vínculos com seus lugares de origem e suas tradições, mas sem a ilusão de um retorno ao passado. Elas são obrigadas a negociar com as novas culturas em que vivem, sem simplesmente serem assimiladas por elas e sem perder completamente suas identidades. Elas carregam os traços das culturas, das tradições, das linguagens e das histórias particulares pelas quais foram marcadas. A diferença é que elas não são e nunca serão *unificadas* no velho sentido, porque elas são, irrevogavelmente, o produto de várias histórias e culturas interconectadas [...]. (grifos do autor).

Observa-se que o conceito de cultura é relacionado pela sociedade, ou seja, por um grupo de pessoas que pensam em determinadas concepções, de formas parecidas. Na pesquisa, o fato de uma pessoa mudar de região, uma das primeiras impressões de diferença se deve ao fato de encontrar outra forma de falar no novo local. Com isso, se percebe que a cultura pode ser definida, também, pela fala, a qual pode aproximar os que falam da mesma forma e distanciar os que não estão enquadrados.

Então, uma cultura pode ser diferente da outra e, ao pensar em uma pessoa que mudou de cultura, surge o encontro de culturas diferentes, pois o migrante vem de uma cultura para outra. Dessa maneira, a pessoa que migrou para uma nova região terá uma cultura híbrida, isto é, uma terceira cultura, por conseguinte ela terá conhecimentos e fará aplicações ora de sua primeira cultura, obtida na sua terra de origem, ora de sua segunda cultura, do local onde se encontra. Assim, vivendo uma terceira cultura, na qual se ocupa um pouco de cada cultura conhecida. Nessa mesma linha de combinação García Canclini (2003b, p. XIX) percebe a

noção de processos híbridos como: “parto de uma primeira definição: *entendo por hibridação processos socioculturais nos quais estruturas ou práticas discretas, que existiam de forma separada, se combinam para gerar novas estruturas, objetos e práticas [...]*”. (grifos do autor). Dessa forma, os migrantes conhecendo duas formas diferentes de cultura poderão constituir uma terceira forma, isto é, uma terceira cultura.

Paviani (2004a) apresenta a cultura como a ação humana e seu reflexo, percebendo dessa forma a relevância dos aspectos éticos e estéticos nos processos culturais. O autor percebe a cultura como algo coletivo, jamais individual, uma vez que ela serve para a ligação das pessoas. Assim, a cultura “[...] por origem e essência, é obra coletiva, situa-se no tempo e no espaço de cada grupo ou comunidade e no conjunto da sociedade. Disso, igualmente, decorre que ela é comunicação com os outros, unidade constituída pela multiplicidade [...]”. (PAVIANI, 2004a, p. 76).

As culturas dependem uma da outra para sobreviver, são os diferenciais que as fazem existir, pois nesse ponto se vê um motivo para a sua realização. A cultura é comum em todas as pessoas independentemente de sua posição social, uma vez que ela está no cotidiano, nas atividades que podem ser vistas como banais, mas que são renovadas a todo instante.

### **2.2.2 A identidade relacionada ao migrante**

No estudo de Lopes (2003), a identidade social pode ser percebida nos locais frequentados pelo indivíduo, onde ele expõe o que conhece, o que sabe, suas opiniões, e também, pela forma como se expressa, pode-se determinar suas características, as quais o fazem uma pessoa diferente, com pensamentos próprios, os quais são relacionados com princípios de alguns grupos sociais. Assim, entende-se, na visão do autor, que a identidade social só é possível perante a sociedade, pois o indivíduo só é tal através do meio social, Lopes (2003, p. 20) expressa esse fato pela visão das práticas discursivas:

[...] aquilo que a pessoa é, ou sua identidade social, é exatamente o que é definido nos e pelos discursos que a envolvem ou nos quais ela circula e, [...] a constroem, ainda que tais discursos possam ser combinados e ambíguos [...] identidade social, [é] compreendida como construída em práticas discursivas, e que não tem nada a ver com uma visão de identidade como parte da natureza da pessoa, ou seja, identidade pessoal, nem com sua essência nem com um si-mesmo unitário [...].

Então, segundo Lopes (2003), as identidades sociais são interpretadas como traços identitários que coexistem, o que, de certa forma, contribui na diferença de uma pessoa

consoante a outra. Penna (1998) faz referência à identidade social como relacionada ao meio social, sendo que sem este não é permitida uma identificação. A identidade social, portanto, é a identidade obtida pela posição do indivíduo no mundo social, sendo vinculada ao reconhecimento de características que o compõem enquanto pessoa e como agente no espaço de um grupo de pessoas que possuem o mesmo julgamento, ou julgam determinados assunto com preceitos equivalentes.

A identidade é reconhecida apenas quando se encontra em confronto com outras, esse conflito é que faz surgir a real identidade das pessoas, isso acontece com muita frequência com os migrantes que foram entrevistados para o presente estudo. Brandão (1986) ao pesquisar a identidade indígena, percebeu que quando a pessoa se reconhece ela tem ideia de sua identidade. O autor notou que os acontecimentos da vida das pessoas geram nela uma formação de sua imagem, ainda que lenta, mas é uma imagem que aos poucos se estrutura acrescentada com as experiências vividas com as diferentes pessoas. Brandão (1986, p. 42) ressalta o confronto dessa identidade, apontando práticas indígenas, mas que podem ser associadas a qualquer grupo social, confere-se:

[...] as identidades são representações inevitavelmente marcadas pelo confronto com o outro; por se ter de estar em contato, por ser obrigado a se opor, a dominar ou ser dominado, a tornar-se mais ou menos livre, a poder ou não construir por conta própria o seu mundo de símbolos e, no seu interior, aqueles que qualificam e identificam a pessoa, o grupo, a minoria, a raça, o povo [...].

Nessa pesquisa, a migração é vista como produtora de identidades plurais e, também, de identidades contestadas, num processo que é delimitado pelas desigualdades, visto que Woodward (2000, p. 21) observa que “[...] a migração é um processo característico da desigualdade em termos de desenvolvimento [...]”. Assim, as diferenças encontradas são percebidas como diferentes identidades:

As identidades são fabricadas por meio da marcação da diferença. Essa marcação da diferença ocorre tanto por meio de sistemas simbólicos de representação quanto por meio de formas de exclusão social. A identidade, pois, não é o oposto da diferença: a identidade depende da diferença. Nas relações sociais, essa forma de diferença – a simbólica e a social – são estabelecidas, ao menos em parte, por meio de sistemas classificatórios [...]. (WOODWARD, 2000, p. 39-40)

Ao final de sua pesquisa Woodward (2000) expõe que a subjetividade acaba sugerindo a noção que se tem do *eu*, uma vez que esse termo – subjetividade – envolve desde os pensamentos e emoções conscientes até ao inconsciente, constituindo quem somos. A subjetividade, então, interligada com a linguagem e a cultura, apresenta a experiência

conhecida pelo indivíduo, assim como, a identidade que ele adotou. Diante disso, Woodward (2000, p. 55) deixa transparecer que “[...] as posições que assumimos e com as quais nos identificamos constituem nossas identidades [...]”.

A noção de identidade compreende também a noção de diferença, posto que estão relacionadas de forma muito próximas, consoante Silva (2000, p. 75) “[...] assim como a identidade depende da diferença, a diferença depende da identidade. Identidade e diferença são, pois, inseparáveis”. Para o autor, a identidade e a diferença estão ligadas, pois elas são produzidas, não sendo coisas do mundo natural, ou mesmo, do mundo transcendental, de forma que elas pertencem ao mundo cultural e social. Segundo Silva (2000) são as pessoas que fazem suas identidades e diferenças, em função do contexto cultural e social em que se inserem, portanto, tanto identidade, quanto diferença, nascem dos aspectos culturais e sociais. Então, são possíveis o encontro do hibridismo com a identidade, de maneira que a identidade é percebida, também, pelo âmbito híbrido:

[...] Na perspectiva da teoria cultural contemporânea, o hibridismo – a mistura, a conjunção, o intercurso entre diferentes nacionalidades, entre diferentes etnias, entre diferentes raças – coloca em xeque aqueles processos que tendem a conceber as identidades como fundamentalmente separadas, divididas, segregadas. O processo de hibridização confunde a suposta pureza e insolubilidade dos grupos que se reúnem sob as diferentes identidades nacionais, raciais ou étnicas. A identidade que se forma por meio do hibridismo não é mais integralmente nenhuma das identidades originais, embora guarde traços delas. (SILVA, 2000, p. 87).

Pelos estudos de Silva (2000) a identidade não é fixa, ou estável, ou unificada, ou permanente, ou definitiva, mas sim um efeito, uma relação, uma construção, um processo de produção. Diante disso, a identidade é percebida por outros adjetivos que exploram o seu lado instável, fragmentado, inacabado, inconsciente. Aspectos que confirmam a exposição de Silva (2000) ao tratar da identidade e da diferença com visões a partir da cultura e da sociedade.

A identidade pode ser analisada como difícil de ser definida, Cuche (2002) defende que isso acontece devido ao seu caráter multidimensional e dinâmico, o que acaba lhe conferindo uma complexidade e ao mesmo tempo uma flexibilidade. Todavia o autor mostra essa complexidade e flexibilidade demonstrando que “[...] a identidade se constrói, se desconstrói e se reconstrói segundo as situações. Ela está sem cessar em movimento; cada mudança social leva-a a se reformular de modo diferente”. (CUCHE, 2002, p. 198).

As fronteiras são os principais centros em se tratando da aproximação de culturas, pois são a partir delas que as situações sociais entre pessoas e culturas se configuram. Para a manutenção das fronteiras étnicas, faz-se necessário o acesso de uma cultura a outra. Ao

remeter a fronteira étnica aparece a posição de Barth (1998, p. 196): “[...] a fronteira étnica canaliza a vida social – ela acarreta de um modo freqüente uma organização muito complexa das relações sociais e comportamentais [...]”. Dessa forma, ela se estabelece em circunstâncias que reportam aos atos que são realizados pela vida social do indivíduo ou de seu grupo. Com isso, há implicações no equilíbrio demográfico, tratando-se de adaptações e construções:

[...] Os equilíbrios demográficos envolvidos são [...] bastante complexos, uma vez que a adaptação de um grupo a um nicho natural é afetada por seu tamanho *absoluto*, e ao passo que a adaptação de um grupo a um nicho constituído por um outro grupo étnico é afetada por seu tamanho *relativo*. (BARTH, 1998, p. 203 – grifos do autor).

As pessoas, ao integrarem um grupo étnico, geralmente, fazem balanços quanto ao custo e benefício que esse novo grupo pode oferecer. Circunstâncias diversas favorecem desempenhos diferentes, pois a identidade étnica é associada a um determinado conjunto cultural que possui padrões de valores, mas pode ser identificada pela realização dentro de alguns limites. Com isso, uma identidade de fronteira, ou seja, uma terceira identidade estabelece uma mudança, a qual é conhecida “[...] quando as pessoas mudam da sua identidade, tal fato cria ambigüidade, uma vez que a pertença étnica é, ao mesmo tempo, uma questão de origem, assim como de identidade corrente [...]”. (BARTH, 1998, p. 214).

Então, as fronteiras étnicas, por suas representações, são vistas, no geral, como uma organização positiva entre as relações sociais, no âmbito de valores, já nas relações de diferenças culturais elas tendem a ser reduzidas com o decorrer do tempo, para ter uma aproximação do mínimo que é exigido. Ao construir as fronteiras, criam-se, também, as histórias de seus grupos étnicos, logo que é a partir delas que se podem observar as culturas.

### **2.2.3 Conceitos utilizados sobre região**

O entendimento de região por Bourdieu (1996) se dá em função de alguns recortes que podem ser determinados pelas maneiras culturais, ou pela língua, ou pela comunidade, entre outros fatores, porém esses recortes não coincidem perfeitamente. De acordo com essa concepção os enunciados sobre região agem como argumentos para favorecer ou desfavorecer o acesso da região ao reconhecimento, e, com isso, a sua existência. O autor apresenta que os conflitos e as diferenças são questões fortes para as ideias de origem e lugar, construindo ou destruindo os grupos:

As lutas em torno da identidade étnica ou regional, quer dizer, em torno de propriedades (estigmas e emblemas) ligadas à *origem* através do *lugar* de origem [...] constituem um caso particular das lutas entre classificações, lutas pelo monopólio do poder de fazer ver e de fazer crer, de fazer conhecer e de fazer reconhecer, de impor a definição legítima das divisões do mundo social e, por essa via, *de fazer e desfazer grupos* [...]. (BOURDIEU, 1996, p. 108 – grifos do autor).

Sobre os estudos de Bourdieu (1996, p. 109) se reconhece que “ninguém sustentaria hoje a existência de critérios capazes de fundar classificações ‘naturais’ em regiões ‘naturais’ separadas por fronteiras ‘naturais’”. (grifos do autor). Com isso, percebe-se que a fronteira é o produto de uma divisão que recebe atribuições de maior ou menor fundamento da realidade, de acordo com o grau e a intensidade de semelhanças entre os pontos envolvidos. Quando a fronteira é vista como um ato jurídico de delimitação o autor demonstra que ela tanto produz a diferença cultural quanto pela fronteira é produzida.

Já, segundo Paviani (2004b), a região tem o poder de estabelecer uma ligação entre as experiências individuais de cada lugar com as manifestações de cultura universal. Dessa forma, a primeira noção observada é a de lugar, a qual amplia a visão para o conjunto de região, e ambas remetem ao âmbito de mundo. Com isso, a cultura regional é percebida pelas peculiaridades de cada região, que oportuniza aos indivíduos estar de acordo com os costumes e tradições da região onde vivem.

Como cada região tem as suas diferenças e seus costumes, esse fator pode tanto aproximar as pessoas como distanciar (PAVIANI, 2004b), seja aproximar na visão de quem já conhece as tradições ou já conviveu com esses costumes, seja distanciar quem não conhece a cultura e não se enquadra nos costumes da região. Esse mesmo destino é encontrado nos aspectos linguísticos, pois através deles pode haver a aproximação ou o distanciamento das pessoas que são novas em uma região, que é diferente da sua.

Em outro estudo Paviani (2004a) retoma alguns pontos, ressaltando que a região é apenas uma antecipação do mundo e da história que a cercam. Diante disso, a região é exposta como: “[...] é o elo (ponte) de ligação entre as experiências individuais, de cada lugar, e as manifestações da cultura universal [...]”. (PAVIANI, 2004a, p. 84 – grifo do autor). Neste mesmo estudo o autor vê que região é conceito coletivo e não individual, posto que ocorre a passagem do individual para o universal, de maneira que as atenções são voltadas para além de suas circunstâncias.

Assim, as delimitações e considerações de região e de regionalismo são muito trabalhadas e discutidas pelas diversas áreas do conhecimento, se bem que elas podem assumir diferentes posições, de acordo com a pesquisa realizada. Na área das Ciências

Humanas, consoante Pozenato (2003) a regionalização é um reforço para as relações concretas e também formais que se encontram dentro de um espaço, o qual vai sendo delimitado pela rede de relações que está se estabelecendo. Mas, este mesmo autor expõe que a região “[...] deixa de parecer um espaço isolado entre fronteiras e dependente de um centro, para se tornar apenas um complexo de relações inserido numa rede sem fronteiras”. (POZENATO, 2003, p. 157). Com isso, entende-se que as regiões colaboram para a existência das culturas, de acordo com as pessoas e as redes que sustentam, o que não envolve, necessariamente, as questões de espaço geográfico.

Goffman (2004) lembra de região, fazendo uma referência com o ambiente teatral, todavia, a metáfora é pensada em torno do palco, com a região antes da cortina, depois da cortina e também a região de preparação para a entrada no espetáculo. Esse diferencial vai depender de onde determinadas pessoas estejam colocadas, valendo-se de que cada uma terá uma ideia da outra região, assim nas palavras de Goffman (2004, p. 101) “uma região pode ser definida como qualquer lugar que seja limitado de algum modo por barreiras à percepção. As regiões variam, evidentemente, no grau em que são limitadas e de acordo com os meios de comunicação em que se realizam as barreiras à percepção [...]”.

A região precisa ser vista mais como elemento histórico do que geográfico. Bourdieu (1996) salienta que a diferença cultural é produto de uma dialética histórica de pontos distintos que se acumulam, de forma que o espaço social não faz a região, mas o tempo e a história. Assim, são os acontecimentos que aproximam ou distanciam as características de uma região.

O regionalismo pode, também, ser visto como um campo de disputas, onde os grupos que possuem diferentes posições e interesses se enfrentam (OLIVEN, 2006). Dessa maneira, por Oliven (2006) o regionalismo indica as diferenças existentes entre as diversas regiões e faz dessas uma construção de novas identidades. Porém, o regionalismo pode-se equiparar com o nacionalismo quando se trata da apropriação de diferentes faces, pois, Oliven (2006) deixa marcado que o único modo de ser nacional em um país com grandes dimensões como o Brasil é ser identificado primeiro como regional. Essa identificação com o regional é encontrada no Rio Grande do Sul, inclusive na Microrregião Vinicultora de Caxias do Sul, isto é, na região em que se realiza a pesquisa desta dissertação.

#### **2.2.4 Outras dimensões observadas sobre cultura e região**

Para entender a amplitude de alguns conceitos, notam-se as dimensões políticas e as suas vias, as quais, geralmente, influenciam nas determinações que os conceitos de cultura e região podem alcançar. Mas não se deve deixar de lado o conceito de cada um e os seus afins. Logo, Geertz (1989, p. 27) aponta o tratamento que é dado à cultura, referindo:

[...] A cultura é tratada [...] puramente como sistema simbólico (a expressão-chave é, “em seus próprios termos”), pelo isolamento dos seus elementos, especificando as relações internas entre esses elementos e passando então a caracterizar todo o sistema de uma forma geral [...]. (grifos do autor).

Essa dimensão política pode interferir na cultura, sendo, neste caso, a cultura um dos elementos determinantes de um sistema político. Porém, a cultura não deixa de representar as posições que ocorrem em outras circunstâncias, ela apenas adquire um novo modo de ser apresentada, assim, complementando alguns fatores sociais. Conforme Eagleton (2005, p. 21) a cultura pode ter uma dimensão política: “[...] a cultura exige certas condições sociais, e já que essas condições podem envolver o Estado, pode ser que ela também tenha uma dimensão política [...]”. O autor então faz referência que a cultura se torna política quando ocorre um processo de dominação e resistência, isto é, quando há uma disputa política.

O contexto político pode aparecer na configuração dos espaços de uma determinada região, ou seja, na delimitação desses espaços. Ao seguir os estudos de Pozenato (2003, p. 150) a região pode atingir os espaços determinados pela ordem política ou por suas vias: “[...] em suma, a região, sem deixar de ser em algum grau um espaço *natural*, com fronteiras *naturais*, é antes de tudo um espaço construído por decisão, seja política, seja de ordem das representações, entre as quais de diferentes ciências”. (grifos do autor).

No caso do Rio Grande do Sul a questão política pode ser observada nos conhecimentos de regionalismo. Assim compreende-se o regionalismo do estado lado a lado com as situações históricas, as quais, muitas vezes, estavam sustentadas por decisões econômicas e políticas. Como quer Oliven (2006, p. 90):

[...] O Rio Grande do Sul pode ser visto como um estado onde o regionalismo é constantemente repostado em situações históricas, econômicas e políticas novas [...] poder-se-ia afirmar que o gauchismo é um caso bem-sucedido de regionalismo, na medida em que consegue veicular reivindicações políticas que seriam comuns a todo um estado. A continuidade e vigência desse discurso regionalista indicam que as significações produzidas por ele têm uma forte adequação às representações da identidade gaúcha.

Há outra linha em que pode ser observada a cultura, essa compreende a cultura através da língua e do seu uso. Ao relacionar o fato de que a maioria das línguas apresentam alguma

distinção, tanto na estrutura gramatical, quanto na estrutura lexical, as quais são atribuídas pelos significados e distinções conhecidas de uma cultura ou subcultura a que a língua está sendo empregada. Com isso, Lyons (1987) observa que o processo de aquisição da linguagem se dá pela transmissão do que é universal no ângulo da linguagem, mas também do processo de transmissão cultural. Dessa forma, linguagem e cultura estão interligadas, pois as “[...] línguas estão associadas historicamente a determinadas culturas, e especialmente às suas literaturas; as línguas em si só podem ser completamente entendidas no contexto das culturas nas quais elas estão encaixadas inextrincavelmente [...]”. (LYONS, 1987, p. 240).

Nawa (1989) faz observações semelhantes, mencionando a especificidade da sociedade brasileira, na qual há muitas diferenças linguísticas e culturais convivendo em um mesmo ambiente. Um fator muito interessante exposto é de que a cultura e a língua são passados para as gerações. Nesse gesto é percebido um grande valor dado ao que foi aprendido através da família, gesto que também é uma atitude reconhecida na Microrregião Vinicultora de Caxias do Sul.

A cultura é associada também à interpretação da natureza e a sua transformação. Cuche (2002) aborda, além disso, que as funções vitais são informadas pela cultura, funções que são simples e comuns como comer, dormir, dar à luz, nadar, correr, andar, entre outras que são banais no cotidiano das pessoas. O autor mostra que cada cultura determina essas práticas do corpo que são aparentemente normais e naturais.

## **2.3 Relações entre língua, migração e migrante**

*O diferente é o outro, e o reconhecimento da diferença é a consciência da alteridade: a descoberta do sentimento que se arma dos símbolos da cultura para dizer que nem tudo é o que eu sou e nem todos são como eu sou. (BRANDÃO, 1986, p. 7)*

### **2.3.1 A fala em vista da comunidade social**

A língua precisa coincidir ou ao menos conciliar com o contexto em que o falante se encontra, ou seja, ela será adequada se corresponder às expectativas de cada situação de uso. Sobre essa questão, Bachman (2003) aborda que, na *competência linguística*, existe a classificação em competências organizacional e pragmática, sendo que na organizacional o uso da linguagem para comunicação é obtido pela interação entre as várias competências e o

contexto de uso da língua. Já dentro da competência pragmática encontra-se a competência ilocucionária, a qual apresenta os atos da fala, que são: ato de elocução, ato proposicional e ato ilocucionário, ou seja, o ato de dizer alguma coisa, o ato de envolver referência de algo e a função realizada ao dizer-se algo, respectivamente. A escolha do falante entre os enunciados de variados graus será uma função ilocucionária e, da sensibilidade em relação às características do contexto, este último, fazendo parte da competência sociolinguística. Dessa maneira, há uma distinção entre formas e função no uso discursivo da língua através dos atos da fala, que são realizados em uma situação de fala no meio social.

A partir da sensibilidade sociolinguística, seguida pela naturalidade, é permitido ao usuário formular ou interpretar um enunciado que não é apenas linguisticamente preciso, mas que é também estruturado de maneira semelhante à da fala nativa. Com isso, Bachman (2003) diz que a habilidade de interpretar referências culturais e figuras de linguagem é possível pelo conhecimento de significados que são próprios de uma região, nomes com conotação, nomes com sentido referencial, que se tornam distantes de pessoas que migraram e que, portanto, não estão incluídas na cultura local.

Para Bourdieu (1996), as diferenças surgem pelo confronto dos diferentes falares, pois a variação existe tanto no plano da pronúncia, como no léxico e no nível da gramática. Todo esse conjunto de diferenças é associado às diferenças sociais. Assim, os falares precisam fazer sentido, “[...] uma ordem ou mesmo uma palavra só pode operar quando tem a seu favor a ordem das coisas, pois sua realização depende de todas as relações de ordem que definem a ordem social [...]”. (BOURDIEU, 1996, p. 62). Com isso, nota-se que a língua e o social estão muito próximos em questão de sentido, de adaptação um do outro, encontrando a ideia de *habitus* estudada pelo autor, onde o que se exprime através do *habitus* linguístico é todo o *habitus* da classe social que o falante constitui, isto é, a posição ocupada na estrutura social.

A linguagem pode ser vista sob dois ângulos, um em que se faz o entendimento do que o falante deseja e outro em que é compreendida a mensagem de forma contrária ao que o falante tenta transmitir. Isso se dá em situações vivenciadas numa comunidade social. De acordo com Rajagopalan (1998), ao debater sobre identidade aproximando cada vez mais a língua da identidade social, se a língua se faz presente na comunidade social, ela está em constante evolução, assim a identidade social das pessoas é vista como algo flexível, que pode ir se aperfeiçoando no decorrer do tempo. Sobre essa questão, diz o autor:

A identidade de um indivíduo se constrói na língua e através dela. Isso significa que o indivíduo não tem uma identidade fixa anterior e fora da língua. Além disso, a construção de identidade de um indivíduo na língua e através dela depende do fato

de a própria língua em si ser uma atividade em evolução e vice-versa. Em outras palavras, as identidades da língua e do indivíduo têm implicações mútuas. Isso por sua vez significa que as identidades em questão estão sempre num estado de fluxo [...]. (RAJAGOPALAN, 1998, p. 41-42).

Nas comunidades étnicas, as línguas têm condições de sobrevivência devido às condições que a sociedade lhes oferece (MEY, 1998). Como toda manifestação linguística, o falar é mais complexo que a língua particular, já que, ao falar, mudam-se algumas expressões trazendo-as para perto da região em que se encontra o falante. Para Coseriu (1992), as atividades extralinguísticas acompanham e completam o falar, ou, às vezes podem substituí-lo. Logo, há atividades que não somente acompanham o falar, mas que podem influenciar sobre ele e a competência que corresponde, podendo dar diferentes interpretações ao que se quer transmitir.

O homem e a língua estão mutuamente ligados, segundo Orlandi (1987), nem a sociedade, nem as línguas são modificadas autonomamente, de modo que os atos dos homens são responsáveis para que aconteça a transformação. Com isso a autora deixa claro que “[...] não se pode estudar o ato lingüístico sem estudar o ato social em geral”. (ORLANDI, 1987, p. 106). Santos (1997) faz uma observação semelhante em que aborda a atualização linguística através da estrutura social, além de atribuir também aos padrões de relacionamentos entre os indivíduos, surgindo diferentes registros da língua, isto é, suas variações.

Nos estudos de Weinreich, Labov e Herzog (2006), a linguística é reconhecida como uma ciência social, posto que o elemento que pode variar para explicar a mudança linguística é a mudança social, de maneira que as variações linguísticas são consequências da mudança social. Essa informação se ajusta perfeitamente aos migrantes entrevistados para o presente estudo, valendo-se de que os entrevistados perceberam diferenças linguísticas pelo fato de conhecerem um novo meio social. Os autores, Weinreich, Labov e Herzog (2006, p. 99), mostram que os “[...] estudos empíricos têm confirmado o modelo de um sistema ordenadamente heterogêneo em que a escolha entre alternativas lingüísticas acarreta funções sociais e estilísticas, um sistema que muda acompanhando as mudanças na estrutura social”.

Ao abordar o nível lexical, Robinson (1977) expõe que se podem observar graus de familiaridade ao escolher determinada forma de tratamento em vez de outra. Com a fusão do comportamento com a linguagem há proporções lexicais que destinam *ordem* ou *solicitação* em relação ao comportamento alheio. Dessa forma, Robinson (1977, p. 66) observa:

[...] Os enunciados significam o que as pessoa decidem que signifiquem. É verdade que uma análise pormenorizada dos termos constituintes de qualquer provérbio, bem

como da relação que eles tenham entre si, não revelará o sentido idiomático, da mesma forma que as definições do dicionário não aumentarão a probabilidade de alguém entender a oração [...].

No estudo de Robinson (1977), a fala de um indivíduo pode indicar seus sentimentos, assim como, o tipo de personalidade e quem ele é. Mas, pode haver ligação com características da personalidade como inteligência, extroversão, entre outros. Dessa maneira, a fala pode indicar além da identidade pretendida, também a identidade real, já que a fala representa uma das fontes de informações que são relacionadas à identidade social do indivíduo em questão.

Na percepção de Lyons (1987), a personalidade está intimamente ligada à noção de socialização, uma em decorrência da outra, ao menos em partes. Assim, o autor expõe que a personalidade é, parcialmente, “[...] um fenômeno social. Aquilo que chamamos de personalidade é [...] o produto da *socialização* – o processo pelo qual somos transformados em membros de determinada sociedade e participantes da cultura que a caracteriza [...]”. (LYONS, 1987, p. 206 – grifo do autor).

Antunes (2007) salienta que o fato de a norma culta corresponder à norma socialmente prestigiada não é sinônimo de que ela seja a única representante da língua. Visto que o valor positivo recebido é em função a fatores de ordem socioeconômica e não, necessariamente, a fatores linguísticos, a autora mostra um exemplo: “[...] dizer *assistir o jogo* ou *assistir ao jogo* não implica nenhum grau maior ou menor de perfeição lingüística. Se um é considerado mais certo que outro é por mera convenção social, que se sustenta até o dia que os falantes quiserem”. (ANTUNES, 2007, p. 98 – grifos da autora). Assim, a autora aponta que há variações linguísticas, no entanto, existem falantes que sabem o que usar e quando, entretanto, há o oposto. Essas determinações são relacionadas à língua e à situação comunicativa, logo:

[...] *ninguém fala o que quer, do jeito que quer, em qualquer lugar*. Existem também *os bem-comportados* e *os mal-comportados* comunicativamente. Isto é, em toda cultura, prevalece um conjunto de normas que especificam *quem pode falar, o quê, como, com quem e quando* [...]. (ANTUNES, 2007, p. 63 – grifos da autora).

Outro autor faz uma relação parecida, Vogt (1989) compreende que a linguagem é o espaço no qual o homem existe e no qual o universo convencional dos signos estrutura seu pensamento, constituindo sua cultura. Com as percepções voltadas para a linguagem Moralis (2001) reconhece que o papel da linguagem, principalmente nas atividades ocupacionais, é o de assegurar a manutenção de interação, se bem que é através da comunicação que as pessoas se expressam e se firmam na sua comunidade. Para concluir Goffman (2002) apresenta que as

regras sociais estabelecem a forma como os indivíduos precisam se conduzir no meio, pois estão em grupo, já as regras de convivência organizam socialmente o comportamento dos que estão presentes na situação social e comunicativa.

### 2.3.2 A compreensão social pela língua

O que define uma variação lingüística como “melhor ou pior”, como “mais certa ou mais errada”, como “mais bonita ou mais feia” é o nível social das pessoas que usam essa variação. (ANTUNES, 2007, p. 98).

A questão da língua é muito debatida quanto às visões que cada pessoa de diferente cultura tem. De acordo com Lyons (1987) não há bons motivos para dispensar a ideia de que os falantes de línguas diferentes têm a mesma visão do mundo, seus conceitos são parecidos, suas formas de pensar se relacionam. As noções básicas de tempo, espaço, números são, praticamente, equivalentes, portanto esse fato transporta a ideia de que a língua não interfere nas associações mentais, mas a cultura pode estabelecer determinadas aptidões.

A língua é um elemento de interação entre a sociedade com o indivíduo que nela vive. As autoras Battisti e Bovo (2004, p. 108) fazem essa relação, mostrando que “[...] a língua não é propriedade do indivíduo, mas da comunidade. O indivíduo herda da comunidade o sistema da língua (a variação inclusive) [...]”. (grifo das autoras). Seguindo essa concepção de sociedade e indivíduo, Preti (2000) aborda que a relação de sociedade e língua não é uma mera casualidade, sendo que a sociedade supõe um problema de comunicação que acontece pela língua, de forma que a língua é o meio mais comum de que os indivíduos utilizam para suas relações. Preti (2000, p. 12) apresenta uma perspectiva ampla da língua:

Nas grandes civilizações, a língua é o suporte de uma dinâmica social que compreende não só as relações diárias entre os membros da comunidade como também uma atividade intelectual que vai desde o fluxo informativo dos meios de comunicação de massa até a vida cultural, científica e literária.

A sociedade reage de várias maneiras ao perceber diferenças no uso da língua de seus falantes. Dessa forma, o seu uso é a apresentação de alguém para um grupo de pessoas. Para Mey (1998, p. 77), “[...] o contexto que torna a língua possível é também o contexto que permite ao indivíduo ser ele mesmo, e usar sua língua de acordo com os seus desejos pessoais [...]”, pois, ao usar a sua língua, além de mostrar aos outros membros que existem outras

formas de dizer a mesma coisa, o falante estará valorizando e apresentando para a comunidade as características de sua origem.

O comportamento social pode se diferenciar quanto ao conhecimento do vocabulário utilizado pelo migrante. Segundo Burke (2003), há muitas palavras em circulação para descrever os mesmos fenômenos, as mesmas coisas, as mesmas situações, ao passo que quanto mais pessoas novas entrarem nessa comunidade haverá maior diversidade de formas linguísticas. Essa diversidade se faz presente nas várias situações em que os falantes se encontram, de modo que se pode alterar o estilo de como se fala, dependendo com quem se está falando. Macedo (2004, p. 59) mostra que “[...] entende-se por situação social a forma como duas ou mais pessoas relacionadas entre si de maneira particular se comunicam sobre um determinado assunto, em um lugar determinado [...]”.

Em se tratando de língua e sociedade, Bourdieu (1996) argumenta que as palavras ao agirem sobre o mundo social recorrem a uma forma mágica, de maneira que pode ser visualizado como mais ou menos insana, de acordo com o grau em que está fundada na objetividade do mundo social. Bisinoto (2007, p. 24) apresenta ideias semelhantes e que recorrem ao pensamento anterior, observando que:

[...] ao lado da variedade lingüística existente numa comunidade, da manifestação concreta de falares diferenciados, há fenômenos de natureza social intrínsecos que afetam tanto lingüística como politicamente os comportamentos e as relações dos habitantes, interferindo muitas vezes na própria estrutura social. Nesta perspectiva, a atitude lingüística e a social complementam-se, ou melhor, fundem-se nas ações e reações dos indivíduos [...].

As sociedades que apresentam várias diferenças sociais e econômicas têm maior dificuldade em compreender um novo integrante, dado que as diversidades encontradas nos que já convivem entre si é grande. Essa dificuldade de interação é observada por Pilla (2002, p. 76) ao dizer:

Em sociedades com grandes diferenças econômico-sociais, onde apenas uma pequena parcela da população tem acesso à escolaridade plena, torna-se bastante difícil para o usuário comum da língua manter um domínio quantitativo razoável do léxico [...] um inevitável empobrecimento da língua, já que essa massa falante se restringirá ao vocabulário de uso cotidiano.

Os conceitos estabelecidos pelas pessoas, geralmente, são criados sob a perspectiva de cultura, consoante Lyons (1987) muitos conceitos são vinculados aos sistemas culturais. Nos conceitos são empregados sentidos, que para a compreensão é necessário o conhecimento transmitido no âmbito da sociedade, mas esses conhecimentos e conceitos variam de uma

cultura para a outra. Nesse sentido, emerge o fato de que “[...] existem certas coisas que não podem ser ditas de todo em determinadas línguas simplesmente porque o vocabulário necessário para dizê-las não existe [...]”. (LYONS, 1987, p. 229).

Para o conceito de comunidade linguística, Orlandi (1987, p. 102) refere-se ao autor Labov, que a define como “[...] um grupo de pessoas que compartilham um conjunto de normas comuns *com respeito* à linguagem e não como um grupo de pessoas que falam do mesmo modo [...]”. (grifo da autora). Já Bourdieu (1996, p. 31) utiliza a definição de Bloomfield, semelhante ao expor “[...] como um ‘grupo de pessoas que utilizam o mesmo sistema de signos lingüísticos’ [...]”. (grifo do autor).

Quanto à *comunidade linguística*, De Herédia (1989) argumenta que a língua está relacionada com a questão de adaptação no interior de grupos, podendo ser exposta de forma positiva ou negativa. Pois, uma comunidade linguística é apresentada quando os membros que compõem têm em comum, no mínimo, uma variedade da língua acrescida de algumas normas de uso correto, a real integração se dá quando ocorre o fato de os “[...] repertórios verbais ligados a papéis e unificados por normas, enfim, uma integração simbólica no interior do grupo ou do subgrupo de referência [...]”. (DE HERÉDIA, 1989, p. 179).

Outro autor vai além da língua e aborda a cultura, mostrando que “[...] língua e cultura estão em uma relação estreita de interdependência: a língua tem a função, entre outras, de transmitir a cultura, mas é, ela mesma, marcada pela cultura”. (CUCHE, 2002, p. 94). Dessa forma, as pessoas pertencentes a uma comunidade se identificam além da utilização da língua, também pelas formas culturais. Marcuschi (1975) assevera que a linguagem não é apenas uma condição, mas é produto de todas as integrações sociais, seguindo esse pensamento o autor retoma que “[...] a atividade lingüística individual se acha em íntima relação com a situação social do indivíduo e as condições ou meio em que este realiza suas experiências [...]”. (MARCUSCHI, 1975, p. 12).

### **2.3.3 A migração e os migrantes**

O processo migratório compreende os movimentos de ir e vir, sendo emigrar e imigrar, respectivamente, então para a presente pesquisa foi adotado o termo migrar, que sugere essa mobilidade geográfica transitória, assim, o migrante entrevistado para esta pesquisa é considerado aquele que trocou de estado ou de região, que atualmente está estabelecido na Microrregião Vinicultora de Caxias do Sul. Sabe-se que é pela migração que

as pessoas trazem em sua bagagem referências de suas experiências pessoais e sociais a partir de seus relatos. Essas referências são reconstruídas, uma vez que a migração implica numa reconstrução dos referenciais da vida tanto pessoal quanto profissional. Dessa forma, essa experiência de reformulação ajuda na compreensão de mundo. Conforme Penna (1998), a linguagem é a forma que além de expressar a experiência vivida pelo migrante também reconstitui as situações da própria vida, dando-lhe maiores significações.

A etnicidade possui definições muito amplas, de acordo com Poutignat e Streiff-Fenart (1998, p. 86) essa teoria é vasta, ao observar que “[...] para alguns, a etnicidade é avaliada em termos de comportamentos [...] para outros, em termos de representações ou de sentimentos associados à pertença [...] para outros, ainda, em termos de ação e de estratégia [...]”. Com base nesses diversos pontos, a identidade étnica é apresentada pelos autores sob dois ângulos de qualidade, ou seja, qualidade primária e qualidade fundamental. Desse modo, a identidade étnica vista pela noção primária consiste em elementos constitutivos, os quais são as características físicas, o nome, a afiliação religiosa. Dados que diferem da qualidade fundamental, a qual tem sua maior concentração nos aspectos de pertença de grupo, onde há um grupo de base aos indivíduos, nesse grupo são transmitidos sentimentos como: emoções, lembranças, instintos, pontos que não são abertos para optar, pois estão além da consciência.

As teorias apresentadas por Poutignat e Streiff-Fenart (1998) são analisadas sob diversas situações e questões, assim, algumas são mais relevantes que outras para esta pesquisa. Então, reflete-se sobre a teoria da escolha racional, a qual expõe que os membros não são definidos pela pertença involuntária e pela interiorização inconsciente, isso ocorre de forma contrária, os grupos étnicos são estabelecidos quando os seus indivíduos almejam conquistar bens, como riqueza e poder. Porém, esse desejo não é consumado devido ao pensamento individual. Então, a interação social é um ponto relacionado a ascensão, mesmo que ocorram contrastes culturais, como os autores exploram que “[...] a especificidade da organização social étnica decorre do papel que nela desempenham os contrastes culturais, mas esse papel não pode ser dissociado dos processos de manifestações de identidades [...]”. (POUTIGNAT; STREIFF-FENART, 1998, p. 112).

A identidade do migrante sofre constantes mudanças quando o mesmo se encontra em fase de transição, posto que alguns pontos possam ser confirmados e outros são questionados. Savoldi (2003, p. 70) explica que essa mudança acontece aos poucos, pois “[...] com a experiência da migração constata-se que a identidade vai tomando contornos de acordo com o contexto vivenciado”. Para os nordestinos o ato da migração é muito comum, como se vê pelo histórico de mudanças que são conhecidos, Albuquerque Júnior (2007, p. 111) salienta esse

processo de migração do nordeste para o centro-sul, mostrando os motivos que levam a essa transitividade e as perdas da região de origem, exemplificando que:

[...] a migração não é um fenômeno que atinge apenas as camadas populares do Nordeste [...] mas atinge boa parte de suas elites políticas, intelectuais e artísticas [...] já que o centro cultural do país, ao se localizar no Centro-Sul, exigiu da maioria daqueles que queriam viver de suas atividades artísticas, literárias ou culturais, que migrassem para os grandes centros, desfalcando a região de boa parte daqueles que conseguiram ter uma melhor formação educacional [...].

Segundo Penna (1998), por mais que o migrante reencontre o jeito de viver e as atividades culturais de sua região, elas jamais serão as mesmas, ou iguais, nessa nova região elas também terão novos significados enquanto se confrontam com as novas experiências e vivências. Contudo, Zambiasi (2004, p. 47) pensa de uma forma mais radical, apontando que “[...] esse deslocamento traz conseqüências, como perdas dos laços familiares, amigos, mudanças nos usos e costumes, hábitos alimentares [...]”. Assim, as histórias vividas pelos migrantes serão apenas uma forma de representar um grupo social de uma origem específica. Esse ponto é abordado por Johnson (1997, p. 212) que percebe a socialização como “[...] um processo de vida inteira que ocorre à medida que pessoas adquirem novos papéis e se ajustam à perda de outros mais amigos [...]”, assim acontece com os processos de migração, com o casamento, com a concepção de filhos, entre outras mudanças que modificam a vida das pessoas.

O ato da migração deve ser considerado um processo dinâmico, pois há muitas transformações na vida dos migrantes, há tanto recriações quanto destruições. Penna (1998, p. 109) expõe que isso ocorre “tanto no modo de vida e das relações com o espaço, quanto dos referenciais simbólicos”, tudo muda na nova região e, conseqüentemente, os indivíduos também sofrem mudanças. Uma vez o migrante saindo de sua região, quando ele voltar, irá perceber que algumas coisas já estarão mudadas do que quando ele saiu, se bem que ele não é mais o mesmo de quando saiu. Com a saída ele terá novas experiências, novas vivências, novos conhecimentos, portanto, algumas coisas terão novos significados para ele, podendo mostrar dessa forma uma recriação ou uma destruição.

Cuche (2002) dá razão aos antropólogos quando eles insistiam no fato de que são os indivíduos que entram em contato uns com os outros e não a cultura, e isso é o que acontece com os migrantes que são transmissores de novos costumes. No entanto, Eagleton (2005) percebe que a real importância não está nos tipos de cultura, mas, em outro ponto, nos graus de autoconsciência, segundo o autor a maioria do povo acredita sem saber o que o faz.

### 2.3.3.1 Adaptação dos migrantes a um novo local

A adaptação a um novo contexto pode ocorrer quando o migrante vem a conhecer um novo local para então integrar-se. Burke (2003, p. 91) mostra que o migrante deixa um pouco de seus costumes para se adaptar aos costumes da região em que está interagindo, pois “a adaptação cultural pode ser analisada como um movimento duplo de des-contextualização e re-contextualização, retirando um item de seu local original e modificando-o de forma a que se encaixe em seu novo ambiente [...]”.

Embora, a identidade individual possa ser vista como estável, essa concepção já não é mais coerente num mundo onde existe uma crescente migração de massa e “entremesclagem cultural, religiosa e étnica”. (RAJAGOPALAN, 1998, p. 40). Essa transformação que está acontecendo em todas as regiões deixa uma abertura para a mudança do conceito da identidade linguística do migrante, visto que o indivíduo procura se estruturar ao novo local em que se encontra.

A referencialidade cultural tem sinônimo com a identidade social. Penna (1998, p. 98) mostra que “[...] a identidade é considerada como decorrente do modo de vida e dos bens simbólicos que o indivíduo consome ou produz [...]”. Porém, as práticas culturais das pessoas não são necessariamente dependentes de sua permanência na terra de origem, sendo que elas podem cultivar e preservar em outros lugares as atividades culturais que julgam importantes para manter a lembrança com a sua região de origem.

Diferentes indivíduos vindos de diferentes regiões ao se encontrarem podem conhecer novos contextos, uma vez que cada um traz um pouco de seus costumes, que não são costumes conhecidos do outro. Há também a possibilidade de uma cultura não sofrer alterações, mas há uma outra possibilidade, de que uma cultura pode acabar dominando a outra, esses aspectos são apontados por Burke (2003, p. 112-113):

[...] A idéia de que encontros culturais levam a algum tipo de mistura cultural é uma posição intermediária entre duas visões do passado que podem ser criticadas como superficiais. Por um lado, há a alegação de que uma cultura pode permanecer “pura”. Por outro, temos a afirmativa de que uma única cultura [a francesa no passado, a americana hoje ou a global no futuro] pode conquistar as outras por completo. (grifos do autor).

Os migrantes sentem-se em um *entrelugar*, conforme estudos de Bhabha (2005), atribuindo que o local da cultura encontra-se nesse entremeio, sendo resultado do confronto

de dois ou mais sistemas culturais. O autor aborda que a situação da cultura enquanto fronteira exige um encontro com o novo integrante, pois essa ideia do *novum*, essa arte, além de retomar o passado, ela, também, o renova, representando como um entrelugar, o qual acaba inovando e interrompendo a atuação do tempo presente. Assim, essa visão pós-moderna, a transição passado-presente aponta-se como necessária para viver nas fronteiras de distintas culturas. No estudo de Bhabha (2005, p. 63) são apresentados os fatores em que a cultura é mais debatida:

[...] o problema da interação cultural só emerge nas fronteiras significatórias das culturas, onde significados e valores são (mal) lidos ou signos são apropriados de maneira equivocada. A cultura só emerge como um problema, ou uma problemática, no ponto em que há uma perda de significado na contestação e articulação da vida cotidiana entre classes, gêneros, raças, nações [...]. (grifo do autor).

Com tantas distinções e previsões para as culturas, os migrantes podem se sentir perdidos ao se transferirem de sua região. Penna (1998) aborda que o migrante tem consciência de que pode haver uma exclusão, se caso sua origem social for muito diferente da qual ele está se integrando, as condições de manter uma relação, um contato de fato, com as pessoas no novo espaço podem ser bastante diferenciadas, pois os acessos aos bens materiais, culturais, educacionais ou profissionais são fatores que aumentam a distância entre as pessoas que são de estratos sociais diferentes. Portanto, quanto maior a posição social, mais conhecimento e facilidade em entrar em um novo contexto cultural o indivíduo tem, mas se a posição social não é favorecida o indivíduo pode encontrar mais obstáculos ao tentar estabelecer uma ligação com a região, pois pode haver muitas privações.

Essas mudanças propiciam aos migrantes perdas de alguns costumes, assim como uma necessidade de integração no novo grupo. Bisinoto (2007, p. 7) reconhece em sua pesquisa as dificuldades encontradas pelo migrante em uma nova região, considerando que “[...] no local de destino, ele enfrenta as dificuldades de interação quando depara com uma nova ordem social, cultural e política à qual deve se ‘integrar’ para conviver e produzir, sem muitas chances de modificá-las [...]”. (grifo da autora). Já Marcuschi (1975, p. 46-47) apresenta ambos os lados, ressaltando que:

[...] Um indivíduo que pertence a um determinado grupo e fala a sua linguagem, encontra nele uma espécie de segurança natural. No momento em que ele não fala mais a linguagem do grupo, sua posição no meio deste fica ameaçada, e, o novo grupo para o qual ele tenderia a “emigrar”, por não ser seu meio natural, também oferece-lhe dificuldades. Ao nível social, uma das primeiras conseqüências da mudança de código, é a *insegurança* [...]. (grifo do autor).

Outra autora aborda a mesma temática, apesar disso, mostra o plano coletivo das mudanças, apontando que ocorrem confrontos por essas diferentes pessoas estarem convivendo em um mesmo grupo. Então, por Moralis (2001, p. 137) “[...] a migração traz consequência evidente à convivência entre culturas: modo de falar, usos, costumes, crenças, religiões diversas, e que esta põe em confronto pessoas, com histórias distintas, que passam a integrar uma mesma comunidade [...]”, esses aspectos são comuns no cotidiano das pessoas e isso faz com que as coisas comuns acabem sendo um diferencial entre seus usuários.

Goffman (2004) em seu estudo acerca da metáfora da ação teatral para representar o homem, menciona que quando uma pessoa se encontra na presença de outras desconhecidas, por estar nessa situação, atua de uma forma a fim de transmitir as demais pessoas a impressão que quer despertar nos presentes sobre sua pessoa. Com base no estudo de Goffman (2004) faz-se uma associação aos migrantes, no momento em que se apresentam como atores agem de uma forma em sua casa, com seus familiares, isso é, sob uma perspectiva de bastidores, escondido do público, numa região de fundo, porém quando assumem uma posição fora de casa, com as outras pessoas podem agir como se estivessem no palco. Diante disso, pode-se pensar na ideia de que “[...] encontramos às vezes uma divisão entre região dos fundos, onde é preparada a representação de uma prática, e região de fachada, onde ela é representada [...]”. (GOFFMAN, 2004, p. 218).

Uma das soluções e das possíveis consequências na vida do migrante é mostrado por Bortoni (1989, p. 176) ao referir que “[...] quanto mais ajustado o migrante ao seu novo ambiente social, mais ampla a sua rede de relações tende a ser [...]”. Assim, com essa integração, mais fácil será sua adaptação e entendimento no novo local. Outro autor expõe o processo dos jovens do interior que procuram melhorar de vida. Stropasolas (2003) argumenta que os jovens do interior querem mudanças na condição social dos agricultores, como na sociedade e nos valores fundamentais nas relações de gênero e geração na agricultura familiar, logo, por não encontrarem respostas esses jovens acabam partindo para a cidade. Uma vez na cidade são encontradas diversas dificuldades, desde o acesso aos direitos de cidadania até a inclusão na nova sociedade, fato que muitas vezes acontece parcialmente. Alguns dos migrantes entrevistados vindos de pequenas cidades do interior perceberam as diferenças das pessoas que deixaram e das pessoas que encontraram na cidade maior.

### **2.3.3.2 A posição do migrante**

A migração muitas vezes é vista como um problema, geralmente ela é percebida em um primeiro momento através do crescimento populacional de determinada região. Conforme Woodward (2000) a migração tem impactos tanto na região de saída quanto na região de chegada, na maioria das vezes esses migrantes são trabalhadores em busca de colocação profissional. Diante desse contexto, são observadas as identidades plurais e as identidades contestadas, num processo visto por desigualdades, sendo essas diferenças obtidas pelo desenvolvimento de uns, mais que de outros.

A transição dos migrantes interfere em suas identidades culturais, uma vez que elas estão suspensas, devido ao movimento de transição, de uma posição para outra. Segundo Hall (2005) isso é cada vez mais comum no mundo globalizado, ressaltando que essas diferentes posições assumidas alteram os recursos e as tradições culturais. Assim, as pessoas que migram procuram se adequar ao novo local, mas não deixam de possuir alguns aspectos da cultura da sua terra de origem.

Os migrantes situados em uma nova região podem construir grupos em que seus membros estejam na mesma situação, sendo, neste caso, novos no local. Assimilam-se os grupos étnicos como um tipo de organização social, consoante Barth (1998, p. 193) “[...] os grupos étnicos são vistos como uma forma de organização social [...]”. Então, como um traço fundamental é visualizada “[...] a característica da auto-atribuição ou da atribuição por outros a uma categoria étnica [...]”. (BARTH, 1998, p. 193). Assim, classifica a pessoa em vista de sua identidade geral, determinada por sua origem e pelo meio.

Nos estudos de Barth (1998) a identidade étnica implica em algumas restrições, pois ela domina a maioria dos outros estatutos e define as personalidades sociais que uma pessoa possui, determinando qual identidade pode assumir. Dessa forma, as relações interétnicas implicam em diversos processos com efeitos que podem transformar tanto uma identidade individual, quanto uma identidade grupal.

Ao pensar na Microrregião Vinicultora de Caxias do Sul, onde prevalece a descendência de italianos, faz-se uma ligação com o estudo realizado por Barth (1998), chegando ao contato cultural e social pela escolha dos descendentes através do realce da identidade étnica, valendo-se de que ela é utilizada para desenvolver novas posições e padrões na região, organizando atividades nos setores que eram encontrados de forma precária na sociedade antiga. Porém, algumas formas de interação podem ser interrompidas pela falta de confiança ou mesmo pela falta de oportunidade em encontrar um grupo que abra espaço para desenvolver as atividades apreciadas pela cultura.

Isso, geralmente, acontece no mundo globalizado, onde ocorre uma tentativa de retomar a cultura italiana dos antepassados, como exemplo, apresentam-se as gincanas de colonos, que acontecem no interior de Caxias do Sul, as quais possuem provas como arremesso de queijo, corrida de cariola, entre outras atividades que identificam a cultura italiana. Porém, é interessante pensar que a região pertence ao estado do Rio Grande do Sul, que cultiva a tradição gaúcha, no entanto, não deixa de valorizar a cultura de origem. Oliven (2006, p. 130) salienta que a cultura gaúcha também se dissipou, assim como há o cultivo da cultura italiana na Microrregião Vinicultora de Caxias do Sul, há o cultivo da cultura gaúcha em outros lugares do Brasil, então o autor mostra que “[...] os dados estão mais uma vez evidenciando como a cultura gaúcha se desterritorializou e foi adotada por outros grupos que não os ligados à área da Campanha onde se origina a tradição gaúcha [...]”.

As identidades dos migrantes vão além de construções sociais. São relacionadas com os sinais que conferem uma marca de distinção dos outros. Conforme Oliven (2006) as pessoas terão uma ligação com as suas origens, as suas descendências, de forma que aprenderão a gostar e idolatrar tudo que remeta a essa identificação:

Uma das razões pelas quais a problemática da nação e da tradição permanece sendo extremamente atual num mundo que tende a se tornar uma “aldeia global” se deve ao fato de as pessoas continuarem a nascer num determinado país e região, a falar sua língua, a adquirir seus costumes, a se identificar com seus símbolos e valores, a torcer por sua seleção nacional de esporte, a respeitar a sua bandeira, e a serem convocados para defender as fronteiras da pátria e morrer pela honra nacional. (OLIVEN, 2006, p. 35 – grifo do autor).

Exemplos acontecem em diversos lugares, a todo o momento. Como explicação no estudo de Oliven (2006) sobre o Rio Grande do Sul, muitas pessoas ainda cultivam determinadas características e sinais que as remetem à cultura gaúcha. Com isso, fica muito marcado no texto desse autor que para a população do estado só se alcança o nacional através do regional, de maneira que, a primeira forma de identificação deste povo é ser *gaúcho*, visto que ser brasileiro é uma consequência de ser gaúcho. Um exemplo de viver a cultura fora de seu território está presente com o povo gaúcho, ela não é esquecida pela desterritorialização:

[...] A manutenção da cultura gaúcha por parte dos rio-grandenses que migraram para outros estados brasileiros representa um novo processo de desterritorialização que é importante porque a cultura gaúcha continua com seus descendentes, que à medida que o tempo passa não só nasceram fora do Rio Grande do Sul como freqüentemente nunca estiveram lá. Isso se reflete no fato de os migrantes levarem consigo e cultuarem as tradições gaúchas. (OLIVEN, 2006, p. 147).

O entendimento de desterritorialização só faz sentido se associado ao termo reterritorialização (OLIVEN, 2006), pois o primeiro determina os fenômenos que se originam num espaço, mas acabam migrando para outro; já o segundo abrange a ideia de que os costumes também saem de um lugar, porém acabam entrando em outro, assim, se adaptando e se integrando. Com isso, surge um dado que aponta o quanto os costumes gaúchos são valorizados, pois, na Microrregião Viniculadora de Caxias do Sul, sabe-se que há uma forte população de descendentes italianos, logo, é surpreendente que “[...] apesar de ser a principal cidade da área de colonização italiana do Rio Grande do Sul, Caxias tem o maior número de CTGs<sup>10</sup> (85) dentre todos os municípios gaúchos, inclusive Porto Alegre, onde há 62 entidades tradicionalistas [...]”. (OLIVEN, 2006, p. 177 – grifo do autor).

Percebendo as mudanças e a migração como algo comum, Oliven (2006) explora as diversas maneiras que existem para encontrar os costumes e as informações sobre os diferentes lugares e, conseqüentemente, as culturas. Mas, não deixa omitido que além de conservar a sua cultura o migrante, geralmente, procura se integrar ao seu novo destino.

Então, se confirma à ideia de que o Brasil é uma mistura de culturas, valendo-se que há uma constante combinação, fusão ou mesmo mistura, de conhecimentos, de valores, de crenças, entre outros. No estudo de García Canclini (2003a) que trata desse processo de mudança, aponta-se que o migrante corre o risco de se sentir excluído, ou de ter que conviver com o que ou quem não se quer, partindo dessa posição de mudanças e adaptações:

[...] para tratar dos processos globalizadores, deve-se falar, sobretudo, de gente que migra ou viaja, que não vive onde nasceu, que troca bens e mensagens com pessoas distantes, que assiste a cinema e televisão de outros países ou conta histórias em grupo sobre o país que deixou. [...] De certo modo, sua vida está em outro lugar [...]. (GARCÍA CANCLINI, 2003a, p. 46).

Esses diferenciais de viver em um novo lugar são fatos para uma nova construção de identidade do migrante. Mas, esse indivíduo não deixará todos os seus conhecimentos de lado, assim como não receberá todos os novos conhecimentos da nova região. Conforme García Canclini (2003a, p. 46) é usual acontecer essas novas construções “[...] quando se leva em conta o diferente, pede-se que ele se desidentifique ou se descaracterize, não necessariamente que desapareça”. Todo processo de reconstrução é conhecido como hibridação, pensando que o indivíduo mantém uma parte da sua antiga cultura e integra alguns costumes novos. A hibridação é comum no território brasileiro, sendo que a sua sociedade apresenta-se disposta a esse fenômeno, também há grande influência por ter desigualdades, seja entre classes ou

---

<sup>10</sup> CTGs = Centro de Tradições Gaúchas.

regiões, diante disso, ocorrem múltiplas interpenetrações de diferentes povos que formam a população brasileira.

A sociedade tende a ser o maior sistema de identificação dos indivíduos, posto que é nela que as pessoas se observam como membros. Johnson (1997) considera a ideia de que todos os pequenos espaços que o indivíduo frequenta faz parte da sociedade. De acordo com essa ideia Paviani (2004a) salienta que o ser humano faz algo quando pensa e interpreta o que o cerca, manifestando-se no agir e no fazer, adquirindo consciência de si ao dar-se conta de sua bagagem cultural, compreendendo o que é viver no mundo com os outros e as coisas que existem.

Esse mecanismo de reconhecimento abordado por Paviani (2004a) é pensado de forma semelhante por Goffman (2004), porém este último metaforiza com a noção de vida teatral, pensando em um espetáculo, considerando que “o mecanismo completo da produção do ‘eu’ é lento, sem dúvida, e às vezes se rompe expondo seus diversos componentes: o controle da região dos fundos; a convivência da equipe; o tato da platéia; e assim por diante [...]”. (GOFFMAN, 2004, p. 232 – grifo do autor). O migrante vive essas questões diariamente logo após a sua transição, ou seja, ele está elaborando o que pertence a cada região e em que posição ele se encontra perante elas.

### **2.3.3.3 Raízes e desenraizamento**

A perda das raízes geralmente se dá em locais que favorecem a troca cultural. Burke (2003, p. 69) faz referência “especialmente às metrópoles e às fronteiras” onde as pessoas encontram com maior facilidade indivíduos vindos de várias regiões. Devido a esse reconhecimento de identidade em lugares distintos Mey (1998) observa um forte elo entre a nação e o indivíduo, seja nos aspectos linguísticos ou históricos, e ressalta que isso não ocorre apenas no tempo presente, mas se realiza com relação ao povo de séculos passados e também na língua comum.

Segundo Bisinoto (2007, p. 64), os processos culturais e étnicos, vistos em seu estudo sobre as atitudes sociolinguísticas em seus efeitos no processo migratório<sup>11</sup>, concluíram que “quando entram em crise os referenciais culturais, abalam-se as estruturas da identidade do povo [...]”, já que é pela identidade cultural que o indivíduo se faz, se estabelece, se identifica. A identidade é mencionada por Cucho (2002, p. 195) onde argumenta que “[...] cada

---

<sup>11</sup> Pesquisa realizada na região de Cáceres - MT

indivíduo tem consciência de ter uma identidade de forma variável, de acordo com as dimensões do grupo ao qual ele faz referência em tal ou tal situação relacional [...] apesar de ser multidimensional, a identidade não perde sua unidade”, assim, além de ter uma unidade a identidade pode se adequar ao momento em que o indivíduo esteja vivendo.

Algumas das dificuldades encontradas nos antepassados se verificam com os índios. Conforme Oliveira (2000) aborda, eles, os índios, foram vítimas da política linguística do Estado lusitano, de maneira que perderam um pouco de suas raízes, o que é comparado aos migrantes “chegados principalmente depois de 1850” (OLIVEIRA, 2000, p. 87) que tiveram pelo mesmo motivo muito de suas raízes perdidas, logo, somente algumas coisas puderam ser transmitidas aos seus descendentes. Essa violenta repressão não foi unicamente linguística, também foi cultural, afetando através de diversas formas as pessoas que entravam no país, relembrando que a língua é parte e diz muito sobre a cultura.

As pessoas depois que mudam de região vão perceber realmente a sua identidade, a sua identificação, a sua origem. Um exemplo é mostrado por Savoldi (2003, p. 61) “[...] embora os ítalo-brasileiros, no Brasil, construam sua identidade pautados na italianidade, lá na Itália descobrem sua brasilidade [...]”. Diante disso, é em outra região que se dá valor e se reconhece as origens, o autor aponta que quando as pessoas mudam as coisas que a cercavam também mudam, ressaltando que “ao regressar constata-se que nem tudo está como era antes. O tempo não volta, ele também é outro. O migrante percebe que também mudou, especialmente quando estranha situações do cotidiano que vivia anteriormente”. (SAVOLDI, 2003, p. 66).

Assim, ao abandonar a região de origem, a migração é vista como *desenraizante*<sup>12</sup>. O desenraizamento se relaciona, de acordo com Penna (1998), com as mudanças econômicas, sociais e políticas, além de propiciar a exclusão do próprio lugar onde se mora. Essa experiência na região de origem é marcada pela privação, tendo em vista a relação entre o sistema social, político e econômico vigente, uma vez longe da região o migrante não poderá participar e questionar quanto às decisões tomadas. Portanto, desde o momento em que o migrante toma consciência de sua partida ele já se prepara, se exclui das decisões e mudanças que podem acontecer na sua terra natal, isto é, ele percebe o desenraizamento.

Cuche (2002) faz observações semelhantes que se encaixam plenamente ao migrante entrevistado para a presente pesquisa. Conforme Cuche (2002, p. 229) percebe-se que para o migrante:

---

<sup>12</sup> Termo utilizado por PENNA, Maura. (1998).

[...] Apesar de seus esforços para continuarem fiéis a sua cultura, os imigrantes estão sempre defasados da cultura que se estabelece depois de sua partida. Esta é, aliás, um dos maiores problemas no regresso dos imigrantes a seu país: eles não o reconhecem mais, devido a suas mudanças, geralmente mais no aspecto cultural do que material.

Quando ocorre a mudança de uma região para outra se deve observar que algumas modificações são esperadas em diversos níveis de convivência. Segundo Bhabha (2005, p. 238) “[...] é vivendo na fronteira da história e da língua, nos limites de raça e gênero, que estamos em posição de traduzir as diferenças entre eles, numa espécie de solidariedade [...]”.

No início da migração o indivíduo não se encontra nem sob uma identidade, nem sob outra, ele não sabe a sua real identificação, valendo-se que está no meio de duas, uma antiga e outra que pode ser assumida. Mas ele ficará nessa posição, com base na sua identificação híbrida, tornando-o dependente da situação em que se encontra, para, então, tomar uma atitude que se identifique com um de seus conhecimentos. Porém, esse novo modelo só poderá ser utilizado no momento em que o indivíduo necessite afirmar a sua posição.

Nabuco (2004) lembra dos moldes europeus que por muitos anos foram seguidos no Brasil, de forma que tudo o que viesse ou fosse do outro continente era destituído de imperfeições. Segundo Nabuco (2004, p. 49) “[...] a atração de afinidades esquecidas, mas não apagadas, que estão em todos nós, da nossa comum origem européia [...] na Europa nos falta a pátria, isto é, a fôrma em que cada um de nós foi vazado ao nascer [...]”. Nessa passagem podem-se associar as referências de italianidade percebida pelos migrantes entrevistados na pesquisa, onde são muito fortes as culturas e costumes trazidos das gerações passadas que viveram no continente europeu.

### 3. DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Cada um de nós é só o raio estético que há no interior do seu pensamento, e, enquanto não se conhece a natureza desse raio, não se tem idéia do que o homem realmente é. (NABUCO, 2004, p. 50).

#### 3.1 Pensando no processo migratório

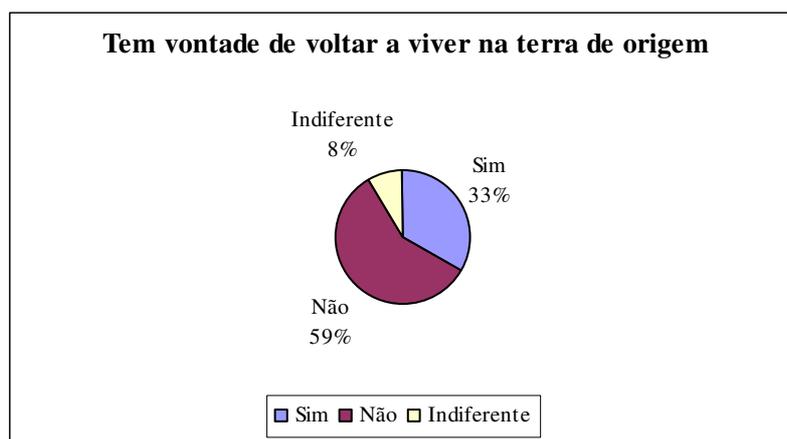
##### 3.1.1 Mudança de região

Ao analisar a transição de uma região para outra, muitos critérios vêm à tona, pois alguns aspectos pessoais e sociais estão em evidência ao mudar para um lugar desconhecido. Pela natureza das perguntas, sendo abertas, no decorrer da análise foi preciso transcrever alguns excertos das respostas ou ainda transcrever em paráfrases. Embora, isso não seja econômico, não se pode prescindir desses dados e do sentido que eles contêm. Muitos migrantes fizeram relatos significativos e espontâneos, gerados por suas necessidades, assim não há como delimitar uma categorização sistemática. Então, em algumas passagens procurou-se identificar sentidos afins nas respostas para apontar as diferenças e igualdades entre as opiniões.

Os entrevistados desta pesquisa mudaram por diversas razões, além de que muitos vieram sozinhos. Então, 58% vieram sozinhos e 42% vieram ou com a família ou com o companheiro(a). Os motivos que levaram os sujeitos para a MVCS foram relatados como morar com o companheiro(a) (25%), que já pertencia à região; estudos na faculdade ficou com a maior porcentagem, ou seja, 33%, esse fator se dá pela aprovação no vestibular e transferência de universidades; dois sujeitos vieram para a região com a família, por transferência de emprego dos pais, compreendendo 17%; apenas um sujeito veio por transferência de seu próprio emprego (8%) e o restante dos sujeitos vieram com a intenção de organizar sua vida, em busca de emprego e qualificação (17%).

Quando perguntados se têm vontade de voltar a morar em sua terra de origem a maioria respondeu negativamente (59%), houve uma resposta indiferente, o que equivale a 8%, e somente 33% gostariam de voltar a sua terra. Desses últimos, os motivos são predominantemente a família e os amigos: “tenho vontade:: pela saudade dos amigos e da família, mas pela cidade em si não”. Savoldi (2003, p. 54) aponta esses mesmos referenciais

para o retorno, isto é, “o elemento principal que motiva o retorno dos emigrantes é a saudade da família e da terra natal [...]”. Já, o sujeito que se colocou como indiferente, pensa no seu bem estar, quando expõe: “pra mim tanto faiz, tanto faiz, aqui, lá, onde tiver bem tá tranquilo não tem tanta preferência assim”, mas não deixa de ter saudade, porém diz que os amigos da nova cidade suprem essa falta. E, por final, os sujeitos que não têm vontade de voltar a sua terra de origem, dizem que: “acho que aqui eu posso crescer e lá não [...] estudo não é possível, aqui é mais preparado”; “não, porque lá não tem:: não tem emprego, não tem:: eu fazendo um curso aqui não teria em que trabalhá lá”; “aqui Caxias é um polo:: um polo grande pra/prá trabalho, pra estudo”. Como se observa grande parte vê o potencial, especialmente, de Caxias do Sul, como um bom lugar tanto para estudar quanto para trabalhar. Esse resultado também é apresentado em gráfico:



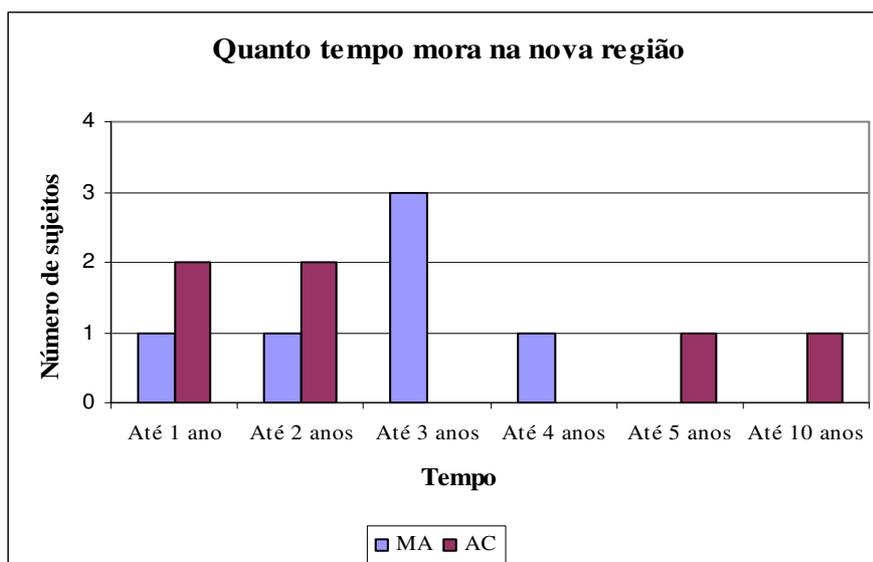
Fonte: dados desta pesquisa

Esse dado é importante para pensar na permanência dessas pessoas na MVCS, pois, isso significa que os sujeitos conseguiram, ao menos em parte, aquilo que procuravam. Esse caso se parece com a pesquisa de Bisinoto (2007) realizada na região de Cáceres–MT, nessa pesquisa a autora mostra o motivo que leva os seus informantes a quererem ficar na nova região: “o fato de os imigrantes não terem o desejo de voltar à sua terra de origem revela o sucesso de sua empreitada, ou seja, deram-se bem em Cáceres”. (BISINOTO, 2007, p. 41). Já Penna (1998, p. 93) aponta que há uma variedade de experiências vividas pelos migrantes, mostrando que a “[...] identidade social é a representação, relativa à posição no mundo social, e portanto intimamente vinculada às questões de reconhecimento [...]”.

De acordo com as identidades desses sujeitos, utiliza-se Hall (2005) com as definições que afirmam que a identidade sempre está sendo modificada. Assim, Hall (2005, p. 38) determina que:

[...] a identidade é realmente algo formado, ao longo do tempo, através de processos inconscientes, e não algo inato, existente na consciência no momento do nascimento. Existe sempre algo “imaginário” ou fantasiado sobre sua unicidade. Ela permanece sempre incompleta, está sempre “em processo”, sempre “sendo formada” [...]. (grifos do autor).

Na pesquisa um dos critérios de seleção dos sujeitos foi residir no mínimo seis meses na MVCS, então se observa que a maioria inicia uma vida na região, mantém seus ideais e continua na cidade. Esse dado vai de encontro à informação anterior, pois corrobora a ideia de que algumas pessoas já estão vivendo há muito tempo na região, logo, deram certo. Dois sujeitos relacionados à AC estão morando na região pesquisada há 5 e 10 anos, fato que apresenta o emprego como possível e provável. Já os estudantes do MA há alguns iniciantes e outros que já estão na região por um tempo considerável. Como é explicitado pelo gráfico:

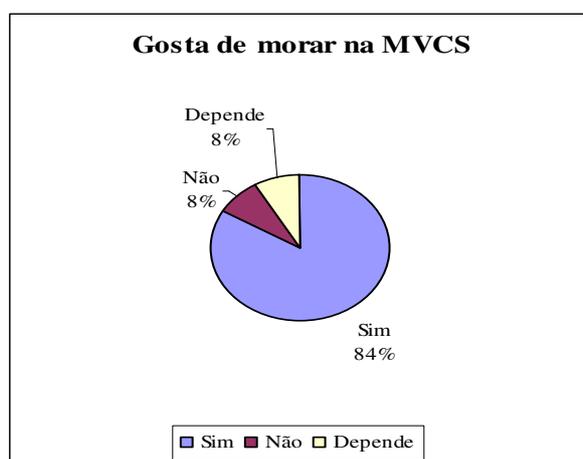


Fonte: dados desta pesquisa

Quando questionado se gosta de morar na MVCS o resultado foi apropriado para as respostas anteriores, em que se observou que a maioria não voltaria para a terra de origem e que muitos moram há um tempo considerável na região. Os resultados foram positivos, pois 84% afirmaram gostar de morar na região, além de que uma resposta não se expôs, mas deixou claro que gosta da universidade, das pessoas, “só que é muito frio aqui”. O que poderia sem problema ser incluído nas respostas positivas. A outra resposta discordante foi *não*, sendo “na verdade mais para não do que pra sim”, justificando sua resposta o sujeito diz que:

*Tudo, tudo é diferente, tô gostando de conhecer a:: cultura:: italiana que eu não conhecia né e:: mas é tudo muito diferente, eles só pensam em trabalhá, trabalhá, trabalhá, trabalhá, trabalhá e se diverti quase não/na quase não faz/pensam nisso, eu e meu marido a gente tá passando por isso, agora eu trabalho das 10 às 7 horas da/da, das 19 né e ele trabalha das 17 às 2 e meia da manhã. (S10).*

Os argumentos utilizados nas respostas positivas, que se deu em maioria, foram diversos, eis alguns excertos: “gosto da comida”; “onde eu morava era muito parado”; “é uma cidade boa pra/pra se viver”. Ainda houve alguns sujeitos que apontaram que gostam de morar na cidade, porém mostraram alguns pontos negativos, mas que se aprensetam pequenos, como: “acho muito frio [...] que daí acaba te dando pouca opção o frio sabe, sei lá, o povo fica muito fechado”; “estou gostando, mas:: eu gosto mais das pessoas da onde eu vim. Gosto mais da cidade... de Caxias, mas das pessoas eu prefiro as de:: Pelotas”. Apesar das dificuldades com o frio, que foi muito apontado pelos sujeitos, confirma-se que grande parte dos entrevistados está satisfeito em viver na região, como é apontado no gráfico:



Fonte: dados desta pesquisa

As respostas acabam se encaixando quando tabeladas, pois umas auxiliam o sustento de outras, visto que na pergunta que indagava sobre permanecer morando na região as respostas foram praticamente unânimes. Com 92% de resposta afirmativas, pensando em um futuro na região pesquisada, e apenas uma resposta, (8%), foi incerta, pois o sujeito depende da aprovação na residência médica. Das respostas com maior peso, estão as ideias de terminar a faculdade e casar, ter filhos; além de que muitos estão bem acomodados e responderam que “por enquanto sim”; “não tenho pretensão de voltar”; “por minha vontade sim”.

Muitas vezes a família está como suporte do processo de migração, sendo que o migrante tem consciência dessa base e procura não preocupar os que ficaram na sua terra. Como exemplo dessa situação um sujeito explica que não pode deixar sua família apreensiva, uma vez que estão longe: “*eu quis preservar a minha família de tudo isso, minha família não sabe de nada do que aconteceu de errado, eu quis preservar isso, e não ia ficar bem pra mim*”.

*também*”. (S7). Outro sujeito apresentou que a família incentivou nas mudanças, mas nem por isso deixaram de ter carinho um pelo outro. Observa-se o fragmento:

*Acho que é muito da/da tua criação né e:: a... não sei se meus pais, ahn a família é muito grande sempre a gente teve muito apoio então, ahn... a sua capacidade de adaptação vai depender muito do seu ambiente familiar né, das experiências que tu viveu, se tu já morou fora, então, só de fazer faculdade fora em Juiz de Fora ali que:: acho que ali foi um pouco mais difícil que teve que sair de casa, mas na verdade eu fiz cursinho em Belo Horizonte, antes de sai de Divinópolis daí foi uma outra adaptação e depois pra Juiz de Fora já tá um pouco mais adaptado e fui fazendo os amigos da faculdade e vindo pra cá não que eu tirei de letra, mais ahn tava mais preparado. (S2).*

Para a descrição de família dada pelo S2, Marcuschi (1975) apresenta uma formação familiar que se aproxima do que o sujeito relatou. Segundo o autor na *família orientada para a pessoa* a comunicação acontece no nível de interação, fazendo com que as posições sejam mais flexíveis e menos coercitivas. Assim, nota-se que:

Nas famílias “pessoais” as fronteiras são mantidas abertas, e nas discussões as características psíquicas prevalecem sobre o *status*. Numa família assim, em que as divisões formais entre os diferentes *status* não são tão rígidas, é evidente que os seus membros disponham de uma maior área de alternativas para escolha, enriquecendo-se com tal o espaço para o jogo de papéis [...]. (MARCUSCHI, 1975, p. 52 – grifos do autor).

Alguns encontram facilidade em fazer amigos, já outros são diferenciados pela sua forma de ser e agir. Essas duas maneiras são vistas por dois sujeitos. O primeiro aponta sua felicidade em ser bem visto e querido pelos colegas: *“não até que na medicina tranquilo, eu, eu, eu acho que eu me dou bem com o pessoal ali, o pessoal me gosta e tal eu não tive dificuldade, não tive problema com isso”*. (S6). No entanto, o segundo sujeito apresenta os questionamentos que são feitos por ser diferente das pessoas nascidas na região, o trecho:

*Eu costumo ouvir muito assim é “tu não é daqui né” por quê? Por que eu falo bastante, aqui as pessoas são fechadas então, isso também ajuda a identifica embora o sotaque seja o mesmo ou eu posso até falar as palavras muito parecidas e tal, mas eu falo demais, e isso já é uma grande diferença pra eles, “não, tu não é daqui, tu não pod/fala muito pra ser daqui”*. (S8).

As mudanças ocorrem também na forma de falar, como é usada a língua na nova região. Alguns migrantes mostram que seus familiares perceberam essa diferença e alguns dos próprios migrantes também já notaram que estão falando mais aproximado da MVCS. Um dos argumentos dados é que por estarem próximos dessa fala, ao escutar acabam usando sem perceber. Nos fragmentos estão essas diferenças: *“quando eu vim pra cá meu pai falô: tu tá falando gaúcho hein meu, eu falo ti, né, entendeu, não:: pega pra ti não sei o que, entendeu,*

eles já perceberam de lá, já percebem a diferença” (S6); “ontem uma amiga minha me ligo de Brasília e ela falou *Fulana*<sup>13</sup> você tá com um sotaque mais carregado do que antes”. (S10).

Um dos sujeitos mostrou que seu início na nova região não foi nada agradável, posto que, quando podia, aos finais de semana ia para a capital, Porto Alegre, ver os amigos. Esse mesmo sujeito aponta que Caxias do Sul é muito diferente das outras cidades do estado:

*Eu cheguei aqui em fevereiro [...] daí chegou em maio tá eu não queria mais ficar em Caxias e ainda tinha 2 meses, tava começando o inverno e já tinha mais um mês e meio de aula, daí eu ficava só indo sempre pra Porto Alegre, todo o final de semana que desse eu ia pra Porto Alegre e ficava lá... [...] quando eu morava em Porto Alegre eu convivi com um pessoal que era do Alegrete assim sabe lá da região do/do:: acho que pampas mesmo eles falam né, que o pessoal lá era/fala bem gaudério e tal e daí eu pens/eu achei que isso ia ser meio parecido, mas não aqui é bem diferente... aqui é outra... até parece outro Rio Grande do Sul, parece outro Rio Grande do Sul... o pessoal aqui não tá acostumado a tomar chimarrão e tal né... uma coisa que é do gaúcho né e já lá no:: nos outros lugares que é totalmente normal né. (S4).*

Quando ocorre a migração muitos sonhos, projetos, sentimentos e pessoas ficam no antigo local, isso muitas vezes desestabiliza o sujeito no início de sua mudança, ou até que ele programe novas conquistas que envolvam a nova região. O final de semana é visto com solidão nos primeiros meses: “*final de semana é um pouco meio triste nos começos de senti falta de casa e de pensa da escolha, mas depois não tu vai te adaptando*”. (S2). Também são lembrados os sonhos que ficaram na terra de origem: “*tinha acabado de passar no vestibular da PUC de Minas e era o meu sonho, era o que eu queria, só que não tinha possibilidade de continuar lá, não tinha cond/possibilidade de ficar lá mesmo, vim pra cá*”. (S5).

Muitos dos migrantes deixam algo quando mudam de local, Penna (1998) reconhece que os relatos dos migrantes permitem resgatar muitas práticas culturais, que de alguma forma são significativas para eles. Segundo a autora a migração pode desfazer uma perspectiva de vida, como foi relatado pelo S5, já que “[...] a migração pode também ser uma forma de resistência: resistência a formas de exploração e dominação, às adversidades da natureza, à falta de perspectivas de vida: resistência, enfim, ao nível pessoal, à infelicidade e à destruição dos sonhos [...]”. (PENNA, 1998, p. 104-105). Portanto, as histórias relatadas pelos migrantes durante a entrevista são uma forma de representar o seu grupo social.

### 3.1.2 Diferencial encontrado nas entrevistas narrativas

A entrevista narrativa, por ser um método que aproxima o entrevistado do entrevistador, torna-se, a partir do seu diálogo, um momento de confissão. Com o andamento

---

<sup>13</sup> Nesse momento a entrevistada refere-se a si.

da entrevista, os migrantes estavam próximos do entrevistador, mostrando opiniões e posições acerca dos temas abordados, muitos indo além do solicitado e fazendo comparações sobre as diferenças de sua região de origem perante a MVCS. É interessante que os sujeitos apresentaram situações em que viveram e perceberam as peculiaridades da nova região, também, houve momentos de valorização da terra de origem e da região em que vivem atualmente, assim como também foram apontados os problemas de ambas regiões. Esses pontos diferenciais das entrevistas são especiais para a pesquisa, pois mostram como os sujeitos possuem características que os fazem únicos. Sobre isso Orlandi, Guimarães e Tarallo (1989, p. 25) ressaltam que “[...] as diferenças, quando existem, são vistas como diferenças efetivas e que não devem ser ignoradas, mas levadas em conta como elementos produtivos das relações sociais e do estabelecimento das diferentes formas de organização social [...]”.

Em vários momentos houve expressões de sinceridade, mostrando que o sujeito tinha a intenção de ser verdadeiro, mesmo que pra isso precisasse se expor. Muitos colocaram emoção nas respostas, alguns como se estivessem revivendo o momento em que a situação aconteceu. Em algumas passagens fica clara a comoção em retratar a ocasião que o sujeito julgou interessante. Pode-se observar nos fragmentos: “o que eu chorei, meu Deus”; “uma coisa frustrante pra mim”; “no início eu pensava que/que eles não gostavam de mim ((risos))”; “aqui eu não aguento mais ficar, eu tava me sentido sufocada”; “eu tinha uma certa raiva de tá passando por tu/por tudo isso”; “no começo ali pra mim eu achei difícil né”. Esses pontos são mostrados como intrínsecos dos migrantes, Bortoni (1989, p. 169) realça essa compreensão de mostrar algo, percebendo que “[...] um mesmo indivíduo, nos diversos domínios ou esferas de atuação social, desempenha papéis diferenciados [...]”.

Alguns entrevistados quiseram deixar claro que estavam sendo sinceros, muitas vezes retornando em alguns assuntos e explicando novamente. Até mesmo expondo características e acontecimentos que poderiam ser julgados como particulares. Diante dessa posição, percebe-se que eles estavam preocupados em apresentar boas ideias e bons argumentos para defender sua fala. Algumas passagens são destacadas para ilustrar essa preocupação em diferentes sujeitos: “eu te contei que eu, que a gente, que a minha família é um pouco desapegada, mas a gente, não quer dizer que a gente não sente falta né”; “eu senti muita dificuldade e muita diferença em relação a isso foi muito difícil porque a gente não tava acostumada, eu não tava acost::tumada”; “eu tenho que ser sincero, fazer o quê”; “não é que eu seja burro, é que eu sou lento”; “eu já senti assim de pessoas ficam me olhando meio estranho”.

Alguns expuseram suas ideias, dizendo do que gostam e do que não gostam, mostrando as adversidades encontradas, ou ainda não se colocando em posição alguma, mas

refletindo em voz alta sobre uma possível posição. Nota-se isso nos trechos seguintes: “foi um choque assim pra mim”; “eu ache a coisa mais ridícula do mundo”; “uma coisa terrível isso pra mim”; “isso me deixa bem contrariada, bem decepcionada mesmo”; “eu não posso me queixar assim”; “não dá pra entender isso aqui, na real eu não consigo entender”; “eu acho que vou fazer uma comparação meia:: meia sem lógica”; “eu fui sacaneado mesmo”; “já fui mandado até calar a boca ((risos))”; “a burrice mesmo ((risos)) do trânsito”; “não foi fácil conseguir amizade deles”; “mas foi bem difícil, precisei de tempo”. Diante dessas colocações salienta-se que os migrantes não tiveram medo de dizer e defender o que pensam.

As personalidades ficam explícitas no decorrer da entrevista, apontando o que os diferenciam, emergindo a originalidade de cada indivíduo. Alguns excertos são apresentados: “até eu me estranhei”; “eu não vi dificuldade, honestamente”; “eu procuro tudo na esportiva, eu procuro não me ofender tanto”; “eu me irrita eu não consigo conversa muito tempo com uma pessoa assim”. Nesse ponto os migrantes colocam-se como únicos, pois dizem as diferenças que encontraram e como eles se colocam frente a essas diversidades, abordando sobre as atitudes de si mesmo. Goffman (2002, p. 19) considera a importância da fala que resulta no encontro social, assim como acontece na realização das entrevistas, de forma que “[...] a fala é socialmente organizada, não apenas em termos de quem fala para quem em que língua, mas também como um pequeno sistema de ações face a face que são mutuamente ratificadas e ritualmente governadas, em suma, um *encontro social* [...]”. (grifos meu).

A presença do gravador inibia alguns sujeitos no início da entrevista, mas logo era esquecido, pois a conversa sempre fluía mais interessante e preocupante do que a presença do aparelho. Muitos sujeitos não se deixaram intimidar totalmente e aproveitaram o momento, uma vez que houve situações engraçadas contadas por eles, além de fazerem piadas, ou falar coisas engraçadas para que o clima continuasse agradável. Esse aspecto do humor ajuda na realização da entrevista, visto que deixa o entrevistado a vontade no momento e faz com que a entrevista seja produtiva.

Podem-se observar alguns momentos em que essa situação apareceu: “o pão de queijo de Minas que é o melhor”; “achei que tivessem zoando comigo né ((risos))”; “é:: como eu era bixo ((risos)) não trataram muito bem”; “((risos)) só faltava ganhar alguma coisa de verdade”; “é toda uma história que dá uma novela da Globo”; “eu posso até se uma psicopata ((misteriosa))”; “Porto Alegre tem bem mais puxado *alooo* ((risos)) e é bem mais, de repente acho que meio louco ((risos)) tô brincando”; “se eu lembrar te mando uma mensagem ((risos)) tô brincando”; “se eu fosse falar Ber::nar::do toda vez que eu ia chama ele acho que eu ia me engasgar”.

Além de ter esse aspecto mais descontraído, a entrevista é uma boa chance dos migrantes divagarem sobre seus conhecimentos. No meio de um assunto sério e que se mostra interessante um dos sujeitos faz sugestões, explica seus argumentos, mas não deixa de dar uma pitada de humor. Abaixo se observa o trecho:

*Não sei se tu pode generalizá falando que:: nos países mais frios talvez tenha haver com o clima, a gente até:: entre os amigos a gente já pensou isso né, já converso, já converso várias vezes sobre isso, nos países de clima frio ahn se existi um pouco disso, de sê mais, tá registrado como sentimento né por::que sabe-se que o, que o alemão é, é:: assim né, pra quem já viajo pra lá, ou pra quem tem também familiares, que são bem mais fechados, agora diferente do italiano, né, que também, a Itália é dividida na parte norte e:: sul, os do sul são bem mais calorosos, né, não sei se pode generaliza, mais e:: pode:: isso é uma boa teoria aí prum próximo trabalho teu quem sabe ((risos)). (S2).*

Muitos apresentaram preocupação com a sua contribuição para a pesquisa, sendo que em alguns momentos se mostravam nervosos e relatavam isso, queriam lembrar de situações específicas e não conseguiam. Alguns se apresentaram disponíveis no caso de precisar de mais informações futuramente, com uma abertura para a sua intimidade. Porém, houve aqueles que sentiram dificuldade de recordar alguns pontos. Conforme Vogt (1989, p. 86), são desses pequenos detalhes todos juntos que a enunciação acontece, posto que “[...] é o enunciado como um todo que constitui a verdadeira unidade de significação lingüística [...]”.

As dificuldades que surgiam pelo ato de ser entrevistado poderiam ser justificadas pelo motivo que o migrante não sabia exatamente que perguntas seriam feitas, apesar disso ele já sabia com antecedência o assunto sobre o qual seria tratado. Conforme a entrevista fluía ocorria um pouco de nervosismo e insegurança nos entrevistados, fazendo com que algumas palavras sumissem de sua cabeça e outras aparecessem. Conferem-se nas passagens alguns casos em que ocorreu essas dificuldades pelo ato de ser entrevistado: “qual que é a outra que eu me perdi agora...”; “como eu vou dizer, tô um pouco nervoso...”; “ah não sei:: te responde isso”; “vamo ver ((batia as mãos no sofá))”; “não sei explicar assim fica difícil fala”; “deixa eu me lembra aqui de alguma situação... ((pensando))”; “eu nem sei como posso te dizer...”; “eu acho que:: eu me perdi ((risos))”; “como que eu vou explicar...”; “como é que eu posso dizer ahn”; “agora tu me pego”; “agora não me aparece nada”.

De alguma forma os migrantes queriam mostrar que era importante para eles a entrevista, pelo fato da pesquisa. Com isso, muitos se viram na posição de migrantes enquanto as perguntas eram realizadas. Alguns fragmentos mostram essa importância dada pelo entrevistado: “não sei se eu tô sendo muito específico”; “ahn que mais... ((pensando))”; “bah me fugiu a palavra...”; “agora que eu não tô lembrando”; “agora me foge ((risos)) deixa eu ir pensando daqui a pouco eu lembro”; “ah agora que eu lembrei”; “vamo vê o que mais”; “eu acabei de me lembrar”; “que mais ((pensando))”; “tomara que tenha ajudado aí em alguma

coisa”; “deixa eu pensar outra... ah... não lembro mais de outras, eu não lembro bem”; “tem várias outras coisas... deixa eu pensa...”; “não me recordo mesmo”.

Goldenberg (1999) aponta como vantagens da entrevista essa aproximação entre os entrevistado e o entrevistador. Logo, há uma revelação de informação sobre assuntos complexos. Neste caso as emoções, assim como uma relação de confiança e amizade durante a entrevista, que proporciona o surgimento de outros dados que possam ajudar. Nesta pesquisa alguns sujeitos eram conhecidos da pesquisadora, outros foram indicados por pessoas conhecidas.

As entrevistas narrativas além de trazer informações que serão essenciais para o desenvolvimento desta pesquisa, oportunizam outras diversidades da língua. Como as expressões orais, que servem para juntar as ideias, ou unir uma a outra, também são utilizadas para concluir um tema, ou ainda para auxiliar na interação e na organização do discurso. A oralidade está muito presente no decorrer das entrevistas e não se pode deixar passar esse lado específico do uso da língua. Bourdieu (1996, p. 41) menciona aspectos do falar que são notados pelo uso, sendo assim “[...] falar é apropriar-se de um ou outro dentre os *estilos expressivos* já constituídos no e pelo uso, objetivamente marcados por sua posição numa hierarquia de estilos que exprime através de sua ordem a hierarquia dos grupos correspondentes [...]”. (grifo do autor).

### 3.1.3 Formação profissional e meio

A MVCS apresenta um grande desenvolvimento nas áreas educacional e profissional, consoante Hall (2005, p. 14) as sociedades precisam estar em constante aperfeiçoamento, afirmando que “as sociedades modernas são, portanto, por definição, sociedades de mudança constante, rápida e permanente [...]”. Já, para Lucchesi (2001), quando se refere ao aspecto cultural, ele aponta as origens das pessoas que habitam essa região e o que acontece com o seu princípio de trabalho, visualizando que:

Entre o final do século passado e as primeiras décadas deste século, chegaram ao Brasil mais de três milhões de imigrantes europeus e asiáticos [...] dirigindo-se para o trabalho braçal no campo [...] em função de seu *back-ground* cultural, esses imigrantes ascenderam rapidamente na estrutura social [...]. (LUCCHESI, 2001, p. 109 – grifo do autor).

As atividades que os sujeitos desenvolvem na sociedade ajudam muito na sua integração com o restante da população, pois é através desse vínculo que se conhecem outros ambientes e costumes. Os entrevistados vivem em ambientes como universidade e empresas de diversos portes, seja como aluno, estagiário ou contratado. Dos doze sujeitos, somente um não trabalha (8%), mas vive no ambiente acadêmico e nas práticas da faculdade de medicina, em ambulatórios e hospitais.

Os ramos de trabalhos são variados, uma vez que 34% pertencem ao ramo escolar, ocupando posições como bibliotecário, estagiário, monitor e secretário. Já outra parte dos entrevistados trabalha em lojas no comércio, alcançando 33%, onde se enquadram loja de confecção e de eletrodomésticos, ocupando posições de vendedor, auxiliar de costura, auxiliar administrativo e gerente. Os demais fazem parte de empresas de pequeno e grande porte, 25% trabalham em escritórios, prefeituras e empresas terceirizadas, com os cargos de auxiliar contábil, técnico em manutenção e assessor.

Com esses diferentes cargos, os sujeitos convivem com funções de atendimento ao público, recursos humanos, manutenção, processos burocráticos, vendas, apresentação de produtos, lançamento de notas fiscais, entre outras atividades que surgem no decorrer de seus dias, porém o mais relevante é que todos trabalham em equipes e convivem com pessoas nascidas na MVCS e também de outros lugares. Dessa forma, aprendendo a conviver com as diferenças e conhecendo um pouco do sistema de costumes e hábitos da região, ou seja, ao manter esse relacionamento com pessoas diferentes torna-se mais fácil entender os costumes de um novo local. Os sujeitos, que trabalham em lojas e empresas de comércio, acabam criando um vínculo entre os colegas de trabalho, e, com isso, algumas coisas já ficam implícitas em suas atitudes. Goffman (2004, p. 173) apresenta uma visão de que “[...] não existe estabelecimento comercial, por mais respeitável que seja, cujos empregados não lancem uns aos outros olhares significativos quando em presença de um cliente indesejável ou de um cliente desejável que se conduza de maneira indesejável [...]”. Assim, os sujeitos acabam se integrando a um determinado sistema.

Quando perguntados se foi difícil conseguir emprego na MVCS, a maioria, com 59%, respondeu que não, apenas um sujeito respondeu que foi difícil (8%), ainda tiveram alguns sujeitos que não responderam, equivalendo a 33%. O sujeito que respondeu positivamente argumentou que isso aconteceu porque não tinha experiência, assim o seu primeiro emprego foi em forma de estágio. Os sujeitos que não responderam têm como motivos: não precisa trabalhar, isto é, os pais ajudam nas despesas da faculdade; faz monitoria e não recebe financeiramente por isso: “faço tanta coisa e não ganho nada, ((risos)) só faltava ganhar

alguma coisa de verdade” e o outro veio transferido pelo emprego, isto é, com emprego garantido. Já, os demais sujeitos apontaram que não foi tão difícil conseguir emprego:

*Assim que eu cheguei aqui foi bem fácil porque o mercado de trabalho de Antônio Prado é muito fácil então assim que eu cheguei eu comecei a trabalhar numa fábrica de bolsa... [...] e assim que eu sai como eu tinha experiência com costura:: logo de primeira, na primeira semana após eu sair da outra:: da outra fábrica eu já comecei na outra, foi bem tranquilo, não foi difícil. (S5).*

Alguns além de apontar a facilidade mostraram como é farto o campo de trabalho na cidade: *“me chamaram pra uns outros lugares, mas como eu tava aqui ((emprego)) eu não quis sair, tinha acabado de entrar”*. (S10). Também é observado pelos entrevistados que é importante conhecer pessoas, valendo-se que alguns tinham pessoas influentes para ajudar, ou conheciam pessoas que intermediaram a contratação, ou conheciam os proprietários.

A MVCS é um grande polo de empregos e possui muitas empresas de grande porte que oferecem oportunidades as pessoas que tem qualificação para os cargos. Os migrantes perceberam o potencial e resolveram ficar na região, como se observa no excerto: *“eu vi o potencial de Caxias do Sul, e como não deu certo ser padre, eu vou tenta a vida aqui”*. (S7).

Outro sujeito expõe uma opinião curiosa a respeito do crescimento da cidade:

*Se eles pudessem fechar a cidade e deixar somente italiano aqui dentro, trabalhando nas indústrias e exportar ((ênfase)) a produção e entrar só a matéria prima, por eles acho que seria o ideal, é só eles, o resto, como tem muita imigração assim de outras cidades eu acho que eles se sentem meio agredidos assim “poxa a gente fez crescer essa cidade e agora eles vêm de fora e querem tomar o nosso lugar, lugar das vagas de empregos dos nossos filhos, sei lá, dos nosso familiares”, então, eles se fecham bastante por causa disso [...] eu acho que eles, que se eles pudessem se fechar com todos os “italianinhos” ((irônico, debochado)) aqui ia ser pra eles o ideal. Acho que seria o sonho de consumo deles. (S8).*

Os empresários da região procuram manter uma qualidade de atendimento e de produção, isso também está presente na área educacional, pois um dos sujeitos que trabalha no ramo aborda que o atendimento ao público alvo é essencial: *“tem que ter um jogo de cintura, pra atende aluno que às vezes tá estressado, professor, e o pessoal que vem às vezes com uma concepção errada, já cheio de arrogância, sei lá, sempre tem né”*. (S12). Mesmo que seus funcionários sejam qualificados para o trabalho, o setor educacional ainda se preocupa com a imagem que pode repercutir ao novo aluno. Um dos migrantes expõe sua experiência de ingresso na universidade: *“eu liguei nessa época me atenderam super bem e me mandaram, tenho até hoje, um um calhamasso de coisas que, esses jornais que tem aqui na UCS, mandaram também, mandaram provas antigas, e:: bom eu tive um impressão muito boa da universidade”*. (S2). Diante dessa boa recepção, o então aluno, depois de ingressar, expõe o resultado: *“e não arrependo assim a universidade”*. (S2). Logo, se entende o porquê das grandes empresas, mesmo as educacionais, estarem em forte crescimento e com uma boa estabilidade na região.

Assim, a qualificação é parte essencial para ser bem sucedido, alguns sujeitos chegaram à região com pouca e perceberam que teriam que correr atrás de cursos que suprissem suas faltas. Um trecho mostra essa noção: *“no começo eu só achei emprego em indústria, né, em outro setor, não, por mais que eu já tinha trabalhado em loja, lá, tudo, não:: experiência tinha, não adianta, tive que começa a me qualifica, a fazer alguma coisa”*. (S12).

Diante desse grande desenvolvimento observa-se que os pagamentos, geralmente, são corretos e muitos preferem não fazer prestações. Um dos sujeitos notou esse fator: *“italiano gosta muito de dar uma choradinha no valor principalmente à vista eles pagam bem à vista assim se tivesse um desconto maior. Então começa a negociar, a negociar e aí no meio já vem uma expressão em italiano assim como tchó”*. (S8). E comparado à situação financeira está o forte aspecto cultural da região que é rica tanto nos ideais gaúchos quanto nos italianos. O fator financeiro e o cultural proporcionam uma boa vida e fazem com que os migrantes tenham vontade de ficar na região.

Algumas vezes o fato de ser de outro lugar ajuda ou atrapalha na profissão, pois, ao conhecer mais a região, mais próximo o profissional vai estar do seu público. Um dos caminhos para essa ligação é o uso da língua, sendo que através dela se tem o entendimento dos problemas comuns da região. Um sujeito reflete acerca dessa aceitação:

*Não quer dizer que tu é de fora, que a forma como tu vai exercer sua profissão é pior ou melhor né, mais eu acho que pra empatia tu criá o vínculo às vezes é importante pra pessoa que tá ali pra ti fala alguma coisa, pra ti conta alguma coisa, pra tê essa identificação da:: própria cultura né. (S2).*

Ainda, o mesmo sujeito, em outro momento da entrevista expõe o quanto é importante se aproximar do paciente através da linguagem. O trecho segue:

*Porque no ambulatório o:: tu tem que criá um vínculo pra pessoa pode te passar, ainda mais na medicina, te passa a história dela e uma empatia ali e daí na hora de até fala um “bom dia” já tu via que a pessoa já via que tu era de um outro estado e te olhava diferente né, isso eu tive mais dificuldade no começo, mas depois fui me adaptando. (S2).*

Nesse critério de aproximação através da linguagem Goffman (2004, p. 50) apresenta um exemplo em que a origem é levada em conta na admissão de novos estudantes na área da medicina, então, segundo o autor:

[...] as escolas de medicina nos Estados Unidos cuidam de recrutar os estudantes, em parte tomando por base as origens étnicas, pois certamente os doentes levam em conta este fator ao escolher seus médicos. Mas na interação real entre o médico e o paciente admite-se que se crie a impressão de que o médico é médico simplesmente devido a aptidões e ao treinamento especiais [...].

Quanto aos estudos nenhum entrevistado deixou ser passado para trás, pois como há vagas, exigem-se pessoas qualificadas. Então, 84% estão em andamento no curso superior, todos são alunos da Universidade de Caxias do Sul, pertencentes aos diversos cursos oferecidos pela instituição. Neste caso, fazem parte dos cursos de História, Medicina, Ciências Contábeis, Pedagogia, Comunicação Social, Economia e Administração. Apenas um sujeito tem formação em Curso Técnico (8%) e outro sujeito se dedica exclusivamente ao Curso de idiomas, ou seja, o inglês (8%).

### **3.2 Relacionamento social**

Ao tratar da relação social do entrevistado procurou-se saber como é seu convívio entre amigos, tendo em vista se seus amigos são nativos da serra gaúcha ou se pertencem às outras regiões do Brasil. Quando perguntado se tem amigos na MVCS grande parte dos entrevistados respondeu que sim, sendo uma das respostas “muitos”, ao total foram 75% de respostas afirmativas, somente 8% foram negativas e 17% com poucos amigos na região. As justificativas para a resposta afirmativa ficam em torno de “são simpáticos”; “só as gurias da loja que eu considero minhas amigas”; muitos citaram como amigos colegas da faculdade, do trabalho, amigos que dividem apartamento. Para os sujeitos que afirmaram ter poucos amigos um dos argumentos é o de que “o pessoal de Caxias não interage muito com o povo de fora” e, também, essa distância nas amizades é mostrada pelo pouco tempo na cidade. Já o sujeito que apontou não ter amigos justifica isso por ser casado e viver mais com as pessoas da família que vieram da cidade de origem.

Em seguida, foi perguntado se os novos amigos, que foram conquistados na região, são diferentes dos amigos da terra de origem. As respostas surpreenderam, pois 59% responderam que os amigos de uma região para outra diferem, já 33% concluem que os amigos não mudam e são parecidos e apenas 8% não respondeu a questão, afirmando não ter amigos, mas familiares. Das respostas que percebem os amigos como iguais, emergem: “acho que eram o mesmo perfil [...] mesma coisa, mesma situação”; “não tem muita diferença”; “são parecidos, bem parecidos na questão da hospitalidade”.

Essa noção de amizade é complicada quando comparada com antigos amigos, uma vez que com novos amigos ainda não se possui muita confiança surgindo a ideia de equipe. Essa equipe pode ser formada por grupo de estudos ou colegas de trabalho, segundo Goffman (2004, p. 99) uma equipe:

pode ser definida como um conjunto de indivíduos cuja íntima cooperação é necessária, para ser mantida uma determinada definição projetada da situação. Uma equipe é um grupo mas não um grupo em relação a uma estrutura ou organização social, e sim em relação a uma interação, ou série de interações, na qual é mantida a definição apropriada da situação.

Os argumentos que percebem os amigos como iguais ficam contraditos com os argumentos que afirmam diferença entre os amigos. Observam-se nas falas dos migrados as diferenças:

*O calor humano em Minas é bem maior, assim as pessoas são mais sorridente, brincam com tudo, ri com tudo... é ((pensando)) levam a vida mais fácil eu acho aqui eles levam a vida assim muito ao pé da letra e eu tenho essa impressão. (S5).*

*Os amigos que eu tinha lá são amigos mais de... porque lá se faz parte da cultura não se construir muito, as pessoas são mais desligada, são mais pessoas que não ah..., “esse ano vô trabalha pra compra uma casa, o ano que vem eu vô compra meu carro, ah meu sonho é não sei o quê”, lá são bem despojadas disso. Dá uma ideia “ah vamo pro rio, vamo apanha um ( ) não sei aonde, vamo sai por aí”, ah é mais divertimento, as pessoas vivem mais... sei lá, se preocupam menos, e aqui eu tive que acompanhar o ritmo dos meus amigos, é trabalho, trabalho, estuda, construí, construí, me sinto bem também, assim, eu gosto dessas coisas, mas é trabalho, trabalho, quanto mais melhor, e são pessoas boas, educadas, de um nível cultural invejável também, mas há assim essa divergência, né, e até, eu digo, os mesmos amigos que eu tinha lá tinham o mesmo grau de instrução que os daqui, só que só o pensamento, muda muito, quase extremo, lá não importa se “eu tenho uma faculdade, duas ou dez eu quero é manter status financeiro”, “não, eu quero é viver, na cidade, solteiro, dane-se o resto”, amanhã eu morro e pronto. (S7).*

A partir desses dados, pode-se concluir que, na nova região, há pessoas de vários perfis, pois alguns acolhem e outros dificultam o relacionamento, como mostraram os excertos. Goffman (1988, p. 117) considera que “[...] o indivíduo constrói a imagem que tem de si próprio a partir do mesmo material do qual as outras pessoas já construíram a sua identificação pessoal e social, mas ele tem uma considerável liberdade em relação àquilo que elabora”. Dessa forma, há uma noção do que as pessoas atribuem umas às outras. Essas especulações provavelmente se devem ao ambiente em que a amizade foi construída, seja ela observada por colegas de trabalho ou de faculdade, onde sempre há os mais próximos, com afinidades e os mais distantes, os quais têm interesses diferentes. Um dos sujeitos expõe a dificuldade de fazer amigos na faculdade:

*Teve uma disciplina que eu fiz que eu fiquei sentada o semestre inteiro no mesmo lugar e eu não conversava com ninguém até que um dia um rapaz puxou assunto porque a gente tava fazendo trabalho daí eu vi que ele era um cara bem legal, mas foi ele, foi o único colega da nossa turma em um semestre inteiro. O resto não, nem, mal oi, lá no final do semestre que alguns me cumprimentavam e hoje em dia eles nem lembram quem eu sou. (S8).*

A pergunta seguinte ficou em torno de saber se os melhores amigos dos entrevistados são da MVCS ou de outros lugares. Nesse caso, as respostas ficaram empatadas, visto que

dois sujeitos não responderam à pergunta e o restante, ficou dividido, sendo cinco posicionados com amigos da região e cinco com amigos de fora da região. Para as respostas que dizem ter seus melhores amigos na região as manifestações são: “são daqui... melhores amigos não te diria, mas amigos”; “os de Caxias mesmo agora, que é onde eu mais convivo”. Como se percebeu no primeiro excerto há uma grande retração para pensar nas amizades como “melhores”, tanto que este sujeito está morando na região há três anos. Já as respostas que pertencem ao grupo que afirmou que seus melhores amigos são de fora se observam: “meus amigos aqui não são de Caxias, eu não tenho quase amizades, eu tenho poucos amigos aqui em Caxias assim:: acho que dois [...] meus amigos mais são que é de fora, quem vem de fora”.

Goffman (2004, p. 189) mostra que os sujeitos querem um companheirismo social, alguém para ter ao lado, mesmo que seja para conhecer as diferentes personalidades, segundo o autor, pensando na ação teatral:

[...] Seja o que for que crie o desejo humano de contato e companheirismo social, o efeito parece tomar duas formas: a necessidade de um público diante do qual pôr à prova a própria personalidade jactanciosa<sup>14</sup> e a necessidade de companheiros de equipe, com os quais se possa entrar em intimidades coniventes e praticar o descontraimento dos bastidores [...].

Um dos entrevistados percebe que a cultura da nova região é muito diferenciada, de forma que ocorre má interpretação quanto à forma de agir. Um dos fatores que diferenciam o sujeito dos demais é a sua expansão, por ser muito sorridente, o sujeito recebe atribuições erradas. Observa-se no fragmento:

*Teve alguns assim... colegas, né, que não são amigas, né, que eu vi, ouvi comentários deles a meu respeito, sabe... tipo acho que eles confundem muito isso, eu aprendi né que como eu sou muito sorridente, eu sou muito expansiva... eles interpretam mal que as mulheres daqui são um pouco mais... fechadas, né, assim não, e eu, eu sou tipo eu sorri para todo mundo, não sei se é o meu jeito e tal, mas acabam pensando mal de mim, eu ouvi comentários negativos sobre mim. (S1).*

Quando a pergunta foi sobre a recepção deles na MVCS, não houve muitas reclamações. A maioria dos sujeitos respondeu que de uma maneira ou de outra foi bem acolhido formando 67%, porém 33% dizem que no início a receptividade não foi o que se esperava. Como excertos de respostas apresentam-se na parte bem acolhida: “muito bem, me trataram bem mesmo. Com gentileza assim, com simpatia, eu não tive nenhum atrito com ninguém”; “fui bem tratado pelas pessoas, pelos colegas de faculdade”; “até que eu fui bem

<sup>14</sup> Jactanciosa neste contexto está no sentido de: que ou quem se manifesta com arrogância e tem alta opinião de si mesmo; vaidoso, orgulhoso / que ou quem faz por demonstrar bravura ou altos méritos e conquistas pretensivos; que ou quem conta bravatas; fanfarrão.

vinda”; “me senti bem, me senti em casa [...] eu já conhecia as tradições”; “nunca fui [...] tratada mal, mal assim nunca fui”. Com as respostas nota-se que alguns se sentiram muito bem acolhidos, comparando com o próprio lar, mas outros respondem que não foram tratados de forma *mal*, o que deixa aberto uma ideia de que se esperava uma maior dificuldade pela parte do sujeito.

Nos sujeitos que apontaram um pouco de dificuldade em serem recebidos, isso aconteceu logo no início de sua vinda: “no início eu pensava que/que eles não gostavam de mim ((risos)) tinha uma impressão assim”; “bah alguns bem, outros...”; “no começo até foi um pouco:... não, foi um pouco difícil:”. Nesses excertos observam-se claramente que esses sujeitos demoraram um pouco mais que os anteriores para compreender como é a recepção e a acolhida das pessoas que são da região. Além de que as pessoas podem se isolar por conta própria, Goffman (1988, p. 22) considera que “[...] a pessoa que se auto-isola possivelmente torna-se desconfiada, deprimida, hostil, ansiosa e confusa [...]”.

Essa última pergunta sobre a receptividade na região pesquisada abriu muito espaço para os entrevistados, os quais foram além da questão e expuseram suas opiniões sobre a conduta de quem chega à cidade e de quem já pertence a ela. Dessa forma, emerge uma discussão com as respostas dadas pelos migrantes.

De um lado é visto o problema da receptividade pertencendo às pessoas da MVCS:

*E vou te fala assim dentro das pessoas que eu con/convivo aqui, que são de fora, falam a mesma coisa, eu nunca vi ninguém falar aqui de fora “Ah Caxias é uma cidade receptiva” não:: daí... eu no começo achava que era uma coisa minha, assim, sabe... mas depois eu comecei a ver que essas pessoas... que as mesmas pessoas que tavam de fora tavam na mesma situação que eu sabe, acharam meio ruim isso aí... (S4).*

*O povo daqui, ele/ele é mais restrito... ele:... ele não vai logo te dando abertura assim, tu tem que ir aos pouquinho e conquistando eles, mas depois também não:: não teve problema. (S11).*

Já, de outro lado, alguns defendem os moradores da região pesquisada, afirmando que estes são receptivos, sim:

*Apesar de algumas pessoas dizerem que outras que vieram também pra cá:: e que falam que sentiram certo preconceito por ser de fora... eu não:: eu me senti:: talvez seja pouco inocente esse lado, mas eu me senti bem acolhida. (S5).*

*Pelos amigos e pelas pessoas em geral também, eu não tive nenhum problema, nenhum que eu perceba, né, bem eu tô chegando na/na região então eu tenho que me adaptar, na verdade eu não notei nada de:: ruim, sem decepção. (S6).*

E, outro sujeito diz que o indivíduo deve tentar entrar no cotidiano da região, se adaptando e mostrando tolerância:

*Eu acho que também vai da tua conduta acho:: quando eu cheguei quando eu tava vindo pra cá no ônibus eu pensei assim “bom agora ou eu tenho que fazer amigo, ou eu tenho que fazer amigo” tava*

*preocupado ((risos)) mas se tu vai, se você vai pra lugar novo que cê sabe que tem muita coisa diferente tem que vestir a camisa né, não tem como você fazer o lugar se adaptar a você então, assim tava aberto a qualquer amizade possível né quantas possíveis e às vezes tinha um convite “ah vamo come um cachorro quente as duas da manhã?”, “ah vamo certo né” e:: a cultura é diferente mais ahn... nunca tive problema eu:: tive uma boa receptividade, eu já conheci outras pessoas que eram de outros estados que falaram bem diferente. (S2).*

Outro defende que no início sempre existem dificuldades de adaptação, mas passam:

*O primeiro emprego foi complicado né, tive bastante de dificuldade de me relaciona com as pessoas, eu sentia um pouco de aversão, assim, mas depois normal assim [...] na UCS foi bem tranquilo pra conseguir:: co/colegas assim, foi bem fácil não tive dificuldade. (S3).*

E, finalizando a discussão, apresentam-se comparações com a terra de origem e com as cidades em que já morou:

*Eu morava em Floripa [...] o pessoal é acostumado com o turista então, o pessoal é mais acolhedor, aqui não, eu acho que não, tem um pouco de::... tem uma separação, sei lá se é mais, se é uma rejeição, se é uma discriminação [...] bem, lá mais acolhedor, bem mais fácil, bem mais tranquilo, tanto ah nossa, bem, bem, bem, a diferença assim, o pessoal acho que lá mais acolhedor, aqui o pessoal mais:: cada um na sua, cada um:: tanto aqui na universidade [...] o pessoal tem todo semestre tu tem que tentar fazer novos grupinhos de amigo né porque muda tudo ou:: ou mantém sempre aqueles que tu tem desde o começo já mais finco se não ninguém te dá a mínima, né. (S12).*

Através dessa discussão com as respostas dos migrados se observa alguns princípios diferenciados. Aqueles que procuram se informar antes de migrar para um novo local, como aqueles que esperam que as pessoas sejam solidárias em ajudar nas suas necessidades, porém existem outros que encontram pessoas que “adotam” até que o mesmo esteja bem localizado. Diante desses caminhos, percebe-se que todos, tanto os que vão pelos caminhos mais fáceis quanto os que encontram mais pedras, chegam ao seu destino e conquistam seu espaço. Bourdieu (1996, p. 23-24) mostra que “[...] as trocas lingüísticas – relação de comunicação por excelência – são também relações de poder simbólico onde se atualizam as relações de força entre os locutores ou seus respectivos grupos [...]”, logo se entende o motivo de tantas diferenças, encontradas pelos migrantes.

### **3.3 Percepções de variedades linguísticas**

A variação linguística é comum em todas as regiões, mesmo morando em uma mesma cidade, as pessoas não falam da mesma maneira. Isso, também, acontece porque pessoas dos diferentes lugares migram intensamente de um lugar ao outro. Esse caso ocorre com bastante frequência na região pesquisada que é conhecida como um polo de grandes empresas, onde muitos trabalhadores migram procurando um estabelecimento financeiro. Assim, as pessoas

vêm para a região dos diversos lugares do Brasil, acabam dando certo no emprego e ingressam na área educacional, cursando faculdades ou cursos de qualificação, a fim de conquistar mais espaços.

Quando perguntados se encontraram dificuldades de comunicação, os sujeitos se posicionaram 50% com algumas dificuldades, 42% disseram não ter dificuldades e 8% não soube responder. Dos que afirmaram ter dificuldades as respostas ficaram em volta de: “eu ainda tenho dificuldade de comunicação”; “bastanti:: palavras principalmente ahn:: [...] palavras em italiano”. Os sujeitos que apontaram não ter dificuldades argumentam: “eu venho de um região que o pessoal conversa muito, né, então, pra eu comunicar com as pessoas eu não vi diferença”; “não, sou muito comunicativo”. Boa parte dos sujeitos que afirmaram não ter dificuldades na comunicação atribuem essa facilidade à personalidade comunicativa.

Apenas o sujeito que não soube responder mostrou-se um pouco enrolado:

*Sei lá porque eu sou um cara muito:: por ser de fora, não sei, tavam meio com medo... ou não sei, não dá pra entender isso aqui, na real eu não consigo entender, não sei nem explicar porque acontece isso, não sei [...] até mudei eu, eu mudei um pouco minha personalidade por estar aqui entendeu antes era chegava:: eu era mais espontâneo eu chegava e conversava com qualquer pessoa que tivesse do meu lado [...] mas hoje assim até/até eu fico um pouco mais fechado, me sinto mais diferente em relação ao que era antes. (S4).*

Além das dificuldades de comunicação muitos sujeitos perceberam também peculiaridades nos usos da língua. Diferenças de ritmo, entonação, palavras desconhecidas. Percebem-se esses casos em alguns excertos:

*Eu tô falando contigo agora, mas eu tô sendo... eu tô falando bem devagar, mas normalmente eu falo bem mais rápido, quando eu me empolgo, assim, às vezes, eu falo um pouco, pouco rápido, então... assim, tem gente ((risos)) que até brinca comigo “por favor, repita e lentamente” né, “tradução”, às vezes eles também não entendem o que eu digo. (S1).*

*Agora eu já pus o “tu” mas, mais porque eu me acostumei não é forçado eu acho e e:: eu em Minas quando você fala “você” e acaba contraindo mais a palavra no interior tu fala “cê” eu não sei mais cantado né “como é que cê tá?” sabe, agora parece que eu tô, eu tentando falar igual aos meus familiares parece que eu tô forçando mais do que, e quando eu vou pra lá eu não sinto a diferença sabe, por telefone também eu já não:: é bem estranho assim eu falo normal assim, eu não acho que eu falo ou igual lá ou igual aqui, eu não consigo ver diferença, mais ahn os 6 meses que eu tava aqui eu já, eles já notavam bastante diferença assim. (S2).*

*Mas tipo mais puxado o caRRo, a caRRoça, não sei o quê, e... mais a rapidez da fala ( ) ((ruídos rápidos)), eu até eu já tô falando rápido, também, porque lá no norte uhn... é bem... tudo tem paciência, tem que ouvi depois tem que fala e também o raciocínio éh... mais lento ((risos)) eu penso... falam mais rápido, alguns falam mais enrolado mesmo, que não dá pra ti entende nada mesmo, é tipo na empresa, né, eu atendo muito o telefone e às vezes tem que pedir “calma, começa de novo, fala mais calmo, que eu não tô entendendo” eu tenho que falar isso né, eu tenho que ser sincero, fazer o quê, e tem mais também tipo eu, se me pedirem pra fazer as coisas rápido eu não consigo, não vai mesmo, se me apinha muito não anda, tem que para, mas eu que aprendi assim, né, e, tipo eu tenho esse pouco de dificuldade que aqui tudo tem que ser rápido. (S7).*

Por tratar de aspectos no uso da língua, a pergunta seguinte, questionava exatamente essas diferenças que os sujeitos migrados perceberam com essa transição. Todos os sujeitos

perceberam alguma sutileza na fala das pessoas que já estavam morando na região pesquisada sejam expressões da língua e dialeto italiano, sejam expressões gaúchas, seja o sotaque, sejam os usos de *tu*, *ti*, *bah*, *tchê*, entre outros. Algumas respostas são muito interessantes e surpreendem nas pequenas coisas que são comuns para os que já convivem na região.

Weinreich, Labov e Herzog (2006, p. 96-97) em seus estudos apontam que formas distintas coexistem e “[...] estas formas coexistentes podem ser conhecidas como ‘estilos’, mas também como ‘padrões’, ‘gírias’, ‘jargões’, ‘jeito antigo de falar’, ‘níveis culturais’ ou ‘variedades funcionais’ [...]”. (grifos dos autores). Segundo eles essas formas compartilham propriedades como meios alternativos de dizer a mesma coisa, estão disponíveis aos membros da comunidade de fala. Com isso, há uma forte ligação com as expressões gaúchas que são muito utilizadas na região. Moralis (2001, p. 141) em sua pesquisa percebeu um dado interessante quanto aos falares gaúchos, mostrando que “[...] o falar gaúcho é estereotipado pelo araguiense ao ser visto como *arrogante, diferente*”. (grifos da autora).

As pessoas vindas de fora do Rio Grande do Sul conseguem distinguir quais são as maneiras gaúchas e quais são as maneiras italianas usadas na MVCS. Como dizem os sujeitos: “ah os jargões clássicos né do *bah* o *tchê* né, acho que é, próprio daqui, mas eu ainda falava muito o *uai* então, era a maior dificuldade que eu tive era essa”; “o sotaque é diferente né, principalmente daqui da região, aqui, serrana é bem diferente de Porto Alegre e outras regiões daqui, tem uns sotaques bem ca/carregado pro italiano, então tem bastante gírias assim que até é usada meio dos italianos”. Antunes (2007, p. 106) apresenta um ângulo maior, observando que “quanto maior é o domínio das variedades de uma língua, maior é a capacidade de alguém para usá-la adequadamente em cada circunstância [...]”.

Nessa pergunta os sujeitos foram além dos aspectos da língua e perceberam outras diferenças, como: “*no começo foi um choque assim, era muita informação, muita coisa diferente, a arquitetura, né, a cidade assim, as pessoas, a fisionomia das pessoas é bem diferentes, a maneira de falar, a comida assim, no churrasco...*”. (S1). Outro sujeito compara a sua fala com a da entrevistadora, tendo, dessa forma, um exemplo concreto: “*pra mim o meu jeito de fala eu acho normal, só que eu te olhando você conversa é diferente:: tu vê que é mais/mais pausado*”. (S5). Também alguns aproveitaram a oportunidade e contaram alguma história que passaram na região e que envolve o uso da língua:

*Aqui em Caxias... [...] eles não conseguem fala o “r” direito também “eles seguem réto, réto, réto” ((imitando a fala)) eles chegam na loja pedindo uma “cigaréti” então:: mais ou menos isso assim, mas isso é uma coisa que::... é acho que por falarem italiano fica difícil eles falarem o “r” mas isso é normal né, mas é uma diferença bastante gritante assim. (S10).*

*O pessoal mais do interior assim, como aqui é uma/uma cidade bem italiana, eles carregam muito no/no jeito de fala, sempre falando meio “gringón” assim e::... (pergunto se isso é observado nos que estão na cidade também) algumas pessoas da cidade também, mas o mais forte mesmo é na:: bem no interior assim de Caxias que/que que o pessoal é eh:: bem gringo mesmo, carregando o sotaque::... falando... ahn:: como é que eu posso dizer... ((pensando)) “oh” ((enfático)) que nem teve um caso que eu perguntei pr’um cara onde ficava uma tal localidade, que é o Monte Ibérico, aí ele falou “oh Monte Ibérico aonde fica pra tal lugar” ((fala interpretando a forma como o homem explicou)) daí me explicô nesse modo de falar. (S11).*

É comum não perceber aspectos diferentes na linguagem, visto que há muitas idas e vindas em diferentes lugares, as pessoas acabam utilizando um pouquinho da linguagem de cada região e deixando uma antiga maneira de lado. Essa é a forma de construção do ser híbrido. A indecisão é certa, como este outro sujeito: “agora não sei a minha fala se é mais daqui ou se é do interior”. Conforme Bourdieu (1996, p. 69) as formas de falar são absorvidas pela convivência, pois “[...] aprendemos a falar não apenas ouvindo uma certa maneira de falar, mas também falando e, portanto, oferecendo um falar determinado num mercado determinado [...]”.

### **3.4 Percepções de variedades linguísticas da terra de origem**

Nesse momento todos os entrevistados refletiram sobre a fala da sua região, do local onde foram criados. Dos doze entrevistados dois não responderam e um respondeu que na sua cidade ocorre uma mistura muito grande de variedades linguísticas, porém apontou um diferencial: “*é bem difícil tu identifica tu é de Pelotas, ah esse sotaque é de Pelotas [...] é o modo de agir, o modo de ser assim que acho que identificaria, não exatamente o sotaque*”. (S8). Contudo, é importante ter consciência de que “[...] toda fala é produzida para e pelo mercado ao qual ela deve sua existência e suas propriedades mais específicas”. (BOURDIEU, 1996, p. 64).

Monteiro (2000) salienta que no Brasil é fácil de perceber diferenças linguísticas, visto que alguns traços identificam formas faladas na cidade ou no campo, por exemplo, ficando perceptível saber se a pessoa pertence à cidade do interior ou à capital. Além disso, o autor considera que “[...] não resta nenhuma dúvida de que a linguagem reflete não apenas o local de origem do indivíduo, mas também o local onde ele mora e trabalha [...]”. (MONTEIRO, 2000, p. 78). Com o pensamento semelhante Battisti e Bovo (2004, p. 115-116) argumentam acerca da utilização da variação linguística, mostrando que “[...] usar uma variante ou outra pode ser implicado por papéis ou identidades distintas [...]”. Diante disso, os migrantes podem

ter uma imagem e/ou uma posição elevada em sua terra de origem, fazendo sua identificação através dos usos linguísticos.

Assim, dos dez sujeitos que responderam a questão, 90% apontaram algum ponto linguístico que difere a sua terra de origem dos outros lugares. Entre eles estão diferenças fonéticas, rítmicas, entonações, lexicais, sintáticas, etc. Também são citadas peculiaridades como cortar/diminuir as palavras e trocar letras. Mesmo que essa questão possa ter um cunho íntimo, pois trata das raízes dos entrevistados, alguns não tiveram medo em expor o meio em que nasceram. Esse ponto é notado por Monteiro (2000) que menciona o fato de que os membros de uma comunidade de fala possuem um repertório linguístico que pode variar, porém isso depende da situação em que esses se encontram. O autor mostra a *situação ocupacional* que é exemplificada por utilizar uma variedade distinta, percebida quando o interlocutor é um médico, advogado, juiz. Portanto, o ambiente e a ocasião transformam o uso da língua, adequando ao melhor discurso.

Ao pensar na MVCS, Paviani e Roveda (2002) consideram as falas dos migrantes italianos como significativas, pois ainda são cultivadas em muitas famílias e comunidades. No entanto, os migrantes estão conhecendo quais são os costumes dos que cultivam as práticas que são passadas por seus pais e avós. Assim, Paviani e Roveda (2002, p. 147) se posicionam:

Sobre as escolhas linguísticas de um falante, de determinada região, no caso, a colonizada por imigrantes italianos, podemos considerar, em primeiro lugar, que elas devem ser respeitadas, porque, se elas aparecem com frequência na fala desse indivíduo e da sua comunidade linguística, significa que essas escolhas são importantes na cultura deles [...].

Alguns excertos de entrevistas simplificam as diferenças encontradas de uma região para outra: “*no interior a gente puxa muito o sô, o uai, o trem, que é nosso, eh.: no interior:.*” (S5); “*Bagé tem uma, tem uma outra pecula/peculiaridade que lá eles falam assim tu estiveste, tu foste sabe [...] eles conjugam o tu, às vezes, a maioria da vezes erroneamente, não é no mesmo tempo da frase assim*” (S10); “*em relação a Passo Fundo que eles usavam muito o te quando tu/tu.: na conversa o leite, o sorvete, o tomate, mais assim... em Passo Fundo e na nossa região aqui de Caxias é mais o ti ehn usavam sorveti, o tomati, o leiti, mais essa tipo de diferença*”. (S11).

Ocorreu em algumas respostas o aproveitamento para fazer comparação ou justificar o porquê do uso de determinadas variedades, como se pode observar:

*É o carioca por exemplo é tem um jeito de fala, ele é bem, bem malandro, bem muleque, então, a princípio me vem esse, aqui a gente fala é “guri” né, lá é “muleque”, “e aí muleque tudo bem, como é que tá, tranquilo e tal” ((imitando)) ah aquela coisa bem assim, bem carioca mesmo, aqui não, aqui é o “guri”, “e aí*

*meu guri e tal” ((imitando)). [...] É que eu acabei diminuindo com o tempo, é tu acaba diminuindo pela/a convivência, se tem muita gente falando tu acaba falando. (S6).*

*Acho que porque é só a convivência ali entre eles, não, sei lá não estudaram, nunca saíram né, só vivendo naquele lugar [...] pelo jeito de falá, de falá algumas coisas errada, hum.: com os “r” lá dos interior né, isso de cortar as palavras [...] é mais é a questão do jeito que eles falam né, dahn, da linguagem que eles usam lá do dia a dia deles que, que é diferente né com o que a gente tá habitualmente acostumado ouvir. (S12).*

Outro sujeito já apresenta com certo orgulho implícito os diferenciais de sua terra de origem, essa que pertence ao Rio Grande do Sul e é uma cidade de pequeno porte: *“tem gente que não sabe o que que é, por exemplo, ahn raça de cavalo por exemplo é comum talvez não falam nem pelo meu cavalo, mas pelo meu crioulo ahn algumas pessoas não sabem o que é encilha aqui”*. (S9). Esse fato acaba apontando que algumas coisas simples, porém prazerosas acontecem em lugares pequenos e não ocorrem em cidade de grande porte, onde a população está mais voltada ao desenvolvimento tecnológico, por exemplo.

Essas identificações são comuns quando se trata da terra de origem, Antunes (2007) apresenta que é da *norma* o que entra na preferência das pessoas, de forma que cada região possui suas próprias normas, seus usos e são por eles identificados. Conforme a autora explica o conceito de léxico, que é ligado ao seu uso e as identificações enquanto indivíduo e grupo, ressaltando que:

[...] o léxico é mais do que uma lista de palavras à disposição de falantes. É mais do que um repertório de unidades. É um depositário dos recortes com que cada comunidade vê o mundo, as coisas que a cercam, o sentido de tudo. Por isso é que o léxico expressa, magistralmente, a função da língua como elemento que confere às pessoas identidade: como indivíduo e como membro pertencente a um grupo [...]. (ANTUNES, 2007, p. 42-43).

A língua apresenta diferentes formas de identificar as pessoas, geralmente, é através dela que se atribuem características para as pessoas das mais diferentes comunidades. Tarallo (1997, p. 14) aponta que as “[...] atitudes lingüísticas são as armas usadas pelos residentes para demarcar seu espaço, sua identidade cultural, seu perfil de comunidade, de grupo social [...]”. Os migrantes encontram, algumas vezes, essa barreira imposta pelos residentes, a qual deve ser aberta com paciência e inteligência, de maneira que o migrante precisa aprender a conviver com os diferentes de sua origem.

### 3.5 Percepção de língua do outro

Como já foi apresentado em alguns pontos desta dissertação o Brasil é um país que possui várias regiões e cada uma tem aspectos linguísticos e culturais que as diferenciam. Dessa maneira, toda região seja ela de extensão pequena ou grande possui variedades em seu interior, o que torna o país rico em diversidades. No entanto, segundo Antunes (2007, p. 99) há usos linguísticos adequados para cada situação, porque “[...] é de fundamental importância saber discernir o que é adequado a cada situação, para se poder, com eficiência, escolher esta ou aquela norma, este ou aquele padrão vocabular, este ou aquele tom, esta ou aquela direção argumentativa [...]”.

Ao perguntar se os entrevistados são capazes de reconhecer de onde uma pessoa originou através do seu sotaque ou do seu jeito de falar, as respostas foram unânimes em afirmar que sim, apontando que os migrados conhecem a coexistência de diferentes formas de falar no Brasil. Somente dois sujeitos não responderam esta questão e os demais (dez) responderam que conseguem conhecer a origem das pessoas através de aspectos da fala, totalizando 100% de respostas afirmativas. Os sotaques conhecidos são de Tocantins, Bahia, Pará, São Paulo (diversas respostas apontam os paulistas com um sotaque diferenciado), Rio de Janeiro, Santa Catarina, Minas Gerais, Amazônia e alguns lugares do Rio Grande do Sul, como Flores da Cunha e Porto Alegre. Um dos sujeitos foi além da pergunta e disse que tem contato com pessoas de Portugal, que falam o português e que este é muito diferenciado.

Os sujeitos percebem se as pessoas pertencem a um ou a outro estado através da fala, esse mesmo ponto é identificado também na pesquisa de Bisinoto (2007, p. 20) onde se explora que “em Cáceres, a fala dos imigrantes não constitui uma língua homogênea, pois são perfeitamente distinguíveis os falares mineiro, carioca, gaúcho ou os nordestinos, em convivência pacífica, sem controle social e, aparentemente, sem autopolicamento [...]”.

Alguns sujeitos apresentam de forma clara que é fácil saber quando uma pessoa não pertence à região em que está vivendo, porém não há a certeza da região de que emigrou, mas pode-se aproximar um pouco através do sotaque: “*tu acaba no mínimo tendo/sabendo que a pessoa não é daí que tem alguns sotaques que são próximos um do outro e que fica meio confuso da onde é né, mas tu sabe mais ou menos de que região do Brasil é*”. (S8).

Outros sujeitos fazem observações peculiares de outros lugares do Brasil, como a capital de Santa Catarina: “*o pessoal tem lá muito dos manézinho da ilha dos ti tá, fala meio cantando*”. (S12). Já, ao pensar nos paulistas, dois sujeitos apontam situações que marcaram devido aos aspectos linguísticos: “*teve uma mulher que, que a minha mãe revende algumas roupas pra ela e ela falava assim deu bem pra vê que ela era de São Paulo aquele só pelo sotaque, o S puxado*” (S9); “*eu tenho um amigo, um colega de trabalho que ele veio de São*

*Paulo e é muito da região lá eles usa muito o então ((enfático)), cada coisa que tu pergunta pra eles, eles/ele responde com então... aí te explica o que tu perguntou". (S11). Para os falantes do Rio de Janeiro a pesquisa realizada por Naro (2004, p. 44) concluiu que "[...] os falantes adultos tendem a preferir as formas antigas, criando uma situação estranha, pelo menos à primeira vista [...] entretanto, isso não chega a comprometer a comunicação, já que ambos os lados são capazes de utilizar e entender todas as formas [...]"*.

Ainda nesta questão, um dos sujeitos que é nascido no Rio Grande do Sul, mas morou por muito tempo em Brasília acabou conhecendo pessoas de diversos lugares do país que também foram tentar a vida na Capital Federal. Este sujeito conta as diferenças que percebeu nas diversas pessoas que encontrou:

*Eu sei que o mire/mire que o:: "mineirim fala assim", o:: Manaus por incrível que pareça eles têm um sotaque, Belém eles não falam, eles falam "inho", "inho", eles não falam "inho" eles falam, eles misturam o "n" com o "h" junto e não sai o "nho" sai é um "nho" fechado é muito estranho, olha quando tu falá com um que é de, que é de Belém do Pará tu vai vê na hora assim que o "nho" é fechado, ahn:: carioca aquele chiado total né, o:: eu tive um colega que ele era paulista de Bauru e ele fala "poRta" e o "r" é pra dentro assim parece que é pro céu da boca assim daí, aí a gente trabalhava com:: era eu gaúcha, uma:: carioca e esse cara:: de Bauru, ele falava "porta", eu falava "porta" e a:: carioca falava "por::ta" e aí ela queria que todo mundo falasse "por::ta" ((risos)) e o meu marido que nasceu em Brasília ele fala "por::ta" também e o nome do irmão dele é Bernardo e ele fala "Ber::nar::do", se eu fosse falar "Ber::nar::do" toda vez que eu ia chama ele acho que eu ia me engasgar "Ber::nar::do" ((imitando)). (S10).*

Conforme o S10 citou há muitas pronúncias para um mesmo léxico. Azeredo (2008, p. 12) explica que "[...] essa diferença pode ser ainda maior quando 'a mesma palavra' é pronunciada por indivíduos naturais de diferentes regiões (cf., p. ex., as pronúncias de *porta* na fala dos gaúchos, de cariocas, de mineiros ou de paulistas) [...]". (grifos do autor). Esse forte fluxo de migrantes para a capital do país com a intenção de procurar uma vida melhor é mencionado por Adant (1989) que aponta as constantes diversidades linguísticas da região assim como o entrevistado. Nas palavras da autora confirma-se essa visão:

A migração para o Distrito Federal é uma realidade que se verifica a cada dia e traz consigo um conjunto de fatores sociais entre os quais a diversidade lingüística. As pessoas procedentes de vários estados brasileiros vieram a Brasília procurar emprego, foram convidadas para assumir cargos de confiança e foram ficando, ou foram transferidos de órgãos públicos federais para comporem o novo quadro de funcionários da Nova Capital [...]. (ADANT, 1989, p. 183 – grifo da autora).

Algumas palavras e expressões têm outras nomeações equivalentes em diferentes lugares, posto que muitos migrados apresentaram exemplos que confirmam essa hipótese. Um dos sujeitos mostrou uma dificuldade de comunicação que se iniciou pela diferença da definição entre *bala* e *bombom*, observa-se a passagem:

*Eu tinha pedido um bombom pra um amigo, bombom a gente chama bala, né, cês chamam de bala? a gente chama de bombom mesmo, né, (eu mostro uma bala e peço como ela chama) bombom (eu digo, essa bala*

*é um bombom?) é um bombom (então, pergunto: e o bombom, aquele de chocolate?) é um bombom de chocolate. Então eu pedi um bombom a ele, e ele disse “O quê? O quê? Um bombom?” aí eu “uma bala” aí ele “a tá não posso te dá” e eu “já comeu tudo?” aí ele entendeu que eu tinha chamado ele de pão duro, é que ((risos)) eu falei “tujácomeutudo” aí eu falei bem rápido sabe, do meu jeito assim, aí “não precisa me chama de pão duro”, “mas, eu não tô te chamando de pão duro”, ele “não, mas não precisa me chama de pão duro”, “não eu não tô te chamando de pão duro”, “eu te chamei... eu disse que tu já tinha comido tudo”, “eu perguntei se tu tinha comido tudo”, “ah eu entendi”. (S1).*

Para o sujeito (S1) a *bala* é chamada de *bombom* e o *bombom* (de chocolate) é conhecido como *bombom de chocolate*. Na situação essa nomenclatura desencadeia um ritmo na conversa em que os interlocutores não se entendem. Porém, é interessante perceber que na língua francesa a palavra *des bonbons* significa *balas* e *une barre chocolatée* tem significado de *uma barra de chocolate*. Diante disso, se aproximam a língua francesa e as definições utilizadas pelo migrante.

Também existe uma mesma palavra, igual para as diferentes regiões, porém o que ela remete é diferente. Um dos entrevistados expõe um momento em que isso acontece na sua vida, visto que a palavra é igual, mas há muita dificuldade de entendimento quanto ao referente da situação, o sentido é outro. O manifesto segue:

*Outro dia as professoras tinham comprado sorvete, né, aí tinha o de creme, amarelado né, aí a gente chama de pavê esse creme amarelado, sabe, sorvete de pavê. Aí eu “ah, mas tem pavê, eu não gosto de pavê” aí elas “não isso é sorvete de creme” e eu disse “sim, mas é pavê ou não é” ((risos)) aí elas “mas isso é sorvete de creme não é pavê, não é pra vê”, “não” mas eu “é pavê” e ela “que eu saiba pavê é aquele creme com biscoito” e eu “não, mas tem um sorvete de pavê, né” ((risos)) aí elas “ah, mas você chama sorvete de pavê” e eu “não, eu não chamo todos os sorvetes de pavê, eu só chamo esse de creme aqui amarelado de pavê” então fica aquela coisa, elas “ah então tá... tudo bem”. (S1).*

Entre as palavras com nomes diferentes encontram-se as diferenças lexicais entre: “*carteira de motorista que em São Paulo é carta*”; “*elas falam... eu posei na casa de alguém, da fulana, eu posei, eu durmi*”. Essas diferenças no uso da língua acontecem de uma região para outra, os sujeitos comparam as diferentes formas:

*Terneiro, né, que é boi um negócio assim, ((risos)) prenda, né, que é moça, eu acho, moça, esposa [...] é que nem tipo lá pra cima menino, guri é moleque, né, e aqui guri é piá, no Maranhão é piqueno, e aí mudam as coisas. A forma de nomear menina é moça, para toda mulher casada, a partir dos 14, 13 anos até uma certa idade é moça, ô moça, moça, inclusive aqui quando eu dizia as gurias ficam sorrindo, eu digo é um jeito de tratar né moça, uma forma de delicada de tratar. (S7).*

*Não sabia o que era uma “chuleta” acho que é isso a pronúncia né, que lá a gente não fala isso, a gente fala “um bife comum”, “um bife carne de boi” então tu vai no mercado tu vê uma grande diferença... eh de:: de/de comida assim, uma palavra que eu posso te dizer:: que eu falo que é “incomodo” pra vocês é uma outra coisa “tá estrovando né”, quando uma pessoa tá incomodando não é isso aí estrovando eu ouvi fala que a palavra era muito oche e aí eu ficava “mas o que que é isso estrovando?” né tem várias assim... (S5).*

Nessas passagens observa-se que as palavras são percebidas quando se nota com o mesmo referente. Algumas sutilezas do uso da língua são avaliadas pelos migrados, isso é

valioso, pois mostra como a língua define e atribui características às pessoas. Confirma-se essa sutileza na percepção do migrante:

*Vocês falam janta aqui né, uma coisa que eu detesto, eu... a gente chama de jantar... “vai ter um jantar” né, “vai haver um jantar” aqui você dizem a janta “vai te uma janta” esse termo é totalmente estranho pra mim entendeu, a gente fala “vai ter um jantar, né” vai te... igual a gente fala almoço, tem almoço e tal, mas janta, não a gente vai jantar, né, ou então “vou jantar em tal lugar”, aí é mais correto também. (S1).*

Os sons também são notados como diferenciais no uso da língua, isso aponta as peculiaridades que existem nas diferentes regiões. Observam-se alguns comentários: “vocês falam história e eu falo estória, às vezes ele fala estória e às vezes ele fala história, é a entonação do S, que meio que chia assim... não em todas as palavras, tipo escreve eu falo escreve, sem chiado, não is::creve”; “a gente simplifica mais ainda, tipo a palavra embora, vamos embora, lá a gente fala bora, ou então bó, bó comigo ali”; “ahn... manga, tem a manga fruta, a manga de camisa e tem o mangá, tipo mangá dos outros, tu tá mangando de mim é?, é rir dos outros, rir da cara dos outros, entendeu, tipo tu tá mangando de mim”.

Muitas definições são encontradas para batida de carro, um dos migrantes explica que na sua região há várias formas de dizer a mesma mensagem:

*Quando tem um estouro, assim, tipo um estouro de carro, de um estouro assim, um estouro a gente chama de papoco. Uma vez “o que foi isso aí?” um carro bateu lá no Ceará, né, aí “o que foi isso aí?” a gente ainda morava lá ele “foi um estouro” e eu “o quê?” e ele “um papoco” ((risos)) aí eu “ah um papoco, obrigada” ou então uma barruada uma coisa assim que o certo é abaoroada que é a batida de carro, mas a gente chama barruada. (S1).*

As diferenças e esquisitices também são encontradas na MVCS. Os sujeitos mostram as formas que nunca tinham ouvido antes e percebem que é totalmente diferente do seu cotidiano. Os fragmentos seguem:

*Essa colega de Flores ela fala assim de “trazer” ela diz “eu vou levar” daí eu pego no pé dela porque ela fala assim, mas é costume da região dela ela diz assim “pena adiante” ou “pena, pena mandei pega”, o “recém mandei pega” ela diz “pena”, “pena os documentos” daí a gente olha “o que que ela tá querendo dizer”. (S3).*

*Ah uma coisa da medicina que eu acabei de me lembrar “ir aos pés né” a gente não costuma falar isso aí lá, entendeu é uma coisa diferente... é uma coisa que pela primeira vez que eu escutei eu virei pros meus colegas eu “tá o que que ele tá falando?”, “que que é isso?” ((risos)) “não me ajudou nada”, entendeu, é uma coisa que a gente não fala lá, então acho que a língua influencia na minha profissão porque eu tenho que saber mais ou menos:: o que:: o vocabulário local porque o meu paciente não vai querer, não vai saber de onde você é, de onde você veio, nada, vai pensar que eu sou daqui e vai falar normal entendeu daí cabe ao médico:: (S4).*

Ao primeiro fragmento Paviani e Roveda (2002) mostram uma explicação da origem dessa dificuldade encontrada pela colega do migrante. As autoras apresentam o fator etnia como o principal neste caso, pois, no caso dos bilíngues, há um único verbo no italiano para indicar *levar* e *trazer*, e também um único verbo para as noções de *pedir* e *perguntar*.

Altenhofen (2002, p. 133) reconhece essas distinções da língua italiana, mencionando que as “transferências lexicais e semânticas como [...] no uso de *pedir* com o significado de ‘perguntar’, freqüente nas áreas bilíngües do italiano”. (grifos do autor). Assim, Paviani e Roveda (2002, p. 166) apresentam que:

O emprego do verbo *levar*, geralmente usado com a significação de *levar* e *trazer* [...] os aprendizes revelam o desconhecimento da distinção de entre *levar* e *trazer*, ou seja, da existência de dois verbos na língua portuguesa, cada um deles indicando a idéia de movimento [...]. (grifos das autoras).

Para o último fragmento onde o migrante não conhece uma expressão comum da região, Corrêa e Martine (1989, p. 243) apontam que os médicos precisam estar por dentro de todas as expressões, pois “[...] o discurso é um dos materiais de que se serve o médico para obter informações do paciente que o levarão ao diagnóstico [...]”. Além de que as expressões sempre guardam muitos significados, reconhecendo identidades de diferentes lugares, pois os migrantes dificilmente encontram as mesmas expressões com os mesmos significados quando mudam de regiões. Algumas são apresentadas e todas elas trazem uma curiosidade própria:

*Algumas expressões que eu uso que eles nunca ouviram falar ahn, tipo “vou pegar o beco”, ou então, “vou capá o gato” ((risos)) capá o gato é ir embora, né, e eles falam só “vou descer” e eu tá “tu vai descer pra onde?” tão dizendo que vão descer que é pra ir embora, que vão sair e tal [...] tem a expressão que é rebola no mato que é joga no lixo, “ah eu vô pega esse papel aqui e vô rebola no mato”, uma vez o professor que ele é gaúcho, né, ele entendeu, ele imagino o menino indo rebola, tipo dança no meio no mato, e não era isso. Rebola no mato é um expressãozinha de lá e eu digo aqui e os outros começam a rir, eu digo só, até pra brincar assim com eles, eu digo “a vô pega isso aqui e vô rebola no mato” e eles dizem “o quê? Tá loca?”, ai que loucura, mas é só pra dá risada, tanto é que o pessoal daqui não entende, é bem diferente. (S1).*

Além de expressões outras coisas são estranhadas, como a culinária: “*carreteiro, esse arroz mole com água sei lá, com carne seca, com caldo, meu Deus que é isso, hoje eu já como mas não é muito bem*”. (S7). Os sujeitos também reconhecem as piadas e brincadeiras que são feitas acerca de seus conterrâneos e não ficaram acanhados em relatar na entrevista. Um deles mostra como é a forma de falar dos nascidos na sua região: “*tem as piadas de mineiro, mais ponto de ônibus às vezes fala tão rápido pontodeônibus, sabe como é que cê tá?, toma um agora ((risos)) agora eu não consigo, mas tem as frases né que tu vai agrupando e vai diminuindo*”. (S2).

### 3.5.1 Palavras e expressões “diferentes”

Os chamados problemas lingüísticos fazem parte do problema muito mais amplo da discriminação social e cultural. (LYONS, 1987, p. 216).

Com base no levantamento feito através da aplicação da entrevista detectaram-se algumas diferenças que são percebidas principalmente em alguns objetos, frutas, comidas que são caracterizadas e diferenciadas pela região. Também há alguns objetos e formas de se expressar que os migrantes apontaram como comuns em sua terra de origem, mas, muitas vezes, inexistentes na região da pesquisa. Orlandi, Guimarães e Tarallo (1989, p. 42) demonstram as diferentes formas que são vistas com o mesmo valor de verdade, uma vez que “[...] variantes são [...] ‘diferentes maneiras de se dizer a mesma coisa’ e, mais importante, ‘com o mesmo valor de verdade’ [...]”. (grifos dos autores).

Foram identificadas algumas palavras ou expressões que são típicas da cultura gaúcha, do tradicionalismo, que reportam à algumas características do gaúcho. As mais citadas ou expressadas foram: *bah*, *tchê*, *guri(a)*, *bombacha*, *chimarrão*, essas palavras foram observadas por mais de um entrevistado. No entanto, há outras palavras que foram mencionadas unicamente e não em grupo, como: *estufa*, *tri*, *pechada*, *lençol térmico*, *aquecedor de água*, *ir aos pés*, *bolo de cuca*, *pinhão*, *chuleta*, *estorvando*, *cuecão*, *piá*, *prenda*, *pilchado*, *pilcha*, *resbalei*, *apura*. Essas últimas palavras e expressões eram desconhecidas dos sujeitos até virem para a MVCS, porém em diversas regiões do estado do Rio Grande do Sul elas são muito utilizadas e entendidas. Bisinoto (2007, p. 54) em sua pesquisa realizada em Cáceres (MT) traz um dado curioso e interessante ao povo gaúcho, pois “[...] foi espontaneamente lembrado por 25% dos informantes que a linguagem do gaúcho não sofre nenhum tipo de restrição em Cáceres”. Na tabela o número de passagens das expressões gaúchas:

Frequência de uso de algumas expressões da cultura gaúcha:

	“Bah”	“Tchê”	“Guri(a)”	“Bombacha”	“Chimarrão”
MA	17	7	3	4	8
AC	20	3	7	4	5
Total	37	10	10	8	13

Fonte: dados desta pesquisa

No caso da expressão *bah* que é conhecida do povo gaúcho, muitos entrevistados fizeram referência a utilização dela e outros utilizaram como expressão para o que relatavam. Da categoria do MA quatro sujeitos fizeram a sua utilização, com 17 aparições ao total, já da AC foram três sujeitos que utilizaram, aparecendo 20 vezes, na soma dos dois grupos se obteve 37 ocorrências. Ainda é importante salientar que no grupo da AC haviam quatro migrantes do interior do Rio Grande do Sul, mas destes apenas um utilizou a expressão, já do

grupo do MA havia um sujeito gaúcho que não utilizou essa expressão. Diante disso, percebe-se que quem dá maior valor e percebe que existe esse diferencial são as pessoas vindas de outros estados, uma vez que essa expressão é muito marcante no estado gaúcho.

Alguns fragmentos que detalham esse uso ou a referência dessa expressão são expostos: “falar coisas assim *bah tchê* ((risos)) eu achava isso muito engraçado”; “*bah* me fugiu a palavra...”; “ficam pensando *bah* o que esse cara qué falando”; “*bah* são bem desconfiadas”; “*bah*, agora não me aparece nada”. Com as passagens das entrevistas observa-se que a expressão *bah* é usada como identidade gaúcha, mas ela geralmente vem acompanhada da expressão *tchê* que também é uma marca do povo gaúcho, muitas vezes elas podem ser vistas juntas na mesma enunciação. Dessa forma, o *tchê* apareceu nas entrevistas narrativas 10 vezes, dessas sete pertencem ao MA por dois sujeitos, nenhum de origem gaúcha e os outros três fragmentos são da AC com um sujeito, esse, de origem gaúcha.

Observam-se as passagens de *tchê* que surgiram nas entrevistas: “não é nada é *tchê* que também lá pra nordestino deve ser estranho o *tchê*”; “eu não me imagino falando *bah tchê*”; “de fala o *tchê*, *tchê* com certeza não”; “do *bah* o *tchê* né, acho que é”. Essas duas expressões são as principais do povo gaúcho, mas ainda há *guri(a)* que é muito utilizado pelos gaúchos.

Para a utilização de *guri(a)* houve referência nos dois grupos, no MA somente um sujeito utilizou a palavra três vezes e na AC foram observadas sete passagens, de maneira que dos dois sujeitos que fizeram menção, apenas um é de origem gaúcha. Essa palavra pode ser utilizada para se referir aos meninos ou as meninas, visto que é uma forma íntima de chamar as pessoas no Rio Grande do Sul. Observam-se algumas passagens: “e aí meu *guri* e tal”; “*guri* é moleque, né, e aqui *guri* é *piá*”; “chega a *guria* com uma rosca”; “e aí as *gurias* ficam me tirando”.

Uma peça do vestuário gaúcho, a *bombacha*, é citada por dois sujeitos do MA que não são de origem gaúcha, e por um sujeito da AC que também não é nascido no estado. Assim como o *chimarrão* que faz parte do tradicionalismo gaúcho, o qual foi abordado por quatro sujeitos do MA, de modo que nenhum é de origem gaúcha, também foi exposto por outros dois sujeitos da AC, mas um destes é nascido no estado. Algumas manifestações desses termos: “vão pra aula de *bombacha*”; “usando *bombacha*, de bigode, tomando *chimarrão*”; “lá ninguém toma *chimarrão* a não ser os gaúchos”; “tá *chimarrão* não tem no meu estado”. Essas palavras características do gaúcho são apontadas como uma forma de identificação, Moralis (2001, p. 144) retoma que “[...] o informante gaúcho relaciona linguagem e traços específicos de sua cultura regional como *sotaque* e vestimenta [...]”. (grifo da autora).

As outras expressões e palavras citadas apenas por um dos sujeitos dos grupos são observadas em conjunto, uma vez que fazem parte da cultura e do tradicionalismo gaúcho. Algumas são comuns em alguns estados, mas novas para os entrevistados, os quais acabaram conhecendo somente quando chegaram ao Rio Grande do Sul. Os excertos ajudam a identificar seus usos e significados: “a tê a *estufa*, que isso lá não tem”; “o *lençol térmico* nunca tinha ouvido falar”; “*ir aos pés* né a gente não costuma falar isso aí lá”; “*bolo de cuca* de *cuca* sabe”; “*pinhão* e uma castanha que tem aqui”; “*chuleta* acho que é isso a pronúncia”; “mas o que que é isso *estrovando?*”; “eu descobri que existe um *cuecão*”; “*prenda*, né, que é moça”; “ah eu *resbalei*”; “*apura* a gente tem mania de fala ah *apura*, anda logo”. O valor dado a esses diferenciais que são comuns no estado e não tem nos outros é mostrado pelos sujeitos, percebe-se no fragmento:

*Uma coisa que não tem lá em São Paulo e que tem aqui os “bolo de cuca” de “cuca” sabe bah, tem o pão recheado, mas a “cuca” em si não, bah é muito bom, não é a mesma composição, é uma das coisa que sempre meus pais pedem pra trazer, pra levar pra lá:: pinhão e uma castanha que tem aqui também é uma castanha redondinha, vira e mexe meus pais pedem dizem “oh”, é tento levar né:: depende da época. (S4).*

Algumas dessas palavras, que são comuns ao povo gaúcho se tornam interessantes ao migrante: “eu descobri que existe um *cuecão*, que existe não sei o que, e tal, eu tô, tô (pergunto se ele não sabia da existência do *cuecão*) não” (S6); “*diferente é a tê a estufa*, que isso lá não tem, ahn às vezes o *aquecedor da:: da água pra lavar os pratos, né, o lençol térmico nunca tinha ouvido falar, não precisa*”. (S2).

Há também comparações quanto às festividades encontradas na nova região, cada cultura tem uma forma diferenciada de festejar suas conquistas, já que para os migrantes muitas vezes essas formas diferentes são incomuns. Nota-se a manifestação de um sujeito ao perceber as diferenças atribuídas ao nome da festividade e as características da mesma:

*As festas bem diferente, bem diferente nossa ((enfática)) muita diferença, como aqui mesmo chamam de baile né lá pra gente baile não sei se aqui também é, que lá é, em Antônio Prado é... baile a gente chama uma coisa mais clássica, nossa “vai te um baile”, um baile seria uma festa de 15 anos, um casamento, aqui não, aqui tu vai num baile na verdade é uma banda ali gaúcha tocando, tu vê:: essa diferença, é um baile gaúcho, é:: uma banda tocando, pra gente não, não tem essa, ah vai te um baile é uma banda mineira... não, baile é um:: é uma coisa mais clássica todo mundo vai social sabe é uma coisa mais assim... é mais formal. (S5).*

Outras expressões e palavras foram percebidas pelos migrantes, mas essas são pertencentes à cultura italiana, a qual é muito cultivada na MVCS. As mais grifadas são *grôstoli*, *anholine/capelete*, *tchó*, *cariola*, muitas não eram conhecidas nem por outro nome nas outras regiões. Algumas apresentam dificuldade de pronúncia, como se observa nos fragmentos: “*grôstoli* pra mim era cueca virada ((risos)) não *grôstoli*”; “é tipo *capelete* que eu nunca ouvi falar”; “ah é:: *nholin*, *anholin* não sei, *inholin* é:: esse aí”; “o *anholin* aquele nem

sei como se fala direito *anhole*, *anholine*”; “usam bastante o *tchó*, *tchó* ahn como eu trabalho em loja, às vezes, eu falando o valor da peça, mas tá caro *tchó*”; “eles falam *carriola* e não é *carriola* é *cariola* porque o *r* não sai nunca então é a *cariola*”.

Essas diferenciações vistas pelas culturas gaúcha e italiana, apresentam um pouco de subordinação, pois alguns sujeitos reconhecem ambas, no entanto, alguns percebem ou uma ou outra. Dessa forma, Cuche (2002, p. 145) aborda que “[...] falar de cultura ‘dominante’ ou de cultura ‘dominada’ é então recorrer a metáforas; na realidade o que existe são grupos sociais que estão em relação de dominação ou de subordinação uns com os outros”. (grifos do autor). De outro lado está Tarallo (1997, p. 5) onde é apresentado um embate entre as diferentes formas, pois “[...] o ‘caos’ basicamente se configura como um campo de batalha em que duas (ou mais) maneiras de se dizer a mesma coisa [...] se enfrentam em um duelo de contemporização, por sua subsistência e coexistência [...]”. (grifos do autor).

Diante dessas exposições é interessante saber ao certo o significado de cada termo observado. Para isso Battisti [et. al.] (2006, p. 58) ajuda a tornar mais claro do que se trata cada coisa. Assim, *grôstoli* é o mesmo que *crôstoli* que significam:

Doce de massa frito. A massa é feita com ovos, açúcar, farinha de trigo. Em algumas receitas acrescentam-se óleo, leite ou aguardente. Após sovada, a massa é espichada e cortada em pedaços retangulares, no meio dos quais se fazem dois cortes por onde as pontas da massa são cruzadas para o lado oposto, razão pela qual o doce é também conhecido como *cueca-virada* e *calça-virada* [...]. (grifos dos autores).

É o mesmo caso de *anholine* que é visto também como *capelete*, conforme Battisti [et. al.] (2006, p. 25-26) essa expressão possui o significado de:

Invólucro de massa composta de ovos e farinha de trigo, recheado com uma pasta feita de carne de frango ou gado, cozida e moída, pão torrado, noz-moscada, queijo ralado e sal, e dobrado em forma de chapéu. [...] A sopa de *anholine*, típica da cozinha mantuana, é o prato principal servido em festividades e ocasiões especiais. [...] O dicionário Michaelis (1998, p. 421) registra *capelete* [...]. (grifos dos autores).

A expressão *tchó* possui um significado próprio no dialeto italiano, confere-se o que é descrito por Battisti [et. al.] (2006, p. 209):

interj. Bah! [...] Na fala dialetal italiana (RS-RCI), como no português regional (RS), desempenha função enfática e vocativa. [...] É também interlocutório pessoal, equivalente a *cara* (E aí, *tchó*? Tudo bem?), e pode ter um emprego pejorativo (Ele é um *tchó* (bobo)). (grifos dos autores).

Para a explicação de *cariola* Battisti [et. al.] (2006, p. 49) aponta que significa “carrinho de mão”. Um dos sujeitos expõe como bonito e interessante esse cultivo dos costumes italianos: “*adorei também que tem as olimpíadas dos imigrantes que eles jogam queijo, é arremesso de queijo, é:: pisá na uva, corrida de cariola como eles falam*”. (S10). Esse sujeito é nascido em Bagé (RS) e morou por alguns anos em Brasília (DF). Há mais palavras do dialeto e cultura italiana que foram abordados pelos migrantes, ainda que em menor quantidade, geralmente, apontado por dois sujeitos.

Então, observam-se as palavras e expressões que foram pouco citadas, são elas: *tortéi, polenta brustolada, panotcha, radítchi, esdjonfo, tchacola* e *menestra*. Nas vozes dos sujeitos obtêm-se as seguintes referências: “o *tortéi* eu não conhecia...”; “tu olha/olhando no cardápio *polenta brustolada*”; “*panotcha*, o que que é *panotcha* é milho”; “eles tinham colocado *radítchi* né, a salada de *radítchi*, acho que é *radítchi* o nome”; “é gordinha, ele dizem *esdjonfo* né *esdjonfo*”; “ahn *tchacola* que é conversa”; “*menestra* também no feijão mexido”.

Ao tratar desses diferentes sentidos e formas de se reportar a um objeto, Bourdieu (1996) salienta que a existência de um número cada vez maior de significados para os mesmos signos é atribuído à unificação do mercado linguístico. Ao seguir essa noção pode-se pensar que “[...] cada palavra, cada locução ameaça assumir dois sentidos antagônicos conforme a maneira que o emissor e o receptor tiveram de interpretá-la [...]”. (BOURDIEU, 1996, p. 27). Então, segundo o autor o poder da linguagem e dos esquemas de percepção e de pensamento elaborados por ela, fica mais visível e próximo quando as pessoas se encontram em situações de crise. Já Monteiro (2000, p. 57) em seu estudo que refere os ensinamentos de Labov, ressalta que “[...] os falantes não aceitam facilmente o fato de que duas expressões distintas signifiquem exatamente a mesma coisa, havendo pois uma forte tendência a conferir-lhe significados diferentes [...]”.

Durante as entrevistas, foram registrada queixas dos migrantes, essas geralmente eram acerca de coisas que eles tinham na sua antiga região e que não as encontraram na MVCS. Cinco sujeitos apontaram comidas e objetos que não são cultivados na nova região e que eram muito comuns na sua terra de origem, o restante dos sujeitos, sete, não argumentaram sobre o que tinham e que agora não tem mais. Entre as saudades estão: *açaí, cupuaçu, caju, tapioca, cajá, cacau, pamonha, armador, frango com quiabo, vaca atolada, acarajé* entre outras. As mais citadas foram *açaí* e *cupuaçu*, como são expostas nos excertos: “lá é sagrado o *açaí*”; “tigela de *açaí* com farinha, lá se come só *açaí*, *açaí* com peixe, *açaí* com farinha, *açaí* com carne”; “que o *açaí* se dá como uma praga”; “*cupuaçu* que é outra fruta”. Esses dois frutos são os mais lembrados pelos migrantes. A autora Franchi (1996, p. 119) reconhece as

diferentes formas de nomear as coisas, porém ela aponta que todas são importantes, o que muda são as situações em que serão bem vistas, com isso observa-se que:

[...] nenhuma forma ou estrutura lingüística possíveis serão intrinsecamente boas ou más, nem piores nem melhores do que quaisquer outras formas ou estruturas. Serão simplesmente mais ou menos adequadas relativamente a certas condições sociais de uso, às funções da linguagem e aos propósitos específicos do discurso produzido em determinadas situações.

Outras comidas e objetos foram citados, havendo o sentimento de falta. Porém, nesses foram poucos sujeitos que relataram, geralmente, um ou dois sujeitos que mostraram cada peculiaridade da região de origem. Observam-se as passagens das coisas que se têm no local de origem: “o *caju* né, o *caju* aqui não tem”; “*pamonha* que aqui tu não vê alguém comendo *pamonha*, *acarajé*, *tapioca* que é o *beju*”; “o *cupuaçu*, *cajá*, *umbu* que pra cá não/não tem”; “não tem aqui, *cacau* né”; “lá na maioria das casas tem *armador* de rede”; “no meu estado a gente come muito *frango com quiabo*, uma comida que a gente não conhece aqui”. Essas frutas, que foram citadas não têm no estado do Rio Grande do Sul. Somente se importadas de outros estados, nesse caso, são raras na região, uma vez que o gaúcho não tem costume de comer as frutas que são características de outras regiões, logo, pelo difícil acesso as mesmas. Então se entende a falta que é sentida pelo migrante que estava acostumado a ter em seu dia a dia determinadas frutas, comidas e objetos.

### 3.6 Atitudes preconceituosas

O preconceito é uma maneira de desqualificar o oponente, de tentar vencê-lo através do rebaixamento social, da estigmatização. (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2007, p. 126).

Algumas atitudes são carregadas de princípios que as pessoas julgam corretos, mas muitas vezes há um equívoco e outros indivíduos acabam prejudicados por uma má interpretação, ou por um julgamento errôneo. Existem preconceitos acerca de aspectos lingüísticos, raciais, de classe, geográficos, entre outros, sendo assim os padrões sociolingüísticos estão sujeitos a uma avaliação positiva ou negativa, determinando a integração do migrante na escala social. Na pesquisa, uma das perguntas indagava se o migrado tinha vivido alguma situação que julgasse preconceituosa pelo seu modo de falar. As repostas foram em peso negativas, nenhum sujeito apontou que passou por alguma situação

que fosse transparecido o preconceito acerca de sua fala. Ou seja, 100% dos sujeitos afirmaram que pelo uso da língua não, mas alguns apresentaram outras formas que as pessoas utilizaram para diferenciá-los.

Uma das maneiras utilizadas para diferenciar as pessoas vindas de outras regiões é o modo de ser, alguns sujeitos comentaram a forma como são vistos, pois se apresentam mais comunicativos, mais extrapolados. Goffman (2004, p. 19) afirma que “na vida cotidiana, por certo, há uma clara compreensão de que as primeiras impressões são importantes [...]”. No excerto a seguir vê-se claramente esse diferencial:

*Então de preconceito exatamente com o meu modo de falar não e com o meu modo de agir talvez sim, porque como eu falo muito pra eles/prá eles isso é/soa estranho assim, “porque ela fala tanto? O que ela tá querendo?” eles são muito desconfiados, eles sempre acham que tu tá querendo demais, que tu tá perguntando demais, tá querendo saber demais, muito estranho, muito estranho ((enfática)), então, com o sotaque não, mas com relação a:: ao meu modo de agir sim, eu já senti assim de pessoas ficam me olhando meio estranho já desviam de assunto e já vão se esquivando. (S8).*

Uma das entrevistadas, com 19 anos, pertencente ao MA expõe que seu jeito de ser foi interpretado de forma errada pelos moradores da MVCS, mas o seu modo de falar não emergiu em preconceito, apenas percebe que há brincadeiras e risos, porém sem maldade.

Como se observa:

*Eu tive mais problema com o meu jeito de ser, né, com a minha maneira de ser... que eu tive esse problema dos meninos acharem, sou meio... né, então, eu tive esse tipo de problema, mas com o um jeito de fala não. Só tenho problema de eles me entenderem, das pessoas me entenderem. Mas no sentido de ser discriminada assim não, desrespeitada não. E motivo de risada só na brincadeira ((risos)) mesmo assim, né, eu não sinto maldade, pode até haver, mas eu não encaro como maldade, até porque eu fico rindo às vezes do sotaque de vocês, de/de gaúcho assim... (S1).*

Este último argumento do S1, interpretado como brincadeira, risada, descontração é percebido também por outros sujeitos, que geralmente encaram como piada, brincadeira e procuram não se preocupar com as implicações que surgem acerca de suas diferenças:

*De piada assim, mas é normal né, tu tá você é o único num:: né diferente, se tivesse mais uns 3, 4 mineiro a gente podia fazer uma complô, mas isso mais os amigos assim, normal, é, mas é, a minha forma de eu ter mudado eu acho, não foi por ter, por ter havido algum preconceito que me fez mudar [...] mais por escutar bastante, eu nunca tive problema de acha de que isso era um problema entendeu, eu tinha uma dificuldade no começo dessa empatia e tudo, mais não, não seria o problema eu continuar a falar da mesma forma assim, pelo menos eu vejo assim [...] é claro que sendo de fora eu tô tendo um preconceito em cima disso. (S2).*

Dois outros sujeitos foram notados que não pertenciam à MVCS e foram motivo de piada e de brincadeiras, mas as brincadeiras são encaradas como comuns, como uma forma de abordar as diferentes culturas. Goffman (2004, p. 210) apresenta uma atitude que pode ser vista no cotidiano, na qual “[...] as pessoas afastam-se voluntariamente das regiões a que não foram convidadas [...]”. No trecho abaixo, o sujeito vai além e compreende as brincadeiras, levando-as na esportiva, como uma forma de não se incomodar com as reações das pessoas:

*Motivo de piada já ((risos)), bastante, é tipo... é dá pra perceber, tipo chega lá na loja ou no trabalho e, percebe essas coisas “ô nordestino cabeça-chata”, “um nordestino por aqui”, “devia vender rede, quanta gente vende rede por aí”, “ah tava passando fome lá... não sei o quê”, ah não sei o quê... é bastante, as pessoas falam [...] levo tudo, não... às vezes eu nem consigo fazer, eu levo tudo na esportiva. (S7).*

Essa forma de reconhecer o nordestino como cabeça-chata é abordada por Albuquerque Júnior (2007, p. 114-115) que apresenta o “[...] estereótipo do cabeça-chata, que para além de ser uma forma bem humorada de se referir, notadamente aos cearenses, carrega uma imagem estereotipada e pejorativa do próprio corpo do nordestino [...]”. O estereótipo aparece acrescido de uma falta de capacidade intelectual, conforme é apresentado pelo S7, onde os nordestinos não poderiam ocupar grandes posições. Essa visão é argumentada pelo autor que retrata o fato de que os nordestinos não possuíam qualificação profissional, logo ocupavam atividades mais desqualificadas, gerando mais um preconceito, isto é, uma ideia de que o nordestino é capacitado somente para trabalhos braçais e não para as atividades intelectuais.

Dessa maneira o fato de ser de fora é percebido em sua totalidade, sendo através do jeito de ser, da maneira de vestir, da maneira de encarar as coisas, ou outros aspectos que os identifiquem como migrantes. Essas disparidades se tornam frequentes, quando está em disputa de uma posição de emprego ou para mostrar autoridade sobre os migrantes, de forma que isso se torna uma arma contra o migrante. Muitas vezes está escondido em posições que atribuem superioridade ou igualdade:

*Às vezes, a gente fala alguma coisa, por exemplo, ahn:: lá na prefeitura eu fui fazer um chimarrão “ah mas chimarrão é coisa de gente bem das grotas mesmo não sei o que”, ahn:: não que generalizado né, mas algumas pessoas sim, né, ficam perseguindo mesmo, ficam te cuidando, esperando pra falar pra poder corrigir e dizer que a “gente é da grotas” que nem é nada haver. (S9).*

Torna-se claro que o primeiro reconhecimento feito pelas pessoas da MVCS acerca do migrante, é que ele não é nascido na região. Em seguida, são atribuídos os diferenciais encontrados e sabidos das diferentes regiões do Brasil. Um dos sujeitos expõe que perceberam o seu sotaque, mas esse fato não foi motivo de piada: “só que eu já vi gente dizer que eu tenho o sotaque carregado [...] nunca fui motivo de piada por isso”. (S3). Outro sujeito retrata que recebeu elogios pela sua forma de falar:

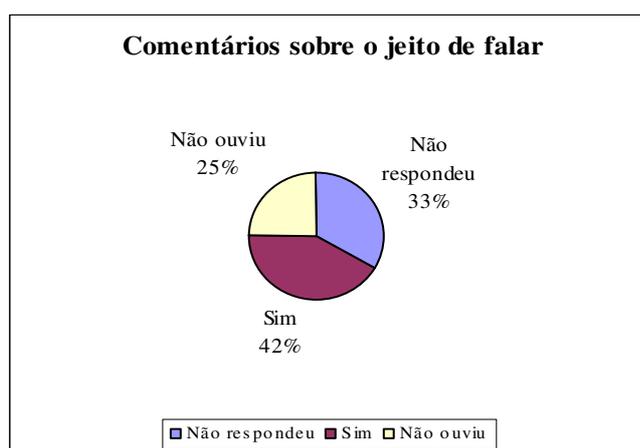
*Debochada ou [...] zombaria acredito que não, só acho que elogios [...] eu já ouvi falar “nossa que legal teu sotaque” chega a comenta isso, eu levo:: como um elogio, se é deboche, se tá fazendo um certo preconceito acredito que não (confirmando que foi elogiada) sim, em que situação:: num ato de chegar, de primeiro, conhecer e falar “nossa que legal você é de fora, e tal, legal percebi pelo teu sotaque, que bonito” é esse comentários assim. (S5).*

Mesmo que o migrante se pareça com as pessoas da região em que está migrando, haverá sempre um diferencial, que o reportará ao seu local de origem. Dessa forma, o migrante sempre leva um pouco de seu povo para a nova região, fazendo com que seja percebido pelos diversos sistemas que o identificam enquanto cidadão mineiro, carioca, gaúcho, baiano, por exemplo.

Um dos entrevistados percebe um preconceito que é atribuído aos caxienses pela forma de nomear, observa-se o excerto: “*o caxiense tem aquela coisa ah é gringo é pão duro e tal, há todo um preconceito entre os alemães e os italianos*”. (S6). Porém, o mesmo observa que essa ideia preconceituosa não tem sentido, pois as pessoas possuem suas particularidades:

*Eu acho que hoje assim Caxias tá bem desenvolvida assim como outros lugar assim, não tem porque né ainda mais que tem que respeitar cada lugar, cada cultura, cada formação, cada leva cultural, religiosa, ou sei lá o que for, eu como né, como médico vejo isso, eu vô tê paciente de diversos lugares né, baiano, capixaba, carioca, até:: indiano e cada um vai tê uma peculiaridade. (S6).*

Quando questionados se já ouviram algum comentário sobre o jeito de falar, alguns tiveram preocupações em responder, uma vez que nenhum sujeito percebeu preconceito, mas vários notaram que as pessoas percebem o seu diferencial através da fala. Grande parte dos entrevistados expuseram que foram notados como sendo de fora da MVCS, alguns disseram que não ouviram comentários. Ou seja, dos doze entrevistados, quatro não responderam a questão, três responderam que não ouviram comentários sobre sua forma de falar a apenas cinco afirmaram ter ouvido alguma coisa. Como é apontado no gráfico:



Fonte: dados desta pesquisa

Das respostas afirmativas, que ouviram alguma coisa sobre o seu jeito de falar, estão os sujeitos que apontam os comentários sobre o ritmo mais cantado, que tiravam letras das palavras, por falar bastante, entre outros. Um dos sujeitos aponta que nessas diferenças é possível uma troca de informações e, conseqüentemente, um enriquecimento de vocabulário:

*“só de ser diferente ah e:: tá e:: tá e como é que é tal palavra até engraçado assim [...] e alguns aprenderam a falar algumas coisas assim de Minas”. (S2).*

Os comentários, geralmente, são uma forma de identificar o migrante, isso é muito usado pelas pessoas que convivem como ele, como em um ambiente de sala de aula, a fim de identificá-lo como um aluno:

*Sim, “ah conhece o fulano<sup>15</sup>?”, “ah aquele, o menino de sotaque diferente, ah assim”, “ah ele mesmo e tal” (pergunto quem eram essas pessoas) colegas mesmo, de faculdade (pergunto se eram superiores) é às vezes os professores assim, né, “ah o baiano” ou/ou “o que veio transferido”, “aquele do sotaque diferente e tal” não sei o que:: é uma forma de identifica isso aí. (S6).*

O fato de falar bastante é uma outra forma de reconhecimento, pois ao ver alguém falando muito surge a pergunta “tu não é daqui?”. Essa é a primeira pergunta feita aos migrantes. Em seguida, já se parte para questões mais específicas, como é percebido e abordado por dois migrados:

*Comentam assim “ah da bem pra vê que, que, que veio, que não é daqui”, “fica com o ‘r’ puxado” já me disseram isso que eu tenho o “r” puxado ((risos)) que “veio das grotas” [...] e:: é que tem gente que se acha também [...] da aula também, mas da aula da bem pra ver que é brincadeira [...] é eu acho o pessoal da faculdade é uma intimidade uma brincadeira, bem:: nossa, mas no trabalho essa pessoa, tem uma especial ((risos)), que talvez por eu ser superior entendeu e tá querendo:: talvez eu possa fazer um trabalho melhor é isso que a pessoa que dizer, talvez como deboche, pra mostrar pros outros “ah eu falo direito, ele fala errado”, “não sei daonde também, acho que não posso dizer que eu tô falando errado” acho que é isso. (S9).*

*Já ouvi comentando “ah tu não é daqui”, “ah não sei o que” ou então, às vez eu falo “ah mó legal não sei o que” e aí as gurias ficam me tirando aqui na loja “ah mó legal”, “mó, mó, não sei o que” [...] as gurias da loja porque são as que eu convivo mais assim de diferente, às vezes meu pai também fica falando “tá falando igual a nordestino, não sei o que, aahhh” ((risos)), sim porque eu dei intimidade aí elas ficam me sacaneando normal (pergunto se tem maldade) eu imagino que não e se tiver também eu não, não me importo... (S10).*

Dos três sujeitos que disseram não ouvir comentários dois aparentemente não deram importância para a pergunta ou não entenderam o sentido, respondendo *“podem falar pelas costas, mas na frente e do lado não ((risos))” (S4)* e *“só isso mesmo de fala baixo ou:: fala mais:: com clareza alguma coisa assim na forma de se expressá mesmo de/de te uma coisa pra fala e fala que as pessoas entendam eu acho que com clareza [...] de ((enfática)) eu ouvi ninguém falar por trás não, não”.* (S12). Nestes dois sujeitos surgiu a ideia de intriga, de *falar por trás* sem que a pessoa ficasse sabendo.

O último sujeito que compõe a resposta negativa, levanta outro ponto que surge com frequência para as pessoas que migram. Esse ponto são os comentários das pessoas de sua terra de origem ao perceber que o migrante já mudou algumas maneiras em sua fala. O sujeito quando retorna a sua terra de origem para visitas ou quando fala por telefone com as pessoas que deixou na sua região, é notado pelas diferenças que abarcou desde o momento em que

<sup>15</sup> Nesta passagem o entrevistado diz seu nome, referindo-se a si.

deixou sua região. Essa mudança faz com que o indivíduo vá se adaptando e, por fim, se integrando, ou seja, fazendo parte do meio em que vive:

*Quando eu volto pra minha:: pra região que eu morava que é Passo Fundo geralmente o pessoal agora ahn:: fala no/no jeito de fala porque agora eu:: falo o “ti” e não o “te” como eu falava lá em:: Passo Fundo (pergunto se mantém contato com as pessoas de lá) mantenho, sim, sempre, nunca deixei de manter contato com eles, eu telefono até porque eu tenho meus avós que moram lá, tias, parentes, que moram lá na região de Passo Fundo, (pergunto se eles estranham a forma como ele fala agora) estranham, isso, estranham bastante, o sotaque é diferente até ahn a gente até o:: o:: parece que é um pouco:: mais carregado no/no fala, ahn até as pessoas falam mais alto, parece que é meio gritado e que não é tanto daqui, aqui é mais calmo. (S11).*

Nesta questão ficou curioso que dos quatro sujeitos que não responderam a pergunta, três pertencem ao MA, que em pergunta anterior, foi afirmado que ocorre muitas piadas e brincadeiras acerca da bagagem linguística dos migrantes. E, ao pensar, no MA como um dos locais com maior espaço para a troca de informações, pois os estudantes facilmente se identificam e formam grupos, esse ambiente seria ideal para comentários e questões quanto às diferentes formas de usar a língua. Então, essa questão fica reflexiva acerca do que levaria os sujeitos a não responderem a pergunta, se portando como indiferentes.

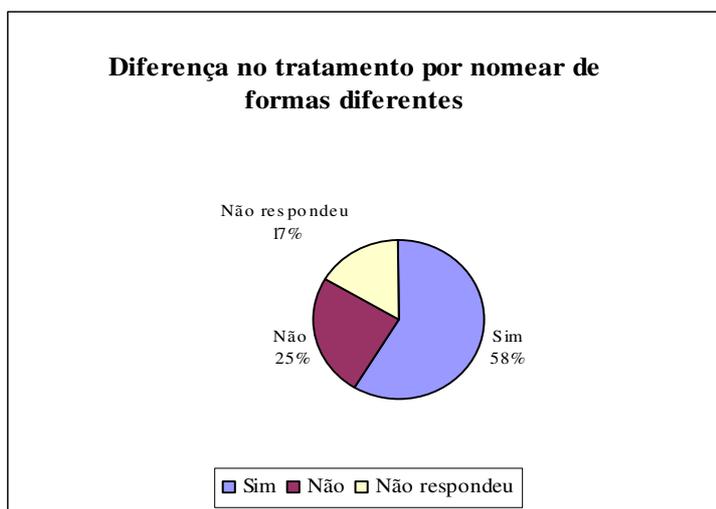
Um dos sujeitos apresenta uma situação que aconteceu com um conhecido, em que a forma de falar serviu como identificação, essas diferenças de uma pessoa para outra ajudam muita na identificação, afirmando que cada um tem uma forma diferente, de se expressar, vestir, viver, entre outros. Segue o trecho:

*O Paulo foi procurá ele lá na/na no trabalho “ah cadê o André, o André? tu sabe aonde é o Man/que trabalha o André? em que setor?” e aí por uns setores inteiro e tinha André por tudo quanto era lugar “o André que fala esquisito”, “ah tá é naquele setor ali”, aí rapidinho já se encontraram ((risos)) por causa do/do “Ber::nar::do, por::ta” ((imitando)) e imagino que quase ninguém fale assim no setor dele, a maioria deve ser daqui ou de/da região então é bem diferente mesmo. (S10).*

As pessoas conversam com amigos e colegas sobre ter ou não sotaque ou fala diferenciada, isso torna interessante pela percepção do uso que é feito da língua, pois uma pessoa pode notar algo que até o momento era dado como comum. Um dos entrevistados relatou que já conversou com uma colega sobre sotaque: “a gente tava conversando sobre isso, sobre a, as pessoas que têm sotaque, mas não foi como uma crítica ou uma:: a pessoa só quis dizer que eu também tinha um sotaque ((risos)) que eu falava diferente dos outros”. (S3). Essas conversas acabam ajudando o migrante a se conhecer e a perceber as outras diferenças que existem com o uso da língua.

Ocorre muita diferença de uma região para outra, tanto na forma de falar quanto na forma de nomear os objetos e coisas. Essas diferenças aparecem somente quando alguém faz essa ponte, quando uma pessoa migra essas diferenças ficam aparentes, elas são vividas. Uma das perguntas foi quanto ao sentimento do migrante, se ele sentia alguma diferença de

tratamento das pessoas da MVCS quando nomeava algum objeto de forma diferente ao de costume. O resultado desta questão ficou com sete sujeitos afirmando que sentiram diferença na forma de serem tratados, três não sentiram diferença e dois não responderam a pergunta. Para a percepção de fala do outro, observa-se o gráfico:



Fonte: dados desta pesquisa

Das respostas posicionadas que não sentiram diferença no tratamento, duas responderam que não lembram de sentir diferença no tratamento das pessoas. Já, os sujeitos que afirmaram sentir diferenças no tratamento são cinco pertencentes ao MA e apenas dois pertencem à AC, notando que o ambiente acadêmico proporciona espaço para exposição de opiniões. Dessa forma, é coerente ter-se um maior número de sujeitos do MA apoiando as diversidades. Nas justificativas, estão argumentos como “ficam curiosos, ficam rindo”; “o olhar estranho”; “estranheza”, “querem saber”.

Ao pensar nas reações se vê que são comuns, pois ao notar alguém vindo de outro lugar qualquer pessoa sente curiosidade de saber como é a maneira de viver e estranha alguns hábitos. Esses usos da língua são notados de uma forma um pouco diferenciada por Antunes (2007, p. 104) uma vez que a autora faz uma ligação mais ampla, mostrando que:

Existem situações sociais diferentes; logo, deve haver também padrões de uso da língua diferentes [...] existem variações lingüísticas não porque as pessoas são ignorantes ou indisciplinadas; existem, porque as línguas são fatos sociais, situados num tempo e num espaço concretos, com funções definidas [...].

Alguns sujeitos aproveitam o espaço e apresentam situações vividas que tratam das dificuldades de entendimento, porque as coisas têm nomes diferentes de um lugar para outro.

Os S4 e S5 abordam casos parecidos:

*Aquela cara de “não sei do que ele tá falando” ((risos)) tipo uma interrogação na cabeça da pessoa, vai:: “o que que ele tá pedindo? eu não tô entendendo” que nem no caso da “bergamota” entendeu, “tem bergamota?”, “tem mexerica? não, não tem”, aí ficam pensando “bah o que esse cara qué falando tal coisa?” ((risos)) é engraçado. (S4).*

*A “bergamota” é bastante, é porque eu chamo por “mexerica” né e aqui conhece como “bergamota”. (S5).*

Já outro sujeito expõe suas vivências comparando Rio Grande do Sul com Brasília, ao mesmo tempo em que compara como é em Brasília e como é na MVCS, assim como as dificuldades vividas nas duas regiões. É interessante na medida em que se pode perceber como e o que, as pessoas observam. Excerto da entrevista:

*Aí ahn a “massa”... que eu falo “macarrão” e eu porque eu sou daqui do Rio Grande do Sul minha mãe sempre falou massa e tudo e daí quando eu falava “massa” lá em Brasília, “massa” pra eles “ah é o rodízio de massas” então, massa é pizza, lasanha, macarrão, tudo que tenha massa que, na parte gastronômica lá da culinária é o certo jeito de fala né e daí eu tive que me, que me/me:: me corriji assim toda vez que eu ia fala massa eu falava macarrão pra eles poderem entender e daí agora que eu voltei eu falo macarrão e minha mãe fala massa sabe e daí esses tempo ela falo “massa” e eu fiquei pensando “mas que massa mãe?” tipo não me dei conta que era macarrão achei que ela tava falando lasanha, canelone, alguma coisa assim e era o macarrão [...] aqui a gente fala preço “um, dois, três” é bem acentuado lá eles falam “três” e quando eu cheguei lá em Brasília também fui trabalhar numa loja lá e às vezes eu falava “ah é três”, “treze?” quando tu puxa o acento do três eles acham que é treze aí tu tem que se corriji pro errado no caso né “não, três, um, dois, três” ahn eles põem muito o “i” no meio assim “arroiz”, “três” e aqui eu achei:: eu não sei se é pela colonização ou se também é muito assim a migração é como tem muito, muita empresa aqui as pessoas de fora, mas de dentro do estado vem mora aqui e eu não sei se essas pessoas não têm muito estudo alguma coisa assim que eu não vejo isso nas outras cidades do Rio Grande do Sul tipo “muié”, “vai trabaia”, eles falam muito errado aqui eu acho em algumas palavras no caso né e:: “paiaço” também e tu vê pessoas que tem faculdade falando assim eu me revolto, mas tudo bem é o jeito delas. (S10).*

Como mencionou o S10, as diferentes formas de falar são consideradas identidades das pessoas. Antunes (2007) mostra que essas diferenças lexicais geralmente são estigmatizadas, reconhecendo o que tem prestígio e o que não é bem visto, expondo que:

O componente lexical também conta significativamente para se definir e reconhecer os usos socialmente prestigiados da língua. Talvez conte mais do que o padrão gramatical. De fato, comumente, as variações lexicais estigmatizadas (por exemplo, “muié”, “trabaia”, “estauta”, “ceujeja”, “sastifação”) causam mais impacto do que outras de natureza gramatical, algumas das quais até passam despercebidas. (ANTUNES, 2007, p. 43 – grifos da autora).

Quando a pergunta foi se as pessoas entendem ou procuram entender o que o migrante diz, todas as respostas são dos sujeitos que tiveram uma situação para contar. Os resultados ficaram em 50% respondendo que sim, que as pessoas procuram entender e interagir, desses

somente um sujeito pertence à AC; já os outros 50% não responderam a pergunta, sendo que desse grupo apenas um migrante pertence ao MA, esses sujeitos não responderam pois não lembravam de situações que pudessem usar como referência.

As respostas que afirmaram que as pessoas questionam e querem saber, argumentam de muitas maneiras. Então não tem lugar certo para perguntar, um dos sujeitos diz que até no ônibus ele é questionado quanto ao uso de algumas palavras. Outro diz que ao ser indagado tem que lembrar o nome como é chamado aqui para poder fazer o paralelo e explicar como determinada coisa é conhecida na sua terra. O falar rápido pode dificultar o entendimento da conversa e, também, há muitas palavras diferentes. Como se pode conferir:

*Me empolgo assim, eles não me entendem o que eu tô falando e aí eles ficam me perguntando “ah aberta aí a tecla sap”, “traduz aí traduz” ou, então, uma vez eles ficaram parados assim no ar, “tu entendeu o que ela falou?”, “bah não entendi” ((risos)) ah aí já lá vai eu explica pra vocês de novo, aí eu falo bem devagarinho, assim, daí eu sempre encaro tudo na::... na maior simpatia sabe, pra mim, eu não vou me estressa, eu não me, olha, muito difícil eu me estressar com essas coisas, é uma coisa que eu já me acostumei. (S1).*

Outro sujeito aponta as gírias como o grande diferencial da língua, dizendo que de um lugar para o outro são usadas gírias muito diferentes e que com o tempo elas vão mudando e deixando de ser usadas. Conforme excerto:

*Ah tem muita gíria assim da::... mesmo da sociedade sabe e:: gírias normais assim que é diferente aqui e é diferente lá, também, só que:: como vai passando a idade vai perdendo um pouco isso também né, com o:: uso e a convivência também vai perdendo né, que as gírias vão mudando lá... e você acaba ficando com as gírias da/da região que você con/convive né, que nem a gente falava muito assim “da hora” sabe e isso usava muito quando vim pra cá, usava muito “da hora” assim e lá a gente era muito comum “ah da hora isso aí”, para “ah é muito legal” é tipo o pessoal uma gíria que ninguém acho conhece é “paga pau”... significa:: tipo... “qué imita a outra” sabe, ou:: “ah quer ser igual a outra” uma coisa assim sabe “fica pagando pau pra outra”, que imita, querê ser igual, ah “fica pagando pau pra mim” ou puxando o saco também pode ser também “pagando pau pra ele”. (S4).*

Já outro sujeito, do grupo da AC, se mostra indiferente, se as pessoas perguntam ele responde, mas se elas não perguntam e ele percebe que elas não entenderam, ele não se explica. Ele expõe uma situação vivida na MVCS em que ele ensina os outros colegas de profissão a usar melhor a língua:

*Percebo quando as pessoas não entendem o que estou falando e se elas não pedem pra explicar eu não explico, mas aí tipo, tipo assim, tipo quando eu tava na outra empresa, eu trabalhava com pessoas de um grau de instrução meio baixa e deviam falar marquei, né no “marque aqui” e tal e falavam marcada, bah o que eu ensinei de coisas pra eles em uma semana, e eles ficaram bem tímidos, ah são aquelas palavras bem lento, era o “marquei” com “ram” eles falavam, o “marcar” com destaque bem nordestino, isso quando não implicavam com algumas palavras que falava bem lento, que ficavam na memória deles. (S7).*

Em algumas respostas encontraram-se muitas maneiras de imitação, seja para valorizar, seja para discriminar as pessoas referidas, muitas vezes relacionadas às pessoas que estavam no momento da interação. Sobre essa maneira que é comum na oralidade e na mentalidade das diferentes pessoas, Moralis (2001, p. 144) explica que “[...] em se tratando do

aspecto *imitação*, o informante a entende como algo *pejorativo*, porque na imitação são destacados os traços negativos, os estereótipos: como ele *fala bem*, ninguém pode imitá-lo [...]”. (grifos da autora).

Englobada junto à pergunta anterior está a questão quanto à reação das pessoas ao verem o migrante nomear alguma coisa por outro nome. Nessa questão queria-se saber qual a reação de uma pessoa da MVCS ao ver um objeto, fruta, situação, etc. ser nomeado por outro nome que não aquele de costume. Assim, as respostas obtidas são dos mesmos sujeitos que responderam à pergunta anterior, pois tinham uma referência. Lembra-se que apenas um dos sujeitos pertence à AC e cinco pertencem ao MA.

Algumas respostas apontam as reações: dá risada, achar diferente, conversar, perguntam, procuram entender, “normalmente perguntam, perguntam o que que é: e eu tenho que respondê”. Quando questionado o sujeito se obriga a dar uma resposta ao seu interlocutor, ele precisa justificar o uso que fez e convencer que o termo é utilizado na sua região de origem.

Somente um sujeito apresenta uma reação adversa, em que na MVCS algumas pessoas veem apenas a forma conhecida da região como única e por isso corrigem as pessoas migradas. Porém, essa situação não se torna um momento de discussão, de forma que as pessoas conversam e interagem até chegar ao comum acordo. Na resposta fica muito marcado que a primeira reação é a correção:

*Algumas me corrigem como se eu tivesse errada, né. Fica me corrigindo né, mas eu digo, não, mas é por que eu conheço por esse nome, né, também não me estresso muito, também com isso assim, aí por que eu conheço por esse nome, e ela “ah tá, tudo bem” e fica por isso, eu nunca tive discussão com ninguém por causa disso. (S1).*

Em seguida foi questionado o sentimento do migrante, se este se sentia diminuído por falar algumas coisas de forma diferente da utilizada na MVCS, e, como o esperado, as respostas foram todas negativas. Os sujeitos que responderam as questões anteriores foram os que responderam essa pergunta, isto é, em sua maioria pertencente ao MA. As repostas foram surpreendentes: “ah acho normal... acho que eu tenho que acostumar né, no lugar que você vai você tem que se adaptar:: normal”; “não, muito pelo contrário ((bem calma))”. Diante dessas repostas, nota-se que essas situações são comuns e que é preciso encará-las com bom humor, uma vez que não se sentem diminuídos, mas “pelo contrário” se sentem valorizados por serem diferentes.

Nessas ocasiões de diferenças é que emergem as ideias de origem, visto que neste caso cada um defende a sua terra de origem, mas por estar em um novo local, em uma nova região,

há muito respeito quanto às tradições. Um sujeito é claro ao expor as diferenças e a sua opinião contrária, entretanto não se manifesta, respeitando as ideologias da MVCS. Com isso, o sujeito atribui essas diferenças ao cultural, especificamente, a cultura gaúcha, de uma forma que faz parte do cotidiano das pessoas:

*Há muitas diferenças e eu aprendi isso aqui, né, que assim como eu respeito as pessoas que têm essas maneiras assim sabe, eu respeito as pessoas que vão pra aula de bombacha, tá, embora eu ache a coisa mais ridícula do mundo, mas tudo bem, eu não vou falar nada, eu não me manifesto e tal, eu acho, assim ó, o povo dos gaúchos são bem... éh... como eu posso dizer... éh... Chauvinistas, não é porque são um pouco cheios de si, né, uma coisa meio patriótica não no sentido direto da palavra [...] alguns dizem que ah, mas daqui a um tempo tu vai tá... tu vai tá usando bombacha, de bigode, tomando chimarrão e falando “bah tchê” a cada cinco segundos ((risos)) eu fico rindo disso, mas sempre levo na brincadeira, aí tu tem alguns que meu Deus dá uma vontade de jogar a bolsa na cara da pessoa que é demais, acha que o Rio Grande do Sul é o Rio Grande do Sul e que deveria ser o lugar a parte do país, eu acho isso terrível, por que meu Deus, você comemoram o dia da Revolução Farroupilha como o dia do gaúcho praticamente, eu achei isso demais né, mas tudo bem, eu não falo nada não. (S1).*

Por mais que seja difícil afirmar que se tem preconceito de certa coisa, as pessoas sabem que ao menos têm um *pré-conceito* sobre determinadas culturas e atitudes. Conforme Bisinoto (2007) o homem tem o poder de relacionar o que é visto com prestígio ou não, atribuindo preconceitos ao que julgar inadequado. Um dos sujeitos é corajoso e admite que não aguenta ficar junto com determinadas pessoas por muito tempo. O excerto segue abaixo:

*Eu me irrito com o carioca da gema mesmo, da clara e da gema, aquele que é carioca de praia assim que chia em todas as palavras possíveis e imagináveis ((empolgada)) que não tem “s”, não tem “r” mas eles chia do mesmo jeito sabe [...] eu me irrito eu não consigo conversa muito tempo com uma pessoa assim, mas não é preconceito sabe às vezes até é mesmo um pouco de pré-conceito assim, mas eu me dou bem com todo mundo e tal. (S10).*

A atitude preconceituosa nunca aparece sozinha, sempre há um outro fator que ajuda ela a existir, podendo ser desde uma posição importante até uma situação particular. Essas diferenças também podem ser quanto à classe social, um dos sujeitos observou essa diferença entre uma região que passou antes de chegar até a MVCS:

*Não importa o que tu tem ahn de até mes/dono da metade dos pampas aqui, eles vão te tratar do mesmo jeito que eles te tratam, que eles vão tratá outra pessoa assim.: que seja mais pobre, a mesma coisa sabe, aqui não, aqui eu já vejo diferença de tratamento com rico e com pobre. (S10).*

Sobre o Ceará, o migrante (S1) diz que muitas vezes se reconhece em suas atitudes como cearense: “quando eu tô mesmo no meu auge, aí eu baixo a cearense total”. (S1). Essa noção de ter uma referência é interessante, pois, além de se ver como cearense, o migrante expõe sua opinião e defende a sua região de origem contra as ideias erradas que as pessoas têm do local, quando diz:

*Agora quer me deixar com muita raiva é falar da economia do nordeste uma coisa que me deixa com uma raiva tremenda, por que vocês generalizam, eu já ouvi muitos dizer que o Rio Grande do Sul sustenta o Brasil e sustenta, principalmente, o nordeste [...] tinha uma menina falando... do nordeste e tal, falando coisas assim, como se o nordeste fosse super pobre, sabe, perif... que só tivesse periferia, assim, aí eu, eu olha eu não*

*vim de uma periferia, tá, eu não vim de uma periferia, eu nunca passei fome, tá, muitas pessoas que eu conheço... tu acha que não tem gente rica no nordeste, tu acha que não corre economia por lá, tu sabia que Fortaleza é depois do Rio de Janeiro assim, e da Bahia é o lugar que mais gira o turismo, né, é a economia do turismo, tu nunca, tu vai dar uma volta ali pela beira mar de Fortaleza, tu vai ver o que... que tem mais turista que cearense ali. (S1).*

A visão apresentada pelo S1 também é enfocada por Albuquerque Júnior (2007, p. 124-125), o qual observa exatamente os mesmos pontos que o S1 e faz as mesmas defesas, percebendo que:

Hoje há, circulando no país, uma nova versão do Nordeste, mas que continua reforçando dados preconceitos em relação ao morador da região. [...] Este Nordeste das praias de águas quentes, dos coqueiros, das areias e dunas brancas, da rede, da jangada e da pousada ou do *resort*, da comida típica saborosa e exótica, das modernas casas e bandas de forró, este Nordeste de corpos sedutores e dispostos ao amor e ao sexo [...] reforça o estereótipo de que os nordestinos seriam pouco afeitos ao trabalho, viveriam literalmente de brisa, sal, sol e sexo. Sem sequer perceber quanta gente trabalha para que toda esta estrutura turística se mantenha, assim como sem se dar conta de quantas pessoas suam a camisa para que os intermináveis carnavais fora de época e de qualquer época possam ocorrer, continua-se a dizer que os nordestinos, afinal, são pobres porque não trabalham, vivem às custas, inclusive, do dinheiro dos trabalhadores residentes em outras regiões do Brasil, que vão anualmente deixar seu rico dinheirinho nas praias e nas festas nordestinas [...]. (grifo do autor).

Em defesa da Região Nordeste, dois sujeitos falam sobre a educação e as diferenças que existem entre nordeste, norte e sul. Um destes sujeitos (S7) é nascido na Região Norte, mas argumenta sobre o Nordeste. Observam-se os dois trechos abaixo:

*Generalizam do tipo da educação também, que as escolas públicas do nordeste não prestam, que tem aquele problema de deficiência nas escolas, que não tem dinheiro, não tem isso, que a educação é de péssima qualidade, eu estudei em colégio público e em colégio particular, posso dizer que alguns colégios público são uma porcaria, mas tem outros que são de ótima, excelente qualidade [...] lá é uma procura imensa por educação e também tem isso, né, então os pais sempre investem nos filhos, minha mãe investiu em mim. (S1).*

*Uma coisa que eu percebi que o pessoal do sul entendem pouco português e de geografia não sabem quase nada, não sabem diferenciar o que é norte, o que é não sei o quê, a de geografia o pessoal entende mal mesmo péssimo e de português também, mais de tudo em geografia, “ah é mesma coisa” não é a mesma coisa, há divergência o nordeste é seco e o norte é cheio de água, e tudo é geografia. Não sabem diferenciar muito, mas também, pode até, que também nós lá pra cima o sul é a mesma coisa né, os três estados do sul é tudo a mesma coisa. (S7).*

Esses excertos dão conta do que falaram os sujeitos espontaneamente, porque sentiram necessidade. Não havia perguntas que questionassem diretamente a educação. Ambos percebem que há muitos enganos de percepção do sul quanto à educação que é dada no nordeste. O último argumento porém aponta que os nordestinos também não sabem diferir os estados do sul. Dessa forma, apontam uma igualdade entre a ignorância de um para o outro. Depois desses relatos, vê-se como é dado um grande valor à terra de origem, para que as

outras pessoas desfaçam as ideias erradas que têm acerca da região, além de que os migrantes transmitem alguns dados da sua origem, apresentando-a como melhor em detrimento da nova. Albuquerque Júnior (2007, p. 90) explica o motivo histórico dessa confusão em saber o que é norte e o que é sul, ao mostrar que:

[...] Esta designação Nordeste para nomear uma região específica do país [...] só vai surgir [...] muito recentemente, na década de 10 do século XX. Antes, a divisão regional do Brasil se fazia apenas entre o Norte, que abrangia todo o atual Nordeste e toda a atual Amazônia e o Sul que abarcava toda a parte de Brasil que ficava abaixo do estado da Bahia. Por isso, ainda hoje, os nordestinos são comumente chamados de nortistas em São Paulo ou em outros estados do Sul e do Sudeste e os moradores destas regiões dizem que vão passar férias no Norte, para se referirem ao Nordeste [...].

Além de apontar o fator da educação, esses dois sujeitos (S1; S7) ainda falaram quanto ao preconceito que veem na MVCS atribuído ao povo nordestino. As manifestações encontram-se abaixo:

*Por... pr'aquela coisa generalizada chamada preconceito sabe... tipo: "nordestino é preguiçoso" uma coisa que eu ou/ouço muito aqui, que me aborrece bastante, não só em mim mas as minhas amigas também que são cearenses, que elas moram aqui né, elas moram em Garibaldi né e que sempre a gente repara assim com alguns comentários, piadas, pode até ser brincadeira mas... (S1).*

*Logo o gaúcho vai conhecendo, né, "ah nordestino não sei o quê" inclusive um dia desse no trabalho eu tive um fato bem interessante, é... entro um funcionário novo, né, e eu tinha que passa algumas instruções pra ele, né, e tinha inclusive ((cochichado)) um lá, não sei se era italiano, sei que era gaúcho, e o ele fico olhando, e depois ele falo "ah onde já se viu um cearense, nordestino ensina um gaúcho a trabalha não sei o quê" isso é uma coisa que não tem haver, tem que aprende como eu aprendi, quem tem que ensina sou eu. (S7).*

Em função do que é dito pelo S1, ao apontar as ideias que existem de que nordestino é preguiçoso, Albuquerque Júnior (2007, p. 128) apresenta uma explicação das origens desse pensamento, lembrando que:

[...] a ideia de que o nordestino é preguiçoso, pecha<sup>16</sup> que passou a acompanhar negros e mestiços à medida que estes, como resposta ao trabalho compulsório da escravidão, entendiam o ser livre, a liberdade, como a possibilidade de trabalhar como e quando quisessem, ter o domínio sobre o seu próprio tempo de trabalho, o que as elites interpretavam como preguiça, quando elas próprias tinham repulsa ao trabalho braçal.

Já para a noção de nordestino ensinar as outras pessoas, como se referiu o S7, Albuquerque Júnior (2007, p. 113) explica e aponta o que acontece, no geral, com os migrantes nordestinos, notando que:

---

<sup>16</sup> Pecha neste contexto está no sentido de defeito moral, vício, falha, imperfeição.

[...] O migrante nordestino das camadas populares, quase sempre colocado em posição de inferioridade e subordinação no ambiente de trabalho e nas relações sociais que estabelece nas grandes cidades [...] lança mão, muitas vezes, deste mito de cabra-macho para responder a esta situação de subordinação ou mesmo afrontar uma situação de humilhação insuportável, gerando muitos atos de violência que irão marcar negativamente a figura do nordestino no Sul do país [...].

Goffman (1988, p. 96), em seus estudos, reporta que “[...] cada grupo de estigmatizados parece ter seu repertório próprio de relatos de advertência sobre uma exibição embaraçosa e que a maior parte de seus membros pode dar exemplos de sua própria experiência”. De outro lado, Moralis (2001, p. 143), em sua pesquisa, encontrou opiniões de sujeitos baianos que diferem do que foi relatado nesta pesquisa, pois a autora menciona que as “[...] atitudes manifestadas pelos informantes baianos: uma é o fato de avaliarem negativamente a própria fala [...]”, esse fato não condiz com as respostas encontradas na presente pesquisa pelos sujeitos migrados da região nordeste.

### **3.7 Processo de mudança linguística**

As mudanças ocorrem quando há o processo de migração, essas diferenças são desde a forma como observar as coisas até a forma de pensar. Quando uma transição acontece os migrantes procuram se integrar na nova região, com a finalidade de facilitar sua vida e compreender os novos costumes. Uma das perguntas indagava se o migrante mudou seus hábitos de fala ou se deixou de falar alguma palavra ao mudar para a MVCS. As respostas foram interessantes, pois apenas dois sujeitos responderam claramente que mudaram seus hábitos de fala, enquanto três responderam de forma implícita que mudaram, como se essa afirmação fosse contra algum de seus princípios. Nas respostas negativas cinco entrevistados responderam que não mudaram seus hábitos de fala e nem deixaram de falar algumas palavras. E, dois sujeitos não responderam a pergunta, posto que não tiveram nenhuma dificuldade com a mudança, ou seja, já conheciam as maneiras utilizadas na nova região.

Dos sujeitos que responderam que não mudaram seus hábitos de fala, alguns deixam um pouco aberto a questão, pois estão ainda em transição, nas respostas observa-se isso, sendo que alguma coisa já mudou, mas não tudo. Os excertos: “ainda não [...] acredito que não [...] posso até pegar alguns costumes, mas acho que:: linguagem mesmo acho meio difícil...”; “não, não sei, olha eu acho que não [...] acho que sim, que a gente vai se adaptando ao lugar, vai mudando alguma coisa”. Nesses excertos fica transparente que os sujeitos estão

perdidos em suas respostas, de modo que ao mesmo tempo em que negam ter mudado alguma coisa, afirmam que sempre ocorre uma mudança. Diante dessas posições, pode-se atribuir essa confusão ao processo de adaptação e transição ao novo local.

Nas respostas afirmativas está mais clara essa ideia de adquirir uma nova linguagem, os sujeitos percebem que já utilizam novos meios e, que não deixaram totalmente os costumes de sua antiga região. Essa noção de estar falando mais próximo da MVCS: “eu tô pegando o jeito de vocês falarem”; “foi de tanto escuta que eu fui trocando”; “conforme você vai vivendo na região você acaba acostumando”; “o costume da região te leva a [...] tu acaba falando como as:: pelo convívio com as pessoas da região, tu fala do mesmo jeito, acaba se aproximando”.

Muitas das respostas atribuem ao convívio e ao escutar, isso faz sentido, pois quanto mais se ouve, mais as novas palavras são aceitas. Os sujeitos percebem que são comuns determinados usos e acabam utilizando também, de forma involuntária na maioria das vezes. Observa-se isso em dois relatos:

*Eu tô falando menos o você e tô falando mais o tu. É tu percebeu né que eu falo bastante o tu. Éh... eu falo, já tô falando de uma maneira, assim, ma/mais na melodia de vocês, sabe, na entonação de vocês, “ah, mas eu não sei ((meio pausado o tom, mas calmo))” entendeu, eu tô falando mais lentamente. (S1).*

*Ah:: eu falo assim de vez em quando “bah”, de vez em quando “bah”, e antes eu não falava né, mas assim de tanto você escutar e conviver com as pessoas “bah, bah e bah” acaba pegando uma hora... é isso aí, ah esse dias que eu não queria falar e do nada eu falei assim “bah meu o:: porque você tá fazendo isso” eu achei:: até eu me estranhei porque eu falei isso ((risos)). (S4).*

Como era esperado há sempre uma comparação, pois esta é uma forma básica de analisar as disparidades, colocando-as em um paralelo e obtendo as diferenças e semelhanças. Um sujeito percebeu que estava com o uso da língua mais parecido com o da MVCS quando foi para sua terra de origem visitar seus pais, neste momento notou que quando chegava lá estava falando de um jeito, e, quando voltava para a região, já estava falando novamente da maneira de sua terra, neste caso, Minas Gerais. Esse fato é encontrado na sua entrevista:

*Quando a gente ia pra lá, pra fica um mês lá, chegava de um jeito e voltava falando o jeito de lá não sei, se:: como é que vocês, até queria ver isso depois né, se funciona isso com todo mundo... chegava falando mais mineiro é:: e com o tempo aqui ia voltando, é:: ((risos)). (S2).*

Além da noção de comparação há também uma visão para si mesmo, alguns entrevistados já se questionaram quanto ao seu uso da língua, pois eles mudaram algumas formas e perceberam que estão usando outras. Bourdieu (1996, p. 53) assevera que essa troca linguística é comum num mercado linguístico, observando que “[...] a troca linguística é também uma troca econômica que se estabelece em meio a uma determinada relação de força

simbólica entre um produtor, provido de um dado capital lingüístico, e um consumidor [...] capaz de propiciar um certo lucro material e simbólico [...]”. Quanto à mudança de um modo para outro pode ser observado como uma situação complicada:

*Eu tive dificuldade, eu aprendi a falá o “r” carregado porque quando eu era criança eu ia pra cidade com as minhas primas sabe, ia com elas pra praia daí lá eu sofria preconceito como criança sabe, daí lá o pessoal ria porque eu falava o “r” fraco ((risos)) e daí quando eu voltava eu falava o “r” carregado daí eu sofria preconceito onde eu estudava porque eu falava o “r” carregado, mas eu voltei a falar certo [...] quer dizer a falar o “r” assim né. (S3).*

*Eu só acho que tô ahn o “r” que tá mais forte sabe, eu não voltei a falá o “de” por exemplo que eu falava antes “rabo de cavalo”, “rabo di cavalo”, mas eu nunca falei “leite quente” que tem alguns lugares que falavam o “leite” fala com um “e” bem forte no final, eu sempre falei “leiti”, “quenti” só que o “de” eu falava “de” mesmo e eu fui pra lá e comecei a falar “di” e:: acostumei eu acho e aqui também eu/eu não perdi ainda o “di”. (S10).*

O interessante é que até os migrantes ficam intrigados com essa flexibilidade que o ser humano tem em se adaptar ao local em que está. A partir do momento em que essa transição é percebida no uso da linguagem o migrante vê como é rica a língua em sua diversidade, e como não é tão complicado entrar nesse novo sistema. Dessa maneira, é compreensível que alguns objetos, frutas, comidas, roupas, situações tenham diferentes formas de nomear ao se encontrar em diferentes regiões.

Quando perguntados se conhecem formas diferentes de nomear objetos, frutas, comidas, situações, gírias, roupas, etc. foram recebidas respostas muito ricas e interessantes, uma vez que na pesquisa encontram-se migrantes vindos de diversos lugares do Brasil, e também, que moraram em lugares diferentes antes de chegar à MVCS. Dessa forma, cada sujeito expôs um pouquinho das peculiaridades que percebeu na nova região, porém alguns sujeitos aproveitaram a pergunta e valorizaram alguns aspectos de sua terra de origem. Conforme Nawa (1989, p. 212) existem muitas mudanças e adaptações, e dificilmente se conserva tudo o que se tinha antes da migração:

A cultura que se desenvolve em comunidades de imigrantes é uma cultura híbrida onde coexistem as tradições do país de origem junto com as práticas assimiladas do país hospedeiro, ocasionando as “adaptações” ao novo ambiente. Os costumes e os hábitos transplantados da pátria-mãe, entre eles, a língua raramente, permanecem intactos. (grifo da autora).

As diferenças encontradas, iniciando pela categoria pertencente ao MA são: bergamota por tangerina, na MVCS e na terra de origem, neste caso Ceará, respectivamente. Massa com muitas especificações como talharim, parafuso, macarrão, encontradas na nova região, já no Ceará não tem especificidade das massas, todas – não importando a qualidade – são

conhecidas como macarrão. Esse mesmo sujeito aponta algumas diferenças culturais e a falta que sente de um objeto específico que não é comum na região:

*Até por uma questão cultural, é vocês italiano, assim, gostam mais de massa, lá a gente prefere arroz com feijão, então tem outras coisas também, objetos... armador, lá na maioria das casas tem armador de rede para colocar rede, até nas mais elegantes, assim, tem sempre aquele lugarzinho, aquele ganchinho na parede pra colocar rede, aqui não tem. (S1).*

Outro sujeito de Minas Gerais aponta outras diferenças: bergamota por mexerica, cacetinho por pão de sal ou pão francês, sinaleira por farol, rótula por rotatória, salsichão por salsicha, biscoito por *bulacha*, pechada por batida “normal”, tomate por *tumate*, neste caso a comparação é MVCS e Minas Gerais, respectivamente, em todos os exemplos. Outro sujeito pertencente ao mesmo estado aponta também a bergamota por mexerica, aipim por madioca, e faz perceber a diferença de pronúncia de algumas palavras, como: kiwi por *Kiui*, caqui por *caquí*, nestes exemplos, emergem o comparativo entre a nova região e Minas Gerais, respectivamente.

Já um sujeito paulista aponta poucas diferenças: cacetinho por pão francês, bergamota por mexerica, laranja do céu por laranja lima, neste caso a comparação ocorre entre MVCS e São Paulo, respectivamente. No entanto, essas poucas diferenças apontadas renderam boas histórias vividas, como se podem observar as experiências que teve com cada uma das palavras conhecidas de forma diferente:

*Bastante até, principalmente o pão né... pão ah a gente chamava o “pão francês” mesmo [...] e aqui não, aqui é o “cacetinho” né [...] “Mexerica” também que a gente fala que é “bergamota” né isso aí: [...] a primeira vez foi quando ((atrapalhado)) eu fui pra Porto Alegre eu achei engraçado, que eu achei estranho porque eu não conhecia né, que eu não sabia... até achei engraçado, mas depois:: depois eu acostumei... [...] achei que tivessem zoando comigo né ((risos)) (pergunto quanto à associação com a mexerica) é demorei assim porque:: até outro dia eu acho, eu fui no mercado e perguntei “tem mexerica” daí ela falou que não tinha... depois aí eu fui vê, a frutinha, achei a “mexerica” né “mas aqui a mexerica”, “ah não isso é a bergamota” ((risos)) eu disse assim “ah tá grande::” mas quando eu vou no mercado geralmente a gente vê essas diferenças, “laranja do céu” era “laranja lima” pra nós... [...] até um dia eu comprei a laranja li/do céu pra ver o que que era, daí eu disse “ah tá laranja” ((risos)) comprei uma só, só para ver o que que era, achei engraçado. (S4).*

Quanto aos sujeitos pertencentes à AC apresenta-se novamente a bergamota por tangerina, MVCS *versus* Pará, respectivamente. Esse sujeito vai além e aponta algumas diferenças: “a maioria das frutas que tem aqui não tem lá, tipo na região não tem uva, né, tem mas são coisa rara”. (S7). O que se torna comum, pois as frutas dependem do clima, da terra e de outros aspectos para sua plantação.

O grupo pertencente à AC foi muito notada a cultura italiana, como aponta um sujeito migrado de Pelotas (RS): “lá é muito assim, algumas expressões gaúchas [...] aqui ehn são bastante, bastante:: usam bastante palavras em italiano”. (S8). Lyons (1987, p. 216) explora

as alternativas concedidas pela língua, mostrando que “uma maneira de abordar o fenômeno da variação estilística é considerando o fato de que um sistema linguístico fornece freqüentemente aos seus usuários meios alternativos de dizerem a mesma coisa [...]”.

Os demais sujeitos desse grupo se voltaram em grande parte para a culinária. Entre os citados estão: grôstoli por cueca virada ou casquinha, MVCS e Bagé (RS), respectivamente; anholine por capelete, entre a nova região e Passo Fundo (RS), respectivamente; cacetinho por pão d’água, grôstoli por cueca virada ou orelha de gato, comparação feita entre a região e Santa Catarina, respectivamente. Um dos sujeitos expõe essa diferença da culinária e aponta um prato que não era conhecido da sua região de origem:

*Comida “tortéi” acho que lá não tem, o pessoal nem:: se fala eles nem sabe o que que é (pergunto se ela conheceu aqui) sim, conheci aqui, lá não [...] o “grôstoli” pra lá é “cueca virada” ((risos, meio encabulada)) mas assim eu já:: meu marido já tinha falado então eu nunca cheguei a pedir pelo nome “ah me dá uma cueca virada” é, mais:: [...] ele já tinha me falado que aqui era “grôstoli” e não era “cueca virada” ou “orelha de gato” ou alguma outra coisa que chamam por lá. (S12).*

Também foram percebidas algumas expressões, como: apura, no sentido de “anda logo” por rápido, comparação entre MVCS e Brasília, respectivamente; comanda por ficha de consumação, pechada por batida de carro, comparação entre MVCS e Passo Fundo (RS), respectivamente. O estudo de Weinreich, Labov e Herzog (2006, p. 121) mostra os fatores que ocorrem para que a mudança linguística aconteça:

[...] A mudança se dá (1) à medida que um falante aprende uma forma alternativa, (2) durante o tempo em que as duas formas existem em contato dentro de sua competência, e (3) quando uma das formas se torna obsoleta [...] todas as evidências empíricas reunidas até agora indicam que as crianças não preservam as características dialetais de seus pais, mas sim as do grupo de pares que domina seus anos pré-adolescentes. (grifo dos autores).

Outros sujeitos fazem comparações e dizem muitas coisas que havia em sua terra de origem e não encontram na nova região. O primeiro excerto é de um sujeito nascido na Bahia, mas que morou no Espírito Santo e no Rio de Janeiro antes de mudar para Caxias do Sul. Já o segundo excerto pertence a outro sujeito que nasceu em Bagé (RS), morou em Cacequi (RS) e Brasília (DF) antes de mudar para Caxias do Sul. Então, apresentam-se os excertos:

*“Nholin”, “anholin” não sei, “inholin” é:: esse aí não tem lá, não tem, não tem, (pergunto se não tem nem algo parecido) nem a mesma coisa com outro nome [...] frutas [...] tem uma que aqui não tem, por exemplo, o “caju” né, o “caju” aqui não tem [...] “cupuaçu” que é outra fruta bem cítrica que é de lá também, que não tem aqui, “cacau” né, “cacau”, então:: assim aqui comem muita massa, né, muita massa, lá é feijão, arroz, pimenta, muqueca de peixe, de camarão e tal, aqui tem muito churrasco, embora lá tenha churrasco, mas não como aqui né [...] aprovei que o/o o:: churrasco gaúcho é bem melhor né não dá pra deixar isso aí é tradição, igual a muqueca pra gente é tradição, e não tem aqui [...]. (S6).*

*Tem as frutas do nordeste que tem bastante lá que:: é o “cupuaçu”, “cajá”, “umbu” que pra cá não/não tem ahn:: eles tomam muito “açai” que tem bastante gente do Pará né, aqui eu não vi ainda, na verdade, uma coisa que eu vi muito, eles adoram o tal do sorvete italiano aqui até no frio eles tomam sorvete [...] tu vê mais a diferença nas/de palavras de comida ahn tipo essa “polenta brustolada” é uma polenta que tá feita que colocam na chapa isso que é brustolada eu nunca ia sabê. (S10).*

Ocorre o caso de alguns sujeitos estranharem a comida da nova região. Um dos entrevistados expôs sua dificuldade com a comida, posto que ele partiu do norte do Brasil, onde as comidas são mais leves. Observa-se o relato:

*Vamo aprende a come massa primeiro ((risos)), eu não gosto, não desce, não vai, me engarguela, me entala na minha garganta. Eu como arroz com carne cozinhada, e bastante manga com farinha, que eu consigo manga ((risos)), é porque eu comia bastante açai, então muita manga com farinha às vezes pra dar uma aliviada na situação, aí quando eu já tô um pouco enjoado da comida, aí vô e compro umas 10 mangas e guardo lá, e vô comendo manga com farinha de mandioca [...] faço tostão que mistura mandioca, beterraba e faço uma mistura, típico nosso mesmo de comer farinha, lá tudo vai farinha. Sinto falta disso bastante [...] lá se come muito... [...] tigela de açai com farinha, lá se come só açai, açai com peixe, açai com farinha, açai com carne, é isso que se come, que o açai se dá como uma praga, mas só dá lá também ((risos)). (S7).*

Para fechar a discussão do processo de mudança linguística é importante saber a posição do sujeito quanto às diversidades linguísticas, porém a pergunta feita pedia a opinião de cada entrevistado e não que ele estivesse, necessariamente, envolvido em algum caso específico. Isso deu a oportunidade para que eles pudessem a partir de seus conhecimentos atribuírem valores para avaliar quando a diversidade linguística faz diferença, isso é se ela faz diferença, sem pensar primeiramente em si, mas nas relações em sua totalidade. Apesar disso, menciona-se Monteiro (2000) com a noção de que os falantes não utilizam a língua da mesma forma em todas as ocasiões, fato que acaba implicando a escolha entre as possibilidades conhecidas. O autor apresenta que não há falantes de um único estilo, pois alguns deles modificam as variáveis na proporção que vai sendo mudado o contexto ou o tema em que esteja englobado.

As respostas para a pergunta: “o fato de haver diversidades linguísticas foi ou é motivo de alguma discriminação nas relações profissionais ou sociais” ficaram divididas. Dos doze entrevistados cinco responderam que há algum tipo de discriminação nas relações profissionais ou sociais (42%), outros cinco responderam que não há discriminação por haver diversidades linguísticas (42%) e dois sujeitos não souberam responder (16%).

Dos entrevistados que não souberam responder um tentou argumentar o porquê não soube o que dizer, apontando que não sabe se na MVCS haveria algum tipo de discriminação, pois há muitas empresas. Ao final de seu depoimento o sujeito se posiciona de maneira positiva, acreditando que não haverá discriminação na área profissional:

*Eu não sei se as outras pessoas vão tê, vão tê um, um, um caráter discriminatório por você ser de fora, de, de mercado de trabalho [...] não sei se:: se um hospital deixaria de me contratar ou um posto de saúde por*

*causa disso, é:: mais tu vai prová isso no dia a dia né, é, também por Caxias, ser uma faculdade, uma cidade ((atrapalhado)) tão desenvolvida, com tanta empresa e tá vindo tanta gente de fora, eu acho, eu creio que não:: teria problema. (S2).*

Outros cinco entrevistados opinam que pela diversidade linguística pode haver discriminação, sim. Os argumentos são variados, no entanto, se complementam: “sempre vai tê independente de qualquer país, ou qualquer região”. Desses sujeitos alguns procuraram se explicar, mostrando os motivos que levam a pensar que há diferenças nas relações profissionais ou sociais, alguns ultrapassam as barreiras linguísticas e associam outros diferenciais:

*Talvez as pessoas que falem palavras mais próximas ou pelo menos que são neutras, que não tem um sotaque carregado, que não tem palavras muito carregadas da sua cidade natal elas devam sofrer menos o preconceito. Quem é muito carregado eu acredito que se sofre um pouco mais assim na hora de buscar emprego talvez... [...] talvez assim negros, sofram mais ainda, não necessariamente pela língua, mas por os italianos terem um preconceito maior com relação aos negros, então, eu acho que eles devem sofrer um pouco mais também, mas eu acho que tem, tem sim uma:: um pouco de preconceito com essa diferença ahn de linguagem, de culturas assim. (S8).*

*Eu acho que tem muita diferença sim, do pessoal que consegue:: que tem uma fala mais clara, né, mais:: [...] eu acho que isso é diferença de quem consegue se expressa bem né consegue:: mas acho que tem sim essa diferença [...] tu não vai coloca uma pessoa que precisa falar em reuniões ou coisa assim se a pessoa ou fala errado, ou fala com a forma que não vai:: [...] sei lá que vai ser motivo, por exemplo [...] motivo de chacota, de riso que vai:: tem eles vão avalia com certeza, tem que sê uma pessoa que consiga se expressa melhor, que tenha tudo né uma boa formação, que já tenha algum histórico, né, de/de de referências anterior de trabalho, coisa assim. (S12).*

Como os exemplos são sempre utilizados pelos entrevistados, um dos sujeitos utilizou seu próprio exemplo e expôs como pode haver diferenciação e seleção nas relações profissionais. Esse sujeito reconhece que tem um aspecto diferente dos que são nascidos na MVCS e por isso procura melhorar, com a finalidade de fazer bem o seu trabalho:

*No meu trabalho, às vezes, quando têm alunos que falam pras professoras, e elas me contam, né, que eles dizem assim “profe eu tenho que prestá bem atenção no que a Fulana<sup>17</sup> fala porque eu não entendo o que ela diz ((risos))” então assim, éh... às vezes eles não entendem e ficam com medo de perguntar, né, pra mim então fica ruim pra mim se eu for me formar como professora né, tipo falar com o meu sotaque e for explicar uma coisa bem rápida assim, eles não vão entender, vai ficar ruim, porque aluno já não pergunta né pro professor em si, imagina ele não entendendo a matér... imagina ele não entendendo a professora falando a matéria, né, então isso aí acho que me complicaria um pouquinho, nisso, agora eu tô me policiando mais mesmo, tô tentando falar mais lentamente quando eu vou falar com as crianças, assim. (S1).*

Os outros cinco sujeitos que responderam que não há discriminação pela diversidade linguística usam argumentos como: “pela linguagem não/não tem muito não tem nenhum preconceito”. Alguns desses sujeitos apontam que pela diversidade linguística não há discriminação, porém é encontrada a discriminação social, através da ideia que as pessoas têm da cultura de outros lugares. Alguns excertos simplificam:

<sup>17</sup> Neste momento a entrevistada refere-se a si.

*Mas se eu vim de fora, se eu vim do nordeste, vamos supor, eu vô/vô trabalhar igual, mas pra ti que tá me olhando tu vai me olha de outra forma, tu vai olha como o nordestino que passa fome, que não tem condições de vida, um padrão igual a todos os brasileiros, como o paulista que fala diferente, que tem condições, que conhece todo mundo. Acho que dessa maneira. (S9).*

*Não há discriminação, mas tem um deboche, que as pessoas comentam, muitas vezes não não é por:: por:: justamente por discriminar ou por querer fala mal, mas assim, é pelo deboche as pessoa pelo jeito diferente que ela tem de:: de fala (pergunto se para um emprego isso faz diferença) eu acho que não, não:: não:: não faz diferença eu acho que a pessoa tem que saber se comunicar, saber se expressá, e não pelo simples fato de a pessoa ter um sotaque diferente ou::... ela tem que saber se comunicá, perante a sociedade, não, o sotaque não vai influenciar. (S11).*

Algum diferencial sempre haverá nas relações sociais e profissionais, muitas vezes esse ainda é um critério de seleção, principalmente nas relações sociais, as pessoas determinam quem pertence ou não ao seu grupo de amigos, às vezes pelos critérios mais absurdos, como situação social, cultural, educacional, etc. Já para ter uma boa aceitação na relação profissional a parte linguística pode não interferir, desde que o indivíduo seja um bom profissional, bem capacitado, se acontecer o contrário e os seus conhecimentos falharem, o fator linguístico pode se juntar a qualquer outro diferencial, dessa forma sendo usado como uma oportunidade para a discriminação.

### **3.8 Processo de integração**

Toda transição de um lugar para outro requer algumas tolerâncias e muito interesse em procurar entender os costumes da nova região, esse aspecto geralmente deve vir do migrante. Mesmo dentro de um mesmo país, ou de um mesmo estado ocorrem diferenciais que caracterizam uma região de outra, assim como as pessoas se diferenciam de região para região. Semprini (1999, p. 104) salienta que “[...] as experiências da diferença e do encontro com o outro são sempre enriquecedoras, pois elas representam a própria condição de emergência da identidade [...]”.

Quando perguntados como fizeram para se adaptar a MVCS diversos pontos foram levantados. Dos doze entrevistados nove (75%) confirmaram que mudaram alguma coisa para se adaptar, para dois sujeitos (17%) a transição não trouxe mudanças e somente um (8%) ainda não se adaptou na MVCS. Dessa forma, onze sujeitos estão mais adaptados ou procurando mudar seus costumes para se adaptar na região.

Nas entrevistas foram citados alguns meios de adaptação, como: observar, aprender, respeitar, ir atrás dos objetivos, etc. Alguns sujeitos deixam claro que é preciso tempo e força

de vontade para se adaptar, mostrando que essa mudança depende apenas do migrante. Observam-se essas posições nos excertos: “*ah fui absorvendo tudo a minha volta, né, é o jeito, então eu tive muito que aprende... foi só o tempo, só o tempo assim pra entender as pessoas, pras elas se acostumarem comigo*” (S1); “*tem que vestir a camisa né, não tem como você fazer o lugar se adaptar a você*” (S2); “*respeitando as diferenças, né, respeitando as:: a própria cultura, né, o modo de falar, de vestir, a comida em si, as pessoas de um modo geral, como em qualquer lugar que eu for tem que fazer isso*”. (S6).

Faz parte das respostas que afirmaram mudar alguma coisa as mudanças de clima, a adaptação ao frio, ao sistema de trabalho e estudo, como é observado:

*Comprando muito agasalho [...] comprar guarda-chuva:: não chovia tanto como aqui [...] no inverno eu nunca sai com duas calças geralmente e tem dia aqui que eu tenho que sair com duas calça né lá eu nunca usei duas calça, nunca e aqui é comum né [...] tem outra coisa que eu nunca vi assim, outro dia fui numa festa aqui:: sabe aqui no Jóquei entendeu, nós saímos do Jóquei tinha gelo em cima do carro, eu nunca tinha visto aquilo:: 4 da manhã e gelo em cima do carro ((surpreendido)) e tal, de tão:: de tanto frio que tava né, é engraçado, ah não nunca tinha dado::... ah e neve eu vi neve aqui em 2006/5 não:: ((pensando)) não, 2006, final de 2006, em setembro nevou né:: daí eu consegui ver a neve, uma coisa que eu nunca tinha:: ahn:: fora do Brasil assim, só no Brasil assim né nunca teve::... só aqui em Caxias mesmo na região sul assim né, não, nunca ia nevar lá, podia esperar a vida inteira:: não via. (S4).*

*Debaixo de muito cobertor ((risos)) nossa no primeiro ano então, meu Deus do céu foi muito difícil porque [...] eu não tava acos::tumada, a chegar a zero grau nossa nunca tinha visto isso... foi muito frio, mas agora já acos::tumei, sei como é que é, ando sempre protegida ((risos)). (S5).*

Bons aliados para ter uma adaptação mais fácil são os contatos criados na faculdade, no emprego, na escola, ou seja, nos ambientes em que as pessoas se encontram diariamente. Alguns sujeitos apontam que sofreram no início da adaptação, mas puderam encontrar uma esperança com as pessoas que conviviam:

*Eu já tava aqui há um tempinho e elas diziam “ah eu sei o que tu tá passando”, “recém chegar numa cidade e tal”, “tu não conhece nada se precisar” as pessoas da mesma cidade, vinda de Pelotas, lá, que me conheciam da loja de lá, me identificava né e dizia “ó se precisar anota meu telefone, me liga” e já o pessoal aqui, já ah tá tu não é daqui e pronto, tu não é daqui e deu, não tem uma abertura maior. (S8).*

*Ahn:: aqui geral/foi muito na época da escola que, do segundo grau, que uhn:: conhecendo ahn os colegas de aula, eles me, eles convidaram pra/prá jogar futebol nos finais de semana e foi assim que eu comecei a conviver com eles, a participar mais dahn da sociedade de Caxias do Sul, eu fui entrando/entrando na/no ritmo da cidade, da região. (S11).*

Já para outros sujeitos o movimento de adaptação não mudou muita coisa em suas vidas, porém alguns reconhecem que outras coisas foram acrescentadas. Emergem os depoimentos: “*não mudei nada [...] aqui é bem mais corrido*” (S3); “*acho que não, acho que não mudei nada além da:: das palavras que eu aprendi que eu não usava no meu vocabulário né que é mais a/a a:: parte de comida mesmo*”. (S10). Essas mudanças são esperadas, mesmo que os sujeitos afirmem não ter mudado nada em sua vida, em seu modo de ser, mas o ato de

acrescentar um conhecimento diferente (nesse caso, vindo da MVCS) já torna o sujeito uma pessoa diferente da que saiu da sua terra. Goffman (2002, p. 17) apresenta em um de seus estudos algumas das atribuições correspondentes ao processo de interação, pensando em:

[...] uma situação social como um ambiente que proporciona possibilidades mútuas de monitoramento, qualquer lugar em que um indivíduo se encontra acessível aos sentidos nus de todos os outros que estão ‘presentes’, e para quem os outros indivíduos são acessíveis de forma semelhante. De acordo com essa definição, uma situação social emerge a qualquer momento em que dois ou mais indivíduos se encontram na presença imediata um do outro e dura até que a penúltima pessoa tenha se retirado [...]. (grifo do autor).

Somente um sujeito diz que não se adaptou aos costumes da região, apontando que as maneiras de ser e falar são os principais fatores que o diferenciam das pessoas nativas da região. Observa-se o excerto: “é eu não me adaptei, né [...] o gaúcho não sabe falá em um tom de voz baixo né, ah aquela coisa”. Esse aspecto percebido é totalmente diferente da maneira de viver do sujeito, esse especificamente pertence ao Pará, onde, como ele mesmo afirma, as pessoas são mais lentas, mais calmas. Ao contrário, o gaúcho tem um aspecto forte, rude, grosseiro de encarar e de demonstrar seus pensamentos.

A pergunta seguinte questionava se o sujeito se sentia integrado aos nascidos na MVCS. As respostas foram surpreendentes, pois a maioria (74%) respondeu que ainda não está integrado, ou totalmente integrado, não mais que três sujeitos (26%) estavam convictos que eram pessoas integradas na nova região. Desses que se sentem integrados, dois pertencem ao MA e apenas um à AC. Essas respostas fazem pensar que as origens prevalecem quando equiparadas com o local em que o migrante se encontra, de forma que o migrante se identificará com a sua terra de origem, usando-a como referência para a sua identidade.

Os migrados que afirmaram se sentir como os nascidos na região atribuem essa resposta ao se comparar com as pessoas que convivem, pela recepção que tiveram ao chegar à cidade, pelo fato de terem familiares morando há muito tempo na região. Os excertos confirmam: “com as pessoas que eu tenho convivência sim”; “sem problema eu acho que me adaptei bem, tô sendo bem acolhido aí na cidade, na região”.

Já os sujeitos que abordaram não serem iguais ou parecidos com as pessoas da região atribuem inúmeros motivos para essa posição. As respostas ficam entre: não se sentirem totalmente integrados, mas apenas “um pouco”; não saber se é integrado ou não, ser somente “um pouco” integrado; ou radicais ao afirmarem que não são integrados. Esses sujeitos argumentam seus motivos, que vão desde a dificuldade de localização dos lugares, passando pelos aspectos culturais, indo até o fato de se acostumar com o frio e os seus utensílios:

*Quando eles vão explicar “a vai tê uma festa em tal lugar” aí “onde fica tal lugar?”, aí “tu conhece tal lugar? Outro lugar? Assim, uma referência?” e eu “não” ::aí fica difícil né pra mim, aí eu... aí eles “ah, então, não dá pra te explicar” [...] daí uma amigo meu tava me convidando “e tu vai assim?” e eu “ai não sei se eu vou, onde é que vai sê?” aí ele “a tu conhece o posto tal?” e eu ((ênfase)) “não” ele “tu sabe onde é tal lugar?” e eu “não” e ele “a como é que eu vô te explica agora?” e as pessoas têm dificuldade de me passar essas informações, né, como é que vai me explica alguma coisa pra uma pessoa que não conhece nada, né, aí isso me prejudica também. (S1).*

*Totalmente não [...] ainda tem bastante diferença [...] falta éh... eu me integrar mais, aprender mais, da cultura local [...] mas falta pegar mais o ritmo daqui, mais acelerado, trabalha mais ainda, até ser mais um pouco mais acelerado, que às vezes eu sou um pouco lento. (S7).*

Um sujeito não sabe se está integrado ou não na nova região, pelos diferenciais no modo de agir, apontando que as pessoas agem de uma forma totalmente diferente do que é acostumado. Ainda que o sujeito tenha descendência italiana, etnia que predomina na região, não se sente integrado e acha que não vai mudar, ou se igualar a população da região. Há uma indecisão muito grande na resposta, como se o sujeito estivesse confuso quanto à sua própria identidade:

*Eu não sei, eu não sei dizer [...] me adaptei rápido por ser descendente, mas eu acho que eu vou sempre achar estranho esse modo de agir, porque acho que eu sempre quis falar, ajudá as pessoas que são de fora ou que tão chegando, de repente tão com dificuldade, e isso aí eu não vô muda então:: eu não sei se eu vô vô sê o que eles são, acho que eu vô continuar sendo grande parte o que eu sou. (S8).*

Outro sujeito mostra-se em transição, pois responde que se sente “um pouco:: não tanto, tento me adapta”, com isso ele está se esforçando para acabar com as barreiras e ser o mais parecido possível com um cidadão da nova região. O seu depoimento é bem detalhado e aponta as dificuldades sofridas, mas também como é fácil conseguir alguma coisa quando isso parte do próprio sujeito. A migração, neste caso, é um começar de novo. Confere-se o relato:

*No meu trabalho eu me sinto bem adaptada, no meu bairro eu me sinto bem (pergunto se ela sempre se sentiu assim) não, o princípio assim, quando eu vim pra cá, eu diria que eu entrei em um estado de depressão foi muito difícil pra mim talvez porque eu tenha deixado muitas amizades lá:: [...] eu me/me culpo porque também eu não dei a oportunidade nem sequer de sair de casa pra conhecer as pessoas, eu cheguei em casa simplesmente me trancava, eu chorava, fiquei tri mal durante uns dois, uns dois meses e depois que eu:: com muito esforço [...] fui atrás de emprego tinha que procurar alguma coisa, como já tava já em março mais:: ou menos:: tava meio difícil de saí e de repente começa os estudos, pensei estudo agora não dá, vestibular já passou, não é mais tempo de tenta de novo, agora esperá o próximo, então, resolvi procurar um emprego, eu nunca tinha trabalhado na vida [...] a minha chave única ou eu procuro esse emprego ou começo a trabalhar ou eu vou embora daqui, porque aqui eu não aguento mais ficar, eu tava me sentido sufocada e ao mesmo tempo com muita saudade das pessoas de lá e:: meus amigos tal e familiares, mas tipo no dia seguinte procurei emprego, na outra semana já consegui, já comecei a trabalha a me enturmar pronto. (S5).*

Ao tratar dos sujeitos que dizem não se sentirem integrados, percebe-se que eles levam em consideração o comportamento, as atitudes, as ambições, entre outras características dos nascidos na MVCS. Essas características, geralmente, não são as mesmas que os migrantes possuem, e pelas respostas está implícito que muitas vezes não concordam com algumas

atitudes ou pensamentos. Dos sujeitos que responderam essa alternativa três pertencem à AC e apenas um ao MA, isso aponta que as pessoas que trabalham em empresas ou comércio em geral têm maiores dificuldades de interagir com os nascidos na região, fato que acontece em pequena proporção com o MA onde o ambiente se mostra mais favorável para a troca de informações. Essas abordagens ficam mais claras nos excertos dos sujeitos, que não se sentem integrados:

*Não ((enfático)) não me sinto, não sei o porquê, o pessoal parece que não gosta muito de se misturar [...] você pode determinar pela turma se for vê entendeu, como eu tinha trancado a faculdade eu já passei por duas turmas diferentes aqui entendeu, então, é mesma coisa, ou geralmente tem isso nas outras turmas também dá pra repara o pessoal é ahn a turma fica meio dividida:: o pessoal que é de fora, o pessoal que não é, que é de Caxias, entendeu que geralmente são assim a turma tem metade de Caxias e metade que vem de fora, parece que aquele grupo não se mistura tanto sabe:: eles ficam mais entre eles, fazem festa entre eles. (S4).*

*Acho que não eles são bem fechados [...] eles se dão com as famílias que são daqui, eles têm festas com as famílias que são daqui e:: se tu não frequentá o mesmo clube que eles e não for alguém que seja [...] importante assim tenha alguma coisa eles não te dão nem bola. (S10).*

*Eu não me sinto um cidadão caxiense [...] por::que eu acho que as pessoas daqui justamente elas:: tem esse jeito parece que um jeito fechado, um jeito que/que não te dão muito espaço assim, pra quando tu chega, logo que tu chega aqui tu tem que... conversa muito assim porque elas são muito desconfiadas até da/ahn:: ((pensando)) desconfiam muito de ti até por de repente tu não ser uma pessoa de/de boa índole... de um bom caráter aí elas desconfiam de ti. (S11).*

Nessa situação um depoimento estabiliza o outro, pois eles podem ser vistos como uma corrente, onde uma característica percebida por um sujeito é justificada por outro. Esses conceitos de família, valores, educação rígida, desconfiança de pessoas que não se sabe a origem, entre outros diferenciais são comuns na MVCS. Diante disso, os sujeitos continuam com as suas rotinas, acrescentam alguns conhecimentos, mas não se equivalem aos nascidos na região.

Na pergunta que solicitava aproximadamente quanto tempo cada migrante levou para entender os costumes e os modos de fala da nova região as respostas ficaram divididas entre semanas, meses, ano e até pela frequência em alguns lugares públicos. Três migrantes logo se encontraram na região, no entanto, é importante ressaltar que esses já tinham algum conhecido na nova região, um deles tinha o marido, outro tinha amigos, outro tinha irmão e tios. Diante dessas situações se justifica o que os leva a compreender os costumes e os modos de fala diferenciados. Uma das explicações pode ser observada: “eu me acostumei logo, não tive dificuldade e:: talvez porque:: eu já convivía com pessoas daqui”.

Nas respostas que citaram meses, oscilou entre 1 e 8 meses, mas como referência alguns migrantes citaram a ideia de seis meses, ou menos de seis meses. Um dos migrados

acrescentou que ao começar a trabalhar facilitou um pouco a compreensão dos costumes.

Confirma-se nos trechos:

*Eu acho você começa a conviver com as pessoas e vai vendo a diferença né:: e não tipo demorou 6 meses né então porque assim eu cheguei em 2005 em 6 meses eu vi que era tudo totalmente diferente né:: então menos de 6 meses:: (S4).*

*O modo de ser deles eu demorei uns 8 meses, 6, 8 meses. Até entender que eu era o bichinho patinho feio da história eu que falava demais [...] então vou tentar me adaptar. (S8).*

*Não demorei muito tempo porque eu sou bem ((enfática)) curiosa e eu não tenho:: vergonha de pergunta, então, eu acho que eu me adaptei bem rápido, ah um mês, dois, dois meses assim porque até ah:: porque aí depois eu comecei a:: trabalha aí tive mais contato com outras pessoas também [...] acho que uns dois meses eu comecei a entende, a te/tecla a tecla sap assim no cérebro direto. (S10).*

Já os dois sujeitos que usaram a noção de ano pertencem à AC, mostrando que para ter um real conhecimento, é preciso de um tempo mais extensivo. Um dos sujeitos aborda que estudar no local ajudou na compreensão dos costumes e modos de fala, todavia o sujeito convive com um maior número de pessoas que apresentam muitas diferenças. Os argumentos: “acho que mais ou menos um ano assim pra me integra mesmo assim, pra entende, pra sabe, pra entra num ritmo em todos os aspectos”; “acho que foi mais ou menos um ano, desde que comecei a estudar aqui”.

Outros migrantes usaram diferentes formas para expor o seu tempo de compreensão dos costumes e modos de fala da nova região, não usaram como referência o tempo cronológico, mas os acontecimentos que ajudaram nessa fase. Dois sujeitos pertencentes ao MA apresentam a noção de manter contato com as pessoas como a melhor forma de conhecer e entender os diferenciais da região:

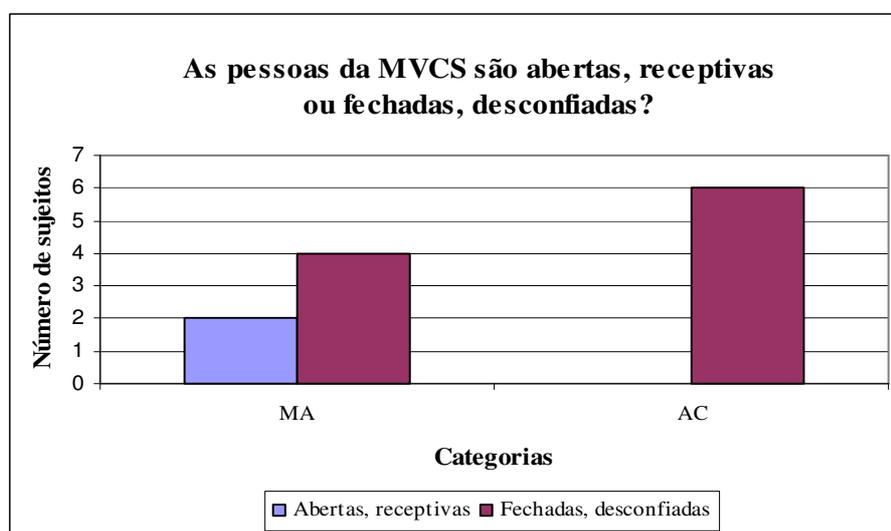
*Depois que passei a tê mais contato com as pessoas [...] passei um bom tempo assim, sem muito contato com as pessoas, então não deu pra pega muito e nem, né, aprende assim, então quando eu passei a frequentar um ambiente mais cheio de gente tipo assim a faculdade, que eu passei a ver meus amigos conversando, conversar com os meus amigos, assim, aí eu fui já me integrando mais, e fui vendo e aprendendo. (S1).*

Para entender um novo local é preciso que o migrante tente se integrar, interagir, participar, pois, estando dentro de uma atividade as possibilidades de novos conhecimentos são prováveis. Grupos de faculdade, de trabalho, de curso de línguas, de curso de artesanato, isto é, grupos tanto os pequenos, quanto os grandes proporcionam uma integração de pessoas diferentes, que aos poucos vão se conhecendo e nessa troca de informações está o valor de aprender novas culturas.

Um dos sujeitos apontou como estranho ver as pessoas falando em dialeto na sua frente, uma vez que ele não entende. Ele explica a sua experiência: “no primeiro mês que eu

*tava na oncologia, veio uma senhora que tinha descendência alemã e que a filha dela tinha que traduzir o que ela falava, foi difícil porque:: além de não saber alemão, a própria forma de falar do gaúcho*". (S2). Essas dificuldades são comuns para pessoas que viviam em ambientes onde não se tinha a cultura de falar em dialeto.

Uma pergunta foi se as pessoas da MVCS, de um modo geral, são abertas, receptivas, simpáticas ou são pessoas sérias demais, fechadas, desconfiadas, de difícil relacionamento. As respostas ficaram em torno da segunda opção, apenas dois sujeitos pertencentes ao MA responderam que de um modo geral as pessoas são simpáticas, receptivas, abertas. O resultado pode ser observado no gráfico:



Fonte: dados desta pesquisa

Como se vê no gráfico a AC respondeu em massa na mesma alternativa, considerando que essa categoria, geralmente, tem contato com as pessoas da região em situação de prestação de serviços, nos meios empresariais, comerciais, educacionais. Já o MA apresentou duas respostas que diferenciaram, apesar disso a maioria concorda com a outra categoria.

Os sujeitos apresentam as pessoas da região como fechadas, sem muita abertura, um excerto expõe: *“pros nascidos aqui eles são bem fechados, eles chegam ali, decidem e tchau, não tem muita abertura, pouquíssimos conversam a mais”*. (S8). Essa forma de viver mais “na sua”, sem ter uma comunicação fácil é reconhecida nas pessoas que nasceram na região, porém isso não significa que sejam más pessoas. Os migrados reconhecem isso e que eles precisam de mais tempo para se comunicar com as pessoas, observa-se o trecho: *“não que eles sejam más pessoas, mas eles são muito fechados, eles precisam de um tempo pra se adapta contigo”*. (S8).

Goffman (2004) quando aborda as atitudes relacionando a vida teatral faz uma metáfora interessante, recorrendo aos custos e benefícios que as visitas podem fazer quando aparecem na casa dos outros, além de mostrar quando as pessoas estão ou não preparadas para receber alguém. Esse mesmo exemplo pode ser utilizado para as pessoas que são nascidas na MVCS, quando elas estão preparadas para o novo:

[...] na sociedade anglo-americana a maior parte dos estabelecimentos domésticos não possui um equipamento de cena suficiente para manter um espetáculo de hospitalidade cortês para com as visitas que ficam mais do que algumas horas. Só na alta classe média e nas classes superiores encontramos a instituição do “convidado de fim-de-semana”, pois é somente neste caso que os atores julgam possuir suficiente equipamento de sinais para sair-se bem de alguma representação demorada [...]. (GOFFMAN, 2004, p. 203 – grifo do autor).

Alguns sujeitos levantaram outro ponto, que explica a forma como as pessoas da região dão informações, porém fica claro que ninguém se nega em ajudar. A orientação é dada de forma direta, como se houvesse medo em orientar as pessoas, o que é estranhado pelo migrante:

*Já aconteceu e ninguém se negou de me identificar o local, mas é assim oh vai ali dobra a esquerda, dobra a direita, três ahn a direita e tal não tem “ah vamo ali que eu te mostro”, “a dobra aqui, dobra ali, até se tu fizer isso tu vai ver tal coisa”, não é bem seco mesmo, é isso, isso, isso, é específico, deu foi isso aí, pergunta e responde, pergunta e responde. Não tem ((atrapalhada)) não ocorre uma pergunta ou não tem uma palavra amiga assim, é aquilo ali, eles te respondem numa boa e deu, acabô a conversa aí. (S8).*

*Tu chega pra pedir uma informação “ah o:: a rodoviária é perto daqui?” a pessoa te olha com assustado porque pode tá pensando que tu veio ahn vai assalta vamos supor, ou te identifique que tu é de fora, a pessoa pode achar que é um golpe pra te pegar dinheiro nunca, nunca ninguém sabe o que é na verdade [...] a hospitalidade assim lá com certeza é maior “se tu pedir a rodoviária é por aqui”, “é por aqui” e vai embora, “vai por aqui que tu chega”. (S9).*

Essa situação afirma que o migrante espera um maior interesse pelos nascidos na região, ele espera que as pessoas gostem da sua presença e mostrem isso, ou ao menos é esperada uma preocupação em relação a situação desse novo indivíduo. Os migrantes acabam comparando com a sua terra, onde as conversas começam com coisas simples, quanto uma informação, e acabam em uma nova amizade:

*De início assim eu queria conversar numa boa, perguntar como que é a faculdade, sabe onde era tal coisa, onde era a biblioteca, e eu recebia de volta a resposta “ah dobra ali e é a biblioteca”, mas mais nada, sabe eu ((ansiosa)) normal tu perguntar “ah tu não é daqui, que curso tu faz”, “não a biblioteca é ali”, “dobra ali é a biblioteca”, então não [...] não tem essa solidariedade, eles são assim ó e não dá pra entender parece realmente que eles são fechados, não tão nem aí pra ti que/que tu se dane ou não, simplesmente não, a pergunta foi a biblioteca, foi, então é ali, dobra a esquerda e ali é a biblioteca [...] eu nunca acabava a conversa com um pelotense com “ah a biblioteca é ali”, nunca, ah assim “ah mas tu não é daqui, ah que curso tu tá fazendo, por que tu veio pra cá, tá gostando, não tá gostando” segue/segue a conversa, deu, aí já no outro dia se tu vê passa dá um oi ahn... um aceno. (S8).*

Das respostas que consideram as pessoas de um modo geral abertas, receptiva, simpáticas os argumentos utilizados exemplificam que na universidade são encontradas essas pessoas, ainda que um dos sujeitos começa indeciso com um “depende”, mas em seguida se posiciona. Todavia, os dois também expõem que em algumas situações as pessoas se mostram fechadas e de difícil relacionamento, não descartam essa impressão, entretanto eles apontam que no geral, com maior peso, estão as pessoas simpáticas. Ocorrem também comparações com as pessoas da terra de origem, que são utilizadas como o referencial correto. Bisinoto (2007, p. 52) expressa uma maneira para facilitar esse processo de conhecimento, pois ao “[...] absorver o falar do outro é uma forma de diminuir as pressões sociais [...]”. Leiam-se os fragmentos:

*A parte da universidade não achei ninguém fechado, eh:: e como eu convivo muito casa, universidade, universidade, casa, eu não senti essa diferença [...] eu não vi diferença das pessoas assim porque todos foram muito calorosos receptivos, próprio das secretárias quando, quando viram a minha situação um pouco difícil [...] mais quando vai conhece pessoas diferentes ou, ahn:: os/os familiares né dos seus amigos tu vê que é, que são, que não são tão receptivos, tão hospitaleiros que nem, não sei se é que nem o mineiro [...] mas essas pessoas eu conheci ahn num primeiro momento até pra te conhece e:: eram um pouco mais, a gente chega com um pé atrás do que o pessoal de Minas né que:: já chega conversando e de tudo assim até as pessoas que:: um amigo meu que foi pra lá também notou essas diferença sabe, mais isso é só o primeiro momento depois que a gente conhece e e:: daí não tive dificuldade nenhuma. (S2).*

*Depende, tem algumas que eu vejo assim que são bem receptivas, a maioria são assim be::m receptivas [...] por exemplo, eu passo todo dia no mesmo caminho pra i pro trabalho, praticamente o comércio que tem ao redor me cumprimenta, me vê, sabe, a gente já criou uma cordialidade assim, tem uma/uma moça que vai comigo pra aula que a gente se vê no ônibus e se vê na rua a gente sempre se cumprimenta assim [...] tem muita gente [...] os que tem nível aquisitivo maior, de poder aquisitivo maior, eu/eu vejo assim que não são tão:: são simpáticos, são tão abertos assim a:: sê receptivas né. (S3).*

As outras respostas afirmam que as pessoas da MVCS são mais sérias que o comum, são fechadas, desconfiadas e geralmente de difícil relacionamento. Os argumentos utilizados apresentam ideias de poder aquisitivo, conceito de família muito rigoroso, cultivo da cultura italiana e muitos sujeitos se baseiam em comparações com a sua terra.

Um sujeito mostra que há pessoas boas, mas prevalecem as desconfiadas e de difícil relacionamento:

*Mais sérias, fechadas, de difícil relacionamento alguns, não é a maioria não, mas desconfiadas, também [...] mas quando eu pego amizade assim, alguns são perfeitos assim são bem simpáticos assim, me acolhem sabe, têm algumas pessoas que me acolheram assim, de maneira assim que eu me sinto até honrada. [...] Algumas pessoas meio que me retraem, né [...] mas se não qué sê meu amigo, eu vô faze o quê? Né, então não tem como. Algumas meninas assim são um pouquinho fechadas, mas no geral... alguns rapazes também são meio desconfiados assim. (S1).*

Outro entrevistado atribui essa dificuldade de relacionamento ao clima frio, agregando também a situação financeira. Observa-se:

*Em Caxias é mais complicado mesmo a comunicação pra quem vem, de outras cidades, mesmo daqui o pessoal sente uma:: uma certa resistência, na verdade não é tanto uma resistência, mais é a aparência mesmo,*

*muito frio ((enfático)), dá muito frio, muito frio o pessoal não conversa muito, não sai muito [...] qualquer lugar que eu conheço, que eu morei, que eu tenha observado, quanto mais privilegiados, aqui as pessoas são mais fechadas [...] lugares que:: as pessoas tão no mesmo nível né, não assim só em dinheiro, mas um precisa do outro né, vocês estão se falando, vocês estão se comunicando, normalmente esses lugares que são grandes ninguém precisa de ninguém, tão dane-se meu vizinho, dane-se minha família, dane-se não sei quem. (S6).*

Um dos sujeitos apresentou dificuldades na faculdade, onde os colegas não interagiam com ele. Esse argumento fica diferenciado dos outros até agora analisados, pois grande parte apontou a universidade como um ambiente favorável para o conhecimento de novas pessoas e costumes. Esse caso mostra-se único e não deve ser ignorado:

*São mais sérias, fechadas e de difícil relacionamento ((risos)), são bem fechadas, mesmo:: [...] eu percebi que poxa 4 meses num/num na faculdade estud/fazendo com pessoas não tive abertura então eu acho que deve ser em torno de uns 5 anos ((risos)). Depois de uns 5 eles te dão oi ((risos)). (S8).*

Vários sujeitos responderam essa questão comparando com a sua terra de origem, o que se percebe comum, sendo que é o conhecimento que se tem de outro lugar. As comparações são feitas acerca de conceitos sobre família, perguntas indevidas para o primeiro encontro, desconfiança, diferenças de poder aquisitivo. Alguns desses argumentos são justificados com exemplos vividos:

*Eu acho que em geral as pessoas daqui são mais fechadas e um pouco de difícil relacionamento [...] eu conheço duas, três famílias só... e da/dentro dos amigos que eu tenho aqui de Caxias é só, eu acho pouco, mas é diferente sei lá:: quando eu/eu eu chegava tipo pra:: tipo lá em São Paulo entendeu uma pessoa de fora chega na casa da outra e:: eu acho que é um pouco mais aberto sabe sei lá, mais receptivo::... [...] parece que aqui as pessoas olham muito com desconfiança pra ti sabe “o que você tá fazendo aqui?” sabe “por que você tá aqui?” ou sempre pensando, sempre perguntam “por que você tá aqui?” tipo tem uma coisa que não é a primeira coisa que vai pergunta quando vai conhecer uma pessoa “por que você veio pro Rio Grande do Sul” entendeu ou “por que você veio pra Caxias” até ahn não é a primeira coisa e aqui é sempre a primeira pergunta que fazem quando não te conhecem “o que você tá fazendo em Caxias do Sul?” é uma pergunta muito pobre até “vim estuda né” ((risos)). (S4).*

*Elas são bem fechadas, bem mais sérias, quando tu vai lá para cima tu percebe a grande diferença que as pessoas são mais abertas [...] lá as pessoas são mais simpáticas, confiam mais, aqui as pessoas são mais desconfiadas... de um modo acho que com todos não só comigo [...] acho que as pessoas aqui pensam muito no di/dinheiro:: na questão de/de poder:: econômico, de ter, do querer, as pessoas lá eu vejo como ser:: o bem maior ((enfática – determinada)) família, o aconchego, o conforto, sabe, acho que as pessoas são mais bondosas eu acho, tenho essa impressão, tem aquela coisa de querer:: ajudar, as pessoas aqui já nesse sentido:: elas, elas são um pouco mais fechadas nesse ponto:: [...] a comparação de uma pessoa boa aqui com a de lá tu vai ver a diferença, não que seja ruim, não que seja boa, mas há uma diferença assim, de jeito, de comportamento ao agir sabe:: se tu tá passando mal eu acho que vou fazer uma comparação meia:: meia sem lógica mas às vezes assim:: tu tá passando mal ou invés do mineiro é ele i lá te socorrer rapidamente:: como ele vai te socorrer rapidamente às vezes o:: o gaúcho ele vai te socorrer lentamente, mas vai te ajudar:: tá entendendo mais ou menos isso que eu quero chegar. (S5).*

Outro sujeito aborda essa ideia de que a desconfiança e a seriedade vêm de aspectos familiares, da cultural italiana, a qual predomina na região pesquisada:

*Tem minha colegas que dizem que é errado, e a gente vai aqui pra festa aqui em Caxias, fica a noite inteira na boate o guri fica olhando pra ela a noite inteira, mas não chega, olha a noite inteira e tal, e tenta, mas não:: sabe, então ((risos)) lá pra cima não, se te olha já parte pra cima e vai fala e vai:: [...] o conceito de*

*família aqui é muito forte, tá:: no sentido de preservar, de respeito mesmo, de moral, eu noto que aqui o pessoal é:: dá muita ênfase nisso daí. (S6).*

Os dois últimos sujeitos que justificam sua resposta também apontam que as pessoas são muito desconfiadas, mas que é preciso conquistá-las primeiro, ter jogo de cintura e encarar as dificuldades de relacionamento. Esses migrantes mostram quais as perguntas que as pessoas da região fazem aos migrados, como uma forma de saber quais são seus objetivos. No entanto, depois de conquistadas “são pessoas maravilhosas”, porém, primeiro, é preciso alcançar a confiança destes:

*São mais sérias, mais fechadas, desconfiadas, de difícil relacionamento, tu tem que conquistar primeiro a confiança delas, porque que tu veio, o quê que tu quer, tudo isso, bah são bem desconfiadas, bem fechadas mesmo, de difícil relacionamento, tem que ter jogo de cintura, pra conquistar essas pessoas. (S7).*

*Elas são muito ((enfático)) desconfiadas são as pessoas daqui mesmo, as pessoas nascidas aqui são muito desconfiadas:: não/não te dão abertura por qualquer coisa assim, desconfiam até da sombra se duvidar [...] conheci:: pessoas que eram daqui mesmo e que não foi, não foi fácil conseguir amizade deles de amigos que eu tenho hoje que/que mas são pessoas assim depois que tu/tu com:: depois que elas te:: que tu conquista a confiança delas são pessoas maravilhosas de convivência muito boa.. (S11).*

Constantemente, há uma ligação de grossura ao italianismo e aos seus descendentes, os migrados, geralmente, apontam aspectos negativos a essas pessoas. Porém, em seguida, sempre aparece uma pessoa como exceção dos demais descendentes, então, essa ideia é uma opinião formada e estagnada, do que a realidade em si, uma vez que qualquer pessoa se compõe do que pensa ser melhor para si. Veja-se esse contraponto entre os dois aspectos percebidos como características dos italianos, notando que o sujeito começa falando das maldades dos italianos e ao final apresenta uma pessoa excelente *apesar de italiana*:

*Eu estava pra ser padre eu fui mandado embora, fui expulso, eu acho que inclusive eu fui até vítima, né, da arrogância um pouco, do italianismo foi um pouco, não sei, aqui mesmo já eu fui até vítima, né, porque bah eu fui sacaneado mesmo né, ((risos)), sabe, eu fui mandado embora, fui chutado [...] ((apareceu)) uma pessoa muito boa, né, nossa um ser humano... apesar de ser italiana ((risos)). (S7).*

Como se pode observar o processo de adaptação se dá em pequenas fases, algumas um pouco mais conturbadas que outras. A iniciativa de conhecer precisa partir do migrante, pois os nativos da região raramente procuraram saber do migrante e seus diferenciais, se este não der o primeiro passo. Para se sentir inteiramente integrado são necessários anos, isso se um dia o migrante vir a se sentir um cidadão que não aquele pertencente a sua terra de origem. Provavelmente o migrante sempre terá como referencial, como sua cultural, aquela que aprendeu nos primeiros anos de vida, junto com a família. Dessa forma, por mais que ele procure se integrar, ele, geralmente, será um ser estranho na região migrada, essa dificuldade

se torna maior quando as pessoas são observadas, em sua maioria, como fechadas e de difícil relacionamento.

### 3.9 Observações livres feitas pelo migrante após a entrevista

Ao se aproximar do final da entrevista procurou-se deixar um ambiente propício para a troca de informações. Dessa forma, perguntou-se ao migrante se ele gostaria de relatar alguma coisa que julgasse importante, ou então, algum ponto que não foi tratado durante a entrevista e que ele achasse relevante. Assim, nesse momento o migrante pôde expor o que quis, isto é, o que julgou interessante para a pesquisa. A maioria dos sujeitos fizeram alguma colocação, apenas dois deles não levantaram nenhum ponto. Conforme é mencionado por Paviani (2004a, p. 74) para as relações culturais, procurou-se que o migrante também expressasse suas vivências, pois para “a expressão ‘relações culturais’ pode apontar para um conjunto de aspectos, uma rede de elementos que, dialeticamente constituídos, expressam relações de vida, vivências, hábitos, costumes e modos de produção (trabalho) [...]”. (grifos do autor).

Observam-se os pontos mais tratados, visto que alguns deles foram citados por mais de um migrado. Dentre os argumentos estão os costumes italianos juntamente com o modo de agir das pessoas da MVCS. O excerto aponta situações de convivência com essas diferenças:

*Cês têm uma coisa de dize que italiano é grosso, essa coisa toda, né [...] quando eu falo alguma coisa assim, ele ((noivo)) me vem com 4 pedras na mão, pra cima de mim, sabe, me respondendo meio grosso ((risos)) quando eu falo alguma coisa da cidade ou qualquer coisa assim, aí ele já vem meio grosso pra cima de mim, grosseria assim, algumas pessoas são bem grossas, quando querem aqui, é uma coisa que me deixa meio que com vontade de voltar correndo pro Ceará, que meu Deus. [...] Ele mudou nisso, nesse aspecto porque ele era ((ênfase)) suave entendeu, hoje ele é... hoje assim ele não é muito, entendeu, mais, às vê... quando ele qué, sabe, ser grosso ele me deixa sem palavras às vezes entendeu assim, de fala com grosseria comigo na frente dos meus ami... dos amigos da gente assim, ele nunca tinha feito, ele fez aqui, daí isso eu notei e não gostei nem um pouco [...] algumas pessoas são bem grossas assim, te respondem assim na maior... meu prof.. um professor meu também uma vez eu perguntei pra ele alguma coisa sobre trabalho e ele foi bem grosso comigo “não, não, vai ser assim e pronto”, eu não gostei dessa maneira, sabe, de tratar as pessoas, tem algumas coisas assim que eu não gosto, que é muito diferente... (S1).*

Os costumes e hábitos são citados, os sujeitos percebem que na região mantêm-se o uso do dialeto, os costumes que são passados pela família. Outro sujeito também compara as diferenças entre as músicas que são cultivadas na sua terra de origem e na MVCS. Enquanto outro migrante percebe que a região está preparada para o clima frio que permanece durante o ano todo. Confere-se nos excertos:

*Eu gosto de ver aqui o pessoal são muito... valores muito... o jeito de ser, a cultura local e tal, vivem muito pela memória deles não querem que isso morra, eu acho interessante isso, por mais que seja um jeito, que às vezes eu acho seja arrogante, pra mim pode ser arrogante, mas é uma coisa que eles querem que sobreviva,*

*que sobrevivam né eles têm locais aí né que são CTGs, que cultivam essas coisas, a isso é muito presente né, isso difícil porque lá pra em cima vejo que as raízes estão morrendo, os costumes indígenas, tá mudando, muita coisa tá se acabando. E aqui é muito presente isso, o dialeto, né, conheci uma comunidade que fala no dialeto, isso eu acho importante conhecê, inclusive eu conheço algumas pessoas que umas falam com as outras em dialeto, e eu não entendo nada, também. Eu acho interessante isso, a raiz é que te mantém, a raiz é a tua referência. (S7).*

*Música tu vê muita diferença né músicas:: as músicas::... as músicas de lá com as daqui e tal, música da região mesmo que aqui é mais gaúcho lá é mais pop-rock em Minas principalmente é mais pop-rock, sertanejo tem bastante é:: acho que é a raiz sertaneja é:: que nasceu em Minas eu acho, acredito eu, é isso, sinto falta disso. (S5).*

*O verão acaba sendo bom por isso, não é tão quente já:: mas uma coisa que eu acho muito engraçado que eu até já comentei lá em casa assim com quem eu convivo e tal, aqui em Caxias é muito engraçado que todo o sistema aqui é feito pro ve/inverno né então tem aquecimento, eu vou no hospital, lá tá aquecido né, então chega, sai de casa com um monte de roupa e tira a roupa lá que tá bem climatizado e já pro verão não, não tem ar-condicionado não tem nada, então, ou seja, como a maior parte do/do do ano assim é inverno, no inverno não precisa se adaptar pro verão, isso é uma coisa que poucos lugares aqui tem ar-condicionado os prédios:: acho que quase nem vejo, só tem ventilador sabe e lá em São Paulo não, vai num lugar só ar-condicionado, então é muito comum. (S4).*

O mercado de trabalho, assim como a preparação e qualificação também foi outro ponto observado pelos migrantes. Eles percebem que na MVCS há uma grande concentração de empresas de grande porte, já que as pessoas que vivem na região estão sempre se qualificando. Diante disso, o serviço público é muito cobrado, as pessoas vão atrás de seus direitos, todavia o serviço público acontece, nesta situação um sujeito expõe a diferença da sua cidade natal e da cidade que reside atualmente, ambas situadas no RS:

*Talvez também por Caxias tá, essa cidade tá:: tanta empresa e tem tanto trabalho, dizê que tá todo mundo se subespecializando impressionante tipo ahn, ahn, tu vê que é meio amplo isso que eu disse de ser sério, mais não que lá não seja, mais aqui tá todo mundo voltado pro trabalho assim, não que lá não esteja, mas aqui a competitividade é maior, então é interessante tu, cê acaba conhecendo, tu conhece esse/esse jeito, acho, acho que também se for pra São Paulo capital, ou pra qualquer outra capital vai ser assim, mas Caxias é um mundo a parte eu acho [...] todas as pessoas que eu conheci ahn, de/de:: não sei, de 15 até, de 15 pra cima, tem tinha algum trabalho sabe, isso me chamou atenção, ahn e não porque precisava de ter um trabalho, pela família né e também não era qualquer trabalho às vez a pessoa dahn o nível de instrução e às vez de língua estrangeira também, praticamente, muita gente aqui fala inglês né, ou fala por:: já o dialeto italiano, incentivo a fazer o italiano e:: interessante isso, às vez tinha o:: eu conheci pessoas que tinham 18 anos e já tavam dando aula na escola de inglês, isso tem lá mas é:: menos frequente. (S2).*

*A questão de/de:: de poder aquisitivo da/da da região de Caxias do Sul, aqui é uma região muito rica... por ser um polo, um polo:: metal mecânico muito grande então essa/essa a região de Caxias aqui é uma região muito rica em/em:: em tudo ((enfático)) em tudo que/que se precisa... a região é muito boa [...] muitas vezes que a, que a pessoa apresenta/aparenta não ter muito:: na questão financeira ela às vezes ela é excluída. (S11).*

*Ahn:: tipo o pessoal cuida bastante por exemplo [...] tu mora no centro e tem uma calçada lá que tem uns buracos e tem tá sujo lá, tu liga pra eles limpa, tu entra em contato lá comigo por exemplo tá eu vô encaminha dali duas semana tá feito, lá não, lá a gente espera, espera, espera, por exemplo tem um trechinho de um quilômetro digamos que liga a vila a escola, a escola e a igreja, e a rodoviária, um quilômetro dá, que tem muito movimento assim e faz desde que eu nasci mais ou menos que tá pra ser asfaltado lá, que era pra ser asfaltado junto com a Rota do Sol que foi feito lá fica com 8 anos de atraso e não foi, a gente tá até hoje esperando um quilômetro de asfalto. (S9).*

Ainda um sujeito aproveitou esse momento, no qual poderia levantar qualquer ponto, para agradecer e elogiar a receptividade que recebeu das pessoas da região. Além de ressaltar que o clima e a culinária são diferentes e o agradam:

*Eu quero dizer que eu fui bem acolhido aqui, que a cidade é bonita, a região é bonita, tem muito verde e tal e comidas diferentes, eu gosto muito de churrasco, não tenho o que reclama, só o frio né que eu sofri um pouco. (S6).*

Alguns migrantes mostraram que a diferença de clima foi muito estranhada porque onde eles viviam geralmente não era tão frio quanto na nova região. Alguns fragmentos: “o frio, o frio, lá é bem mais quente”; “por mais que seja muito caro assim pra sair aqui ((risos)), mas a cidade é legal assim:: só que o clima é assim não tem como”. Outro sujeito expôs a sua comparação com outra cidade:

*O Rio de Janeiro a cultura é mais:: mais aberta né, mais largada por assim dizer é mais fácil de se relacioná, de conversá, é bem mais fácil, calor, né, subindo, aquecia muito, então 30 graus, 40 graus tu tá na praia jogando bola, tu conversa com todo mundo e aqui menos 4 vai fazê o que na casa do vizinho? não tem nem como né, tem que ir pra casa dormir, ou mesmo fica em casa dormindo, dormindo ali, entendeu, acho que o clima também ajuda nisso aí. (S6).*

O fator do clima é ligado à universidade e ao sistema financeiro e cultural da região, porém é mostrado como um obstáculo, mas não como um impedimento. Um migrante menciona que é preciso se adaptar:

*O que me incomoda mais em/em no sul assim, da adaptação é o frio, isso é que é o mais difícil, das pessoas e do relacionamento:: não tive grandes dificuldades até por estar na universidade, talvez se eu tivesse vindo trabalhar seria pior, pra te afirmar no mercado de trabalho, agora a universidade em uma fase de formação ahn vai fazendo amizade é bem mais fácil. (S2).*

Com essa abertura para o entrevistado dizer o que vê como importante, nota-se que os pontos abordados são os que no julgamento do migrante fazem diferença e onde se encontram as diferenças. Nesse ponto Brandão (1986, p. 145) define que quando as pessoas e/ou os migrantes estão “[...] mergulhados em um sistema de relações regidas pela desigualdade, aprendem a pensar a diferença; aprendem a se pensar como diferentes [...]”. Enfim, eles ficam amparados pelas ideias de tratamento, clima, cultura, costumes, qualificação, mercado de trabalho, eficiência no serviço público, porém, é certo que ainda há outros fatores que não foram citados, no entanto, eles devem ser menos gritantes que os abordados. Diante dos pontos expostos, está claro que o migrante usa como referencial a sua terra de origem, assim como os costumes e culturas, para comparar com os da nova região.

### 3.10 Observações sobre as entrevistas

Ao final das entrevistas geralmente começava uma conversa informal entre entrevistado e entrevistador, que em seguida seria registrado em um diário de campo, algumas eram registradas quando o gravador ficava ligado. Então, nesse espaço ficam as observações do entrevistador quanto ao decorrer da entrevista. Jovchelovitch e Bauer (2002) ressaltam a importância dessa conversa depois da formalidade da entrevista com o gravador, sendo que nesse momento o entrevistador pode detectar o nível de desconfiança mostrada pelo migrante, as autoras exploram a ideia de possuir um diário de campo para anotações que sejam relevantes ou para impressões que foram observadas no decorrer da entrevista.

Diante das observações relata-se que dois sujeitos apontaram algumas diferenças encontradas na faculdade. O primeiro argumenta que na universidade há pessoas de todos os níveis sociais, mas que os alunos que possuem maior poder aquisitivo não se relacionam com as pessoas que não tem tanto dinheiro. Este sujeito diz que a maioria se parece com ele, isto é, trabalha em escritório e estuda no período da noite, são pessoas mais simples. Já o segundo sujeito apresentou uma situação de rejeição em sala de aula, onde o professor solicitava duplas para o trabalho em aula e três colegas não queriam se separar, uma vez que o sujeito estava sozinho esperando um dos três para formar sua dupla. Diante disso os três colegas tiveram que desfazer o seu grupo e um deles se juntou ao entrevistado. O sujeito afirma ter se sentido mal, como se fosse discriminado por não pertencer ao grupo, como um intruso invadindo o espaço dos colegas, relatou ainda que os colegas pediram ao professor se não poderiam fazer o trabalho em três pessoas, excluindo o migrante mais uma vez.

Outro sujeito contou que descobriu os costumes da região da pior maneira, isto é, quando foi conhecer a família da ex-namorada que é de cultura italiana, percebeu que foi difícil conviver com as pessoas pertencentes à família. Eles eram contra o relacionamento, porque ele veio de outro lugar e poderia levar a namorada para longe deles. Ainda afirmou que tinha um grande machismo da família dando direitos ao irmão mais novo, mas a ela não, pois a família sustenta os dois filhos, assim como pagam a faculdade dos dois. O sujeito não quis dizer isso enquanto estávamos com o gravador ligado, achando que não seria conveniente para a entrevista, ressaltou que sofreu muito com essa situação de desconfiança. Um pouco sobre o assunto é mostrado no trecho:

*Até eu senti um preconceito quando eu comecei a namora sabe, foi difícil até de chegar no/no:: na... foi com a namorada é ali de Bento então comecei:: ia... até uma dificuldade de me aproximar da família dela sabe então... e era até difícil sabe, era difícil... ahn ah eu senti muita dificuldade e muita diferença em relação a isso sabe ((meio abalado)) (pergunto se a família era conservadora) é:: eh isso aí... é tudo diferente, eu senti que teve um pouco de/de... de regionalismo no negócio sabe, por eu ser de fora assim e tal. (S4).*

Um aspecto levantado por dois sujeitos foi referente aos usos da língua, um deles mostra que as pessoas da região pesquisada dizem o valor das coisas de forma diferente: “trinta e seis *com* vinte e cinco” e ela estranha essa forma, pois no Ceará o correto é: “trinta e seis *e* vinte e cinco”, o sujeito dá como exemplo o preenchimento do cheque, sendo este o correto. O segundo sujeito diz que na região ocorre muita troca entre *semáforo*, *sinal*, *sinaleira*, ele diz que as pessoas se confundem e nunca sabem quando usar cada.

Algumas entrevistas extrapolaram o tempo disponível pelos sujeitos, mas todos se colocaram como prestativos tanto durante a entrevista como posteriormente. Muitos sujeitos foram além das perguntas feitas enriquecendo a entrevista com experiências e situações. Poucos sentiram vergonha ou medo, por mais que nos primeiros minutos o gravador assustasse, porém logo acabava esquecido, alguns sujeitos tiveram bom humor e fizeram algumas piadas, outros mostraram sua sinceridade expondo sentimentos e opiniões. Houve um migrante que ficou nervoso com a entrevista, esse nervosismo era demonstrado pelo suor, ao final ele afirmou que estava realmente nervoso.

No geral, todos os migrantes levaram a sério a pesquisa e contribuíram da melhor forma para que o estudo pudesse ser realizado. Apontaram defeitos e qualidades encontrados na MVCS, compararam com a sua região por vezes diminuindo uma região e engrandecendo outra. Essa pesquisa é feita com base em opiniões e argumentos de doze sujeitos que abriram mão de um tempo da sua rotina para expor um pouco da sua experiência de vida e de seu processo de transição.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Algumas pessoas migram de uma região para a outra, dentro ou fora de seu estado, por inúmeros motivos. Muitas vezes esse deslocamento é imposto por forças contingentes da vida e não há alternativas. Dessa forma, ao se transferirem, acabam tendo que se integrar na nova comunidade social, isto é, a entender e a conviver com os costumes sociolinguísticos e culturais da nova região. Zambiasi (2008, p. 47) mostra como essa transição é comum, salientando que “o Brasil é um país de migrantes [...] encontramos-los no trabalho, na escola, vindos de outra cidade, outro Estado, outro país. As pessoas, de qualquer idade, sexo ou cor, perambulam pelo país em busca de melhores condições de vida [...]”.

Nesta pesquisa um dos debates permaneceu em torno das formas de socialização e de integração, procurando saber se essas dependem ou não basicamente dos processos de interação social e linguística na nova região. Os dados obtidos por meio das entrevistas mostram que o trabalho com outras pessoas ajuda na integração do migrante, posto que onze sujeitos mantêm contato com outras pessoas através da ocupação profissional. Além de que o emprego é facilitado na região, os migrados perceberam que não é difícil conseguir seu lugar, porém é indispensável uma boa formação. Então, a maioria dos entrevistados convive com pessoas no ambiente de trabalho e na área acadêmica. Desses, 75% dizem ter amigos na nova região, porém 59% afirmam que os amigos daqui, diferem dos amigos da terra natal. Portanto, as formas de socialização e de integração dependem sim dos processos de interação social e linguística, dependem, principalmente, do interesse do migrante. Dez sujeitos (84%) apontaram que as pessoas da MVCS são fechadas, sérias, desconfiadas e de difícil relacionamento.

É evidente que a língua está em constante transformação, acompanhando as mudanças geralmente ligadas com aspectos da própria sociedade. Sabe-se que as sociedades mudam de uma região para a outra. E é na sociedade, também, que há diferença entre as línguas consideradas prestigiadas e desprestigiadas. A respeito disso, Frosi, Faggion e Dal Corno (2007, p. 2-3) argumentam que:

[...] a língua de prestígio é considerada, pela sociedade em geral, mais bonita, expressiva e lógica e mais capaz de exprimir pensamentos abstratos, enquanto a língua minoritária tende a ser considerada agramatical, empobrecida, rude, tornando-se objeto de ataque.

Percebe-se, então, o poder que a sociedade tem sobre a língua, pois acaba diferenciando seus falantes e valorizando uns mais que os outros devido à forma como usam a língua. Com isso, o migrante, ao se integrar na nova região, conhece as distinções feitas pela sociedade acerca da fala. Nessas circunstâncias, percebem-se as grandes mudanças encontradas ao trocar de moradia, isto é, mudar de um lugar para o outro, posto que o migrante necessita superar todas as barreiras impostas pelo novo local. Assim, o migrante, por ser minoria, precisa saber conciliar aspectos da sua cultura com os da cultura da nova região e saber conviver com diferentes pessoas. Nesse sentido, Penna (1998, p. 107) assevera:

[...] o migrante pode ter consciência da exclusão sofrida. As condições para estabelecer redes de relações no/com o novo espaço são bastante diferenciadas quando se trata de migrantes de outra origem social, que têm acesso a bens materiais e culturais, à educação e profissionalização.

As possíveis visões de cultura que fazem parte do conhecimento dos migrantes dão sentido aos estudos quando são exploradas, como nesta pesquisa. Então, essas visões podem assumir diferentes conotações, seja na questão individual, seja em grupo. Mas, de qualquer forma, a cultura faz parte da identificação do migrante, ao desempenhar determinado papel na sociedade. A cultura está presente nos processos de interação, basta observar um contato entre duas pessoas com costumes diferentes. Dessa forma, o cuidado com a colocação das palavras tem importância nas relações interpessoais. Segundo Hall (2005, p. 41), “[...] elas sempre carregam ecos de outros significados que elas colocam em movimento, apesar de nossos melhores esforços para cerrar o significado [...]”.

Penna (1998) comenta que as histórias de vida apresentadas pelos migrantes são uma forma de representação de seu grupo social. Nesse sentido, o migrante tem sua cultura de origem, seus conhecimentos, ao que, acrescentamos, também devem ser respeitados pelos habitantes desse novo local, porque expressam a identidade que faz de si, enquanto membro de outra cultura. Mas essa identificação, aos poucos, acaba se transformando, pelo processo de aculturação, de acordo com a convivência na nova sociedade, seja por influência do grupo em que se está integrado, seja por fatores como meio urbano ou rural e idade. Seguindo dessa forma, um migrante apresenta uma cultura híbrida, que se sustenta de diferentes aspectos escolhidos para representá-lo.

Esse aspecto de mistura de culturas é notado no Rio Grande do Sul, onde há grande menção à cultura gaúcha, porém na MVCS há uma população de descendentes de italianos que cultivam e passam a cultura italiana às suas gerações. Érico Verissimo (1967, p. 357)

corroborar com as noções de misturas de diferentes culturas em *O Arquipélago*, um de seus clássicos, como podemos perceber neste pequeno fragmento:

Liroca segurou o braço de Rodrigo e murmurou-lhe ao ouvido: – Os rodeios se misturam no Rio Grande. Italiano casa com brasileiro. Alemão, com caboclo. Nas estâncias, nossos bois franqueiros e de chifre duro também estão se cruzando com gado indiano e europeu. Quero só ver no que vai dar tudo isso...

Nos dados colhidos das entrevistas, percebe-se que grande parte dos migrantes identifica essas diferenças entre as culturas gaúcha e italiana, quando fazem menção aos costumes característicos de uma ou de outra cultura. Nos excertos, são apresentadas algumas ideias sobre povo gaúcho: “eu fico rindo às vezes do sotaque de vocês, de/de *gaúcho* assim...”; “tu já tá falando *gaúcho*, que bonitinho”; “é um baile *gaúcho*, é:: uma banda tocando”; “o:: churrasco *gaúcho* é bem melhor”; “pra canta pra mim o parabéns *gaúcho*”.

Ainda os dados dão conta do frequente uso da palavra *gaúcho*. É muito mais citada que a palavra *Rio Grande do Sul*, pois para a determinação de *gaúcho* são registradas 43 aparições e para o *estado* apenas 24. Observam-se as passagens feitas acerca do Rio Grande do Sul: “mesmo dentro do *Rio Grande do Sul* tu vê essas diferenças”; “por que você veio pro *Rio Grande do Sul*”; “já ouvi muitos dizer que o *Rio Grande do Sul* sustenta o Brasil”; “acha que o *Rio Grande do Sul* é o *Rio Grande do Sul*”.

Alguns sujeitos haviam pesquisado sobre o estado antes de se deslocar, além de atribuir noções e ideias empíricas acerca da nova região. De forma que algumas posições que tinham não se confirmaram: “eu pensei que no sul tu, vocês tomavam mais caldo assim, o caldo de feijão [...] mas não encontrei isso”; “a ideia que tu tem é que o gaúcho é grosso, o gaúcho é aquilo, é aquele outro, que o gaúcho é perigoso, que o/o estado do Rio Grande do Sul é:: um estado nativo e tal”. É comum procurar saber-se da região da qual se pretende fazer parte, apesar disso muitas informações são resultados de estereótipos que se constroem, por isso devem ser conferidas.

Ainda é percebida a diferença de referências entre o estado do Rio Grande do Sul como um todo e a cidade representativa da MVCS, Caxias do Sul, foco desta pesquisa, nos aspectos que se reportam as ideias de gaúcho e caxiense. O migrante muitas vezes atribui, ao acaso, algumas atitudes a um e, outras vezes, a outro. Já a cidade de *Caxias do Sul* é bem vista pelo migrante, alguns trechos apontam essas noções: “oportunidade de vir pra *Caxias* fazer minha formação”; “*Caxias* tá, essa cidade tá:: tanta empresa”; “*Caxias* é um mundo a parte”;

“*Caxias* é um polo:: um polo grande pra/prá trabalho, pra estudo, enfim, pra tudo o que tu precisa *Caxias* é um:: tá bem localizado”; “poder aquisitivo da da região de *Caxias do Sul*”.

A cidade de Caxias do Sul é percebida também por meio de como seus habitantes são referidos, reconhecidos como *caxienses* ou como *gringos*. Alguns trechos apontam essas visões: “o *caxiense* tem aquela coisa ah é *gringo* é pão duro e tal”; “sempre falando meio *gringón* assim”; “aqui o pessoal é mais *gringo* mesmo, mais fechado”; “é complicado lidá com os *gringo* aqui”. Há alguns sujeitos que, em algumas situações, se perdem quanto à origem das pessoas, deixando implícito que há um diferencial entre as duas denominações. Dois excertos deixam claro essa ideia de diferença: “não sei se era italiano, sei que era *gaúcho*”; “tu diz aqui *Caxias* ou no sul?”.

Dos doze entrevistados, onze reconhecem a cultura italiana na região e alguns ainda notam a presença das origens alemã e italiana, assim como os dialetos, a descendência, a colonização, a cultura. Os fragmentos das entrevistas permitem detectar essas percepções: “a questão dos *italianos* estarem falando *dialeto* na minha frente”; “uma coisa de dize que *italiano* é grosso”; “sotaques bem ca/carregado pro *italiano*”; “arrogância um pouco, do *italianismo*”; “umas falam com as outras em *dialeto*”; “e isso é típico de *italiano*”; “aquele costume *italiano*”; “falam muito palavrão em *italiano*...”.

Por mais que os costumes de ambos, italianos/gaúchos, sejam muito cultivados na região, os dados mostram que os migrados identificam mais italianos na cidade de Caxias do Sul e na sua região do que gaúchos. No entanto, as comemorações festivas referem tanto uma cultura quanto outra. Pode-se afirmar que ambos vivem em harmonia em um mesmo território, mas nem por isso deixam de cultivar os seus ideais e as origens, o que se apresenta como muito valioso na MVCS. Vogt (1989) considera um ponto interessante a mudança nas relações sociais, porém, há uma permanência da língua, mesmo que essa tenha as suas novidades. Então, segundo o autor, “mudam os tempos, as relações sociais, se transformam no seio de novas relações de produção, mas a língua permanece, antes e depois de qualquer revolução, como o atributo fundamental do homem comunicante [...]”. (VOGT, 1989, p. 80).

Outra hipótese discutida, acerca da pessoa que migra, questionava que papel tem na integração e como se articula com o conjunto de relações sociais. As entrevistas auxiliam com a afirmação que metade (50%) dos entrevistados sentiu alguma dificuldade de comunicação e, também, que 90% apontaram alguns diferenciais linguísticos em relação à sua terra de origem. Quanto às diferenças acerca do uso da língua não foram mencionados preconceitos, nem situações preconceituosas; porém alguns diferenciais foram citados, como: ser mais

comunicativo e diferente jeito de ser. Assim, as diferenças que são mais notadas pertencem ao modo de ser e nem tanto a forma de como se expressar.

Alguns entrevistados apontaram as brincadeiras e piadas em função do uso da língua, que não são levadas a sério, isto é, como forma de preconceito, entretanto, as diferenças foram percebidas. Os migrantes reconhecem que as pessoas sabem que ele não é nascido na região, muitas vezes são conhecidos por apelidos que identificam o local de origem. Cinco sujeitos (42%) ouviram algum comentário sobre o seu modo diferente de falar e sete (58%) sentiram diferença de atitude linguística ao nomear um objeto de maneira diferente, as pessoas sentem estranheza e querem saber do que se trata, ou seja, o que o migrante está querendo dizer. No entanto, nenhum dos entrevistados se sentiu diminuído por falar de outra forma, alguns ainda se sentem valorizados por possuírem esse diferencial.

A diversidade linguística é percebida no decorrer das entrevistas, ao nomear várias frutas, comidas, objetos, situações, vestimentas, expressões, entre outros, que existem na MVCS e não eram conhecidas dos migrantes, assim como coisas a que eles eram acostumados na sua região natal e não tem na nova região. Em questão da diversidade linguística nas interações sociais ser motivo de preconceito, os entrevistados ficaram divididos em afirmar que sim, ou que não. Conseqüentemente, baseando-nos nas respostas obtidas, percebemos que o preconceito linguístico não é identificado pelo migrante, de forma que o migrante é observado como *diferente*, porém não chega a ser encarado ou interpretado como uma disposição preconceituosa.

O último questionamento desta pesquisa procurava saber se a integração e a socialização são vistas como fenômenos naturais, podendo acontecer em situações de transição, fazendo parte do processo migratório. Conforme as respostas, das entrevistas, atribuem-se que sim, dado que 59% dos migrantes não voltariam para sua terra de origem e 84% gostam de morar na MVCS, ainda 92% querem ficar morando nessa região, esses dados demonstram que os migrantes estão satisfeitos com o seu deslocamento. Contudo, os sujeitos reconhecem que mudaram algumas coisas nas suas vidas e estão se adaptando, então, pensa-se na identidade híbrida, onde há uma dificuldade de reconhecimento de si próprio. Desse modo, 74% dos entrevistados afirmam não se sentirem integrados com as pessoas da nova região, salientando que a origem prevalece quando posta em paralelo com outra cultura.

O estudo mostra que as estratégias de integração incluem a sua facilitação por meio de redes de comunicação intermediárias como colegas de trabalho, amigos, familiares, que servem de ponte. Passam também pela compreensão de que estão em contato padrões de comportamento culturalmente definidos que explicam que o local não é mais fechado porque

desanima, mas porque este é o padrão de comportamento que orienta a interação com estranhos, populações exógenas.

Através do percurso de análise com o subsídio das entrevistas, o objetivo geral desta pesquisa foi alcançado, pois foram examinados como acontecem os processos de integração linguístico e social dos migrantes que se encontram na MVCS, resgatando nas entrevistas os processos sociointeracionais mencionados pelos migrantes. Diante disso, o caminho percorrido nesta pesquisa parece acrescentar contribuições aos estudos na área da sociolinguística e apresenta, para a comunidade acadêmica, um material interessado na MVCS. Além de proporcionar um conhecimento prévio para os novos migrantes da região, esta pesquisa também pode, em alguns pontos, auxiliar, como referência, novos estudos em outras regiões, para verificar como se dá esse deslocamento de pessoas e a aceitação do público local. Por certo é notado que quanto maior a distância, mais diferenças são encontradas.

De acordo com Oliveira (1976, p. 33), é crível que “[...] o homem não pensa isoladamente, mas através de categorias engendradas pela vida social [...]”. Então, como pesquisadora, percebo que não sou mais a mesma do início da pesquisa, porque, depois de muito estudo, novas trilhas foram se abrindo no decorrer da descoberta de novos conhecimentos, constituindo-me um ser híbrido, tendo um pouco de cada cultura. Ao concluir a presente pesquisa, as ideias são de explorar novas regiões e outros problemas sociais e linguísticos comuns e constantes na rotina das diferentes pessoas que compõem esse lugar que chamamos de mundo.

## REFERÊNCIAS

- ADANT, Josepha. Difusão dialetal: o caso dos alagoanos em Brasília. In: TARALLO, Fernando (Org.). *Fotografias sociolinguísticas*. Campinas-SP: Pontes Editora da Universidade Estadual de Campinas, 1989. p. 181-197.
- ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. *Preconceito contra a origem geográfica e de lugar: as fronteiras da discórdia*. São Paulo: Cortez, 2007.
- ALMEIDA, Dóris Bittencourt. *Vozes esquecidas em horizontes rurais: histórias de professores*. Porto Alegre: UFRGS, 2001. Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Faculdade de Educação. Programa de Pós-Graduação em Educação, Porto Alegre, BR-RS, 2001.
- ALTENHOFEN, Cléo Vilson. Áreas lingüísticas do português falado no sul do Brasil: um balanço das fotografias geolingüísticas do ALERS. In: VANDRESEN, Paulino (Org.). *Variação e mudança no português falado na região sul*. Pelotas: Educat, 2002. p. 115-145.
- ANTUNES, Irlandé. *Muito além da gramática: por um ensino de línguas sem pedras no caminho*. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.
- APPEL, René.; MUYSKEN, Pieter. *Bilinguismo y contacto de lenguas*. Barcelona: Ariel, 1996.
- AZEREDO, José Carlos (Coord.). *Escrevendo pela nova ortografia: como usar as regras do novo acordo ortográfico da língua portuguesa*. Instituto Antônio Houaiss. São Paulo: Publifolha, 2008.
- BACHMAN, Lyle F. Communicative language ability. In: \_\_\_\_\_. *Fundamental considerations in language testing*. Oxford: Oxford University Press, 1990. Tradução de Niura Maria Fontana. *Linguagem e ensino*. v.6. n.1. jan-jun de 2003. p. 77-128.
- BAGNO, Marcos. *Preconceito lingüístico: o que é, como se faz*. 21. ed. São Paulo: Loyola, 2003.
- BARTH, Fredrik. Grupos étnicos e suas fronteiras. In: POUTIGNAT, Philippe.; STREIFF-FENART, Jocelyne. *Teorias da etnicidade*. (Seguido de Grupos étnicos e suas fronteiras de Fredrik Barth). São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1998. p 187-227.
- BATTISTI, Elisa [et. al.]. *Dicionário de Italianismos e de outras inovações vocabulares do português falado na antiga Região Colonial Italiana do Rio Grande Do Sul*. Caxias do Sul-RS: Educs, 2006.
- BATTISTI, Elisa.; BOVO, Nínive Magdiel Peter. Variação lingüística como prática social: análise quantitativa e qualitativa da realização da vibrante no português em contato com o italiano. *Revista Língua(gem)*, v.1, n.2, jul./dez., 2004. p. 107-123.
- BATTISTI, Elisa.; DORNELLES FILHO, Adalberto Ayjara.; LUCAS, João Ignacio Pires.; BOVO, Nínive Magdiel Peter. Palatização das oclusivas alveolares e a rede social dos

informantes. *Revista Virtual de Estudos da Linguagem-ReVEL*. Vol.5, n.9, agosto de 2007. ISSN 1678-8931 [www.revel.inf.br].

BHABHA, Homi K. *O local da cultura*. 3ª Reimpressão. Tradução: Myriam Ávila, Eliana Lourenço de Lima Reis, Gláucia Renate Gonçalves. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2005.

BISINOTO, Leila Salomão Jacob. *Atitudes sociolingüísticas: efeitos do processo migratório*. Campinas-SP: Pontes Editores, RG Editores, 2007.

BORTONI, Stella Maris. A migração rural-urbana no Brasil: uma análise sociolingüística. In: TARALLO, Fernando (Org.). *Fotografias sociolingüísticas*. Campinas-SP: Pontes Editora da Universidade Estadual de Campinas, 1989. p. 167-180

BOURDIEU, Pierre. *A economia das trocas lingüísticas: o que falar quer dizer*. Tradução: Sergio Miceli, Mary Amazonas Leite de Barros, Afrânio Catani, Denice Bárbara Catani, Paula Montero, José Carlos Durand. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1996.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *Identidade e etnia: construção da pessoa e resistência cultural*. São Paulo: Brasiliense, 1986.

BURKE, Peter. *Hibridismo Cultural*. Coleção Aldus, n.18. São Leopoldo-RS: Editora Unisinos, 2003.

CORRÊA, Luiza.; MARTINE, Castro. Análise da constituição e reprodução no discurso médico-paciente: uma abordagem sociolingüística interacional. In: TARALLO, Fernando (Org.). *Fotografias sociolingüísticas*. Campinas-SP: Pontes Editora da Universidade Estadual de Campinas, 1989. p. 239-268.

COSERIU, Eugenio. *Competencia lingüística: elementos de la teoría del hablar*. Madrid: Gredos, 1992.

CUCHE, Denys. *A noção de cultura nas ciências sociais*. Tradução: Viviane Ribeiro. 2. ed. Bauru: EDUSC, 2002.

DE HERÉDIA, Christine. Do bilinguismo ao falar bilíngüe. In: VERMES, Genevière.; BOUTET, Josiane (Orgs.). *Multilinguismo*. Campinas: Unicamp, 1989. p. 177-220.

EAGLETON, Terry. *A idéia de cultura*. Tradução: Sandra Castello Branco. São Paulo: Editora UNESP, 2005.

FRANCHI, Eglê Pontes. O conflito sociolingüístico nos primeiros anos de escolaridade. In: SIMPÓSIO NACIONAL SOBRE PESQUISA E ENSINO DA LÍNGUA, 1995, Rio de Janeiro. Pesquisa e Ensino da Língua: contribuições da sociolingüística. *Anais do II Simpósio Nacional de GT de Sociolingüística da ANPOLL*, 23-25 de outubro de 1995, UFRJ; Rio de Janeiro: Timing, UFRJ, Curso de Pós-Graduação em Letras Vernáculas (CNPq), 1996. p. 117-132.

FROSI, Vitalina Maria. A linguagem oral da região de colonização italiana no sul do Brasil. In: MAESTRI, Mário [et. al.] (Coord.). *Nós, os ítalo-gaúchos*. 2. ed. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 1998. p. 158-167.

FROSI, V. M.; FAGGION, C. M.; DAL CORNO, G. O. M. A. Linguagem da região de colonização italiana do nordeste do Rio Grande do Sul: prestígio e estigmatização. *Revista Virtual de Estudos da Linguagem-ReVEL*. Vol.5, n.9, agosto de 2007. ISSN 1678-8931 [www.revel.inf.br].

GARCÍA CANCLINI, Néstor. *A globalização imaginada*. São Paulo: Iluminuras, 2003a.

\_\_\_\_\_. *Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade*. 4. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2003b.

GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: LTC, 1989.

GOFFMAN, Ervin. *A representação do eu na vida cotidiana*. Tradução: Maria Célia Santos Raposo. 12. ed. Petrópolis: Vozes, 2004.

\_\_\_\_\_. A situação negligenciada. In: RIBEIRO, Branca Telles.; GARCEZ, Pedro M. *Sociolinguística interacional*. 2. ed. revista e ampliada. São Paulo: Loyola, 2002. p. 13-20.

\_\_\_\_\_. *Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada*. 4. ed. Rio de Janeiro: LTC Editora, 1988.

GOLDENBERG, Mirian. *A arte de pesquisar: como fazer pesquisa qualitativa em Ciências Sociais*. 3. ed. Rio de Janeiro: Record, 1999.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

HILGERT, José Gaston (Org.). *A linguagem falada culta na cidade de Porto Alegre: materiais para seu estudo*. v.1. Diálogos entre informante e documentador. Passo Fundo: Ediupf, Porto Alegre: Ed. Universidade/Ufrgs, 1997.

IBGE. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/home/> Acesso em 25/01/09.

JOHNSON, Allan G. *Dicionário de Sociologia: guia prático da linguagem sociológica*. Tradução: Ruy Jungmann. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1997.

JOVCHELOVITCH, Sandra.; BAUER, Martin W. Entrevista narrativa. In: BAUER, M. W.; GASKELL, G. *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som*. Tradução: Pedrinho Guareschi. Petrópolis-RJ: Vozes, 2002.

LEITE, Marli Quadros. Língua falada: uso e norma. In: PRETI, Dino (Org.). *Estudos da língua falada: variações e confrontos*. 2. ed. São Paulo: Humanitas Publicações FFLCH/USP, 1999. p. 179-208.

LOPES, Luiz Paulo da Moita. Socioconstrucionismo: discurso e identidade sociais. In: \_\_\_\_\_. (Org.). *Discurso de identidades: discursos como espaço de construção de gênero, sexualidade, raça, idade e profissão na escola e na família*. Campinas-SP: Mercado das Letras, 2003. p. 13-28.

LUCCHESI, Dante. As duas vertentes da história sociolingüística do Brasil (1500-2000). In: D.E.L.T.A. Revista de Documentação de Estudos em Lingüística Teórica e Aplicada. Vol.17, n.1, 2001. p. 97-130.

LYONS, John. *Lingua(gem) e Lingüística: uma introdução*. Rio de Janeiro: LTC, 1987.

MACEDO, Alzira Verthein Tavares de. Linguagem e contexto. In: MOLLICA, Maria Cecília.; BRAGA, Maria Luiza (Orgs.). *Introdução à sociolingüística: o tratamento da variação*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2004. p. 59-66.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. *Linguagem e classes sociais: introdução crítica à teoria dos códigos lingüísticos de Basil Bernstein*. Porto Alegre: Movimento, 1975.

MEY, Jacob L. Etnia, identidade e língua. In: SIGNORINI, Inês (Org.). *Lingua(gem) e identidade: elementos para uma discussão no campo aplicado*. Campinas-SP: Fapesp, 1998. p. 69-88.

MOLLICA, Maria Cecília. Fundamentação teórica: conceituação e delimitação. In: MOLLICA, Maria Cecília.; BRAGA, Maria Luiza (Orgs.). *Introdução à sociolingüística: o tratamento da variação*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2004. p. 9-14

MOLLICA, Cecília.; RONCARATI, Cláudia. Enfoques sobre amostragem em sociolingüística. In: D.E.L.T.A. Revista de Documentação de Estudos em Lingüística Teórica e Aplicada. vol.7, n.2, 1991. p. 521-528.

MONTEIRO, José Lemos. *Para compreender Labov*. Petrópolis-RJ: Vozes, 2000.

MORALIS, Edileusa Gimenes. Dialeto em contato: um estudo sobre atitudes lingüísticas. In: *Sociedade e discurso*. Campinas-SP: Pontes; Cáceres-MT: Unemat Editora, 2001. p. 137-150.

NABUCO, Joaquim. *Minha formação*. 14. ed. Rio de Janeiro: Topbooks Editora, 2004.

NARO, Anthony Julius. O dinamismo das línguas. In: MOLLICA, Maria Cecília.; BRAGA, Maria Luiza (Orgs.). *Introdução à sociolingüística: o tratamento da variação*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2004. p. 43-50.

NAWA, Takako. Bilingüismo e mudança de código: uma proposta de análise com os nipo-brasileiros residentes em Brasília. In: TARALLO, Fernando (Org.). *Fotografias sociolingüísticas*. Campinas-SP: Pontes Editora da Universidade Estadual de Campinas, 1989. p. 199-215.

OLIVEIRA, Gilvan Müller de. Brasileiro fala português: monolinguismo e preconceito lingüístico. In: LOPES DA SILVA, Fabio.; MOURA, Heronides Maurílio de Melo. *O direito à fala: a questão de preconceito lingüístico*. Florianópolis: Insular, 2000. p. 83-92.

OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. *Identidade, etnia e estrutura social*. São Paulo: Livraria Pioneira, 1976.

OLIVEN, Ruben George. *A parte e o todo: a diversidade cultural no Brasil-nação*. 2. ed. rev. e ampl. Petrópolis-RJ: Vozes, 2006.

ORLANDI, Eni Pulcinelli. *A linguagem e o seu funcionamento: as formas do discurso*. 2. ed. rev. e aum. Campinas-SP: Pontes, 1987.

ORLANDI, Eni Pulcinelli.; GUIMARÃES, Eduardo.; TARALLO, Fernando. *Vozes e contrastes: discurso na cidade e no campo*. São Paulo: Cortez, 1989.

PAIVA, Maria da Conceição de. Transcrição de dados lingüísticos. In: MOLLICA, Maria Cecília.; BRAGA, Maria Luiza (Orgs.). *Introdução à sociolingüística: o tratamento da variação*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2004. p. 135-146.

PAIVA, Maria da Conceição.; SCHERRE, Maria Marta Pereira. Retrospectiva sociolingüística: contribuições do Peul. In: D.E.L.TA. Revista de Documentação de Estudos em Lingüística Teórica e Aplicada. Vol.15, n. especial, 1999. p. 201-232.

PAVIANI, Jayme. *Cultura, humanismo e globalização*. Caxias do Sul-RS: Educs, 2004a.

\_\_\_\_\_. Região: o conceito pré-teórico de região. In: RIBEIRO, Cleodes Maria Piazza Julio.; POZENATO, José Clemente (Orgs.). *Cultura, imigração e memória: percursos e horizontes: 25 anos do Ecirs*. Caxias do Sul: Educs, 2004b. p. 233-239.

PAVIANI, Neires Maria Soldatelli.; ROVEDA, Suzana Damiani. Caracterização de “erros” de português em situações de uso oral e escrito e reflexões lingüístico-pedagógicas. In: ZINANI, Cecil Jeanine Albert [et. al.]. *Transformando o ensino de língua e literatura: análise da realidade e propostas metodológicas*. Caxias do Sul: EDUCS, 2002. p. 143-191.

PENNA, Maura. Relatos de migrantes: questionando as noções de perda de identidade e desenraizamento. In: SIGNORINI, Inês (Org.). *Lingua(gem) e identidade: elementos para uma discussão no campo aplicado*. Campinas-SP: Fapesp, 1998. p. 89-112.

PEREIRA, Júlio César R. *Análise de dados qualitativos: estratégias metodológicas para as Ciências da Saúde, Humanas e Sociais*. 3. ed. 1. reimpr. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2004.

PILLA, Éda Heloisa. *Os neologismos do Português e a face social da língua*. Porto Alegre: Editora AGE, 2002.

POUTIGNAT, Philippe.; STREIFF-FENART, Jocelyne. *Teorias da etnicidade*. (Seguido de Grupos étnicos e suas fronteiras de Fredrik Barth). São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1998.

POZENATO, José Clemente. *Processos culturais: reflexões sobre a dinâmica cultural*. Caxias do Sul: Educs, 2003. p. 149-157.

PRETI, Dino. *Sociolingüística: os níveis de fala: um estudo sociolingüístico do diálogo na literatura brasileira*. 9. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2000.

RAJAGOPALAN, Kanavillil. Sobre o porquê de tanto ódio contra a linguagem “politicamente correta”. In: LOPES DA SILVA, Fabio.; MOURA, Heronides Maurílio de Melo (Orgs.). *O direito à fala: a questão de preconceito lingüístico*. Florianópolis: Insular, 2000. p. 93-102.

\_\_\_\_\_. O conceito de identidade em lingüística: é chegada a hora para uma reconsideração radical? In: SIGNORINI, Inês (Org.). *Lingua(gem) e identidade: elementos para uma discussão no campo aplicado*. Campinas-SP: Fapesp, 1998. p. 21-45.

ROBINSON, W. P. *Linguagem e comportamento social*. São Paulo-SP: Cultrix, 1977.

SANTOS, Isabel Almeida. Dialectologia e sociolingüística: delimitação e limitações na abordagem ao fenômeno da variação. In: *Revista portuguesa de filologia*. Volume XX. 1996-1997. Coimbra: Instituto de Língua e Literatura Portuguesas da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, 1997. p. 23-62.

SANTOS, Milton. *Da totalidade ao lugar*. São Paulo: Editora Universidade de São Paulo, 2005.

SAVOLDI, Adiles. Do Brasil de imigrantes aos emigrantes do país: experiências de alguns migrantes brasileiros do sul do estado de Santa Catarina. In: *Revista Grifos*. Chapecó: Argos, 2003. p. 49-72.

SCHERRE, Maria Marta Pereira. Pressupostos teóricos e suporte quantitativo. In: *Padrões sociolingüísticos: análise de fenômenos variáveis do português falado na cidade do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro: Departamento de Lingüística e Filologia, UFRJ, 1996.

SEMPRINI, Andrea. *Multiculturalismo*. Bauru-SP: EDUSC, 1999.

SILVA, Tomaz Tadeu da. A produção social da identidade e da diferença. In: \_\_\_\_\_. *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis-RJ: Vozes, 2000. p. 73-102.

STROPASOLAS, Valmir Luiz. O movimento (migratório) da juventude rural: em busca do reconhecimento social e da cidadania. In: *Revista Grifos*. Chapecó: Argos, 2003. p. 147-168.

TARALLO, Fernando. *A pesquisa sociolingüística*. 5. ed. São Paulo: Ática, 1997.

VERISSIMO, Érico. O Arquipélago (Terceira parte de O Tempo e o Vento). In OBRA COMPLETA. vol. 5. Rio de Janeiro: Ed. José Aguilar, 1967.

VIEIRA, Eurípedes Falcão. *Rio Grande do Sul: geografia física e vegetação*. Porto Alegre: Sagra, 1984.

VOGT, Carlos. *Linguagem, pragmática e ideologia*. 2. ed. São Paulo: Editora Hucitec, 1989.

WEINREICH, Uriel.; LABOV, William.; HERZOG, Marvin L. *Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança lingüística*. Tradução: Marcos Bagno. São Paulo: Parábola Editorial, 2006. p. 33-38 / 87-130.

WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, Tomaz Tadeu da. *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis-RJ: Vozes, 2000. p. 7-72.

YACOVENCO, Lilian Coutinho. Pesquisa sociolingüística: sua importância no estudo da linguagem. In: *Signum*. Ano III, n.3. Vitória: Centro de Ensino Superior Vitória, 2002. p. 148-164.

ZAMBIASI, Terezinha. No coração do migrante há vida. *Jornal O Florense*, edição 1000, Suplemento especial. Flores da Cunha, p. 47. 20 de março de 2008.

## ANEXOS

### ANEXO A – Perguntas elaboradas para as entrevistas narrativas

#### Entrevista ( )

Data: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

Nome:

Sexo:

Estado civil:

Idade:

Profissão:

Nível escolar:

Cidade onde mora:

Cidade e região de onde veio:

Veio sozinho?

Relate o motivo pelo qual você mudou de cidade. Você tem vontade de voltar a morar na sua terra de origem?

Quanto tempo mora na Microrregião Vinicultora de Caxias do Sul?

Está gostando de morar nessa região?

Pensa em permanecer nessa região?

Trabalha? Onde?

Profissão? O que você faz?

Estuda o quê? Onde?

Grau de instrução?

Foi difícil conseguir emprego?

Tem amigos? Como eles são? Seus melhores amigos são pessoas daqui ou de outros lugares?

Como as pessoas trataram você quando chegou aqui? Como você se sentiu?

Quais as dificuldades de comunicação que você encontrou?

Que diferenças você percebeu no uso da língua?

Você é capaz de saber de onde veio uma pessoa só pelo seu jeito de falar, ou seja, se é nordestino, mineiro ou carioca?

As pessoas de sua região de origem têm um jeito de falar diferente, típico daquela região? Dê um exemplo dessa fala.

Houve algum momento em que você percebeu ser elogiado devido ao seu jeito de falar? Ou discriminado, desconsiderado, debochado, desrespeitado, motivo de piada, ou algo que pudesse ser identificado como uma situação de preconceito por você falar de modo diferente? Descreva um pouco como foi isso.

Você notou que alguns objetos, frutas, comidas, situações, entre outros, são chamados por nomes diferentes dos usados na região que você veio? Quais são esses objetos? Quais são as formas que você observou?

Você já ouviu algum comentário sobre seu jeito de falar? Se já, qual foi e quem o fez?

Você sentiu alguma diferença de tratamento das pessoas ao chamar um objeto de forma diferente?

As pessoas entenderam o que você disse? Ou procuraram entender?

Qual foi a reação da pessoa, ao você nomear um objeto de forma diferente?

Diante disso, você se sentiu diminuído por falar de forma diferente?

Você mudou seus hábitos de fala? Com que propósito?

O fato de haver diversidades linguísticas foi ou é motivo de alguma discriminação nas relações profissionais, sociais? Fale sua opinião sobre isso.

Como você fez para se adaptar a nova região?

Você se sente uma pessoa integrada aos nascidos da sua cidade? Você sempre se sempre se sentiu assim?

Quanto tempo você levou para entender os costumes e modos da fala da cidade? (5.8)

Você considera, de um modo geral, as pessoas daqui abertas, receptivas, simpáticas ou são pessoas sérias demais, fechadas, desconfiadas, de difícil relacionamento? Explique a sua visão.

**ANEXO B** – Normas utilizadas para a transcrição dos dados

**NORMAS PARA A TRANSCRIÇÃO**

<b>OCORRÊNCIAS</b>	<b>SINAIS</b>	<b>EXEMPLIFICAÇÃO</b>
Truncamento	/	uma coisa que eu ou/ouço muito aqui
Incompreensão de palavras ou segmentos	( )	apanha um ( ) não sei
Alongamento de vogal ou consoante	::	eu fui direto::
Qualquer pausa	...	alguém que pudesse... e isso
Comentários descritivos do transcritor	((minúsculas))	((cochichado))
Citações de outras pessoas nas situações contadas	“ ”	“um nordestino por aqui”
Perguntas feitas no meio da conversa pelo documentador	(minúsculas)	(pergunto se há situações ou objetos diferentes)

**Observações:**

- Fáticos: ah, éh, eh, ahn, ehn, uhn, tá, bah.
- Podem-se combinar sinais. Por exemplo: oh::... (alongamento e pausa)

**Categorias:**

- Área Comercial (AC) entrevistas somente com profissionais.
- Meio Acadêmico (MA) entrevistas somente com estudantes.